

**TRATADOS DA TERRA
E GENTE DO BRASIL**

FERNÃO CARDIM

TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL

Introduções e Notas de
BAPTISTA CAETANO
CAPISTRANO DE ABREU
RODOLFO GARCIA

2.^o Edição



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio — Recife — Porto Alegre

1939

I N D I C E

PAG.

Introdução Geral, de Rodolfo Garcia 7

I — DO CLIMA E TERRA DO BRASIL

Texto, de Fernão Cardim 31

Notas, de Rodolfo Garcia 97

II — DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS

Introdução, de Capistrano de Abreu 131

Texto, de Fernão Cardim 142

Notas, de Baptista Caetano 183

Notas additivas, de Rodolfo Garcia 245

III — NARRATIVA EPISTOLAR

Princípal parte 249

Segunda parte 319

Notas, de Rodolfo Garcia 327

APPENSO

Artigo, de Capistrano de Abreu 365

INTRODUÇÃO

I

A presidencia da Academia Brasileira de Letras, em 1923, foi occupada por Afranio Peixoto. Nesse posto, seu programma era simples: trabalhar. Expondo-o, em discurso inaugural, disse: "A vossa direcção pensa, pois, este anno mesmo, em começar a publicação de duas séries de obras raras e preciosas, postas ao alcance do publico, enriquecidas de introdução bibliographica, e de notas elucidativas, das quaes serão encarregados os nossos confrades que tiverem pendor por esse genero de estudos e ainda aquelles sabios e letrados de fóra que designados por nós, acudirem ao nosso apello. Convém lembrar que a Academia não se presume mais que um estado-maior da cultura nacional, mas que a victoria dessa cultura deve ser conseguida tambem com o grosso do exercito, que não está aqui. Innumeros especialistas, insubstituiveis, fazem parte desse quadregésimo primeiro logar da Academia, o mais numeroso e o mais rico dos postos academicos."

Das duas séries de classicos nacionaes — Literatura e Historia. — saíram a lume algumas obras da primeira e apenas uma da segunda. Motivos conhecidos

fizeram mangrar o promissor comprehensivamente, não porque a boa vontade do seu director lhe faltasse e seu apello deixasse de ser correspondido...

Das publicações historicas fazia parte a obra do Padre Fernão Cardim, que Afranio Peixoto houve por bem, ou por mal, attribuir ao que abaixo se nomêa. Segundo o plano adoptado, a obra devia comprehender os tres tratados do jesuita: *Do Clima e Terra do Brasil, Do Prâncipio e Origem dos Indios do Brasil e Narrativa epistolar, ou Informação da Missão do Padre Christovão de Gouzêa ás partes do Brasil*, cabendo-lhe anotar o primeiro e terceiro, por isso que, em relação ao segundo, já o fôra, e superiormente, por Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

A Afranio Peixoto pertence esta primorosa nota introductoria, inédita, que, com o seu consentimento para aqui se traslada:

"Pela primeira vez reuinem-se, num só tomo, com o seguimento que parece logico, o apparelho de notas eruditas elucidativas e o título a que têm direito, os tratados do Padre Fernão Cardim sobre o Brasil.

"Primeiro — *Do Clima e Terra do Brasil*, manuscripto da Bibliotheca de Evora, copiado de códice do Instituto Historico pelo Senador Candido Mendes, publicado em parte por seu filho Dr. Fernando Mendes, e, integralmente, em 1885, pelo erudito Capistrano de Abreu, que o identificou com o tratado que publicára em 1625 Samuel Purchas; as notas, só agora appostas, são da competencia de Rodolfo Garcia.

"Depois — *Do Prâncipio e Origem dos Indios do Brasil*, tambem manuscripto de Evora, publicado em inglez, em 1625, na collecção Purchas, identificado por Ca-

pistrano de Abreu, a quem se deve, em 1881, a edição vernacula, acrescentada de notas pelo sabio Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

"Finalmente, depois da *Terra e da Gente do Brasil*, aquelles que aqui vieram ter, para a posse, a colonização, a catechese e a civilização do Brasil e dos Brasileiros, -- a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica*, copiada tambem de um manuscrito de Evora e por Francisco Adolpho de Varnhagen publicada em Lisboa, em 1847; nem Varnhagen, então, nem, posteriormente, Eduardo Prado, na edição do Instituto Historico, de 1902, lhe poderam dar as notas necessarias, -- cabe agora esta honra a Rodolfo Garcia.

"Portanto, aos tres tratados do Padre Fernão Cardim parece exacto o titulo, que lhe damos, complexo, -- *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, -- que são agora não só homenagem a um grande missionario que amou, observou, soffreu e tratou o Brasil primitivo, como contribuição do nosso reconhecimento a essas missões jesuiticas, que educaram os primeiros Brasileiros, e para os de todos os tempos deixaram memorias desse passado nos seus escriptos, cartas e narrativas. Ao Padre Fernão Cardim, missionario, reitor, procurador e provincial, se não chegassem os meritos que taes titulos encerram, bastaria o ter sido um elo dessa cadeia a que pertenceram Anchieta e Vieira; precisamente está elle entre os dois, até pelos sucessos da vida: assistiu ás molestias e doenças dos ultimos annos do velho José de Anchieta, no Collegio do Morro do Castello. -- vindo de Piratminga ao Rio de Janeiro, antes de ir finar-se em Rerityba, no Espirito Santo, -- quasi o preparando para a outra sua celeste vida, e depois, abriu as portas do Collegio do

Terreiro de Jesus, já na Bahia, ao jovem Antonio Vieira, que, a contra gosto da família, procurava alli o seu refugio, — como preparador tambem para a immortalidade de sua grande vida...

“Estes passos são symbolicos da obra do Padre Fernão Cardim: cuidado, trato, amor de um Brasil que ia passar, e morrer, legalos ao Brasil da posteridade, que, esse, passando successivamente, nunca morrerá, e ha de guardar entre as suas memorias saudosas e fieis estes *Tratados da Terra e Gente do Brasil...*”

O plano mallogrou-se, por então, como se disse; mas o trabalho do annotador ficou em condições de ser dado desde logo á imprensa, á espera tão sómente de editor. Esse havia de apparecer no proprio anno em que se completa o tricentenario da morte de Fernão Cardim, na pessoa do Dr. José Attico Leite, jovem e intelligente livreiro-editor, a quem já devem as nossas letras optimos serviços.

A presente edição da obra do veneravel missionario, que reunida se imprime pela primeira vez, vale assim, neste momento, por uma commemoração expressiva e justissima.

II

Quantos estudem o passado brasileiro hão de reconhecer que no acervo dos serviços prestados ás nossas letras historicas existe em aberto grande divida de gratidão para com esse meritorio jesuita. De facto, entre os que em fins do seculo XVI trataram das cousas do Brasil, foi Fernão Cardim dos mais sedulos informantes, em depoimentos admiraveis, que muita luz trouxeram á

compreensão do phenomeno da primeira colonização do paiz. Foi dos precursores da nossa Historia, quando ainda o Brasil, por assim dizer, não tinha historia; por isso mesmo, como a respeito de Gandavo já se observa, a sua historia é antes natural que civil, ou uma e outra cousa ao mesmo tempo. N'elle ha o geographo, que estuda a terra, suas divisões, seu clima, suas condições de habitabilidade; o ethnographo, que descreve os aborigenes, seus usos, costumes e ceremonias; o zoologo e o botanico, por equal aparelhado para o exame da fauna e da flora desconhecida: mas ha tambem o historiador discreto, que discorre sobre as missões dos jesuitas, seus collegios e residencias, o estado das capitã-nias, seus habitantes e suas produções, o progresso ou a decadencia da colonia, e suas causas, sobre a villa, enfim, daquella sociedade nascente, de que participava. Seus depoimentos são os de testemunha presencial, e valem ainda mais pela espontaneidade e pela sinceridade com que singelamente os prestou.

Comparte daquellas missões abnegadas, que a Sociedade de Jesus recém-creada espalhava pelo mundo a fóra "para maior gloria de Deus" — Fernão Cardim, pelas circumstancias de sua vida, ficou entre José de Anchieta e Antonio Vieira, formando uma triade maravilhosa a dominar a legião immensa daquelles apóstolos, que educaram os nossos primeiros patricios, que os defenderam do opprobrio da escravidão, que presidiram, enfim, á fundação da nacionalidade brasileira.

A vida de Fernão Cardim é quasi desconhecida. A data de seu nascimento é incerta. Elle proprio, qualificando-se em 14 de Agosto de 1591 perante a mesa do Santo Officio a que presidia o visitador Heitor Furtado

de Merdoça, na cidade do Salvador, declarou ter quarenta e tres annos, "pouco mais ou menos" — *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil — Denunciação da Bahia* (São Paulo, 1925) pag. 327. — Teria, portanto, nascido em 1548: essa data, porém, não confere com a que consignou o Padre Antonio Vieira, na *Annuo da Província do Brasil dos annos de 1624 e 1625*, publicada nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, tomo XIX (1827) pag. 187, — ao dizer que Cardim entrou na Companhia de Jesus em 1555 aos quinze annos de idade, fazendo assim retrotrair o anno de seu nascimento para 1540. De uma biographia summarissima estampada na *Revista de Historia*, de Lisboa, volume X (1921), consta o inicio de seu noviciado em 9 de Fevereiro de 1566: a prevalecer sua declaração, contaria então dezoito annos, ao passo que tomada como certa a de Vieira, teria vinte e seis annos. Entre uma e outra hypothese, mais accetavel parece a primeira, mesmo porque a informação da *Annuo* encerra evidente erro arithmetico, quando estabelece que "Cardim entrou na Companhia em 1555 aos quinze annos de idade, viveu nella sessenta e falleceu com setenta e cinco".

Era natural de Vianna de Alvito, Arcebispado de Évora, filho de Gaspar Clemente e sua mulher D. Iuz Cardim, de familia antiga e importante em Portugal. Seu irmão mais velho, o Dr. Jorge Cardim Fróes, occupou varios cargos de administração da justiça, e foi na Córte de Lisboa Desembargador dos Aggravos da Casa de Supplicação. Para o exercicio de emprego tão alto na magistratura do reino se requeria "homem fidalgo, de limpo sangue, de sa consciencia, letrado, se fosse possível, e abastado de bens temperaes". Seus outros ir-

niãos, Lourenço Cardim e Diogo Fróes, pertenceram, como elle, à Companhia de Jesus: o primeiro, acabados os estudos e ordenado sacerdote, passou para o Brasil em 1585, e foi morto em viagem por corsarios francezes; o segundo foi lente de Theologia moral no Collegio e Universidade de Coimbra, e na peste de Lisboa (1568-69) servindo aos empestados, contrahiu o mal e morreu no hospital da cidade. Quatro sobrinhos de Fernão Cardim, filhos do Dr. Jorge Cardim Fróes e sua mulher D. Catharina de Audrada, seguiram vida religiosa; João, Antonio e Diogo, pertenceram à Companhia, e Placido à Ordem Conventual de Christo. De João Cardim escreveu a *Vida e Virtudes* o Padre Sebastião de Abreu (Evora, 1659). Antonio Francisco Cardim missionou no Japão, e escreveu os *Fasciculus à japonicis floribus*, etc. (Roma, 1646), que appareceram em portuguez com o titulo *Elogios e Ramalhetes de flôres, borriçados com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesus*, etc., (Lisboa, 1650); escreveu tambem uma *Relação da provincia do Japão*, de que se conhece apenas a traducção franceza, impressa em Paris 1646; escreveu ainda as *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa provincia do Japão*, que se conservaram ineditas até 1894, quando foram dadas a lume pela Sociedade de Geographia de Lisboa. De Diogo Cardim sabe-se que missionou na India; sobre Frei Placido nada se consegue apurar.

Da existencia de Fernão Cardim em Portugal, antes de vir para o Brasil, faltam pormenores. Já era professor dos quatro votos e Ministro do Collegio de Evora, quando foi designado, em 1582, para companheiro do Padre visitador Christovão de Gouvêa; passou a Lisboa em principios de Outubro daquelle anno e alli esteve cinco

mezes, até que, a 5 de Março de 1583, com o Governador Manuel Telles Barreto, o visitador e outros padres, embarcou para o Brasil, chegando á Bahia a 9 de Maio seguinte. Daquella primeira data por deante, emquanto durou a missão do Padre Gouvêa, podemos segui-lo, quasi dia a dia, atravez das paginas tão animadas quão encantadoras da *Narrativa Epistolar*. Na Bahia, nos Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, esteve uma e mais vezes, em companhia do visitador, que ordenava as cousas necessarias ao bom meneio dos collegios e residencias existentes naquellas partes. Da Bahia, em 1 de Maio de 1590, datou a segunda e ultima carta da *Narrativa*; era reitor do collegio, cargo que ainda tinha em 1593, porque assignava em 29 e 31 de Julho e 2 de Agosto, logo após ac visitador do Santo Officio Heitor Purtado de Mendocça, as determinações que se assentaram em mesa sobre alguns casos especiaes, — conforme faz fé a *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil* (São Paulo, 1922) ps. 46. No Rio de Janeiro, como Reitor do Collegio de São Sebastião, estava em 1596, e nessa qualidade passava procuração, datada de 3 de Fevereiro, ao Padre Estevam da Grã para demarcar e tomar posse das terras de Guaratiba, que haviam pertencido a Christovão Monteiro e eram, por doação, incorporadas ao patrimonio dos padres da Companhia, — segundo se verifica do *Tombo ou copia fiel da medição da Fazenda Nacional de Santa Cruz* (Rio de Janeiro, 1829), ps. 26. No Collegio do Rio de Janeiro fez-lhe Joseph de Anchieta companhia por algum tempo, antes de ir morrer em Rerityba, no Espirito Santo, a 7 de Junho de 1597. Em 1598 foi eleito na congre-

gação provincial para Procurador da Província do Brasil em Roma; regressava dessa missão, tendo embarcado em Lisboa a 24 de Setembro de 1601, em uma urca flamenga chamada *San Vicente*, com o Padre João Madureira, que vinha por visitador, e mais quinze jesuitas, quando, mal tinha navegado tres ou quatro leguas, teve vista a urca de duas náos de corsarios inglezes. Levava ella trinta hontens de peleja e estava bem artilhada; travado o combate contra inimigo duas vezes mais poderoso, foi forçada a render-se no dia seguinte, depois de portuada, mas inutil deffesa. Eram os corsarios commandados pelo capitão Francis Cook, de Dartmouth, que agilizhou com caridade os Padres Madureira e Carliu; esses e mais quatro foram conduzidos á Inglaterra; os outros, que ao todo eram onze, foram desembarcados nas costas de Portugal. O Padre Madureira morreu no mar, a 5 de Outubro de 1601. Carliu chegou á Inglaterra e ali permaneceu até ser resgatado. Nessa occasião foi despojado dos manuscritos que levava consigo e que chegaram depois ás mãos do colleccionador londrino Samuel Purchas, como em outro logar se esclarece.

Da Inglaterra Carliu devia ter passado a Bruxellas antes de 7 de Maio de 1603, porque um documento desse logar e data, pertencente aos Schetz da capitania de São Vicente e dado á estampa por Alcegiades Bartado, nas *Publicações do Archivo Nacional*, vol. XIV (1914), ps. 18. — assignala sua estadia naquella cidade, em fôrma preterita: "quando estubo aca". Em 1604 tornou ao Brasil com o cargo de provincial, que exerceu até 1609, substituindo o Padre Pedro Rodrigues. Logo em conueço de seu provincialato, informado de que os Carijós estavam em boa disposição para receber a luz do Evan-

gelho, mandou ao Sul os Padres João Lobato e Jeronymo Rodrigues, que entendiam e falavam bem a lingua do paiz. Partiram os missionarios de Santos e chegaram até á lagôa dos Patos. Do successo da missãe escreveu o Padre Rodrigues, em carta longa, datada de 26 de Novembro de 1605, que Pierre du Jarric compendiou na *Troisième partie de l'Histoire des choses plus mémorables advenues tant aux Indes Orientales qu'aux autres pais de la découverte des Portugais* (Bordeaux, 1614), ps. 481 a 486.

Uma carta de Cardim, de 8 de Maio de 1606, escripta da Bahia ao Geral Claudio Aquaviva, dá conta dos testemunhos tirados juridicamente a favor da vida santa e feitos maravilhosos do Padre Joseph de Auchieta, e do que no processo obrou o Padre Pero Rodrigues que, por seu conselho, escreveu a vida do Thaumaturgo; vem publicada nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, volume XXIX (1907), ps. 183 e 184, precedendo áquella hagiographia.

Em 1606, por sua ordem e com ajuda do Governador Diogo Botelho, foram os Padres Luis Figueira e Francisco Pinto encarregados da catechése dos indios do Ceará. Acompanhados de uma escolta de sessenta indios christãos, deixaram os padres o Recife em 20 de Janeiro de 1607 e por mar chegaram ao porto de Jaguaribe, de onde, após curta demora, se dirigiram a pé para a serra da Ibiapaba. Funestos foram os resultados dessa nussão pelo trucidamento do Padre Pinto, em 11 de Janeiro de 1608, ás mãos dos Tapuias Tocarijús: o Padre Figueira, para escapar á sanha dos barbaros, foi forçado a tomar o rumo do litoral, depois de ter dado,

com grandes perigos, sepultura ao corpo do seu infeliz companheiro.

Passando o cargo de provincial ao Padre Manuel de Lima, que viera por visitador em 1607, Cardim assumiu o de reitor, pela segunda vez, do Collegio da Bahia, e de vice-provincial. Foi por essa epoca que chegou á cidade do Salvador aquelle que devia ser mais tarde o grande apostolo Antonio Vieira, gloria da raça e padrão imperecivel das letras portuguezas. Ao aportar áquella Capital, criança ainda, foi acommettido de muito grave doença. "O Padre Fernando Cardim, da Companhia de Jesus, escreveu André de Barros, na *Vida do apostolico Padre Antonio Vieira* (Lisbôa, 1746), ps 6 — era na Bahia de particular agrado na casa de Christovão Vieira Ravasco, e de sua mulher D. Maria de Azevedo; e como o perigoso mal com que lutavau os poucos alentos do menino Antonio os tivesse em temeroso sobresalto, o padre, ao que parece com a alma cheia de superior illustração os assegurou, e disse: — Que não morreria o menino, porque Deus o guardava para cousas grandes, para credito da nação portugueza, e para honra da Companhia de Jesus. — Esta foi a voz do veneravel Padre Fernando Cardim (appellido que em Portugal e no Brasil nos serve de despertador de virtudes heroicas em illustres varões). Este o foi no Collegio da Bahia, onde foi o nono reitor e decimo provincial daquella provincia religiosissima; nelle se conserva o seu retrato, historia nuda, mas forte, para imitação de seus exemplos".

A uma carta de Cardim, de 1 de Outubro de 1618, da Bahia, até hoje inedita, referiu-se Varnhagen, na *Historia Geral do Brasil*, primeira edição, vol. I, ps. 296,

nota; viu-a na bibliotheca da Academia de Historia de Madrid. e considerou-a autographa; mas de seu conteudo nada disse. Por commissão de Cardim, como Reitor do Collegio da Bahia, escreveu o Padre Luis Baralho de Araujo a carta, que datou daquelle collegio no ultimo de Dezembro de 1621, dirigida ao Geral Mucio Vitelleschi, sobre o estado da Companhia no Brasil durante o anno que findava; as noticias informam sobre os collegios e residencias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Santos, Piratininga e Pernambuco. Foi publicada primeiro em italiano, nas *Lettere annue d'Ethiopia, Malabar, Brasil e Gôa, dall'anno 1620 al 1624* (Roma, 1627) e logo em francez, na *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Brasil, et les Indes Orientales. — Tirée des lettres écrites 1620 et 1624, etc.* (Paris, 1628).

Estavam ainda nas mãos de Cardim os cargos de reitor e vice-provincial, quando os holandezes tomaram a Bahia, em 9 de Maio de 1624. "Nesta desgraça da Bahia — escreveu Antonio Vieira, na *Anna* citada — era reitor, e por isso quebravam nelle mais todas as ondas das adversidades, mas como rocha viva sempre se conservou em paz, esteve muito firme, e conforme com a vontade de Deus". O collegio foi transformado em armazem de vinhos, segundo o testemunho dos chronicistas, e os mercadores tiveram permissão para nelle se aboletar; os padres, expulsos, perseguidos, refugiaram-se na aldeia do Espirito Santo, depois Abrantes: doze que chegavam, na ignorancia dos successos, entre os quaes o Padre Antonio de Mattos, designado para substituir o provincial na administração da provincia, foram feitos prisioneiros e conduzidos para a Hollanda, onde estiveram nos carcerees publicos de Amsterdam por mais de

vinte mezes, até que foram resgatados por diligencia do geral da Companhia.

Na ausencia do provincial, Cardim assumiu o governo da provincia, no momento inçado das maiores difficuldades e incertezas. Velho e aquebrado, com o grande trabalho e má vida daquelles tempos, padecendo falta de todo o necessario, como disse Vieira, cahiu enfermo e veiu a fallecer a 27 de Janeiro de 1625, naquella mesma aldeia, que foi das primeiras que conheceu no Brasil, e o destino lhe reservara para refugio ultimo da sua vida.

III

Dos escriptos de Fernão Cardim o que primeiro foi divulgado pela imprensa em lingua portugueza e com a sua autoria declarada, foi a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., d. de o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o Padre Christovão d. Gouvea. Escripta em duas cartas ao P. Provincial em Portugal, pelo Padre Fernão Cardim, Ministro do Collegio da Companhia em Evora, etc., etc.* — Lisboa (Na Imprensa Nacional) 1847. in-8.º, 123 ps. Editou-o o benemerito Francisco Adolpho de Varnhagen, que o dedicou á memoria do Conego Januario da Cunha Barbosa, o illustre fundador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Não é aquella a epigraphie com que occorre no *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Eboracense*, ordenado pelo bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára, tomo I (Lisbõa, 1850), ps. 19, onde se inscreve: *Enformação da*

Missão do Padre Christovão de Gouvea ás partes do Brasil no anno de 83 (duas cartas). Mudando-lhe o título, o editor juntou um prologo sem assignatura e no fim, depois de uma folha falsa com a palavra - - *Notas* — uma *Advertencia accidental*, que subscreveu com a sigla V., explicando o motivo por que não fez acompanhar a publicação das annotações com que pretendia illustra-la, e que quasi lhe duplicariam o volume.

Quando appareceu a *Narrativa epistolar*, dentre os que primeiro lhe louvaram as excellencias é preciso salientar o benemerito Ferdinand Denis, que, publicando *Une fête Brésilienne célébrée à Rouen en 1550* (Paris, 1851), em nota (ps. 48/51) não regateou elogios ao “petit livre écrit dans un style charmant et que l'on doit à un missionnaire jusqu'alors inconnu... le P. Fernão Cardim.” A este refere-se como “doué d'un sentiment poétique, d'une rare délicatesse et qui se révèle comme à son insu dans chacune des lettres confidentielles qu'il a écrites à un supérieur, il ne tarit point sur les danses dramatiques des Indiens, sur leurs chants naïfs, sur la noble gravité de leurs harangues.” E a proposito das festas e cantos dos indios, cita trechos da *Narrativa*, collocando o autor ao lado de Gabriel Soares.

Tempos depois, o Dr. A. J. de Mello Moraes, que tão bons serviços prestou ás letras historicas no Brasil, reimprimiu integralmente a *Narrativa*, sob o título de *Missões do P. Fernão Cardim, na Chorographia Historica*, tomo IV, ps. 417 a 457 (Rio de Janeiro, 1860), que correspondem á *Historia dos Jesuitas*, do mesmo autor, tomo II, identica numeração de paginas (Rio de Janeiro, 1872).

Parcialmente, foi a *Narrativa* reproduzida, no tocante ao Rio de Janeiro, pela revista mensal *Guanabara*, desta cidade, vol. II (1851), ps. 122-115; com relação a Pernambuco, pela *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucono*, n. 43 (1893), ps. 189-206, com algumas annotações de F. A. Pereira da Costa; e a parte referente á Bahia inseriu o Dr. Braz do Amaral, em nota ás *Memorias Historicas e Politicas*, de Accioli, vol. I (Bahia, 1919), ps. 465-472.

Em 1901, achando-se completamente exgotada a edição de 1847 e sendo pouco accessiveis as reproduções de Mello Moraes, entendeu o Instituto Historico de reimprimir a *Narrativa* e commetteu a Eduardo Prado a tarefa de fazer-lhe as annotações, que Varnhagen lhe não podera aditar. Iniciava apenas esse trabalho, quando subita e infelizmente falleceu o bellissimo escriptor. Assim, foi a *Narrativa* impressa na *Revista do Instituto*, tomo 65, parte I (1902), ainda dessa vez desacompanhada de notas, que por certo tanto lhe haveriam de accrescer e realçar o valor.

A cópia de que se utilizou Varnhagen em 1847, e que serviu para as reproduções subsequentes, era assás incorrecta, como se verificou da collação feita com o apographo eborense no exemplar que, por diligencia do Dr. Capistrano de Abreu, possui o brilhante historiador Dr. Paulo Prado. Aquella cópia continha, de facto, além de numerosos erros, muitas outras omisões, que em diversos passos alteraram ou deixaram suspenso e incomprehensivel o sentido da narração. Una *taboa de erros* seria aqui descabida, mas não nos furtaremos ao desejo de apontar alguns dos mais sensiveis. Assim, quando o Padre diz que prégoi na capella da villa de Porto-Se-

guro no *primeiro dia do anno*, versando sua narrativa por fins do mez de Setembro, deve-se ler — *dia do Anjo*, ou de São Miguel Archanjo, que cãe em 2^o daquelle mez. O Padre Rodrigo de Freitas figura uma vez na edição Varrhagen e nas que se seguiram, como *Rodrigo de Faria*, e o indio christão Ambrosio Pires, que elle levou a Lisboa, como *Ambrosio Rodrigues*. Por aquellas edições, o Collegio da Bahia tinha *tres cubiculos*, em vez de *trinta*; em Pernambuco, pessoa houve que mandou ao Padre visitador passante de *dez cruzados de carne*, em vez de *cincoenta*; senhores de engenho da mesma capitania tinham alguns *dez e mais mil cruzados de seu*, em vez de *quarenta e mais mil cruzados*; a doação que os moradores de Santos fizeram ao Visitador para a mudança da casa de São Vicente para allí, avaliou-se em *quinhentos cruzados*, e não em *cem*; a *capitania de Ilhéus e do Espirito Santo substituiu-se por capital*; *obra por obediencia e misteres por ministerios*, vêm por diversas vezes; os paineis da *vida de Christo* apparecem uma vez por paineis das *Divindades*. . . O tratamento que o Padre attribue ao provincial de Portugal é de *Reverencia*, e não de *Reverendissima*, como está. Varios saltos de palavras e de phrases inteiras occorrem e faltam tambem os fechos das cartas.

Na presente edição, mercê da penhorante gentileza do Dr. Paulo Prado, que para ella cedeu o seu exemplar correcto, todas essas falhas foram preenchidas e emendados todos os erros, de sorte a poder sair o escripto de Cardim livre das jaças que empannavam sua luz diamantina.

Os outros tratados de Fernão Cardim — *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil e de seus costumes*

e ceremonias, e o *Do Clima e Terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assim na terra como no mar*, vêm mencionados no *Catalogo* de Rivára, mas appareceram primeiro em inglez, na famosa collecção *Purchas his Pilgrimes*, volume VI (Londres, 1625), ps. 1289 a 1320, sob o titulo — *A Treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there*. Ao colleccionador Samuel Purchas afiguram-se esses escriptos os mais completos que jamais vira sobre o Brasil, parecendo-lhe da lavra do frade ou jesuita portuguez, de quem os “tomára contra vontade” Francis Cook, de Dartmouth, em uma viagem ao Brasil, em 1601. e que os vendera por vinte xellins a certo mestre Hackett. Como nas ultimas folhas estivessem algumas receitas medicinaes assignadas pelo irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Collegio da Bahia, deu-o Purchas como autor dos tratados. Trabalho meritorio do Dr. Capistrano de Abreu, cujos serviços á Historia do Brasil, no arrolamento de suas fontes e na interpretação de seus factos nunca foram assaz exalçados, — foi esse de reivindicar para Fernão Cardim a autoria de seus escriptos. Publicando, em 1881, o tratado *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil*, o Dr. Capistrano produziu prova cabal de pertencer elle a Cardim, não sómente pela circumstancia dos tratados de Purchas terem sido tirados em 1601 por um inglez a um jesuita em viagem para o Brasil, como tambem porque, em collação com a *Narrativa epistolar*, bem se evidencia que todos sahiram da mesma penna. O tratado *Dos Indios* foi publicado, como dissemos, pelo Dr. Capistrano de Abreu, em 1881, ás expensas do Dr. Ferreira de Araujo, para figurar na Exposição de Historia e Geographia do Brasil, que

então se realizava no Rio de Janeiro, com uma introdução do indefesso editor e importantes notas philologicas do sabio Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Nesse mesmo anno de 1881 o Dr. Fernando Mendes de Almeida começou a publicar na *Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio de Janeiro* (tomo I, numeros 1 e 2), que dirigia então, o tratado *Do Clima e Terra do Brasil*, sem nome de autor. Essa publicação alcançou apenas os dous primeiros capitulos: em n. 3 da *Revista* appareceu uma *Adeverencia*, assignada pelo Dr. Fernando Mendes, na qual estampou uma carta do Dr. Capistrano de Abreu, explicando a origem do manuscripto que servia para a impressão, attribuindo sua autoria a Cartim, e comprometendo-se a tratar mais desenvoldidamente dos pontos em que na occasião apenas tocou. Fe-lo, de facto, tempos depois, inserindo integralmente o tratado na mesma *Revista*, tomo III (1885), precedido de esclarecido estudo bio-bibliographico sobre o autor. Com a versão de Purchas foi comparado o tratado, e em varios pontos apparecem correcções.

O manuscripto utilizado para a impressão parcial de 1881 e integral de 1885, encontrou o Dr. Fernando Mendes entre os papeis de seu pae, o eminente geographo e historiador patricio Senador Candido Mendes de Almeida; procedia da copia, existente no Instituto Historico, do codice da Bibliotheca de Evora, citado no *Catalogo* de Rivára.

Em *Purchas his Pilgrimes*, volume IV, ps. 1320 a 1325, insere-se ainda outro tratado, sob a epigraphie — *Articles touching the dutie of the Kings Maiestic our*

Lord and to common good of all the estate of Brasil, --- provavelmente escripto por Fernão Cardim, em que se occupa de providencias de ordem politica, "que o autor julgava conveniente para commedir os excessos dos colonos contra os indios", a serem postas em pratica no Brasil. Desse não ha traducção portugueza, nem consta que exista o original, ou cópia.

IV

Do retrato moral que de Fernão Cardim fez Antonio Vieira, eis um dos traços principaes: "Varão verdadeiramente religioso e de vida inculpavel; mui afavel e benigno, e em especial com seus subditos. A todos parece queria metter n'alma, de todos se compadecia e a todos amava" Em seus escriptos esses dons de caracter bem se reflectem: simples, naturaes, sem artificios de estylo, sem preoccupações eruditas. Não é que minguasse ao autor a cultura geral de seu tempo e de sua ordem, quer religiosa, quer profana. De sua sciencia theologica avalia-se pela preeminencia que alcançou entre seus confrades: seria bom orador, porque sempre assomava ao pulpito nos dias de grandes festas da igreja ao lado dos Padres Quiricio Caxa, Manuel de Barros, os melhores pregadores que havia na provincia, conforme seu proprio testemunho; de outra parte, devia estar ao corrente do saber de seu seculo, especialmente da sciencia medica, porque os tratados de Monardes lhe eram familiares, como seriam os de Clusius, Garcia da Orta e outros. Suas descripções de plantas e animaes são perfectas e acabadas, como diagnoses de naturalista.

O que, porém, nesses escriptos verdadeiramente nos encanta é a nota de constante bom humor de que estão impregnados, a vivacidade da narrativa, a graça, o imprevisto das comparações. Vêde-o quando refere o exemplo de caridade que a eirará dá aos homens, quando conta as habilidades intelligentes do macaco, quando acha que é boa penitencia e mortificação sofrer por uma noite ou madrugada as picadas dolorosas dos marujas, ou quando diz que o rosto da preguiça parece de mulher mal tocada. . .

Variagen quiz ver nelle o homem feito para viajar. "Não é desses que estão sempre com saudades de um quintalinho, de um bom prato que já não prova. Deixando a terra em que vivera até alli, deixou nella todas as prevenções, e sabe apreciar a muita hospitalidade que dos indigenas e dos colonos do Brasil recebe". De facto, se estabelece confronto, é quasi sempre para achar melhor o que é de cá. O clima do Brasil preconiza como muito mais temperado e saudavel, sem grandes calmas, nem frios, e por isso vivem os homens muito, com poucos achaques e enfermidades, como em Portugal; nossos peixes não causam sarna nem outras doenças da Europa; nossas favas são mais sadias, nossos pinhões são maiores e mais leves, a castanha do cajú é tão boa e melhor do que a de lá; os canarios, rouxinões e pintasilgos do reino, em sua musica, não levam muita vantagem aos nossos passaros formosissimos; e o perreuil que se acha em nos-as praias é melhor do que o portuguez. Nas aldeias de indios christãos encontrava-se tanta abundancia de carnes, legumes, pescado e mariscos, que não fazia falta a ribeira de Lisboa; em certa fazenda do Collegio da Bahia havia tanto leite, requeijões e natas.

que davam para esquecer Alentejo; as vinhas de Piratininga carregavam tantas uvas, como juntas nunca vira em Portugal; a bahia do Rio de Janeiro bem parecia que a pintara o supremo pintor e architecto do mundo: era coisa formosissima, e a mais aprazivel que havia em todo o Brasil, nem lhe chegava a vista do Mondego e Tejo; do Collegio do Rio duvidava qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se aquelle, e não sabia determinar: nada lhe faltava do bom e do optimo. Tambem com um tostão de peixe se fartava toda a casa, que de ordinario contava vinte e oito padres e irmãos, afóra a mais gente...

V

Os escriptos de Fernão Cardim e as *Informações* de Joseph de Anchieta têm entre si muitos pontos de contacto, que se verificam ás vezes pela conformidade dos conceitos e mesmo pela identidade de phrases. O Dr. Capistrano de Abreu, em nota á *Informação* de ultimo de Dezembro de 1585, esclarece o facto desta maneira: "Comparando a presente *Informação* com a de Fernão Cardim, notam-se muitas similhanças, e é natural que se procure nella uma das fontes da *Narrativa epistolar*. Tal conclusão tem, porém, contra si o facto que a primeira carta de Cardim é anterior á presente *Informação*, pois que é datada de 16 de Outubro de 1585. Dahi podem tirar-se duas consequencias, ambas plausiveis: ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e tom alegre de Cardim, o copiou incessivelmente, ou que ambos se apoiaram na informação mandada em Agosto. Se nos lembramos que no *Treatise of Brasil written by a Portugal*

which had long lived there, publicado por Purchas em 1625, já se encontram muitas das comparações communs a Cardim e Anchieta; se se conceber que aquella obra é de Fernão Cardim, como por mais de uma vez tenho procurado proval-o, e que foi escripta em 1584, a primeira hypothese é muito mais verosimil".

Em *Notas* apostas ao primeiro e terceiro tratados deste volume assignalaram-se por diversas vezes as similitudes referidas.

Na presente edição da obra de Cardim visou-se tanto possível á uniformidade orthographica, respeitando-se quanto toleravel a feição antiga dos vocabulos. Uma melhor distribuição dos paragraphos, uma ou outra mudança de pontuação, praticou-se tambem; mas essa liberdade não autorizou a substituição dos termos antiquados que ella contém, nem tão pouco a alteração do torneio quinientista de seu phraseado.

Com relação á escripta dos nomes tupis, conservou-se qual está nos tratados. A vogal especial da lingua vem alli invariavelmente como *ig*, embora em outros escriptos jesuíticos appareça óra como *j*, com um ponto em cima e outro em baixo, óra como *i* com trema, óra como *y*, que é a forma mais geral e ultimamente adoptada. Com a *Arte de Grammatica* de Anchieta, advirta-se que, quando esteja *ig* "in medio dictionis", não se pronuncie muta com l'quida, o que vale dizer que se separe o *g* da syllaba seguinte, como tambem, se vier no fim, acabe-se a dicção no *i*.

I.

DO CLIMA E TERRA DO BRASIL

E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS
QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA
COMO NO MAR.

DO CLIMA E TERRA DO BRASIL

O Clima do Brasil geralmente he temperado de huas, delicadas, e salutar-frescas ares, donde os homems vivem muito até noventa, cento e mais annos, e a terra he cheia de velhos; geralmente não tem frios, nem calmas, ainda que do Rio de Janeiro até São Vicente ha frios, e calmas, mas não muito grandes; os céos são muito puros e claros, principalmente de noite; a lua he mui prejudicial á saúde, e corrompe muito as cousas; as manhãs são salutíferas, têm pouco de crepusculos, assi matutinos, como vespertinos, porque, em sendo manhã, logo sae o sol, e em se pondo logo anoitece. O inverno começa em Março, e acaba em Agosto, o Verão começa em Setembro e acaba em Fevereiro; as noites e dias são quasi todo o anno iguaes.

A terra he algum tanto malencolica, regada de muitas aguas, assi de rios caudaes, como do céu, e chove muito nella, principalmente no Inverno; he cheia de grandes arvoredos que todo o anno são verdes; he terra montuosa, principalmente nas fraldas do mar, e de Pernambuco até á Capitania do Espirito Santo se acha pouca pedra, mas dahi até S. Vicente são serras altissimas, mui

fragosas, de grandes penedias e rochedos. Os mantimentos e aguas são geralmente sadios, e de facil digestão. Para vestir ha poucas commodidades por não se dar na terra mais que algodão, e do mais he terra farta, principalmente de garlos e açucares. (1)

DOS ANIMAES (1)

Ycado. — Na lingua brasileira se chama *Sugaçá*: ha huns muito grandes, como formosos cavallos; têm grande armação, e alguns têm dez e doze pontas; estes são raros, e achão-se no Rio de S. Francisco e na Capitania de S. Vicente; estes se chamão *Suaçupara*. são estimados dos Cariós, e das pontas e nervos fazem os bicos das frechas, e humas bolas de arremço que usão para derrubar animaes ou homens.

Ha outros mais pequenos; tambem têm cornos, mas de humra ponta só. Alem destes ha tres ou quatro especies, huns que andão somente nos matos, outros somente nos campos em bandos. Das pelles fazem muito caso, e da carne.

Tapyretê — Estas são as antas, de cuja pelle se fazem as adargas; parecem-se com vaccas e muito mais com mullas, o rabo he de um dedo. não têm cornos, têm humra tromba de comprimento de hum palmo que encolhe e estende. Nadão e mergulhão muito, mas em mergulhando logo tomão fundo, e andando por elle saem em outra parte. Ha grande copia dellas nesta terra.

(1) Conf. Anchieta — *Informações do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), ps. 45|46.

Porco montês. — Ha grande copia de porcos monteses, e he o ordinario mantimento dos Indios desta terra, têm o embigo nas costas e por elle lhes sac hum cheiro, como de raposinhos, e por este cheiro os seguem os cães e são tomados facilmente. Ha outros chamados Tayaçutírica, sc. porco que bate, e trinca os dentes, estes são maiores que os communs, e mais raros, e com seus dentes atassalhão quantos animaes achão.

Outros se chamam Tayaçupigta, sc. porco que aguarda, ou faz jinca-pé. Estes accommettem os cães, e os homens, e tomando-os os comem, e são tão livros que he necessario subirem-se os homens nas arvores para lhes escapar, e alguns esperão ao pé das arvores alguns dias até que o homem se desça, e por que lhes sabem esta manha, sobem-se logo com os arcos e flechas ás arvores, e de lá os matão.

Tambem ha outras especies de porcos, todos se comem, e são de boa substancia.

Acuti. — Estas Acutis se parecem com os coelhos de Espanha, principalmente nos dentes: a côr é loura, e tira a amarella; são animaes domesticos, e tanto que andão por casa, e vão fóra, e tornão a ella; quando comem tudo tomão com as mãos e assi o levão á bocca, e comem muito depressa, e o que lhes sobeja escondem para quando têm fome. Destas ha muitas especies, todas se comem.

Páca. — Estas Pácas são como leitões, e ha grande abundancia dellas: a carne he gostosa, mas carregada; não parem mais que hum só filho. Ha outras muito lirancas, são raras, e achão-se no Rio de São Francisco.

Iagoáretê. — Ha muitas onças, humas pretas, outras pardas, outras pintadas: he animal muito cruel, e feroz:

acommettem os homens sobrenaneira, e nem em arvores, principalmente se são grossas, lhes escapão; quando andão cevadas de carne não ha quem lhes espere principalmente de noite; matão logo muitas rezes juntas, desbaratão huma casa de gallinhas, huma manada de porcos, e basta darem huma unhada em hum homem, ou qualquer animal para o abrirem pelo meio; porém sao os Indios tão ferozes que ha Indio que arremette com huma, e tem mão nella e depois a matão em terreiro como fazem aos contrarios, tomando nome, e fazendo-lhes todas as ceremonias que fazem aos mesmos contrarios. Das cabeças dellas usão por trombetas, e as mulheres Portuguezas usão das pelles para alcatifas, maximé das pintadas, e na Capitania de São Vicente.

Sarigué. — Este animal se parece com as raposas de Espanha, mas são mais pequenos, do tamanho de gatos; cheirão muito peor a raposinhos que as mesmas de Espanha, e são pardos como ellas. Têm huma bolsa das mãos até as pernas com seis ou sete mamas, e ali trazem os filhos escondidos até que sabem buscar de comer, e parem de ordinario seis, sete. Estes animaes destruem as gallinhas porque não andão de dia, senão de noite, e trepão pelas arvores e casas, e não lhes escapão passaros, nem gallinhas.

Tamanduá. — Este animal he de natural admiração: he do tamanho de hum grande cão, mais redondo que comprido; e o rabo será de dous (2) comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas, que pela calma, e chuva, frio, e ventos, se agasalha todo debaixo d'elle sem

(2) Twice or thrice, em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, pags. 1.301.

lhe apparecer nada; a cabeça he pequena, o focinho delgado, nem tem maior bocca que de huma almotolia, redonda, e não rasgada, a lingua será de grandes tres palmos de comprimento e com ella tambem as formigas de que sómente se sustenta: he diligente em buscar os formigueiros, e com as unhas, que são do comprimento dos dedos da mão de hum homem o desmancha, e deitando a lingua fóra pegam-se nella as formigas, e assi a sorve porque não tem bocca para mais que quanto lhe cabe a lingua cheia dellas; he de grande ferocidade, e acomette muito a gente e animaes. As orças lhe têm medo, e os cães sob-emancira, e qualque cousa que tomão com suas unhas espedação; não se comem, nem prestão para mais que para desençar os formigueiros, e são estorpidos, que nunca estes animaes os desbaratarão de todo.

Tatú. — Este animal he do tamanho de um leitão, de côr como branca, o focinho tem muito comprido, o corpo cheio de lumbas como laminas com que fica armado, e descem-lhe huns pedaços como têm as Badas. Estas laminas são tão duras, que nenhuma frecha as pode passar se lhe não dá pelas illargas; furão de tal maneira, que já aconteceu vinte e sete homens com enxadas não poderem cavar tanto, como huera cavava com o focinho. Porém, se lhe deitão agua na cova logo são tomados; he animal para ver, e chamão-lhe cavallo armado: a carne parece de gallinha, ou leitão, muito gostosa, das pelles fazem bolsas, e são muito galantes, e de dura; fazem-se domesticos e crião se em casa.

Destes ha muitas especies e ha grande abundancia.

Canduagú. — Este animal he o porco espinho de Africa: tem tambem espinhos brancos e pretos tão gran-

des que são de palmo e meio, e mais; e também os despedem como os de África.

Ha outros destes que se chamão Candumiri, por serem mais pequenos, e também têm espinhos da mesma maneira.

Ha outros mais pequenos do tamanho de gatos, e também têm espinhos amarellos e nas pontas pretos. Todos estes espinhos têm esta qualidade que entrando na carne, por pouco que seja, por si mesmo passam a carne de parte a parte, e por esta causa servem estes espinhos de instrumentos aos Indios para furar as orelhas, porque mettendo hum pouco por ellas em huana noite lhas fura de banda a banda.

Ha outros mais pequenos, como ouriços, também têm espinhos, mas não nos despedem: tocos estes animaes não de boa carne e gosto.

Eirara. — Este animal se parece com gato de Algalia: ainda que alguns dizem que o não he, são de muitas côres, sc. pardos, pretos, e brancos: não comem mais que mel, e neste officio são tão terriveis que por mais pequeno que seja o buraco das abelhas o fazem tamanho que possam entrar, e achando mel não no comem até não chamar os outros, e entrando o maior dentro não faz senão tirar, e dar aos outros, cousa de grande admiração e exemplo de claridade para os homens, e ser isto assi affirmão os Indios naturaes.

Aquiquig. — Estes bugios são muito grandes como hum bom cão, pretos, e muito feios, assi os machos, como femeas, têm grande barba sómente no queixo de baixo, destes nasce ás vezes hum macho tão ruivo que tira a vermelho, o qual dizem que he seu Rei. Este

tem o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita á tesoura: têm huma cousa muito para notar, e he, que se poem em huma arvore, e fazem tamanho ruido que se ouve muito longe, no qual atura muito sem descansar, e para isto tem particular instrumento esta casta: o instrumento he certa cousa concava como feita de pergaminho muito rija, e tão lisa que serve para bar-nir, do tamanho de hum ovo de pata, e começa do principio da guella até junto da campuinha, entre ambos os queixos, e he este instrumento tão ligeiro que em lhe tocando se move como a tocha de hum cravo. E quando este bugio assi está pregando escuma muito, e hum dos pequenos que ha de ficar em seu lugar lhe alimpa muitas vezes a escuma da barba.

Há outros de muitas castas, e em grande multidão sc. pretos, pardos, amarellos; dizem os naturaes que alguns destes quando lhes tirão uma frecha a tomão na mão e tornão com ella atirar á pessoa; e quando os ferem buscam certa folha e a mastigão, e mettem na ferida para sararem; e porque andão sempre nas arvores, e são muito ligeiros, quando o salto he grande que os pequenos não podem passar, hum delles se atravessa como ponte, e por cima d'elle pas-são os outros, o rabo lhe serve tanto como mão, e se algum he ferido com o rabo se cinge, e ao ramo onde está, e assi fica morrendo dependurado sem cair. Têm outras muitas habilidades que se vêem cada dia, como he tomar hum pão, e dar paucarias em alguem que lhes faz mal; outro achando um cestinho d'ovos o dependurou pela corda ao pescoço, e subindo a hum telhado fazia de lá muitos momos ao senhor que o ia buscar, e quebrando-os os sorveo todos diante d'elle, tirando-lhe com as cascas.

Coati. — Este animal he pardo. parece-se com os texugos de Portugal, tem o focinho muito comprido, e as unhas; trepão pelas arvores como bugios, não lhes escapa cobra, nem ovo, nem passaro, nem quanto podem apanhar; fazem-se domesticos em casa, mas não ha quem os soffra, porque tudo comem, brincam com gatinhos, e cachorrinhos, e são maliciosos, apraziveis, e têm muitas habilidades.

Ha outras duas, ou tres castas maiores, como grandes cães, e têm dentes como porcos javaris de Portugal; estes comem animaes e gente, e achando presa, acercam huns por huma parte, outros por outra, até a despedaçarem.

Gatos bravos. — Destes ha muitas castas, huns pretos, outros brancos assafreados, e são muito galantes para qualquer fôrro; são estes gatos muito terriveis e ligeiros: vivem de caça e passaros, e tambem aconnetem a gente; alguns são tamanhos como cães.

Jaguaruçu. — Estes são os cães do Brasil, são de hum pardo almiscarado de branco, são muito ligeiros, e quando chorão parecem cães; têm o rabo muito felpudo, comem fructas e caça, e mordem terrivelmente.

Tapiti. — Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladrão cá nesta terra como cães, maxime de noite, e muito a miude. Os Indios têm estes ladrinhos por agouro; criam tres e quatro filhos; são raros porque têm muitos adversarios, como aves de rapina, e outros animaes que os comem.

Jaguacini. — Este animal he tamanho como raposa de Portugal, tem a mesma côr de raposa, sustenta-se sómente de caranguejos, e dos canaveaes d'açucar, e des-

truem muitos delles: são muito dorminhocos, e dormindo os matão, não fazem mal.

Biarataca. — Este animal é do tamanho de hum gato, parece-se com Furão. pelo lombo tem humma mancha branca, e outra parda, que lhe ficam em cruz muito bem feita; sustentão-se de passaros, e seus ovos, e outras cousas, maxime de ambar, e gosta tanto delle que toda a noite anda pelas praias a buscal-o, e axinde o ia elle he o primeiro; he muito tenido, não porque tenha dentes, nem outra arma com que se defenda, mas dá certa ventusidade tão forte, e de tão ruim, que os páos, pedras, e quanto diante de si acha, penetra, e he tanto que alguns Indios morrerão já de tal fedor: já cão que a elle se achega, não escapa, e dura este cheiro quinze, vinte, e mais dias, e he tal que se dá esta ventusidade junto dalguma a'dêa logo se despoçoa para não serem sentidos, cavão no chão, e dentro dão a ventusidade, e a cobrem com a terra; e quando os achão para não serem tomados, sua defenza he disparar aquella ventusidade.

Ha outras castas destes animaes que não têm tão máo cheiro; crião-se em casa, e ficão domesticos, e os Indios os estimão.

Preguiça. — A preguiça que chamão do Brasil, he animal para ver, parece-se com cães felpudos, os perdi-gueiros; são muito feios, e o rosto parece de mulher mal toucada; têm as mãos e pés compridos, e grandes unhas, e crueis, andão com o peito pelo chão, e os filhos abraçados na barriga, por mais que lhe dêem, andão tão de vagar que hão mister muito tempo para subir a humma arvore, e por isso são tomados facilmente: sustentão-se de certas folhas de figueiras, e por isso não

pódem ir a Portugal, porque como lhes faltão, morrem logo.

Ratos. — Nestas partes ha grande número de :
tos, e haverá dellês algumas dez, ou onze castas, huns pretos, outros ruivos, outros pardos, todos se comem, e são gostosos, maxime alguns grandes que são como cecellos; em alguns tempos são tantos que dando em uma roça, a destruem.

DAS COBRAS QUE ANDÃO NA TERRA E NÃO TÊM PEÇONHA (II)

Gibóia. — Esta cobra he das grandes que por cá ha, e algumas se achão de vinte pés de comprido; são galantes, mas mais o são em engullir hum veado inteiro; não têm peçonha, nem os dentes são grandes conforme ao corpo; para tomar a caça de que se sustenta usa desta manha: estende-se pelos caminhos, e em prepassando a caça lança-se sobre ella, e de tal maneira se enrodilha, e aperta que lhe quebra quantos ossos tem, e depois a lambe, e seu lamber tem tal virtude que a moe toda, e então a engole, e traga.

Ha outra que chamão Guigraupiagoãra. sc., commedora dos ovos dos passaros, he muito preta, comprida, e tem os peitos amarellos, andão por cima das arvores, como nadando por agua, e não ha pessoa que tanto corra pela terra, como elles pelas arvores. Esta destrue os passaros, e seus ovos.

Ha outra muito grossa, e comprida, chamada Cauinana; he toda verde, e de notavel formosura. Esta tambem come ovos, passaros, e mata os pintainhos.

Ha outra chamada Boitiapóá, sc. cobra que tem focinho comprido. he muito delgada e comprida, e sustenta-se sómente de rãs, têm os Indios com esta hum agouro que quando a mulher não tem filhos tomão esta cobra, dando-lhe com ella nas cadeiras e dizem que logo ha de parir.

Ha outra chamada Gaitiepia, acha-se sómente no Rari: he de notavel grandura, cheira tanto a raposinhos que por onde quer que vai que não ha quem a soffra.

Ha outra, a qual se chama Boyuna, sc. cobra preta, he muito comprida, e delgada, tambem cheira muito a raposinhos.

Ha outra que se chama Bom, sc. porque quando anda vai dizendo bom, bom, tambem é grande, e não faz mal.

Ha outra, a qual se chama Boicupucanga, sc. cobra que tem espinhos pelas costas, he muito grande, e grossa, as espinhas são muito peçonhentas, e todos se guardão muito dellas.

DAS COBRAS QUE TÊM PEÇONHA (III)

Jararaca. — Jararaca he nome que comprehende quatro generos de cobras muito peçonhentas: a primeira e maior, é Jararacuçu, sc. jararaca grande, e são de dez palmos; têm grandes prezas na bocca, escondidas ao longo do queixo, e quando mordem estendem no como dedo de mão, têm a peçonha nas gengivas, têm os dentes curvos, e na costa delles hum rego por onde lhe corre a peçonha. Outros dizem que a têm dentro do dente que he furado por dentro. Têm tão vehemente peçonha, que

em 24 horas, e menos, mata huma pessoa; a peçonha é muito amarella e no agua de açafão; parem muitos filhos, e algumas se achão treze na barriga.

Ha outra que se chama Jararagoaipiganga, sc., que tem a ponta do rabo mais branco que pardo; estas são tão peçonhentas como as bibeoras de Espanha, e têm a mesma côr e feiçam.

Ha outra Jararacopêba, he peçonhentissima, tem uma coilea pelo lombo vermelho, e os peitos e o mais corpo he todo pardo.

Ha outras Jararacas mais pequenas, que a maior será de dous palmos; são de côr de terra, têm humas veias pela cabeça como as bibeoras, e tambem careceirão como ellas.

Suruçucá. — Esta cobra he espantosa, e medonha; achão-se de quinze palmos; quando os Indios naturaes as matão, logo lhes enterrão a cabeça por ter muita peçonha; para tomar caça, e a gente, mede-se com huma arvore, e em vendo a prese se deixa cair sobre ella e assí a mata.

Boicininga. — Esta cobra se chama cascavel; he de grande peçonha, porem faz tanto ruido com hum cascavel que tem na cauda, que a poucos toma: ainda que he tão ligeira que lhe chamão a cobra que vôa: seu comprimento he de doze e treze palmos.

Ha outra chamada Boiciningbêba; esta tambem tem cascavel, mas mais pequeno, he preta, e tem muita peçonha.

Igbigracuá. — He tão vehemente a peçonha desta cobra que em mordendo a huma pessoa, logo lhe faz deitar o sangue por todos os meatos que tem, sc. olhos,

narizes, bocca, orcellas, e por quantas feridas tem em seu corpo, e corre-lhe por muito espaço de tempo, e se lhe não acodem todo se vae em sangue, e morre.

Igibôoboca. - Esta cobra he muito formosa, a cabeça tem vermelha, branca e preta, e assi todo o corpo manchado destas tres cores. Esta he mais peçonhenta de todas, anda de vagar, e vive em as gretas da terra, e por outro nome se chama a cobra dos corais. Não se pôde explicar a grande vehementia que têm estas cobras peçonhentas sobreditas, nem as grandes dores que causão, nem as muitas pessoas que cada dia morream dellas, e são tantas em numero, que não sómente os campos, e matos, mas até as casas andão cheias dellas, achão-se nas caunas, dentro das botas, quando as querem calçar. Indo os Imbãos para o reponso as achão nelle, enrodilhadas nos pés dos laucos, e se lhe não acodem, quando m'ordem, sarjando-lhe a ferir lo, sangrando-se, bebendo unicornio, ou carimá, ou agua do pão de cobra, ou qualquer outro remedio, efficaç, em 24 horas, e me-tas, morre humna pessoa com grandes gritos, e dores, e são tão espantosas, que como humna pessoa se mordida logo pede confissão, e faz conta que morre, e assi dispõe de suas cousas.

Ha outras cobras, principalmente estas Jaratacas, que cheirão muito e amíscre, e onde quer que estão dão sinal de si pelo bom e suave cheiro.

Ha muitos Macrás que se achão nas caunas cada dia, e entre os livros nos cubículos; de ordinario não matão, mas dentro de 24 horas nao ha viver com dores.

Parece que este clima influe peçonha, assi pelas infinitas cobras que ha, como pelos muitos Macrás, ara-

nhas, e outros animaes imundos, e as lagartixas são tantas que cobrem as paredes das casas, e agulheiros dellas.

DAS AVES QUE HIA NA TERRA E DELLA SE SUSTENTÃO (IV)

Assi como este clima influe peçonha, assi parece influir formosuras nos passaros, e assi como toda a terra he cheia de bosques, e arvoredos, assi o he de formosissimos passaros, de todo genero de côres.

Papagaios. — Os papagaios nesta terra são infinitos, mais que gralhas, zorzais, estoraniãos, nem gardaes de Espanha, e assi fazem gralhada como os sobreditos passaros; destruem as nuñharadas; sempre andão em bandos, e são tantos que ha lhas onje são ha mais que papagaios; comem-se e he boa carne, são de ordinario muito formosos e de muito varias côres, e varias especies, e quasi todos fallão, se os ensinam.

Arára. — Estes papagaios são os que por outro nome se chamão Macaos: he passaro grande, e são raros, e pela fralda do mar não se achão; he humna formosa ave em côres, os peitos tem veimeños como graã; do meio para o rabo alguns são amarellos, outros verdes, outros azues, e por todo o corpo têm algumas pennas espargidas, verdes, amarellas, azues, e de ordinario cada penna tem tres, quatro cores, e o rabo he muito comprido. Estes não põem mais de dois ovos, crião nas tôcas das arvores, e em rochas de pedras. Os Índios os estimão muito, e de suas pennas fazem suas galantarias, e empennaduras para suas espadas; he passaro

bem estreado, faz-se muito domestico, e manso, e fallão muito bem, se os ensinão.

Anapurú. — Este papagaio he formosissimo, e nelle se achão quasi todas as cores em grande perfeição, sc., vermelho, verde, amarello, preto, azul, pardo, côr de rosmaninho, e de todas estas cores têm o corpo salpicado, e espargido. Estes tambem fallão, e têm mais huma vantagem que he criar em casa, e tirar seus filhos, pelo que são de grande estima.

Arariúna. — Este Macao he muito formoso: he todo preto espargido de verde, que lhe dá muita graça, e quando lhe dá o sol fica tão resplandecente que he para folgar de ver; os pés tem amarellos, e o bico e os olhos vermelhos; são de grande estima, por sua formosura, por serem raros, por não criarem senão muito dentro pelo sertão, e de suas pennas fazem seus diademas, e esmaltes.

Ajuncurão. — Estes papagaios são formosissimos: são todos verdes, têm hum barrete, e colleira amarella muito formosa, e em cima do bico humas poucas de pennas de azul muito claro, que lhe dão muito lustre, e graça; têm os encontros das azas vermelhos, e as pennas do rabo de vermelho, e amarello salpicadas de azul.

Tuin. — Os tuins he huma especie de papagaios pequenos do tamanho de hum pardal; são verdes espargidos de outras varias côres, são muito estimados, assi pela sua formosura, como tambem porque fallão muito, e bem, e são muito domesticos, e tão mansinhos que andão correndo por toda huma pessoa, saltando-lhe nas mãos, nos peitos, nos hombros, e cabeça, e com o bico lhe esgravatão os dentes, e estão tirando o comer da

bocca á pessoa que os cria, e fazem muitos momos, e sempre fallão, ou cantão a seu modo.

Guigrajúba. — Chama-se este passaro Guigrajúba, sc., passaro amarello; não fallão, nem brincão, antes são muito malezcomizações, e tristes, mas muito estimados, por se trazerem de duzentas, e trezentas leguas, e não se achão, senão em casas de grandes principaes, e têm-nos em tanta estima que dão resgate, e valia de duas pessoas por um delles, e tanto o estimão como os Japões as trempes, e pancifas, e qualquer outros senhores alguma cousa de grande preço, como falcão, girifalte, &c.

Iapú — Este passaro he do tamanho de huma pèga, o corpo tem de hum preto fino, e o rabo todo amarello gracioso; na cabeça tem tres pennachosinhos, que não parecem senão cornitos quando os levanta; os olhos tem azues, o bico muito amarello; he passaro formoso, e tem um cheiro muito forte quando se agasta; são muito sollicitos em buscar de comer, não lhe escapa aranha, barata, grillo, &c, e são grande lixpesa de huma casa, e andão por ellas como pègas, não lhes fica cousa que não corraõ; he perigo grande terem-no na mão, porque arremettem aos olhos e tirão-nos.

Guainumbig. — Destes passarinhos ha varias especies, sc., Guaracigá, sc., fructa do sol, por outro nome Guaracigoba, sc., cobertura do sol, ou Guaracigaba, sc., cabello do sol; nas Antilhas lhe chamão o passaro resuscitado, e dizem que seis mezes dorme e seis mezes vive; he o mais fino passaro que se pôde imaginar, tem hum barrete sobre sua cabeça, a qual se não pode dar côr propria, porque de qualquer parte que a tomão mostra vermelha, verde, preto, e mais côres todas muito finas, e resplandescentes, e o papo he tão formoso que

de qualquer parte que o tomão, mostra todas as côres, principalmente hum amarello; mais fino que ouro.

O corpo he pardo, tem o bico muito comprido, e a lingua de dois comprimentos do bico; são muito ligeiros no voar, e quando voão fazem hum estrondo como abelhas, e mais parecem abelhas na ligeireza que passaros, porque sempre comem de vôo sem pousar na arvore; assi como abelhas andão chupando o mel das flores; têm dois principios de sua geração; huus se gerão de ovos como outros passaros, outros de borboletas, e he cousa para ver, huma borboleta começar se a converter neste passarinho, porque juntamente he borboleta e passaro, e assi se vae convertendo até ficar neste formosissimo passarinho; cousa maravilhosa, e ignota aos philosophos, pois hum vivente sem corrupção se converte noutro.

Guigrenheúgetá. -- Este passaro he do tamanho de hum pintasilgo, tem as costas, e azas azues, e o peito, e barriga de um amarello finissimo. Na testa tem um diadema amarello que o faz muito formoso; he passaro excellente para gaiola, por fallar de muitas maneiras, arremedando muitos passaros, e fazendo muito trocados e mudando a falla em mil maneiras, e atura muito em o canto, e são de estima, e destes de gaiola ha muitos e formosos, e de varias cores.

Tangará. — Este he do tamanho de hum pardal: todo preto, a cabeça tem de hum amarello laranjado muito fino; não canta, mas tem huma cousa maravilhosa que tem accidentes, como de gotta coral, e por esta razão o não comem os Indios por não terem a doença; tem hum genero de baile gracioso, sc., hum delles se faz morto, e os outros o cercão ao redor, saltando, e

fazendo hum cantar de gritos estranho que se ouve muito longe, e como acabão esta festa, grita, e dança, o que estava como morto se alevanta, e dá hum grande assovio, e grito, e então todos se vão, e acabão sua festa, e nella estão tão embebidos quando a fazem que ainda que sejam vistos, e os espreitem não fogem; destes ha muitas especies, e todos têm accidentes.

Querciuá. — Este passaro he dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da penna; são d'azul claro em parte, e escuro, e todo o peito roxo finissimo, e as azas quasi pretas. são tão estimadas, que os Indios os esfolião, e dão duas e tres pessoas por huma pelle delles, e com as pennas fazem seus esmaltes, diademas, e outras galantarias.

Tucána. — Este passaro he do tamanho de huma pêga; he todo preto, tirando o peito, o qual he todo amarello com hum circulo vermelho; o bico he de hum grande palmo, muito grosso e amarello, e por dentro vermelho, tão burnido e lustroso, que parece invernizado; fazem-se domesticos, e crião-se em casa, são bons para comer, e a penna se estima muito por ser fina.

Guigrapónga. — Este passaro he branco, e sendo não muito grande, dão taes brados que uão parece senão hum sino, e ouve-se meia legua, e seu cantar he ao modo de repique de sino.

Macucaguá. — Esta ave he maior que nenhuma gallinha de Portugal; parece-se com fajão, e assi llo chamão os portuguezes, tem tres titellas huma sobre a outra, e muita carne, e gostosa, põe duas vezes no anno, e de cada vez treze ou quinze ovos; andão sempre pelo chão, mas quando vem gente se sobem nas arvores, e á noite quando se empoleirão como fazem as gallinhas.

Quando se põem nas arvores, não põem os pés nos paos; mas as canellas das pernas, e mais da parte dianteira. Destas ha muitas especies, e multidão, e facilmente se frechão

Entre ellas ha huma das mais pequenas, tem muitas habilidades: adivinha quando canta a chuva, dá tão grandes brados que se não pôde crer de passaro tão pequeno, e a razão he, por que tem a guella muito grande, começa na cabeça, e sae pelo peito ao longo da carne, e couro, e chega ao cesso, e faz volta, e torna-se a metter no papo, e então procede como aos outros passaros, e fica como trombeta com suas voltas. Correm após qualquer pessoa, ás picadas brincando como cachorrinho, se lhe deitão ovos de gallinha choca-os, e cria os pintainhos, e se vê as gallinhas com pintainhos tanto as persegue até que lhos toma e os cria.

Mutá. — Esta gallinha he muito caseira, tem huma crista de gallo espargida de branco e preto, os ovos são grandes como de pata, muito alvos, tão rijos que batendo hum no outro, ticem como ferro, e delles fazem os seus maracás, sc., cascaveis; todo cão que lhe come os ossos, e aos homens nenhum prejuizo lhes faz.

Urú. — Nesta terra ha muitas especies de perdizes que ainda que se não pareçõ em todo com as de Espanha, todavia são muito semelhantes na cõr, e no gosto, e na abundancia.

Ha nesta terra muitas especies de rolas, tordos, melros, e pombas de muitas castas, e todas estas aves se parecem muito com as de Portugal; e as pombas e rolas são em tanta multidão que em certos campos muito dentro do sertão são tantas que quando se levantão empedem a claridade do sol, e fazem estrondo, como de huma

trovão; põem tantos ovos, e tão alvos, que de longe se vêem os campos alvejar com os ovos e não se fosse neve, e com servirem de mantimento aos Indios não se podem desengañar, antes dali em certos tempos nasce um correm todas as partes desta provincia.

Nhandigoaçú. — Nesta terra ha muitas Feras, as quaes não andão senão pelo sertão dentro.

Anhyma. — Este passaro he de rapina, grande, e dá brados que se ouvem meia legua, ou mais; he todo preto, os olhos tem forcinosos, e o bico maior que de gallo, sobre este bico tem hum corcho de comprimento de hum palmo; dizem os naturaes que este corcho he grande medicina para os que se lhe tocarem a fallar, como já aconteceu que pondo ao pescoço de um menino que não fallava, fallou logo.

Ha outras muitas aves de rapina, e as aguias, falções, açores, esuerilhões, francelhos, e outras muitas, mas são todas de ordinario tão bravas que não servem para caçar, nem acodem à mão.

DAS ARVORES DE FRUCTO (V)

Acajú. — Estas arvores são muito grandes, e firmosas, perdem a folha em seus tempos, e a flor se dá em os cachos que fazem humas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce hum flôr vermelha de bom cheiro, e após ella nasce hum castanha, e de castanha nasce hum pomio do tamanho de hum repinaldo, ou maçã ca moeza; he fructa muito forntosa, e são alguns amarellos, e outros vermelhos, e tudo he sumo: são bons para a calua, refrescão muito, e o sumo põe nodos em panu-

branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha he tão boa, e melhor que as de Portugal; comem-se assadas, e cruas deitadas em agua como amendoas piladas, e dellas fazem maçapães, e bocados doces como amendoas. A madeira desta arvore serve pouco ainda para o fogo, deita de si goma bôa para pintar e esrever em muita abundancia. Com a casca tingem o fiado, e as cuias que he servem de panelas. Esta pizada e cozida com algum cobre até se gastar a terça d'agua, he unico remedio para chagas velhas e sãrão depressa. Destas arvores ha tantas como os castanheiros em Portugal, e dão se por esses matos, e se colhem muitos moios das castanhas, e a fructa em seus tempos a todos farta. De-tes acajús fazem os Indios vinho.

Moumiba. — Destas arvores ha grande copia, mais ximé na Bahia, porque nas outras partes sao raras; na feição se parece com maceira de anafega, e na tolha com a de freixo; são arvores graciosas, e seupre têm iolhas verdes. Dão duas vezes fructo no anno: a primeira de botão, porque não deitão então flôr, mas o mesmo botão he a fructa; acabada esta camada que dura dois ou tres mezes, dá outra, toruando primeiro flôr, a qual he toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto; a fructa he de tamanho de abricós, amarella e salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevilas, mas tudo se come, ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias, e tao leves que por mais que comão, parecem que não comem fructa; não amadurecem na arvore, mas caem no chão, e dahi as apanhão já maduras, ou colhendo-as verdes as poem em madureiro; dellas fazem os Indios vi-

nhos; a arvore e a mesua fructa em verde, toda está cheia de leite branco, que pega muito nas mãos, e amarga.

Macuoé. — Esta fructa se dá em humas arvores altas; parece-se com peras de matos de Portugal, o pé tem muito comprido, colhem-se verdes, e põem-se a madurar, e maduros são muito gostosos, e de facil digestão; quando se hão de colher sempre se corta toda a arvore por serem muito altas, e se não fôra esta destruição houvera mais abundancia, e por isso são raras; o tronco tem grande copia de leite branco, e coalha-se; pode servir de lacre se quizerem usar delle.

Araçá. — Destas arvores ha grande copia, de muitas castas; o fructo são huas perinholas, amarellas, vermelhas, outros verdes; são gostosos, desenfatiados, appetitosos, por terem alguma ponta de agro. Dão fructo quasi todo o anno.

Oubú. — Este oubú he arvore grande, não muito alta, mas muito espalhada; dá certa fructa como ameixas alvares, amarella, e redonda, e por esta razão he chamado os portuguezes ameixas; faz perder os dentes e os Indios que as comem os perdem facilmente; as raizes desta arvore se comem, e são gostosas e mais saborosas que a balancia, porque são mais doces, e a doçura parece de açúcar. São frios, sadios, e dão-se aos doentes de febres; e aos que vão para o sertão serve de agua quando não têm outra.

Jaçapucayo. — Esta arvore he das grandes e formosas desta terra; cria huma fructa como panella, do tamanho de huma grande bola de grossura de dous dedos, com sua cobertura por cima, e dentro está cheia de humas castanhas como mirabalamas, e assi parece que são os mesmos da India. Quando estão já de vez se

abre aquella sapaoloura, e cae a fructa; se comem muita della verde, peila humra pessoa quantos cabellos tem em seu corpo; assadas é boa fructa. Das paneilas usão para graes e são de dura; a madeira da arvore he muito rija, não apodrece, e he de estima para os cixos dos engenhos.

Araticú. — Araticú he humra arvore do tamanho de lorangeira, e maior: a folha parece de cidreira, ou limoeiro; he arvore fresca e graciosa, dá humra fructa da feição e tamanho de pinhas, e cheira bom, tem arezoadado gosto, e he fructa desenfatiada.

Destas arvores ha muitas castas, e humra dellas chama-se araticú-paná; se comem muito da fructa fica em fina peçonha, e faz muito mal. Das raizes destas arvores fazem boias para rêdes, e são tão leves como cortiças.

Pequeá. - Destas arvores ha duas castas; humra dellas dá humra fructa do tamanho de humra boa laranja, e assi tem a casca grossa como laranja; dentro desta casca não ha mais que mel tão claro, e doce como açúcar em quantidade de hum ovo, e misturado com elle tem as pevides.

Ha outra arvore Pequeá: he madeira das mais presadas desta terra; em Portugal se chama setim; tem ondas muito galantes, dura muito, e não apodrece.

Jaboticaba. — Nesta arvore se dá humra fructa do tamanho de hum limão de seítill; a casca, e gosto, parece de uva ferral, desde a raiz da arvore por todo o tronco até o derradeiro raminho; he fructa rara, e achase sómente pelo sertão a dentro da capitania de São Vicente. Desta fructa fazem os Indios vinho, e o cozem como vinho d'uvas.

Neste Brasil ha muitos coqueiros, que dão coques excellentes como os da India; estes de ordinario se plantão, e não se dão pelos matos, senão nas hortas, e quintaes; e ha mais de vinte especies de palmeira e quasi todas dão fructo, mas não tão bom como os coques; com algumas destas palmeiras cobrem as casas.

Além destas arvores de fructo ha muitas outras que dão varios fructos, de que se aproveitarão, e sustentarão muitas nações de Indios, juntamente com o mel, de que ha muita abundancia, e com as caças, porque não têm outros mantimentos.

Pinheiro. -- No sertão da Capitania de São Vicente até ao Paraguay ha muitos e grandes pinhaes propriamente como os de Portugal, e dão pinhas com pinhões; as pinhas não são tão compridas, mas mais redondas, e maiores, os pinhões são maiores, e não são tão quentes, mas de bom temperamento e saudios.

DAS ARVORES QUE SERVEM PARA MEDICINAS (VI)

Caburcigba. — Esta arvore he muito estimada, e grande, por causa do balsamo que tem; para se tirar este balsamo se pica a casca da arvore, e lhe põem hum pequeno d'algodão nos golpes, e de certos em certos dias vão recolher o oleo que ali se estilla; chamam-lhe os portuguezes balsamo por se parecer muito com o verdadeiro das vinhas de Engaddi; serve muito para feridas frescas, e tira todo sinal, cheira muito bem, e delle, e das cascas do pau se fazem rosaios e outras cousas de cheiro; os matos onde os ha cheirão bem, e os animaes se

vão roçar nesta arvore, parece que para sararem de algumas eniermidades. A madeira he das melhores deste Brasil, por ser muito forte, pesada, eliada e de tal grossura que dellas se fazem as gangorras, eixos, e fusos para os engenhos. Estas são raras, achão-se principalmente na Capitania do Espirito Santo.

Cupaigba. --- He huma figueira commmente muito alta, direita e grossa; tem dentro della muito oleo; para se tirar a cortão pelo meio, aonde tem o vento, e ahi tem este oleo em tanta abundancia, que algumas dão hum quarto e mais de oleo; he muito claro, de côr d'azeite; para feridas he muito estimado, e tira todo sinal. Tambem serve para as candéas e arde bem: os animaes, sentindo sua virtude, se vêm esfregar nellas; ha grande abundancia, a madeira não vale nada.

Ambaigba. — Estas figueiras não são muito grandes, nem se achão nos matos verdadeiros, mas nas copueras, onde esteve roça; a casca desta figueira, raspando-lhe da parte de dentro, e espremendo aquellas rasas na ferida, pondo-lhas em cima, e atando-as com a mesma casca, em breve sara. Dellas ha muita abundancia, e são muito estimadas por sua grande virtude; as folhas são asperas, e servem para alisar qualquer pao; a madeira não serve para nada.

Ambaigtinga. — Esta figueira he a que chamão do inferno; achão-se em taperas, dão certo azeite que serve para a candéa: têm grande virtude, como escreve Monardes (3), e as folhas são muito estimadas para quem arrevesa, e não pôde ter o que come, untando o estomago com oleo, tira as opilações, e colica; para se tirar

(3) *Monardes*, na cópia manuscrita.

este oleo, põem-na ao sol alguns dias, e depois a pisão, e cozem, e logo lhe vem aquelle azeite acima que se colhe para os sobreditos effeitos.

Igbacannú. — Destas arvores ha muitas em São Vicente: dão humas fructas, como bons marmellos da feição de humas paneira, ou pote; tem algumas sementes dentro muito pequenas, são unico remedio para as camaras de sangue.

Igcigca. — Esta arvore dá a almecega; onde está cheira muito por hum boa espaço, dão-se alguns golpes na arvore, e logo em conseqüente estilla hum oleo branco que se coalha; serve para caprastos em doenças de frialdade, e para se deitarem; tambem serve em lugar de incenso.

Ha outra arvore desta casta chamada Igtaicigca, sc., almecega dura como pedra, assi mais parece anime do que almecega, e he tão dura e resplandescente, que parece vidro, e serve de dar vidro á luça, e para isto he muito estimada entre os Indios, e serve tambem para doenças de frialdade.

Ha hum Rio entre Porto-seguro, e os Ilhéos que vem mais de 300 leguas pelo sertão: traz muita copia de rezina que he o mesmo anime, a que os Indios chamão Igtaicigca, e os portuguezes incenso branco, e tem os mesmas effeitos que o incenso.

Curupicaigba. — Esta arvore parece na folha com os pecegueiros de Portugal; as folhas estillão hum leite como o das figueiras de Espanha, o qual he unico remedio para feridas frescas e velhas, e para houbas, e das feridas tira todo sinal; se lhe picão a casca deita grande quantidade de visco com que se tomão os passarinhos.

Caróba. — Destas arvores ha grande abundancia: as folhas dellas mastigadas, e postas nas boubas as fazem secar, e sarar de maneira que não tornão mais, e parece que o pao tem o mesmo effeito que o da China, e Antilhas para o mesmo mal. Da flôr se faz conserva para os docentes de boubas.

Carobyn:ogorandigba. — Este pao parece que he o da China: toma-se da mesma madeira que o de lá, e sara os corrimentos, boubas, e mais doenças de frialdade; he pardo, e tem o amago duro como pao da China.

Inbigrandi. — Esta arvore ha pouco que foi achada, e he, como dizem alguns indiaticos, o Betele nomeado da India; os rios, e ribeiros estão cheios destas arvores: as folhas comidas são unico remedio para as doenças de figado, e muitos neste Brasil sararão já de mui graves enfermidades do figado, e outros dellas.

Ha outra arvore tambem chamada Betele, mais pequena, e de folha redonda; as raizes della são excellente remedio para dór de dentes, mettendo-a na cova delles, queima como gengibre.

Dizem tambem que ha neste Brasil a arvore da canafistola; he ignota aos Indios; os Espathioes usão della e dizem que he tão bóa como a da India.

DOS OLEOS DE QUE USÃO OS INDIOS PARA SE UNTAREM (VII)

Andá. — Estas arvores são formosas, e grandes, e a madeira para tudo serve; da fructa se tira hum azeite com que os Indios se untão, e as mulheres os cabellos,

e tambem serve para feridas, e as seca logo. E tambem fazem muitas galantarias pelo corpo, braços, e pernas com este oleo, pintando-se.

Moxerecuigla. — Esta arvore se achá no sertão nos campos; he pequena, dá huma fructa do tamanho de laranja, e dentro della tem humas pevides, e de tudo junto fazem hum azeite para se untarem; a casca serve para barbasco dos peixes, e todo animal que bebe da agua donde se deita, morre.

Aiwantabira. — Esta arvore que he pequena dá huma fructa vermelha, e della se tira hum oleo vermelho com que tambem se untão os Indios.

Liabutipigta. -- Esta arvore será do comprimento de cinco, seis palmos; he como ananoadas, e preta, e assi he o azeite que estimão muito, e se untão com elle em suas enfermidades.

Janipava. -- Esta arvore he muito formosa, de hum verde alegre, todos os mezes muda a folha que se parece com folha de nogueira; as arvores são grandes, e a madeira muito boa, e doce de lavar; a fructa he como grandes laranjas, e se parece com marmellos, ou peras pardas; o sabôr he de marmello; he boa mezinha para camaras de toda ordem. Desta fructa se faz tinta preta, quando se tira he branca, e em untando-se com ella não tinge logo, mas dahi a algumas horas fica huma pessoa tão preta como azeviche; he dos Indios muito estimada, e com esta fazem em seu corpo imperiaes gibões, todos golpeados, e dão certos riscos pelo rosto, orelhas, narizes, barba, pernas, e braços, e o mesmo fazem as mulheres, e ficão muito galantes, e este he o seu

vestido assi de semana, como de festa, ajuntando-lhe algumas pedras com que se ornão, e outras joias de osso; dura esta tinta no corpo assi preta nove dias, e depois não fica nada, faz o couro muito duro, e para tingir ha se de colher a fructa verde, porque madura não tinge.

Iequityyogaçu. -- Esta arvore dá humas fructas como madronhos, e dentro humas conta tão rija como hum pão que he a semente; são das melhores contas que se podem haver porque são muito eguaes, e muito pretas, e tem hum resplandor como de azeviche; a casca que cobre estas contas amarga mais que piorno (4), serve de sabão, e assi ensaboão como o melhor de Portugal.

DA ARVORE QUE TEM AGUA (VIII)

Esta arvore se dá em os campos e sertão da Bahia em lugares aonde não ha agua; he muito grande e larga, nos ramos tem hums buracos de comprimento de hum braço que estão cheios de agua que não tresborda nem no inverno, nem no verão, nem se sabe donde vem esta agua, e quer della bebão muitos, quer poucos, sempre está em o mesmo ser, e assi serve não sómente de fonte mas ainda de hum grande Río caudal, e acontece chegarem 100 almas ao pé della, e todos ficão agasalhados, bebem, e levão tudo o que querem, e nunca falta agua; he muito gostosa, e clara, e grande remedio para os que vão ao sertão quando não achão outra.

(4) *Aloes*, em *Parthas his Pilgrimes*, vol. IV, pags. 1309.

DAS ÁRVORES QUE SERVEM PARA MADEIRA (IX)

Neste Brasil ha arvoredos em que se achão arvores de notavel grossura, e comprimento, de que se fazem mui grandes canoas, de largura de 7, e 8 palmos de vão, e de comprimento de cincoenta e mais palmos, que carregão como huma grande barca, e levão 20 e 30 remeiros; tambem se fazem mui grandes gangorras para os engenhos. Ha muitos paos como incorruptiveis que mettidos na terra não apodrecem, e outros mettidos n'agua cada vez são mais verdes, e rijos. Ha pao santo, de humas aguas brancas de que se fazem leitões muito ricos, e formosos. Pao do Brasil, de que se faz tinta vermelha, e outras madeiras de varias côres, de que se fazem tintas muito estimadas, e todas as obras de torno e marcenaria. Ha paos de cheiro, como Jacarandá, e outros de muito preço e estima. Achão-se sandalos brancos em quantidade. Pao daquila em grande abundancia que se fazem navios delle, cedros, pao d'angelim, e arvore de noz noscada; e ainda que estas madeiras não sejam tão finas, e de tão grande cheiro como as da India, todavia ialta-lhes pouco, e são de grande preço, e estima.

DAS ERVAS QUE DÃO FRUCTO, E SE COMEM (X)

Mandioca. — O mantimento ordinario desta terra que serve de pão se chama mandioca, e são humas raizes como de cenouras, ainda que mais grossas e compridas. Estas deitão humas varas, ou ramos, e crescem até altura

de quinze palmos. Estes ramos são muito tenros, e têm hum miolo branco por dentro, e de palmo em palmo têm certos nós. E desta grandura se quebrão, e plantão na terra em huma pequena cova, e lhes ajuntão terra ao pé, e ficão metidos tanto quanto basta para se terem, e dalú a seis, ou nove mezes têm já raizes tão grossas que servem de mantimento.

Contém esta mandioca debaixo de si muitas especies, e todas se contem e conservão-se dentro na terra, tres, quatro, e até oito annos. e não he necessario celeiro, porque são fazem serão tiralas, e fazer o mantimento fresco de cada dia, e quanto mais estão na terra, tanto mais grossas se fazem, e rendem mais.

Tem algumas cousas de notas, sc. que tirado o homem. todo animal se perde por ella crúa, e a todos engorda, e cria grandemente, porém se acaba de expremier, beberem aquella agua só por si, não têm mais vida que em quanto lhe não chega ao estomigo. Destas raizes exprinidas, e raladas se faz farinha que se come; tambem se deita de molho até apodrecer, e depois limpa, expremida, se faz tambem farinha, e huns certos beijús como filhós, muito alvos, e mimosos. Esta mesma raiz depois de cortida n'agua feita com as mãos em pilouros se põe em caniços ao fumo, onde se enxuga e seca de maneira que se guarda sem corrupção quanto querem e raspada do fumo, pisada em huns pilões grandes, e peneirada, fica huma farinha tão alva, e mais que de trigo, da qual misturada em certa tempera com a crúa se faz huma farinha biscoitada que chamão de guerra, que serve aos Indios, e portuguezes pelo mar, e quando vão á guerra como biscoito. Outra farinha se faz biscoitada da mesma agua da mandioca verde se a deixão coalhar

e enxugar ao sol: ou fogo: esta he sobre todas alvissima, e tão gostosa, e miúda que se não faz para quem quer. Desta mandioca curada ao fumo se fazem muitas maneiras de caldos que chamão nungãos, tão sadios, e delicados que se dão aos doentes de febres em lugar de amido, e tizanas, e da mesma se fazem muitas maneiras de bolas, coscorões, fartes, empenadilhas, queijadinhas d'açucar, &, e misturada com farinha de milho, ou de arroz, se faz pão com fermento, e levedo que parece de trigo. Esta mesma mandioca curada ao fumo he grande remedio contra a peçonha, principalmente de cobras. Desta mandiora he huma que chamão aipim que contém tambem debaixo de si muitas especies. Esta não mata crua, e cozida, ou assada, que he de bom gosto, e della se faz farinha, e beijús, &. Os Indios fazem vinho della, e he tão fresco e medicinal para o fígado que a elle se attribue não haver entre elles doentes do fígado. Certo genero de Tapuyas come a mandioca peçonhenta crua sem lhe fazer mal por serem criados nisso.

Os ramos desta erva, ou arvore são a mesma semente, porque os paos della se plantão, as folhas, em necessidade, cozidas servem de mantimento.

Naná. — Esta erva he muito commun, parece-se com erva bahosa, e assi tem as folhas, mas não tão grossas, e todas em redondo estão cheias de hums bicos muito crueis; no meio desta erva nasce huma fructa como pinha, toda cheia de flôres de varias côres muito formosas, e ao pé desta quatro, ou cinco olhos que se plantão; a fructa he muito cheirosa, gostosa, e huma das boas do mundo, muito cheia de sumo, e gostoso, e tem sabor de melão, ainda que melhor, e mais cheiroso: he boa para doente de pedra, e para febres muito prejudicial.

Desta fructa fazem vinho os Indios muito forte, e de bom gosto. A casca gasta muito o ferro ao aparar, e o sumo tira as nodos da roupa. Ha tanta abundancia desta fructa que se covão os porcos com ella, e não se faz tanto caso pela muita abundancia: tambem se fazem em conserva, e cruas desenjoão muito no mar, e pelas manbãs com vinho são medicinaes.

Pacoba. — Esta he a figueira que dizem de Adão. nem he arvore, nem erva, porque por huma parte se faz muito grossa, e cresce até vinte palmos em alto; o talo he muito molle, e poroso, as folhas que deita são formosissimas e algumas de comprimento de huma braça, e mais, todas rachadas como veludo de Bragança, tão finas que se escreve nellas, e tão verdes, e frias, e frescas que deitando-se um deente de febres sobre ellas fica a febre temperada com sua frialdade; são muito frescas para enraiar as casas e Igrejas. Esta erva deita em cada pé muitos fillos, cada um delles dá hum cacho cheio de huns como figos, que terá ás vezes duzentos, e como está de vez se corta o pé em que está o cacho, e os outros vão crescendo, e assi vão multiplicando in infinitum; a fructa se põe a madurar e fica muito amarella, gostosa, e sadia, maximé para os enfermos de febres, e peitos que deitarao sangue; e assadas são gostosas e sadias. He fructa ordinaria de que as hortas estão cheias, e são tantas que he huma fartura, e dão-se todo o anno.

Maracujá. — Estas ervas são muito formosas, maximé nas folhas; trepão pelas paredes, e arvores como a hera; as folhas exprenhidas com verdete he unico remedio para chugas velhas, e boubas. Dá huma fructa redonda como laranjas, outras á feição de ovo, huns

amarellas, outros pretos, e de outras varias castas. Dentro tem humã substancia de pevides e sumo com certa teia que as cobre, e tudo junto se come, e he de bom gosto, 'em ponta de azedo, e he fructa de que se faz caso.

Nesta terra ha outros generos muitos de fructas, como camarinhas pretas, e vermelhas, batatas, outras raizes que chamão mangará, outra que chamão cará, que se parece com nabos, e tuberas da terra. Das batatas fazem pão e varias cousas doces; têm estes Indios outros muitos legumes, se, favas, mais silhas e meliores que as de Portugal, e em grande abundancia, muitos generos de aboboras, e algumas tão grandes que fazem cabaças para carretar agua que levarão dous aluudes, ou mais: feijões de muitas castas, são gostosos, e como os de Portugal. Milho de muitas castas, e delle fazem pão, vinho, e se come assado e com elle engordão os cavallos, porcos, gallinhas, &c. e humas tajaobas, que são como couves, e fazem purgar, e humã erva por nome Jambig, unico remedio para os doentes de figado e pedra; tambem ha muitos generos de pimentas, que dão muito gosto ao comer.

DAS ERVAS QUE SERVEM PARA MEZINHAS (XI)

Tetiquacú. — Este he o Mechoacão das Antilhas; são humas raizes compridas como rabãos, mas de bõa grossura, serve de purga; toma-se esta raiz moída em vinho, ou agua para febres, toma-se em conserva de açucar como marmellada, coze-se com gallinha, faz muita sede, mas he proveitosa, e obra grandemente.

Iypecacabaya. — Esta erva he proveitosa para camaras de sangue: a sua haste he de comprimento de hum palmo, e as raizes de outro, ou mais; deita sómente quatro ou cinco folhinhas, cheira muito onde quer que está, mas o cheiro he fartum e terrível; esta raiz moída, botada em humna pouca d'agua se põe a serenar humna noite toda, e pela manhã se aqueça a agua com a mesma raiz moída, e coada se bebe sómente a agua, e logo faz purgar de maneira que cessão as camaras de todo.

Cayapia. — Esta erva ha pouco que he descoberta, he unico remedio para peçonha de toda sorte, maximé de cobras, e assi se chama erva de cobra, e he tão bom remedio como unicornio de Bada, pedra de bazar, ou coquo de Maldiva. Não se aproveita della mais que a raiz, que he delgada, e no meio faz hum nó como botão; esta moída, deitada em agua e bebida mata a peçonha da cobra; tambem he grande remedio para as feridas de frechas ervadas, e quando algum he ferido fica sem medo, e seguro, bebendo a agua desta raiz; tambem he grande remedio para as febres, continuando-a, e bebendo-a algumas manhãs; cheira esta erva á folha de figueira de Espanha.

Tarcroquig. — Tambem esta erva he unico remedio para camaras de sangue: as raizes são todas retalhadas, os ramos muito delgadinhos, as folhas parecem de alfavaca, as flores são vermelhas, e tirão algum tanto a roxo, e dão-se nas pontinhas. Desta ha muita abundancia, quando se colhe he amarella, e depois de seca fica branca; toma-se da propria maneira que a precedente. Com esta erva se perfumão os Indios, doentes para não morrerem, e para certa enfermidade que he commum nesta terra, e que se chama doença do bicho, he grande re-

medio, serve para matar os bichos dos bois, e porcos, e para *postemas*. Esta erva toda a noite está murcha, e como dormente, e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se põe torna a fechar.

Goembeyoaçú. — Esta erva serve muito para fluxo de sangue, maximé de mulheres; as raizes são muito compridas, e algumas de trinta, e quarenta braças. Tem huma casca rija, de que se fazem muito fortes cordas, e amarras para navios, e são de muita dura, porque n'agua reverdecem; esta tomaado-a, se a casca della, e defumando a pessoa em a parte do fluxo, logo estanca.

Caáobetinga. — Esta erva he pequena, deita poucas folhas, as quaes começa a lançar logo da terra, são brancas, de banda de baixo, e de cima verdes, deitão huma flôr do tamanho de avelã; as raizes, e folhas pisadas são excellente remedio para chagas de qualquer sorte, e tambem se usa da folha por pisar, a qual posta na chaga pega muito e sára.

Sobaúra. — Esta erva serve para chagas velhas, que já não têm outro remedio: deita-se moída e queimada na chaga, logo come todo o cancer, e cria couro novo; tambem se põe pisada e a folha sómente para encourar.

Erva santa. — Esta erva santa serve muito para varias enfermidades, como feridas, catarros, &c., e principalmente serve para doentes da cabeça, estomago e asmaticos. Nesta terra se fazem humas cangueras de folhas de palme cheia desta erva seca, e pondo-lhe o fogo por huma parte põem a outra na boca, e bebem o fumo; he huma das delicias, e mimos desta terra, e são todos os natúraes, e ainda os portuguezes perdidos por ella, e têm por grande vicio estar todo o dia e noite deitados

nas rêdes a beber fumo, e assi se embebedão d'elle, como se fôra vinho.

Guaraquigynha. — Esta he a erva moura de Portugal, e além de outras bondades que tem como a erva moura, tem somente que he unico remedio para lombriças, e de ordinario quem as come logo as lança.

Camará. — Esta erva se parece com silvas de Portugal: coze-se em agua, e a dita agua he unico remedio para sarnas, houbas, e feridas frescas, e quando as feridas se curão com as folhas de figueira de que se disse no título das arvores, se lava a ferida com a agua desta erva, cuja flor he formosissima, parece cravo amarello, e vermelho, amaiscrado, e estas se fazem ramalhetes para os altares.

Aipo. — Esta erva he o proprio aipo de Portugal, e tem todas as suas virtudes; acha-se somente pelas praias, principalmente no Rio de Janeiro, e por esta razão he mais aspero, e não tem doce ao gosto, como o de Portugal: deve ser por causa das marés.

Malvaisco. — Ha grande abundancia de malvaisco nesta terra; tem os mesmos efeitos, tem humas flores do tamanho de um tostão, de hum vermelho gracioso, que parecem rosas de Portugal.

Caraguatá. — Este Caraguatá he certo genero de cardos, dão humas fructas de comprimento de hum dedo, amarellas; cruas fazem empollar os beiços; cozidas ou assadas não fazem mal; porém toda mulher prenhe que as come de ordinario morre logo.

Ha outros caraguatás que dão humas folhas como espanhãna muito compridas, de duas ou tres braças, e dão

humas alcachofras como o naná, mas não são de bom gosto. Estas folhas deitadas de molho dão hum linho muito fino, de que se faz todo genero de cordas, e até linhas para cozer e pescar.

Timbó. -- Timbó são humas ervas maravilhosas, crescent do chão como cordões até o mais alto dos arvo-redos onde estão, e alguns vão sempre arrimados á arvore como era; são muito rijos, e servem de atilhos, e alguns ha tão grossos como a perna de homent, e por mais que os torção não ha quebrarem: a casca destes he fina peçonha, e serve de barbasco para os peixes, e he tão forte que nos rios aonde se deita não fica peixe vivo até onde chega com sua virtude, e destes ha muitas castas, e proveitosas assi para atilhos como para matar os peixes. Outras ervas ha que tambem servem para medicinas, como são serrallias, baldroegas, bredos, almeirões, avencas, e de tudo ha grande abundancia, aiuda que não têm estas ervas a perfeição das de Espanha, nem faltão amoras de silva brancas, e pretas como as de Portugal, e muito bom perrexil pelas praias, de que se faz conserva muito boa, nem falta macella.

DAS ERVAS CHEIROSAS (XII)

Nesta terra ha muitos mentrastos, principalmente em Piratininga: não cheirão tão bem como os de Portugal; tambem ha humas malvas francezas de humas flores roxas, e graciosas que servem de ramalhetes. Muitos lyrios, não são tão finos, nem tão roxos como os do reino, e alguns se achão brancos.

Erva que dorme. — Esta erva se dá cá na primavera, e parece-se com os Ma'os de Portugal, e assi como elles se murcha e dorme em se pondo o sol, e em nascendo torna a abrir e mostrar sua formosura. O cheiro he algum tanto fartum. Tambem ha outra arvore que dorme da mesma maneira, e dá humas flores graciosas, mas não cheirão muito.

Erva viva. — Estas ervas são de boa altura, e dão ramos, e humas folhas farpadas de hum verde gracioso; chamão-se erva-viva, porque são tão vivas e sentidas que em lhes tocando com a mão, ou qualquer outra cousa, logo se engelhão, murchão e encolhem como se as agravarão muito, e dali a pouco tornão em sua perfeição tantas vezes lhes tocão, tantas tornam a murchar-se, e tornam em seu ser como dantes.

Outras muitas ervas ha, como oregãos, e poejos, e outras muitas floras varias, porem parece que este clima, ou pelas muitas aguas, ou por causa do sol, não influe nas ervas cheiro, antes parece que lh'o tira.

DAS CANAS (XIII)

Nesta terra ha muitas especies de canas e tachoãra: ha de grossura de huma coxa de hum homem, outras que têm hums canudos de comprimento de huma braça, outras de que fazem flechas e são estimadas; outras tão compridas que têm tres ou quatro lanças de comprimento; dão-se estas canas por entre os arvoredos, e assi como ha muitas, assi ha muitos e compridos canaveaes de muitas leguas, e como estão entre as arvores vão buscar o sol, e por isso são tão compridas.

DOS PEIXES QUE HA N'AGUA SALGADA (XIV)

Peixe boi. --- Este peixe he nestas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se cozer muito sahio, e de muito bom gosto. ora seja salgado, ora frito: e mais parece carne de vacca que peixe. Já houve alguns escrupulos por se comer em dias de peixe: a carne he toda de febras, como a de vacca, e assi se faz em taçalhos e chacina, e cria-se ao fumeiro como porco, ou vacca, e no gosto se se coze com couves, ou outras ervas, sabe á vacca, e concertada com adubos sabe a carneiro, e assada parece no cheiro e gosto. e gordura porco, e tambem tem toucinho.

Este peixe nas feições parece animal terrestre, e principalmente boi: a cabeça he toda de boi com couro, e cabellos, orelhas, olhos, e lingua: os olhos são muito pequenos em extremo para o corpo que tem; fecha-os, e abre-os, quando quer, o que não têm os outros peixes: sobre as ventas tem dous courinhos com que as fecha, e por ellas resfolega; e não pode estar muito tempo debaixo d'agua sem resfolegar: não tem mais barbatana que o rabo, o qual he todo redondo e fechado; o corpo he de grande grandura, todo cheio de cabellos ruivos: tem dous braços de comprimento de hum covado com suas mãos redondas como pás, e nellas tem cinco dedos pegados todos huns com os outros, e cada hum tem sua unha como humana; debaixo destes braços têm as femcas duras manias com que criam seus filhos, e não parem mais que hum; o interior deste peixe, e intestinos são propriamente como de boi, com figados, bofes, &c. Na cabeça sobre os olhos junto aos miolos tem duas pedras de bom tamanho, alvas, e pesadas; são de muita

estima, e unico remedio para dor de pedra, porque feita em pó e bebida em vinho, ou agua, faz deitar a pedra, como aconteceu que dando-a a huma pessoa, deixando outras muitas experiencias, antes de huma hora botou huma pedra como huma amendoa, e ficou sã, estando danco para morrer. Os ossos deste peixe são todos massiços, e brancos como marfim; faz-se delle muita manteiga, e tirão-lhe duas banbas como de porco; e o mais da manteiga tem no rabo, o qual sendo de largura de quatro palmos, ou mais todo se desfaz em manteiga; he muito gostosa, e para cozinhar e frigar peixe, para a candêa serve muito, e tambem para mezinhas, como a do porco; he branca, e cheirosa; nem tem cheiro de peixe. Este peixe se toma com arpoeiras, achão-se nos rios salgados junto d'agua doce: comem huma certa erva que nasce pelas bordas, e dentro dos rios, e onde ha esta erva se matão, ou junto de olhos d'agua doce, a qual somente bebem; são muito grandes; e alguns pesão dez, e outros quinze quintaes, e já se matou peixe que cem homens o não poderão tirar fóra d'agua, e nella o desfizerão.

Bigjuipirá. — Este peixe Bigjuipirá se parece com sôlho de Portugal, e assi he cá estimado, e tido por peixe real; he muito sadio, gorlo, e de bom gosto; ha infinidade delles, e algumas das oxas têm em grosso hum palmo de testa. Tomão-se estes peixes no mar alto á linha com anzolo; o comprimento será de seis ou sete palmos, o corpo he redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga.

Olho de boi. — Parece-se este peixe com os atuns de Espanha, assi no tamanho como nas feições, assi interiores como exteriores; he muito gordo, tem as vezes

entre folha e folha gordura de grossura de hum tostão; tirão-se-lhe lombos e ventrechas como aos atuns, e delles se faz muita e boa manteiga, e lhe tirão banhas como a porco; he peixe estimado, e de bom gosto, bem merece o nome de peixe boi assi na formosura, como grandura; os olhos são propriamente como de boi, e por esta razão tem este nome.

Cumurupig. — Este peixe tambem he um dos reaes e estimados nestas partes: a carne he toda de febras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espinha por todo o corpo e he perigoso ao comer. Tem huma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima, de dous, tres palmos de comprimento; he peixe comprido de até doze, e treze palmos, e de boa grossura, e tem bem que fazer dous homens em levantar alguns delles; tomão-se com arpões; ha muitos, e faz-se delles muita manteiga.

Peixe selvagem. — Este peixe selvagem, aqui os Indios chamão Piranbá, sc., peixe que ronca; a razão he porque onde andão logo se ouvem roncar, são de boa grandura até oito e nove palmos; a carne he de bom gosto, e são estimados; têm na bocca duas pedras de largura de huma mão, rijas em grande extremo, com ellas partem os buzios de que se sustentão; as pedras estimão os Indios, e as trazem ao pescoço como joias.

Ha outros muitos peixes de varias especies que não ha em Espanha, e conunmente de bom gosto, e sadios. Dos de Portugal tambem por cá ha muitos, sc. tainhas em grande multidão, e tem-se achado que a tainha fresca posta a carne della em mordedura de cobra he outro unicornio. Não faltão garoas, chicarros, pargos, sargos,

gorazes, dourados, peixe agulha, pescadas, mas são raras; sardinhas como as de Espanha se achão em alguns tempos no Rio de Janeiro, e mais partes do sul; cibas, e arrayas; estas arrayas algumas dellas têm na boca dous ossos tao rijos que quebram os buzios com elles.

Todo este peixe he sadic cá nestas partes que se come sobre leite, e sobre carne, e toda huma quaresma, e de ordinario sem azeite nem vinagre, e não causa sarna nem outras enfermidades como na Europa, antes se dá aos enfermos de cama, ainda que tenham, ou estejam muito no cabo.

Balêa. — Por esta costa ser cheia de muitas bahias. enseadas e esteiros acodem grande multidão de balêas a estes reconcavos, principalmente de Maio até Setembro. em que parem, e criam seus filhos, e tambem porque acodem ao muito tempo que nestes tempos he nestes remansos; são tantas as vezes que se vêem quarenta, e cincoenta juntas, querem dizer que ellas deitão o ambar que achão no mar, e de que tambem se sustentão, e por isso se acha algum nesta costa; outros dizem que o mesmo mar o deita nas praias com as grandes tempestades e communmente se acha depois d'alguma grande. Todos os annuaes comem deste ambar, e he necessaria grande diligencia depois das tempestades para que o não achem comido. He muito perigoso navegar em barcos pequenos por esta costa, porque alem de outros perigos, as balêas sossobráo muitos, se ouvem tanger, assi se alvoroção como se forão cavallos quando ouvem tambor, e arremettem como leões, dão muitas á costa e dellas se faz muito azeite. Tem o touço furado, e por elle resfolegão, e juntamente botão grande somma d'agua, e assi a espalhão pelo ar como se fosse hum chuveiro.

Espadarte. — Destes peixes ha grande multidão, são grandes, e ferôzes, porque têm humba tromba como espada, toda cheia de dentes ao redor, muito aguilas, tão grandes como de cão, ou maiores, são de largura de humã mão travessa, ou mais. o comprimento he segundo a grandura do peixe; algumas trombas, ou espadas destas são de oito e dez palmos; com estas trombas faceva cruel guerra ás balêas, porque alevantando-a para cima, dando tantas pancadas em ellas, e tão a miúdo que he cousa de espanto, acodeu ao sangue os tubarões, e as chupão de maneira até que morrem, e desta maneira se acham muitas mortas, e em pedaços. Tambem com esta tromba pescão os peixes de que se sustentão. Os Indios usão destas trombas quando são pequenas para açoitarem os filhos, e lhes metterem medo quando lhes são desobedientes.

Tartaruga. — Ha nesta costa muitas tartarugas; tomão-se muitas, de que se fazem cofres, caixas de hostias, copos, &c. Estas tartarugas põem ovos nas praias, e põem logo duzentos e trezentos; são tamanhos como de gallinha, muito alvos, e redondos como pélas; escondem estes ovos debaixo da arêa, e como tirão os filhos logo começão de ir para agua donde se crião. Os ovos tambem se comem, têm esta propriedade que ainda se cozão, ou assent sempre a clara fica molle: os intestinos são como de porco, e têm ventas por onde respirão. Tem outra particularidade que pondo-lhe o focinho para a terra logo virão para o mar, nem podem estar doutra maneira. São algumas tão grandes que se fazem das conchas inteiras adargas; e humã se matou nesta costa, tão grande que vinte homens a não podião levantar do chão, nem dar-lhe vento.

Tubarões. -- Ha muitos generos de tubarões nesta costa: achão-se nella seis, ou sete especies dellós; he peixe muito cruel e feroz, e matão a muitas pessoas, principalmente aos que nadão. Os rios estão cheios dell'es, são tão cruéis que já aconteceu correr hum após de hum Indio que ia nua jaugada, e pô-lo em tanto aperto que saltando o moço em terra o tubarão saltou juntamente com elle, e cuidando que o apanhava ficou em seco aonde o matarão. No mar alto onde tambem ha muitos se tomão com laço, e apoeis por serem muito golosos, esfregos, e amigos de carac, e são tão comilões que se lhes achão na barriga couros, pedaços de panuo, camisas, e ceroulas que caem aos navegantes; andão de ordinario acompanhados de hums peixes muito galantes, formosos de varias côres que se chamão rouceiros; faz-se dell'es muito azeite, e dos dentes usão os Indios em suas frechtas por serem muito agudos, cruéis, e peçonhentos, e raramente sarão las ferúlas, ou com difficuldade.

Peixe voador. -- Estes peixes são de ordinario de hum palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos, galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas; a cabeça tambem he muito formosa. Têm asas como de morecos, mas muito prateadas, são muito perseguidos dos outros peixes, e para escaparem voão em bandos como de estorninhos, ou pardaes, mas não voão muito alto. Tambem são bons para comer, e quando voão alegrão os mareantes, e muitas vezes caem dentro das náos, e cutão pelas janellas dos camarotes.

Botos e Tuvinhas. -- Destes peixes ha grande multidão como em Europa.

Linguadbs e Salmonetes. — Tambem se achão nesta costa salmonetes, mas são raros, e não tão estimados, nem de tão bom gosto como os da Europa; os linguadbs de cá são raros: têm propriedade que quando se hão de cozer, ou assar os aqutão, e quanto mais aquttes lhes dão tanto mais tesos ficão, e meliores para comer, e se os não aqutão não prestão e ficam molles.

DOS PEIXES PEÇONHENTOS (XV)

Assi como nesta terra do Brazil ha muitas cobras, e bichos peçonhentos de que se dirá adiante, assi tambem ha muitos peixes muito peçonhentos.

Peixe sapo, pela lingua Guamayzei. — He peixe pequeno, de comprimento de hum palmo, pintado, tem os olhos formosos; em o tirando d'agua ronca muito e trinca muito os anzolus, e em o tirando d'agua incha muito. Toda a peçonha têm na pelle, e tirando-lha, come-se, jorem comendo-se com a pele mata. Aconteceu que hum moço comeu hum e morreu quasi subitamente; disse o pae: hei de comer o peixe que matou meu filho. — e comendo delle tambem morreu logo; he grande mezinha para os ratos, porque os que o comem logo morrem.

Ha outro peixe sapo da propria feição que o atraz, mas tem muitos e cruéis espinhos, como ouriço, ronca e incha tirando-o d'agua; a pelle tambem mata, maximé os espinhos, por serem muito venenosos; esfolhado se come, e he bom para camaras de sangue.

Ha outro peixe sapo que na lingua se chama Itacri: tem tres quinças em o corpo que todo elle parece pu-

nhal; he formoso, tem os olhos esbugalhados, e esfolado se come; consiste a peçonha na pelle, figados, tripas, e ossos, e qualquer animal que o come logo morre.

Ha outro que se chama Carapeçaba. de côr gateado, pardo, preto, e amarello; he bom peixe e dá-se aos doentes; os figados, e tripas têm tão forte peçonha que a todo animal mata; e por esta causa os naturaes em o tirando deitão as tripas e figado no mar. (5)

Purú. — Este peixe se parece com arraya: tem tal virtude que quem quer que o toca logo fica tremendo, e tocando-lhe com algum pao, ou com outra qualquer cousa, logo adormece o que lhe põem, e enquanto lhe tem o pao posto em cima fica o braço com que toma o pao adormecido, e adormentado. Tomão-se com redes de pé, e se se tomão com redes de mão todo o corpo faz tremer, e pasmar com a dor, mas morto come-se, e não tem peçonha.

Carcunurá. — Estes peixes são como as amoreas de Portugal, de comprimento de dez, e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes têm extranha dentadura, e ha muitos homens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidos: têm por todo o corpo muitos espinhos, e dizem os naturaes que têm ajuntamento com as cobras, porque os achão muitas vezes com ellas enroscados, e nas praias esperando as títas moreas.

Amoreatá — Este peixe se parece com o peixe sapo, está cheio de espinhos, e mette-se debaixo da areia nas praias, e picão por debaixo o pé ou mão que lhes toca, e não tem outra cura senão fogo.

(5) Em *Purchas his Pilgrimes* não vem este parographo.

Guamtiacurub. — Estes peixes são redondos, e do tamanho dos bagalhos de Esparta, e são muito peghentos. O corpo tem cheio de verrugas, e por isso se chama curub, sc. na lingua, verruga.

Terepomonga. — He uma cobra que anda no mar: o seu modo de viver he deixar-se estar muito queda e qualquer coisa viva que lhe toca fica nella tão fortemente apegada, que de nenhuma maneira se pôde hollir, e desta maneira come, e se sustenta: algumas vezes sae fóra do mar, e torna-se muito peghena, e tanto que a lóção, pega, e se vão com a outra mão para desapegarem ficão tambem pegadas por ella, e depois faz-se tão grossa como hum bom traste, e assi leva a pessoa para o mar e a come: e por pegar muito se chama Terepomonga, sc. coisa que pega.

Finalmente, ha muitas especies de peixes muy venenosos no salgado que tem velememente peçõa, que de ordinario não escapa quem os come, ou toca.

HOMENS MARINHOS, E MONSTROS DO MAR (XVI)

Estes homens marinhos se chamão na lingua Igpiára; têm-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morrerão já, e perguntando-lhes a causa, dizião que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabellos compridos, e são fornosas; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jagoarigpe sete ou

oito leguas da Bahia se têm achado muitos; em o anno de oitenta e dois indo hum Indio pescar, foi perseguido de hum, e acollendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o Indio quiz ir ver o monstro, e estando descuidado com humo mao fóra da canôa, pegou delle, e o levou sem mais apparecer, e no mesmo anno morreu outro Indio de Francisco Lourenço Uaciro. Em Porto-Seguro se vêem alguns, e já têm morto alguns Indios. O modo que têm em matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a consigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguns comen-lhes sómente os olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e mãos, e as genitálias, e assi os achão de ordinario pelas praias com estas cousas menos.

DOS MARISCOS (XVII)

Polvos. — O mar destas partes he muito abundante de polvos; tem este marisco hum capello, sempre cheio de tinta muito preta; e esta he ua defesa dos peixes maiores, porque quando vão para os apanhar, botão-lhe aquella tinta diante dos olhos, e faz-se a agua muito preta, e então se acollhem. Tomão-se á frecha, e assovião-lhe primeiro; tambem se tomão com facho de fogo de noite. Para se comerem os açoítão primeiro, e quanto mais lhe decaer então ficam mais molles e gostosos.

Azula. — Este marisco he como hum canudo de cana; he raro, come-se, e para o baço bebido com pó e em jejum he unico remedio.

Aguas mortas. — Destas aguas mortas ha infinitas nestas partes, e são grandes, e são do tamanho de hum barrete; têm muita dobras, com que tomão os peixes, que parecem bolsos de atarrafa; não se comem, picando em alguma pessoa causam grandes dores, e fazem chorar, e assi dizia hum Indio a quem humta mordeu que tinha recebido muitas frechadas, e nunca chorara senão então. Não apparecem senão em aguas mortas.

DOS CARANGUEJOS (XVIII)

Uçá. — Uçá he hum genero de caranguejos que se achão na lama, e são infinitos, e o sustentamento de toda esta terra, maximé dos escravos de Guiné, e Indios da terra; são muito gostosos, sobre elles he bõa agua fria. Têm huma particularidade de notar, que quando mudão a casca se mettem em suas cóvas, e ali estão dous, tres mezes, e perdendo a casca, bocca, e pernas, saem assi muito molles, e torção-lhe a nascer com dantes.

Guanhumig. — Este genero de caranguejos são tão grandes que huma perna de hum homeni lhe cabe na bocca; são bons para comer; quando fazem trovões saem de suas cóvas, e fazem tão grande matizada hums com os outros, que já ouve pessoas que acudiram com suas armas, parecendo que erão inimigos; se comem huma certa erva, quem então os come morre. Estes são da terra, mas vivem em buracos á borda do mar.

Aratú. — Estes caranguejos habitão nas tócas das arvores, que estão nos lamarões do mar; quando achão alguma ameja tem a bocca aberta, buscam logo alguma

pedrinha, e sutikueute dão com ella na ameja; a ameja logo se fecha e não podendo fechar bem, por causa da pedrinha que tem dentro, elles com suas mãos lhe tirão de dentro o miolo, e o comem.

Ha dez ou doze especies de caranguejos nesta terra, e como tenho dito, são tantos em numero, e tão sadios que todos os comem, maximé os Indios, &c.

Ostras. -- As ostras são muitas, algumas dellas são muito grandes, e têm o miolo como huma palma da mão; nestas se achão algumas perolas muito ricas; em outras mais pequenas tambem se achão perolas mais finas. Os Indios naturaes antigamente vinhão ao mar ás ostras, e tomavão tantas que deixavam serras de cascas, e os miolos levavão de moquem para comerem entre anno: sobre estas serras pelo discurso do tempo se fizeram grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os portuguezes descobrirão algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e destas cascas fazem cal, e de hum só monte se fez parte do Collegio da Bahia, os paços do Governador, e outros muitos edificios, e ainda não he exgotado: a cal he muito alva, boa para guarnecer, e caiar, se está á chuva faz preta, e para vedar agua em tanques não he tão segura, mas para o mais tão boa como a de pedra em Espanha.

Mexilhões. — Não faltam mexilhões nesta terra; servem aos naturaes e portuguezes de colheres, e facas; têm huma côr prateada graciosa, nelles se achia algum aljofre. Ha um genero delles pequenos, de que as gai-votas se sustentão, e porque não o podem quebrar, têm tal instinto natural que levando-o no bico ao ar o deixão cair tantas vezes no chão até que o quebrão.

Berbigões. — Os berbigões são gostosos e bons nesta terra, e nelles se achão alguns grãos de aljofre, e assi dos berbigões, como dos mexilhões ha grande numero de muitas e varias especies.

Buzios. — Os maiores que ha se chamão Guatapigoaçú, sc. buziõ grande; são muito estimados dos naturaes, porque delles fazem suas trombetas, jaezes, conchas, metaras, e arrecadadas, e huás (6), para os meninos, e são entre elles de tanta estima que por hum dão huma pessoa das que tem cativas; e os portuguezes davão antigamente hum cruzado por hum, são tão alvos como marfim, e de largo muito delles têm duas palmas, e hum de comprimento.

Piriguay. — Estes se comem tambem, e das cascas fazem sua contraria, e por tantas leaças dão huma pessoa; destes hõta as vezes o mar fóra serras, coisa muito para ver. De buzios e conchas ha muita quantidade nesta terra, muito galantes, e para estimar, e de varias especies.

Coral branco. — Acha-se muita pedra de coral branco debaixo do mar; nasce como as arvoreziuhas toda em folhas e canudos, como coral vermelho da India, e se este tambem o fóra, houvera grande riqueza nesta terra pela muita abundancia que ha delle. He muito alvo, tira-se com difficuldade, e tambem se faz cal delle.

Lagostins. Ha grande quantidade de lagostins, por esta costa estar quasi toda cercada de arrecifes, e pedras; tambem se achão muitos ouriços e outros mou-

(6) *Gloss.* em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1316.

tros, pelas concavidades das mesmas pedras... (7) ou lagostas grandes, como as da Europa, parece que não ha por cá.

DAS ARVORES QUE SE CRIÃO NA GUA SALGADA (XIX)

Mangues. — Estas arvores se parecem com salgueiros ou siceiros da Europa, delles ha tanta quantidade pelos braços e esteiros que o mar deita pela terra dentro, que ha leguas de terra todas deste arvoredo, que com as enchentes são regadas do mar, comtudo os leguleguas por estes esteiros, e dias inteiros pelos rios onde ha estes arvoredos; estão sempre verdes, e são graciosos e aprazíveis, e de muitas espécies; a madeira he boa para queimar, e para emmadeirar cascas; he muito pesada, e rija como ferro; da casca se faz tinta, e serve a casca para cortar couros; são de muitas espécies; haum certo genero delles deita lins gomos de cima de comprimento às vezes de humna lança ate chegar á agua, e logo deitão muitas trempes, e raizes na terra, e todas estas arvores estão eucalcadas e feitas em trempes, e assy as raizes, e estes ramos tudo fica preso na terra; enquanto são verdes estes gomos são tenros, e porque são vãos por dentro se fazem delles bõs fruttas. Nestes mangues ha hum certo genero de mosquitos que se chamão Mariguás, tamanhos como piolhos de galinha; morçom de

(7) Em *Purchas His Pilgrimes*, v. 1, IV, ps. 1316, está: "... and others Monsters found in the Concavities of the Rocks, great Crocodes or Cabbles like those of Europe..."

tal maneira e deixoão tal pruido, ardor e comichão, que não ha valer-se huma pessoa. porque até os vestidos passão, e he boa penitencia e mortificação soffrer-os huma madrugada, ou huma noite; para se defenderem delles são ha remedio senão uitar-se de lama, ou fazer grande fogo, e fumaça.

Nestes mangues se crião muitos caranguejos, e outras, e ratos, e ha um genero destes ratos cousa monstruosa, todo o dia dormem e vigião de noite.

Nestes mangues crião os papagaios que são tantos em numero, e gritão de tal maneira, que parece gralheada de pardaes, ou gralhas.

Nas praias se acha muito perrexi! tão bom e melhor que de Portugal, que tambem se faz conserva.

DOS PASSAROS QUE SE SUSTENTÃO, E ACHÃO N'AGUA SALGADA (XX)

Guigratinga. — Este passaro he branco, do tamanho dos groux de Portugal: são em extremo alvos, os pés têm muito compridos, o bico muito cruel, e agudo, e muito formoso por ser de hum amarello fino; as pernas tambem são compridas entre vermelhas e amarellas. No pescoço têm os melhores panachos e finos que buscar se pode, e parecem-se com os das Finas africanas.

Caripirá. — Por outro nome se chama — Rabiforcado; estes passaros são muitos, chama-se rabiforcado por ter o rabo partido pelo meio; das penas fazem muito caso os Indios para empenaduras das frechas, e dizem que durão muito; em algum tempo estão muito gordos, as enxundias são boas para corrimentos; coslu-

não estes passaros trazer novas dos navios á terra, e são tão certos nisto que raramente faltão, porque como se vêem, de ordinario dali a dous ou tres dias chegão os navios.

Guacá. — Este passaro he a propria Gaivota de Portugal; seu comer ordinario são amejas, e porque são duras, e as não podem quebrar, levão-nas no bico ao ar, e deixando-as cair muitas vezes as quebrão e comem. Destas gaivotas ha infinitade de especies que coalhão as arvores e praias.

Guigratéotéo. — Esta ave se chama em portuguez Tinhosa, — chama-se Guigratéotéo, sc. passaro que tem accidentes de morte, e que morre e torna a viver, como quem tem gotta coral, e são tão grandes estes accidentes que muitas vezes os achão os Indios pelas praias, os tomão nas mãos, e cuidando que de todo estão mortos os botão por ahí, e elles em caíndo se levantão e se vão embora; são brancos e formosos, e destes ha outras especies que têm os mesmos accidentes.

Calcanar. — Estes passaros são parros do tamanho de Rolas, ou Pombas; dizem os Indios naturaes que põem os ovos, e ahí os tirão, e crião seus filhos; não voão, mas com as azas e pés nadão sobre o mar ligeiramente, e adivinhão muito calmarias e chuveiros, e são tantos nas calmarias ao longo dos navios que se não podem os marinheiros valer e são a propria nofina e malencolia.

Ayaya. — Estes passaros são do tamanho de Pegas, mais brancos que vermelhos, têm côr graciosa de hum branco espargido de vermelho, o bico he comprido, e parece huma collier; para tomar o peixe tem este officio: bate com o pé na agua, e tendo o pescoço esten-

dillo espera o peixe e a tosta, e por isso dizem os Indios que tem saber humano.

Suracira. — Este passaro he pequeno, pardo, tem os olhos formosos com liza circulo verdeelho muito gracioso; tem uma cantar extrahito, porque quem o ouve cuida ser de hum passaro muito grande, sendo elle pequeno, porque canta com a bocca e juntamente com a trazeira, faz outro tom somero, rijo, e forte, ainda que pouco cheiroso, que he para espantar; faz esta musica suave duas horas ante manhã, e á tarde até se acabar o crepusculo vesperino, e quando canta de ordinario adiviaba bom tempo.

Gará. — Este passaro he do tamanho de lema Pega, tem o bico muito comprido com a ponta revolta, e os pés de comprimento de hum grande palmo; quando nasce he preto, e depois se faz pardo; quando já avôa faz-se todo branco mais que humta pomba, depois faz-se verdeelho claro, e tambem torna-se verdeelho mais que a mesma grã, e nesta côr permanece até á morte; são muitos em quantidade, mas não têm mais que esta especie; crião-se bem em casa, o seu comer he peixe, carne, e outras cousas, e sempre hão de ter o comer dentro n'agua; a penna destes he muito estimada dos Indios, e dellas fazem dialemas, fraujas, com que cobrem as espadas com que matão; e fazem braceletes que trazem nos braços, e põem-nas nos cabellos como botões de rosas, e estas suas jóias e carlêas douro com que se ornão em suas festas, e estimão nas tanto que, com serem muito amigos de comerem carne humana, dão muitas vezes os contratios que têm para comer um troço das ditas penas: andão em bando estes passaros, e se lhe dá o sol nas praías, ou vindo pelo ar he cousa formosa de ver.

Ha outros muitos passaros que do mar se sustentão, como Garças, Gaviões, e certo genero de aguias, e outros muitos que seria largo contar.

DOS RIOS D'AGUA DOCE, E COUSAS QUE NELLE HA (XXI)

Os rios caudaes de que esta provincia he regada são innumeraveis, e alguns muy grandes, e muy formosas barras, não fallando em as ribeiras, ribeíros e fontes de que toda a terra he muito abundante, e são as agnas de ordinario muy formosas, claras, e saluíficas, e abundantes de infinitade de peixes de varias especies, dos quaes ha muitos de notavel grandura, e de muito preço, e muy saluíficos, e dão-se aos doentes por melhora. Estes peixes pescão os Indios com redes, rias o ordinario he a linha com anzol. Entre estes ha huma peixe real de bom gosto e sabor que se parece muito com a sãlha de Espanha; este se chama — Jaú — são de quatorze, e quinze palmos, e ás vezes maiores, e muito gordos, e delles se faz manteiga. Em alguns tempos são tantos os peixes que engordão os porcos com elles. Em os regatos pequenos ha muitos camarões, e alguns de palmo e mais de comprimento, e de muito bom gosto e sabor.

DAS COBRAS D'AGUA DOCE (XXII)

Succirijuba. -- Esta cobra he a mór, ou das maiores que ha no Brasil, assi na grandeza como na formosura; tomão-se algumas de vinte e cinco pés, e de trinta

em comprido, e quatro palmos em roda. Tem huma cadêa pelo lombo de notavel pintura e formosa, que começa da cabeça e acaba na cauda; tem dentes como cão, e aferra em huma pessoa, vacca, veado, ou porco, e dando-lhes algumas voltas com a cauda, engole a tal coisa inteira, e depois que assi a atem na barriga deixa-se apodrecer, e os corvos a comem toda de modo que não ficam senão os ossos, e depois torna a criar carne nova, e resurgir como dantes era, e a razão dizem os Indios naturaes he, porque no tempo que apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porque têm ainda em o toutiço tornão a viver: e porque já se sabe isto quando as achão podres he buscão a cabeça, e as matão. O modo de se sustentarem he esperarem os animaes, ou gente estendidas pelos caminhos, e em prepassando se envião a elles, e os matão, e comem; depois de fartas dormem de tal modo que ás vezes he cortão do rabo duas, tres postas sem accordarem, como aconteceu que depois de cortarem duas postas a huma destas, ao dia seguinte a acharão morta com dous porcos montezes na barriga, e seria de cincoenta palmos.

Maniua. — Esta cobra anda sempre n'agua, he ainda maior que a sobredita, e muito pintada, e de suas pinturas tomarão os gentios deste Brasil pintarem se; têm-se por bemaventurado o Indio a que ella se amosttra, dizendo que hão de viver muito tempo, pois a Maniua se lhes mostrou... (8).

(8) Ao ms. falta o seguimento, que vem em *Purchos his Pilgrines*, vol. IV, ps. 1318: "Many others kinds of Snakes there be in the Rivers of fresh water, which I leave for brevité sake and because there is nothing in particular that can be said of them."

DOS LAGARTOS D'AGUA (XXIII)

Jacaré. — Estes lagartos são de notavel grandura, e alguns ha tão grandes como cães; têm o focinho como de cão muito comprido, e assi têm os dentes. Têm por todo o corpo humas laminas como cavallo armado, e quando se armão não ha frecha que os passe; são muito pintados de varias côres; não fazem mal á gente, mas antes os tomão com laços facilmente, e alguns se tomarão de doze, quinze palmos, e os estimão muito, e os tem por estado os Indios como rembabas, sc. cães, ou outra cousa de estado; andão n'agua, e na terra põem ovos tão grandes como de patas, e tão rijos que ùando huns nos outros finem como ferro; aonde estes andão logo são sentidos pelos grandes gritos que dão; a carne destes cheira muito, maxime os testículos, que parecem almiscra, e são de estima: o esterco tem algumas virtudes, em especial he bom para belidas. (9)

DOS LOBOS D'AGUA (XXIV)

Jaguaruçú. — Este animal he maior que nenhum boi; tem dentes de grande palmo, andão dentro e fóra d'agua, e matão gente; são raros, alguns delles se achão no rio de S. Francisco, e no Paraguaçú.

Atacape. — Estes lobos dão mais pequenos, mas muito mais damninhos, porque saem d'agua a esperar a gente, e por serem muito ligeiros matão algumas pessoas, e as comem.

(9) Em *Purchas his Pilgrines*, vol IV, ps. 1.318. *Lelidas*; deve ser *belidas*, manchas na cornua do olho.

Papagoyêba. — Estas são as verdadeiras lontras de Portugal. Ha outro animal pequeno do tamanho de dandiã, chama-se Soraguey Jeju — este tem ricas pelles para furtos; e destes animaes d'agua ha outras muitas especies, alguns não fazem mal, outros são muito ferozes.

Bucapina. — Estes são certo genero de homiens nas ribeiras do tamanho de macacos, por que nenhuma differença têm dellas; destes ha muitos, não fazem mal.

Capijuro. — Destes porcos d'agua ha muitos e são do mesmo tamanho dos porcos, mas differem nas feições; no céo da bocca têm pedra muito grossa que lhes serve de dentes quaxas. Esta têm os Indios por joia para os filhos e filhas; não têm ralo, andão muito tempo debaixo d'agua, eorem habitau na terra, e nella crião seus filhos; seu comer he erva e fructas que ao longo dos rios achão.

Itã. — Ha nos rios d'agua d'ee muitos generos de conchas grandes e pequenas; algumas são tão grandes como boas cãsias, e servem de fazer a facinha com ellas; outras são pequenas, e servem de collieres; todas ellas são compridas, e de humna côr prateada; nellas se achão algumas perolas.

Cágados. — Nos rios se achão muitos cágados, e são tantos em numero que os tapuyas engordão em certos tempos sómente para os ovos, e andão a elles como a maravilhoso mantimento.

Guararigéig. — Não faltão rãs em os rios, fontes, charcos, lagoas; e são de muitas especies, principalmente esta — Guararigéig; he cousa espantosa o medo que della têm os Indios naturaes, porque só de a ouvirem,

morrer, e por mais que lhes préguem não têm outro remédio senão deixar-se morrer, tão grande he a imaginação, e apprehensão que tomão de a ouvir cantar; e qualquer Indio que a ouve morre, porque dizem que desta de si hum resplandor como relampago.

Todos estes rios caudaes são de tão grandes e espessos arvoredos, que se navegam muitas leguas por elles sem se ver terra de hum parte nem da outra; por elles ha muitas cousas que contar, que deixo por brevidade.

DOS ANIMAES, ARVORES, ERVAS, QUE VIERAM DE PORTUGAL E SE DÃO NO BRASIL. (XXV)

Este Brasil he já outro Portugal, e não fallando no clima que he muito mais temperado, e sadio, sem calmas grandes, nem frios, e donde os homens vivem muito com poucas doenças, como de colica, fígado, cabeça, peitos, sarna, nem outras enfermidades de Portugal; nem fallando do mar que tem muito pescado, e sadio; nem das cousas da terra que Deus cá deu a esta nação; nem das outras commodidades muitas que os homens têm para viverem, e passarem a vida, ainda que as commodidades das casas não são muitas por serem as mais dellas de taipa, e palha, ainda que já se vão fazendo edificios de pedra e cal, e telha; nem as commodidades para o vestido não são muitas, por a terra não dar outro panno mais que de algodão. E nesta parte padecem muito os da terra, principalmente do Rio de Janeiro até São Vicente, por falta de navios que tragão mercadorias e pannos; porem as mais capitánias são servida:

todo genero de panos e selas, e andão os homens bem vestidos, e rasgão muitas sedas e veludos. Porém está já Portugal, como dizia, pelas muitas commulidades que de lá lhe vêm.

Cavillos. — Nesta provincia se dá bem a criação dos cavallos e ha já muita abundancia delles, e formosos ginetes de grande preço que valem duzentos e trezentos cruzados e mais, e já ha correr de patos, de argolinhas, canas, e outros torneos, e escaramuças, e daqui começam prover Angola de cavallos, de que lá tem.

Vaccas. — Ainda que esta terra tem os pastos francos; e em Porto-Seguro ha uma erva que mata as vaccas em a comendo, todavia ha já grande quantidade dellas e todo o Brasil está cheio de grandes currais, e ha homem que tem quinhentas ou mil cabeças; e principalmente nos campos de Piratinioga, por ter bons pastos, e que se parecem com os de Portugal, he huma formosura ver a grande criação que ha.

Porcos. — Os parcos se dão cá bem, e começa de haver grande abundancia; he cá a melhor carne de todas, ainda que de gallinha, e se dá aos doentes, e he de muito bom gosto.

Ovellas. — Até o Rio de Janeiro se achão já muitas ovellas, e carneiros, e engordão tanto que muitos arreventão de gordos, nem he cá tão boa carne como em Portugal.

Cabras. — As cabras ainda são poucas, porém dão-se bem na terra, e vão multiplicando muito, e cedo haverá grande multidão.

Gallinhas. — As gallinhas são infinitas, e maiores que no Reino, e pela terra ser temperada se crião bem, e os Indios as estimão, e as crião por dentro do sertão

trezentas e quatrocentas leguas; não he cá a carne dellas tão gostosa como no Reino.

Perús. — As gallinhas de Perú se dão bem nesta terra, e ha grande abundancia, e não ha convite onde não entrem.

Adens. — As ganças se dão bem, e ha grande abundancia; tambem ha outro genero dellas cá mesmo desta terra: são muito maiores, e formosas.

Cães. — Os cães têm multiplicado muito nesta terra, e ha-os de muitas castas; são cá estimados assi entre os Portuguezes que os trouxerão, como entre os Indios que os estimão mais que quantas cousas têm pelos ajudarem na caça, e serem animaes domesticos, e assi os trazem as mulheres ás costas de huma parte para outra, e os crião como filhos, e lles dão de mamar ao peito.

Arvores. — As arvores de espinhos, como laranjeiras, eideiras, limoeiros, limeiras de varias sortes, se dão tambem nesta terra que quasi todo o anno tem fructo, e ha grandes laranjaes, cidraes, até se darem pelos matos, e he tanta a abundancia destas cousas que dellas se não faz caso. Têm grandes contrarias nas formigas, e com tudo isto ha muita abundancia sem nunca serem regadas, e como não falta açucar se fazem infinitas conservas, sc. cidrada, limões, florada, &c.

Figueiras. — As figueiras se dão cá bem, e ha muitas castas, como behoras, figos negraes, berjaçotes, e outras muitas castas: e até o Rio de Janeiro que são terras mais sobre quente dão duas camadas no anno.

Marmelleiros. — No Rio de Janeiro, e São Vicente, e no campo de Piratininga se dão muitos marmellos, e dão quatro camadas huma após outra, e ha houem que em poucos marmelleiros colhe dez, e doze mil marmellos,

e aqui se fazem muitas marcatelladas, e cedo se escusarão as da Ilha da Madeira.

Parriciras. — Ha muitas castas d'uvras como ferraes, bores, bastarda, verdeilho, galego, e outras muitas, até o Rio de Janeiro tem todo o anno uvas se as queren ter, porque se as podão cada mez, cada mez vão dando uvas successivas. No Rio de Janeiro, e maxímé em Piratininga se dão vinhas, e carregão de maneira que se vem ao chão com ellas, não dão mais que huma novidade, já começam de fazer vinhos, ainda que têm trabalho em o conservar, porque em madeira fura-lha a broca logo, e talhas de barro, não nas têm; porem buscão seus remedios, e vão continuando, e cedo haverá muitos vinhos.

Ervas. — No Rio de Janeiro, e Piratininga ha muitas roseiras, somente de Alexandria, destillão muitas aguas, e fazem muito açucar rosado para purgas, e para não purgar, porque não têm das outras rosas; cozeu as de Alexandria n'agna, e botando-lha fora fazem açucar rosado muito bom com que não purgão.

Legumes. — Melões não faltam em muitas capitanias, e são bons e finos; muitas aboboras de que fazem tambem conserva, muitas alfaces, de que tambem a fazem conves, pepinos, rabãos, nabos, mostarda, ortelã, coentros, endros, inchos, ervilhas, gerselino, cebollas, alhos, borragens, e outros legumes que do Reino se trouxerão, que se dão bem na terra.

Trigo. — No Rio de Janeiro e Campu de Piratininga se dá bem trigo, não no usão por não terem aforas nem moinhos, e tambem têm trabalho em o colher, porque pelas muitas aguas, e viço da terra não vem todo junto, e multiplica tanto que hum grão deita setenta, e

orenta espigas, e humas maduras vão nascendo outras, e multiplica quasi in-finitum. De menos de hum quartal de cevada que hum homem semeou no Campo de Piratininga, colheu sessenta e tantos alqueires, e se os homens se dessem a esta grangeria, seria a terra muito rica e facta.

Ervas cheirosas. -- Ha muitos magricões, cravos amarellos, e vermelhos se dão bem em Piratininga, e outras ervas cheirosas, como cebilacecé. &c.

Sobretudo tem este Brasil hum grande commodidade para os homens viverem que não se dão nella perseguições, nem piolhos, e pulgas ha poucas, porem, entre os ludios, e negros da Guiné achão piolhos; porém, não faltão baratas, traças, vesperas, moscas, e mosquitos de tantas castas, e tão crueis, e peçonhentos, que mordendo em hum pessoa fica a mão inchada por tres ou quatro dias, maximé aos Reínoes, que trazem o sangue fresco, e bebem o pão e vinho, e mantimentos de Portugal.

NOTAS

I — Neste capítulo trata Cardim dos mamíferos indígenas do Brasil. São os seguintes na ordem em que vêm descriptos:

— *SUCOÇAÇ*, ou *suuçá*, nome com que os tupis designavam o veado, composto de *çá* animal, *suuçá* ou *açá* grande: o animal grande, a caça mais avultada. — *Suucopára* é o *Odocoelus suucopára*, Kerr, o veado galheiro ou dos mangues da synonymia vulgar; o *Diccionario Portuguez e Brasileiro* conserva o vocabulo *suucopára* com a significação de veado de cornos; *spára*, como adjectivo, quer dizer o que verga, vergada, curva, e torto. — As outras especies a que se reporta o autor referem-se ao genero *Mazama*. — *Uti's* é graphia usada pelos autores espanhòes para o nome da tribu tupi-guarani dos Carijós, que dominava o litoral brasileiro de Caranéea para o Sul.

— *TAPURETÉ*, ou *tauta*, ungulado perissodactylo da familia dos Tapirídeos (*Tapirus americanus*, Briss.), o maior animal terrestre da nossa fauna. — *Tapüreté* em Piso e Maregrav. — O nome tupi é susceptível de varias explicações, mas nenhuma satisfactoria; o suffixo *eté* verdadeiro, legitimo, serviu para differenciar o ungulado do bovino, que os tupis só conheceram depois do contacto europeu, e ao qual chamaram *tafya*.

— *Penco MONTEZ*, para o autor, ou *percos do mato*, como se conhecem actualmente, são os ungulados artiodactyles da familia dos Suides, genero *Tayacu*. — São duas as especies brasileiras; *Tayacu albicastris*, Cuv., que é a maior, chamada *tayaçá* e *queixada*, e *Tayacu tayacu*, Cuv., que tambem se chama *caietá*

ou cateto — Os nomes *tygrytina* e *tygryfita*, citados pelo autor, devem reportar-se a estas duas espécies, sendo o typo hebraico que se recebe de correção: *tygrytina* não é, como diz pouco que hate e trata os cartos, mas pouco medroso, tímido, que foge, porque tal é a significação — *tygryfita* não é pouco mais aguento, a voz *tygryf* faz pouco vermelho, *fita* por *fitu*. — Em Gabriel Soares achi. — *tygryta*. — O vocabulo *tygryta* se compõe *tygry* dent. *tygry* aráb. e em elle se designavam os porcos em geral.

— *Acuti*, em *cuta*, roedor da familia dos Cavilhões (*Dasyatis* *taquiti* L.). — Foi Thuret, nos *Synonymes de la France Antre*, por quem primeira vez se deu o nome geral, que era *tygentia*. Em Han Sander *acuti*. — Explicta Caetano explica o nome *tygryta* por o que gente, e *tygry* do *ty* comer e tragar, com as pernas de brancas, accorde com a descripção de Cardim. — Nas republicas platias prevaleceu o *tygryta* *tygryta* ou *acuti*.

— *Paca*, roedor da familia dos Cavilhões (*Citellus* *pacca* L.). — Do verbo *tygryta* acordar, despertar exprimindo o nome *tygryta* *tygryta* a *tygryta* a *tygryta*.

— *Jaguatê* *tygryta* ou *tygryta*, a especie typica do genero *Felis*, da familia dos Felinos, representada no Brasil por nove especies. A *Felis tigris*, L., é de todas a maior, embora seja um pouco menor do que o tigre asiatico. — O nome *tygryta* *tygryta* é composto de *tygryta* *tygryta*, e *tygryta* verdadeiro.

— *Sarigatê*, *tygryta*, *tygryta* *tygryta* e *tygryta*, nomes tidos estes que na synonymia popular designam as especies de marsupiaes da familia dos Didelphideos, particularmente o *Didelphis aurita*, L. — *Sarigatê* em G. Soares; *sarigatê* em Matcagrav. — A palavra *tygryta* vem de *tygryta* animal de sacco ou bolsa, com referencia á particularidade anatomica que caracteriza essa classe de mamíferos, e que o autor descreve. — O *sarigatê* foi assignado desde o anno de 1500. Vicente Yañez Pinzon, em sua viagem de principios d'aquelle anno, achou nas costas da Guyana uma *sarigatê* fêmea com seus filhotes, e levou-a para a Espanha. O facto foi referido por Grinnus, em seu *Novus*

Orbis (1532); Oviedo, na *Historia natural y general de las Indias* (1535), descreve o animal, que desde logo passou a figurar com o seu nome indígena em todos os tratados das regiões americanas.

— TAMANBUÁ, nome genérico de tres espécies de desdentados da familia dos Myrmecophagídeos. — De *ta*, contracção de *tacy* foi niga, e *mambor* caçador; caçador de formigas. Baptista Cactano prefere derivar o vocabulo de *tamo* de pellos e *cauni* cauda, facil de mudar-se em *ndai*. O primeiro etymo, porém, condiz melhor com o modo de viver do animal.

— TATÚ, nome generico dos desdentados da familia dos Dasypodídeos, dos quaes cerca de vinte e quatro especies vivem no Brasil. O vocabulo é tupi de *tata* cas a encorpado ou denso, e *ú* firme deduz Baptista Cactano.

— CANUAÇÁ, — Com o augmento da age esse se conhece esse animal na nomenclatura vulgar. *Cenúá* é o roedor da familia dos Cencilídeos, cuja especie maior é o *C. fulva villosus*, Licht. Tambem com o diminutivo *urum* não existe actualmente nenhum animal desse genero, que admitta, entretanto, varias outras especies menores. — O nome tupi, *andú*, segundo Baptista Cactano, pode derivar-se de *yú* pello, e *ta*, alteração de *ubota* bater ou de *tu* elevado erguido.

— IRARA, *irara* ou *papamel*, carnívoro da familia dos Mustelídeos (*Fayra barbara*, L.). — A cor do animal é parda, com uma mancha amarellada na garganta; o autor equivocou-se ao descreve-lo de muitas cores. — O vocabulo tupi deriva-se de *ira* ou *ira* me, to tomar, colher; e que colhe mel, o *papamel*, appellido que lhe vai ás maravilhas pelo costume de lascar com os dentes os troncos das arvores onde se encontram os ninhos de Meliparídeos, ou o mel de pau de que faz seu principal alimento.

— AQUICUTA, nome de difficil identificação na synonymia vulgar. Como se trata de bugios grandes, pode relacionar-se com o *buriqui* ou *muriqui*, simio da familia dos Cebídeos (*Eriodes arachnoides*, Cuv.), que é o maior dos nossos macacos. —

G. Soares menciona *muçô*, que ainda hoje é a denominação local bahiana para certa espécie de saguis grandes.

— **COATI**, *coati*, carnívoro da família dos Procyonídeos, da qual habita o Sul do Brasil o *Nasua narica*, L., e o Norte o *Nasua nasua*, Wied, bem pouco differentes entre si. — Baptista Cactano explica o nome tupi por *óca* ponta, e *ti* nariz: nariz de ponta, nariz pontudo, *fozinho*.

— **GATOS BRAVOS**, ou *patos do mato*, designação collectiva para os Felídeos menores do genero *Felis*.

— **LAGUARUGU**, *jacuiba-guará*, ou simplesmente *guará*, como por abreviação se diz no Brasil é o *Canis jubatus*, Desm., da família dos Canídeos, da qual é o maior dos representantes. Chamam-no também *cachorro do mato*. — Conforme o *Catalogus Mammalium*, de Tronessart (Paris, 1898), além da especie citada, e contrahese no Brasil as seguintes: *Canis cancrivorus*, Desm., *C. microlis*, Mivart, *C. azorei*, Wied, *C. nostictus*, Mivart, *C. parvidens*, Mivart, e *C. synoticus*, Lund. — O nome tupi vem de *icauê* cão ença, e *ica* por *oça* grande.

— **TAPIRÍ**, *roedor* da família dos Leporídeos (*Lepus brasiliensis*, Briss.), também chamado impropriamente *coelho* ou *lebre*. — *Tapotim* em G. Soares; *tepeti* em Piso e Marcgrav. — Na astronomia dos tupis maranhenses, segundo Abbeville, era o nome de uma constellação, talvez a constellação austral da Lebre. — Etymologicamente, é difficil de explicar.

— **LAGUACINI**, *guarimim*, carnívoro da família dos Procyonídeos (*Procyon cancrivorus*, Cuv.). — Também chamado *mão-pellada*. — Th. Sampaio explica o nome tupi por *gua-chivi*, o que rosna, o roncador, allusão ao habito do animal de rosnar ou roncar quando se lhe toca na cauda.

— **BIARATACA**, *faritatica*, *maritatica*, carnívoro da família dos Mustelídeos (*Conepatus suff-cans*, Azara). — Também chamado *canganibá* e *zorrilho*. — Em Piso, *bioratacica*. — O nome específico deve o animal á secreção atal que expelle para defender-se, de tal sorte nauseabunda, que afugenta os perseguidos.

res. Arthur Neiva e Belisário Penna, em sua *Viagem científica* publicada nas *Memoirs do Instituto Oswaldo Cruz*, t. VIII, 1916, — referem ter apanhado vivo um exemplar do *Conchatus suffocans*, que se defendia terrivelmente com as ejaculações esverdeadas que lançava a distância, afastando os cães e obrigando a mais de uma pessoa a abandonar a luta; um câmarada que mais se afofura em arrancar o animal do ôco de uma emburana, onde se abrigara, teve de deitar-se completamente nauseado. Verificaram aquelles naturalistas que a substancia que dá á secreção o repellente cheiro é o sulphurato de ethyla, mais conhecido pelo nome de mercaptan. Quando as ejaculações são repetidas, chega-se a perceber a formação de vapores esverdeados. — Das outras rastas a que allude o autor, deve participar o furão *Grison vittatus*, Schreb., que não tem mau cheiro e se faz domestico. — O nome tupi é difficil de explicar.

— PREGUIÇA, nome comum ás especies de desdentados da familia dos Bradypodideos. São ao todo quatro especies, que pouco differem umas das outras. — Cardim não consignou o nome tupi, que Abbeville e Maregrav attribuiram á especie maior, ou preguiça-real (*Choloepus didactylus*, L.); tão pouco o generico *ai*, dado ás outras preguiças. — A arvore de sua preferencia de cujas folhas se sustenta, é a imbauba (*Cecropia* sp.).

— RATOS, são as especies indigenas de Murideos aquellas a que se refere o autor, vulgarmente chamados ratos do mato. — As tres especies caseiras ou domesticas sao de importação europea.

II — Neste capitulo annua Cardim as cobras que andam na terra e não têm peçonha. São os seguintes os ophidios descritos:

— GIBÓIA, da familia dos Boideos (*Constrictor constrictor*, L.). — *Ibôya* e *jeboia*, em Piso e Marcegrav. — Os autores explicam o nome tupi *yibói* por cobra d'agua ou de pau; attendendo a que a gibóia é serpente terrestre, parece-nos melhor etymo o que, por similhaça, a compare com o jáu.

— GUERAPUAGARA, *fajã-ro* ou *apapito*, da família dos Colubrídeos (*Herpetodesus abatus*, L.). — Em G. Soares *urapiagãra*. — É perfeita a etimologia de Cardim: comedor dos ovos dos passaros, decompondo-se assim a palavra: *quãrã* passaros *up* (o) e *gura*, participio do verbo *ã*, o que come, comedor. — O vocabulo *tupí* desapareceu da nomenclatura popular.

— CAVINANA, da família dos Colubrídeos (*Spilotes pulchus*, L.). — Em G. Soares, *cauinãna*. — Difficil de interpretar.

— BAITAIOA, *cobra de sifô*, da família dos Colubrídeos (*Herpetodesus fuscus*, L.). — Em G. Soares *baítaioia*. — Com essa cobra açotavam es indas as cadeiras das mulheres esteréis. como refere Cardim e confirmam outros autores. — O nome *tupí*, que não prevaleceu, seria *tó-ti-ãpua*, *cobra de locinios redondo*.

— GAITIEIA, nome, impossivel de identificar.

— BOYUNA, *estimãna* ou *cobretreta*, da família dos Colubrídeos (*Oreohaps chetia*, Dard). — De *hoi* cobra *una preta*, *negra*.

— BOM, espécie desconhecida.

— BOUTREANGA, que Cardim traduziu: cobra que tem espinhos pelas costas. — é outro nome difficil de identificar. Seu etymo só em parte é satisfactorio: *hoi* cobra, *copé* terço, dorso, costas; mas *acãna*, que alem do significado proprio, pôde ser tambem ramo, galho, não vem nos dictionarios com a accepção de espinho.

III — Entram neste capitulo as cobras que têm peçonha, que são as seguintes:

— JARARACA, da família dos Viperídeos (*Lachesis lanceolatus*, Lacép.). — Em G. Soares, *jererãca*. — Para Baptista Caetano, pôde derivar-se o nome de *jararã*, que convenena a quem agarra.

— JARAKUUCU, da mesma família (*Lachesis jararacuzi*, Lacerda). — De *jararoca*, e *uçú* grande.

— JARAMOMULTANGA, que Cardim tracta: que tem a ponta do rabo mais branco que pardo. é a mesma *Lachesis lucicola*, vulgarmente conhecida também por jararaca de rabo branco, enquanto é nova. Ha erro de copia em *pijtanga*, porque em *Parichus his Pylones*, vol. IV, ps. 1304, vem *Jaracopypitanga*. O nome tupi explicita-se assim por *Jararaca*, a cobra, *nyáti* canda, rabo, e *pitanga* branco. *Jararaca-pitanga* occorre em Piso.

— JARARACÓIBA, pela descripção pôde ser a *Lachesis atrax*, Linn. — O suffixo *péiba* significa chato, achatado. — Em Piso *jararaca-péiba*; mas o nome não apparece mais na synonymia vulgar.

— SEREUCU, na mesma familia (*Lachesis munita*, L.) — O nome indigena não tem explicação accitavel.

— BOICUNINGA, *ciscurel*, da mesma familia (*Crotalus terre-ficus*, Laur.) — De *bói* cobra, *cuníca* tintinnante, res ante, chocalhante.

— BOICUNGUÉBA, especie que não souberos identificar; *bu* ou *péiba* quer dizer chato ou achatado, como já ficou dito.

— IORIBACTA, especie tambem de difficil identificação, porque o nome desapareceu. G. Soares dá *ubiracá*, que a Vahlgen parece a *Notris punctatissima*, Spix. — Martius, nos *Glossaria*, define: "serpens venenosus rufus, arbores scandens". — O nome é tupi.

— IORIBOCCA, *ibubóca*, ou *ca' a-e-val*, da familia dos Colubridaeos (*Elaps noregravi*, Wied). — Em G. Soares *ububoca*. — Para Martius, nos *Glossaria*: "serpens in terra habitans". — Baptista Caetano deduz o nome de *ubú* *ibú-gu* *labre*, cobra enroscada no chão. A designação tupi caiu em desuso, substituída por cobra-coral, ou *larará*, como este piam os caipiras do Sul.

— ALACÁS, ou *lactus*, impr priamente aqui collocadas, são os Escorpionídeos do genero *Tythus*.

IV — Neste capítulo são descriptas as aves terrestres que se seguem:

— **ARARA**, nome commum aos Psittacideos maiores; o nome *macca* designa a *Arara macca*, L., tambem chamado *arara-canga*, *arara-piranga* e *arara-vermelha*. — Etyrna duvidoso se fór tupi, pôde ser *arã* por *guãrã* passaro, exprimindo o frequentativo *arã-ra* passaro grande e mo ac. ntere muitas vezes na lingua; mas p. o. te-se que no *aymará* *arã* significa falador, palrador.

— **ANAPURU**, nome de Psittacideo difficil de identificar. Não vem mencionado em G. Soares, nem em Piso e Maregrav, mas Gandavo a elle se refere dizendo que em commercio entre os indios valia cada um de d'os a tres escravos.

— **ARARUNA**, *araruna*, da familia dos Psittacideos (*Indodryothus hyacinthinus*, Lath.) — Em Maregrav *araruna*. — De *arara*, a ave, *run* vegra.

— **AJERACURÁ**, *ajeracurá*, da mesma familia (*Amazona amazonica*, L.) — Em Maregrav, *ajeracurá*. — De *ajerá*, nome generico tupi dos papagaios, e *curá* que solta a lingua, falador, maldizente.

— **TUI**, *tui*, nome generico dos Psittacideos pequenos. — Em Gandavo, *tuyas*; em G. Soares, *tui*; em Piso e Maregrav, *tui* — Talvez de *tu* por *t' h'e*, e *i* pequeno.

— **GUARAJUBA**, *guarajuba*, *guarajuba*, *guarajuba*, da familia dos Psittacideos (*Cyanus guarouba*, Gm.) — De *guãrã* passaro, *juba* anarello. — *Guarajuba* por agglutinação.

— **IAPI**, *tupi*, da familia dos Icterideos (*Octanopt demmans*, Pall.) — O nome tupi explica-se por *yo*, demonstrativo que aquelle que, *pi*, soar, fazer rumor: o que soa u rumoreja, conforme Baptista Cacciano.

— **GUARAIMBÁ**, *guaraimbá*, nome commum ás aves da familia dos Trochilídeos (Beija-flores). — *Guaraimbá*, em G. Soares. — O nome tupi tem varios explicações. Das especies citadas, são correctas as etymologias do autor: *guaracigá*, ou *gua-*

raciã vem a ser fructo do sol, por *cooracy* sol, e *ã* fructo; *guaraciãoba*, ou *guaraciãba*, cobertura do sol: *oba* é folha, mas implica o sentido de cobrir, o que cobre, a cobertura; *guaraciãoba*, ou *guaraciãba*, cabello do sol: *oba* cabello. — São ingenuas as noções do autor sobre a metamorphose dessas aves.

— GUIGRANHEËNGETÁ, *guirã-nheengetã*, da familia dos Tyrannides (*Taenioptera nheengeta*, L.) — De *guirã* passaro, *nheeng* falar, *eta* muito: passaro que falla, ou canta muito. O nome desapareceu para dar lugar a *gruhatã* ou *gruhatã*, por agglutinação. — *Pom'ã* e *ã* *ã* *ã* *ã* *ã* e *Mara-branca* são tambem nomes populares dessa ave, nas republicas platinas chamam-na *fe-porã*, do tupi-guarani *fe-pô* aza, e *oçú* atravessada, o que é accordo com o nome generico *Taenioptera*.

— TANGARÁ, nome commun a diversas aves da familia dos Pírideos especialmente applicados a *Uirapheia caudata*, Sw., tambem chamada *dançador*. — A Goeldi parece que Linnæu adoptou a palavra indigena *tangará*, empregando-a com inversão de letras para formar o nome *Taungra*. — De *otô* andar, *carã* em volta: o que anda aos saltos, o que dança aos saltos, o pulador, conforme Th. Sampaio.

— QUEREJUÁ, *quiriã*, da familia dos Cotingideos (*Cotinga cincta*, Kuil). — Em G. Soares, *querejuá*; Piso e Maregrav *quirã-quereã*. — Nome tupi difficil de explicar.

— TUCANA, *tucano*, nome commun a diversas aves da familia dos Rhamphastideos. — Parece ter sido Thuret, nas *Singularitez de la France antarctique*, quem primeiro descreveu a ave, dando-lhe o nome indigena: "Sur la coste de la marine la plus fréquentate uarcharise est le plumage d'un oiseau qu'ils appellent en leur langue *toucan*..." — Em G. Soares, *tucano*; em Maregrav, *tucan*. — De *tã* bico, *rang* osseo? Baptista Caetano.

— GUIGRAPÔNGA, *araponga*, da familia dos Cotingideos (*Chonorchynchus ardicollis*, Vieill.) — Ferreiro, *jeirador*. — De *guirã* passaro, *ponga* sonante, que sôa.

— MACUCAGUÁ, *macoçã*, da família dos Falconídeos (*Herpetotheres castaneus*, L.) — Em G. Soares, *macucagoã*; em Gandavo, com a primeira forma. — De *macá* por *yá* fructo, *caguar* por *castôr*, que traga, tragador, comedor: comedor de fructos, ou ainda, e preferível, por accordo com o nome generico e com o instructo da ave, *de mên-acá-hár*, aquelle que briga com as cobras. Baptista Caetano.

— MITÍ, *miti*, nome generico das aves da família dos Cracídeos — Em Azara, *miti*. — De *mylin* por *pylin* ou *pylina*, noite: escuro, negro, por extensão; originariamente qualificativa, dizendo passaro preto ou escuro.

— URÍ, nome comum a duas especies de aves da família dos Odontophorídeos: *Odontophorus guyanensis*, Gm., *O. cafero*, Spix. — A primeira é peculiar á Amazonia, a segunda é a que o autor devia ter conhecido, por habitar o litoral.

— NHANDUCOAGU, *nkanduguaçu*, curu, chamada impropriamente avestruz, da família dos Rheídeos (*Rhea americana*, L.) — Em Maregrav *nkandu-guaçu*. — De *nkau* corre, tu estrepitante; ou *nkau* de correr, *ub* perna: corredora, a que corre; *guçu* grande. Baptista Caetano. — De qualquer modo a idéa de correr é dominante.

— ANHUMA, *anhuma*, *inhuma*, da família dos Palamedídeos (*Palamedea cornuta*, L.) — *Anhuma* e *anhuma*, em Maregrav e Piso. — De *tytu*: difficil de explicar.

V — Neste capitulo enteira. Caran as arvores fructiferas indigenas. São as seguintes:

— ACAJÚ, *cajii*, fructo e arvore da família das Anacardiaceas (*Anacardium occidentale*, L.) — Ha outras especies. — O nome *cajii* reserva-se hoje para a *Cedrela guyanensis*, J., da família das Meliaceas, que cresce na Amazonia. — Do tupi *acá* caroço, e suffixo *ju*, por *y-á*, que dá, que tem. Segundo Baptista Caetano, desconhecido no Sul e no Paraguay, e por isso só usado em dictionarijs tupis, onde tambem designa estação,

— **CAJU**. — Ao vinho que faziam do sumo do *cajú* chamavam *caju*, que Lery escreveu *caum-in* e Hans Staden *Isauay*; a significação do vocabulho extendesse á bebida fermentada feita do milho mastigado.

— **MANGÁBA**, fructo e arvore da familia das Apocynaceas (*Miconia speciosa*, Gomez) — Arreda Camara, que descreveu a arvore, dá o nome a-a *Itiberia soritica*, em honra do padre João Ribeiro, da revolução pernambucana de 1817. — Em G. Soares, *mangaba*; em Piso e Maregrav, *mangaba* e *mangabiba*. — De *mã-guaba*, cousa de comer. Th. Sampaio.

— **MUCUOL**, *muengé*, *muengé*, em *Purchas his Pilgrines*, vol. IV, ps. 1207, *muenguje*, da mesma familia (*Couma rigida*, Müll. Arg.) — Caminhaó chamou-a *Couma muenge*. — G. Soares dá *muengé*. — De etymo duvidoso.

— **ARAÇÁ**, nome commum ás Myrtaceas do genero *Psidium*, de que ha varias especies. — Inaceitavel o etymo que se encontra nos autores.

— **AMARU**, *amú*, *imú*, *amú*, fructo e arvore da familia dos Anacardiaceas (*Spondias purpurea*, L.). — Vocabulo tupi, de etymo incerto.

— **JACAPUCAYA**, *sapucáa*, nome commum ás diversas especies de Lecythidaceas, do genero *Lecythis*. — Em Gandavo, *sabucáa*; em G. Soares, *sáucáa*. — O nome tupi fórma-se de *ya* fructo de arvore, *çáa puçá* é que tem saltamento do olho, segundo Baptista Caetano. — Os myraboãos indicos, com que o autor compara as castanhas da *sapucáa*, procedem da *Terminalia chebulu*, Retz, da familia das Combretaceas, a qual vegeta na India. Desses myraboãos tratou Garcia da Orta, nos *Colloquios dos simples e das drogas* (Colloquio 37.º).

— **ARATICÓ** ou *araticum*, nome commum a diversas Anonaceas dos generos *Anona* e *Rollinia*. — *Araticó-pará* é a *Anona palustris*, L. — Etymo incerto.

— **PEQUÊ**, *pequiú*, ou *piquiá*, da familia das Caryocaraceas (*Caryocar brasiliensis*, S. Hil.) — Em G. Soares, *piquiú*,

— O nome tupi pode derivar-se de *fé* casca, e *quá* suja, manchada. — Ha varias especies.

— **JADOTICANA**, fructo e arvore da familia das Myrtaceas (*Myrciaria cauliflora*, Berg.) — Em Maregrav, *jaboticaba* — De *yrité-guaba*, a comida do kágado. Th. Sampaio. — Martius trataz: "quasi solum testudinis". -- Sobre os coqueiros informa o autor que ha muitos, "que dão coquos excellentes como os da India". O coqueiro (*Cocos nucifera*, L.), não é planta expontanea no Brasil: a India foi pelos portuguezes levada para a Africa, e os primeiros que foram ter á Baía vieram de Cabo Verde, conforme ao testemunho do G. Soares. Ahi se deram melhor do que na India (é o mesmo chronista que o affirma), "porque, mettido um côco debaixo da terra, a palmeira que delle nasce dá côco em cinco e seis annos, e na India não dão estas palmas fructo em vinte annos".

— **PINHEIRO**, ou pinho do Paraná, da familia das Coniferas (*Arucaria brasiliana*, A. Rich. Lamb.)

VI — Neste capitulo vêm as arvores medicinas, que se seguem:

— **CABUREIDA**, *caburchida* ou *cobreica*, da familia das Leguminosas, sub-familia das Papilionaceas (*Myracarpus fastigiatus*, Fr. All.) — Em Piso *caburé-ita*. — O nome tupi vem de *caburé*, a coruja (*Glauclidium brasiliense*, Gm.), e *yba* arvore, páu. — Do pericarpio exuda resina, fluida no começo e depois coarcteta, coagulada *caburé-icica*.

— **CUPAIGBA**, **COPATIBA**, da familia das Leguminosas, sub-familia das Gesalpinaceas (*Copatiba longsdorffii*, Desi.) — Lery foi quem primeiro a descreveu, dando-lhe o nome indigena: "Plus un qu'ils nomment *copa-it*, lequel outre que l'arbre sur le pied ressemble aucunement au noyer, sans porter noix toutes-fois..." — Em G. Soares, *copítiba*; em Maregrav, *copitiba*. — De etymo incerto.

— **AMBAIGBA**, *ambatiba*, *eubatiba*, *imbatiba*, da familia das Artocarpaceas (*Cecropia adenops*, Mart.) — Ha outras especies.

— Em Piso e Maregrav, *ambaiba*. — De *ambú ôco*, *yba* arvore. — Veja Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, verba *figueira*.

— *AMBAIGINGA*, *imbaiba branca*, da familia das Artocarpaceas (*Cecropia palmata*, Willd.) — Em Piso, *ambaiba-linga*. — Monardes citado é o medico e naturalista espanhol Nicolás Monardes, nascido em Sevilha em 1493 e fallecido na mesma cidade em 1588. Nunca atravessou o Oceano; mas dedicou-se com empenho ao estudo das produções naturaes da America, que obtinha por intermedio dos viajantes. Desse modo conseguiu formar um pequeno museu de Historia Natural, que foi dos mais antigos da Europa, pois já existia em 1554. A principal de suas obras intitula-se: *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven en Medicina*, etc. (Sevil'a, 1574), onde se achau reunidos diversos tratados anteriormente dados á estampa. A primeira parte foi publicada em 1565 e depois em 1569; a segunda em 1571. A primeira refere-se Nicolás Antonio, na *Bibliotheca Hispanac*, vol. II, ps. 122, citando a obra *De las Drogas de las Indias* (Sevilla, 1569). A obra de Monardes já é vertida em latim por Clusius, sob o titulo — *Simplicium medicamentorum in India Nascentium* (Amberes, 1574), havendo outra edição de 1582. Linnen, para honrar a memoria do sabio espanhol, deu o nome de Monarda a um genero de plantas. — A referencia de Cardin encontra-se á fl. 6 v. da primeira parte do livro de Monardes, quando trata do azeite da figueira do inferno: "Tiene este azeyte grandes virtudes, como se ha visto por el uso del, assi en las Indias como en nuestras partes, y todo lo que dire, es con muy grande experiencia, y mucho uso del, en diversas personas." — O exemplar consultado dessa rarissima obra pertence á bibliotheca do Instituto Historico.

— *IGUACAMUÏ*, arbor ignota, segundo Martins. — Em Maregrav *iba-cannuci*. — De *yba fructa*, *cambucy* ou *cannucy* pôte: pote de fructa, conforme á descripção do autor.

— *ICICUBA, icica, almeceta, almecqueira*, da família das Burseraceas (*Protium brasiliense*, Eng. — Em G. Soares, *ubi-rota*; Maregrav *icicariba*. — De *y-cyca*, agna pegajosa, gomma, resina. — O nome *igtaiyeyca* ou *itaycyca*, significa resina ou gomma de pedra, enxofre. — O rio que se lança ao mar entre Ilhéos e Porto-Seguro, e vem do sertão alto, deve ser o Jequitinhonha.

— *CERUECABUBA, campicahiba*, nome de uma Terebintácea, que não conseguimos identificar completamente.

— *CAARUBA, caruba*, da família das Bigoniaceas (*Jacaranda caroba*, Vell.) — Ha outras especies. — De cá folha de planta, *rôta* amargosa, acre.

— *CAAROBMOÇORANDUBA, maçarandiba, maçaranduba*, da família das Sapotaceas (*Mimusops elata*, Fr. All.) — Ha outras especies. — Em G. Soares, *maçarandiba*. — De etymo incerto.

— *IAUBGRANDÍ, juborandí*; em *Parcius his Pilgrines* vol. IV, ps. 1308, *iaburandiba*; arbusto da família das Rutaceas (*Pilocarpus pinatifolius*, Linn.) — De etymo difficil de explicar, segundo Baptista Caetano — O *betele*, a que se refere o autor, é o *Piper betle*, Linn., originario da India. *Bêtele, bêtrec, bêtele* ou *bétel*, é, conforme o Conde de Ficalho, em nota aos *Colloquios* de Garcia da Orta (vol. II, ps. 402), adaptação portugueza do tamil *vettilei*, maláyalam *vettila*, que se diz significar simplesmente a *folha*, isto é, a folha por excellencia. — Rodolfo Dalgado, no *Glossario Luso-Asiatico*, verba *bêtele*, confirma e explica largamente esse etymo. — A *cannafistula* (*Cassia ferruginea*, Schrad) é originaria da India, mas foi aclimada no Brasil. De uma especie brasileira (*Cassia brasiliensis*, Linn.), a *geneína* dos indigenas, diz G. Soares que se achava no sertão da Bahia: "Em algumas fazendas (acrescenta) ha algumas arvores de canafistula, que nasceram das sementes que foram de S. Thomé, que dão o fructo mui perfeito como o das Indias".

VII — Neste capitulo reune Cardim alguns vegetaes oleaginosos. São os seguintes:

— **ANDÁ**, talvez *andá-ogú*, da familia das Euphorbiaceas (*Johannesia princeps*, Vell.) — De *a-ôlá*, fructo rijo, a noz, a an endoa dura. Th. Sampaio.

— **MONRECUILLA**, arvore ou arbusto difficil de identificar.

— **MURUVEUBIRA**, arvore ou arbusto nas mesmas collecções.

— **AIABUTUPETA**, *jahotopita*, em Piss e Macgregar. Segundo Martins é a *Gomphia parviflora*, DC.

— **IANIPABA**, *janipaba*, fructo e arvore da familia das Rubiaceas (*Genipa americana*, L.) — Em Macgregar, *janipaba*. O nome tupi explica-se por *iananipá* ou *ianipá*, fructo de esfregar, ou que serve para pintar, conforme Baptista Caetano e de accordo com o destino que davam ao fructo ainda verde.

— **TEQUITHOAGÉ**, que deve ser o *sabão*, da familia das Sapindaceas (*Sapindus dirivaticatus*, Will. & Camb.) — A casca polposa do fructo, esfregada n'agua, produz espuma, e é empregada como sabão para lavar roupa; as sementes servem para botões. Segundo o texto, serviram para contas, e eram das melhores por serem muito eguaes. — Difficil de explicar o nome tupi da arvore; mas note-se que *quity* esfregar, limpar, e o particípio *quityca*, podem applicar-se ás arvores a que chamam vulgarmente saponarias.

VIII — Neste capitulo trata apenas o autor da arvore que tem agua.

O phenomeno referido deve ser levado á conta de informações exaggeradas que tentam ser prestadas a Cardini. Nos sertões do Nordeste brasileiro vegeta, de fructo, uma leguminosa, a *Geoffroya spinosa*, L., vulgarmente conhecida por *umaré*, que dos olhos verte liquido em tal quantidade, que, as vezes, no inverno, chega a molhar o solo, o que para o sertanejo é bom signal de estação chuvosa; mas dahi á arvore fonte, ou arvore rio, que se descreve, vai mais prodigio do que

verdade. — O vocabulo *umary* é tupi, contracção de *y-mbo-ri-y*, que exprime — arvore que faz que verta agua, segundo Th. Sampaio.

IX — Neste capitulo enumera o autor algumas essencias que dão madeira. São as seguintes:

— PAU-SANTO, da familia das Leguminosas, sub-familia das Caesalpinaceas (*Zoufernia paracosis*, Hub.)

— PÁU-BRASIL, das mesmas familia e sub-familia (*Cæsalfinea echinata*, Lamk.) — *Ibirapitanga* é seu nome tupi, por *ybirá* arvore, *pau* madeira, *pitanga* vermelho.

— JACARANDÁ nome commum a diversas especies da familia das Leguminosas, sub-familia das Papilionaceas.

— PÁU D'AGUILA, da familia das Aquilariaceas (*Aquilaria gallocha*, Roxb. — O *páu de aquila*, ou *páu de aguila* é originario da Indo-China:

“Vês, corre a costa que Champá se chama
Cuja mata é do páu cheiroso ornada...”

(Cantões, *Luistals*, canto X, estr. 129).

De sua occurrencia no Brasil parece que é informação singular a de Cardim. Segundo o Conde de Ficalho, em nota aos *Colloquios* de Garcia da Orta, o nome *aguilla* procede do hindi e deckani *agar* e *aghir*, e deu talvez tambem o maláyalam *agil* ou *agila*; essas palavras, adoptadas pelos portuguezes, foram por elles muito usadas nas fórmãs *aguila* e *páu de aguila*; e convertida por engano *aguila* em *aquila*, deram depois os nomes modernos francez e inglez de *bois d'aigle* e *eagle-wood*, sem que a madeira tenha a mais remota relação com as aguias.

— SANDALO BRANCO, está nas mesmas condições do *páu de aguila*. É originario do Sul da India, e não consta que tivesse sido importado para o Brasil.

"Alí: tambem Timor, que o lenho manda
Sardalo salutarifero, e cheiroso..."

(Cantões, *Luziadas*, canto X, estr. 134).

— **CEURO**, da familia das Meliaceas (*Cobralea laevis*, DC.)
Na Flora Brasileira contam-se 5 generos e 130 especies dessa familia.

— **PÁU D'ANGELIM**, ou *myelin*, da familia das Leguminosas, sub-familia das Caesalpinaceas (*Machaerium heteropterygium*, Fr. All.) — Outras especies se enquadram na sub-familia das Papilionaceas.

— **NOZ MO-CADA**, ou melhor *noz muscada*, é especiaria de procedencia asiatica, produzida pela *Myristica fragrans*, Houtt., da familia das Myristicaceas. — G. Soares não a menciona entre as arvores de Espanha que se dão na Bahia.

X — Neste capitulo figuram, um pouco desordenadamente, alguns vegetaes uteis. São os seguintes:

— **MANDIOCA**, da familia das Euphorbiaceas (*Manihot uteraria*, Philb.). Bastante conhecido é esse vegetal e seus varios productos para que precisemos alargar esta nota. — *Mandioca* é palavra americana, de etymo discutivel. — Amerigo Vespucci conheceu a planta em sua viagem de 1497. Martyr de Angleria descreveu-a sob o nome indigena em *De orbe novo Decades*, publicadas pela primeira vez em 1511, e desde logo todos os autores a conheceram e descreveram sob os nomes de *manioc*, *manihot* e *mandioca*.

— **NANÁ**, ananás, da familia das Bromeliaceas (*Ananassa sativa*, Lindl.) — Léry e Thivet descreveram a planta e fructo; em G. Soares *ananas*; em Gandavo *ananaes*; em Piso e Marggrav *anana*. — Se o vocabulo *iór tupi* vale p r bõa a etymologia de Baptista Cactano: *na-na* cheira-cheira.

— **PACOA** ou *pacota*, nome do fructo das Musaceas ou bananeiras indigenas. — Em Léry *pacó* o fructo, e *pacouire* a

— *CAYAPIÁ*, *caopiá*, *copiá*, da familia das Arctocarpaceas (*Dorstenia brasiliensis*, Lam.) — Ha outras especies. — Em G. Soares *caopiá*, "como o gentio chama, e os portuguezes malvaisco"; o *malvaisco*, entretanto, é uma Piperacea. — De *caá* herba, *apiá* testículos: herba testiculi, ob formam radicis. — Martius — *Glossaria*, ps. 388. — Como antidoto de toda sorte de veneno, maxime da peçonha de cobra, o autor compara o *cayapiá* ás seguntes drogas asiaticas:

Unicorn ou *unicornio de baba*, isto é, a ponta do rhinoceronte.

Pedra de bazar ou *pedra bezoar*, como se chamavam as concreções calcareas formadas em diversas partes do corpo de certos animaes, principalmente ruminantes, segundo esclarece o Conde de Ficalho, em nota aos *Colloquios* de Garcia da Orta. No tempo de Orta, que foi o mesmo de Cardim, a *pedra bezoar* ainda gozava de universal e excepcional reputação; Monardes escrevia o seu *Tratado de la piedra bezoar*, e a empregava com proveito em Espanha como contra-veneno, mandando-a vir expressamente de Lisboa.

Côco de Maldiva, ou *das Maldivas*, ou ainda *côco do mar*, isto é, o fructo da palmeira *Lodoicea seychellarum*, Labill., que só é encontrada no grupo das Seychelles e apenas em tres das ilhas. Tem essa palmeira uma historia curiosa, que valé a pena de referir, através da bella dissertação do Conde de Ficalho, na *Flora das Luziadas* (Lisboa, 1880), e nos citados *Colloquios* de Garcia da Orta. Como as Seychelles ficam muito empégadas no mar das Indias, e arredadas do caminho da navegação, que habitualmente seguia o canal de Moçambique, permaneceram desconhecidas até ao seculo XVIII, e desconhecida portanto a palmeira; mas não succedia o mesmo aos seus fructos, côcos de notavel grandeza, que, caído ao mar, fluctuavam á mercê das correntes e dos ventos; e impellidos por essas correntes, ajudadas em parte do anno pela monção sudoeste, eram levados principalmente na direcção das Maldivas, em cujas praias se encontravam com certa frequencia, — e dali o nome de *côco das Maldivas*. Como era natural, esses enormes côcos fluctuantes atraíam a attenção, sendo os habitantes das ilhas, que os acha-

vam, obrigados sob penas graves, a entregá-los aos seus reis ou chefes; e naturalmente também, vendo-os sobre as aguas, ou na areia onde os lançava a maré, e não conhecendo a planta que os creava, suppuzeram-nos produzidos por vegetaes submarinas. Essa mesma origem lhes attribuiram os escriptores portuguezes quincentistas, João de Barros, nas *Décadas*, Garcia da Orta, nos *Colloquios*, e outros. Camões, nos *Lucidos*, consagrou-lhes a precedencia:

“Nas illas de Maldiva nasce a planta
No profundo das aguas soberana,
Cujó pomo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.”

(Canto X, estr. 136).

Mais de um seculo depois de Camões, em 1690, o naturalista Rumphius, citado pelo Conde de Vialho, ainda acreditava na origem submarina desse fructo, que era celebrado e muito procurado. É o mesmo Rumphius que conta, que certo almirante holandez, Wolferio Hermano, que no anno de 1602 commandára uma acção nos mares de Bantam contra a esquadra portugueza de André Furtado de Mendonça, possuia um desses côcos, pelo qual o imperador Rodolpho II offerecera a somma importante de quatro mil florins, que os herdeiros do almirante não aceitaram. Era então o unico que existia na Hollanda; em Portugal eram mais frequentes e vinham da India para a rainha; Chissius viu em Lisboa, em 1563, mais de um. Na Europa montavam-se em prata e ouro. Tal era o côco de Maldiva, a que se refere Cardim, o “antidoto excellente”, de Camões.

— *TAREROQUIG*, *tareroqui*, planta da familia das Leguminosas (*Cassia occidentalis*, L.) — Tem outros nomes locais, como *tarawaci*, *mangiribba*, *felcyoso*, *matapasto*, *crista de gallo*, *lata-pratos*, etc. — O nome tpi é difficil de explicar.

— *GOUMBAOACI*, *gumbé-guaça*, *mbé-maça*, da familia das Araceas (*Philodendron*, sp.) — De *yumbé*, planta que se arrasta, planta rasteira, e *guaçi* grande.

— CAJOBETINGA, planta difficil de determinar. — Conforme a descripção o nome tupi se traduz por *caá* folha, *obí* verde, e *tinga* branca.

— SODAÚRA, planta nas mesmas condições. — O nome deve ter desaparecido da synonymia.

— ERVA SANTA, fumo, tabaco, *petum*, planta da familia das Solanaceas (*Nicotiana tabacum*, L.) — Thevet *petun*; Léry *pytyma*; Hans Staden *betin*; Cardim (*Os Indios do Brasil*) *petigma*. — Damião de Góes, na *Chronica de D. Manuel* (Lisbõa, 1566-67) p. 1.^a, cap. 56, fl. 52, escreve: "E a que chamamos (herua do Brasil) do fumo e eu chamaria Herva santa, a que dizem que elles (os indios) chamam *Betim*... Esta herua trouxe primeiramente a Portugal Luis de Góes, que depois sendo viuvo se fez na India dos da Companhia do nome de Jesu". Luis de Góes era irmão do chronista e tambem de Pero de Góes, com quem veio ao Brasil para a donataria de Campos, segundo Varnhagen. Gaffarel, na *Notice biographique*, que precede a edição das *Singularitez de la France Antoretique*, de Thevet, reivindica para este a gloria que se attribue a Nicot, de ter introduzido a planta na França. (Vide a nota 31, que Valle Cabral poz ás *Cartas do Padre Manuel da Nobrega* — Rio de Janeiro, 1886). — A *cangueira*, como instrumento para fumar ou beber fumo, especie de cigarro monstro, é desconhecida dos dictionarios tupis, onde vem apenas com as accepções de *osso*, espinha, *ossala*, o *osso* sem carne. A significação acima é, portanto, translata, quicá devida á similitude entre os objectos. G. Soares refere-se á *cangueira* (como escreve) de fumo, que "é um canudo que se faz de uma folha de palma sêcca, e tem dentro tres ou quatro folhas sêccas da herua santa, a que os indios chamam *petume*, a qual *cangueira*, atam pela banda mais apertada com um fio, onde estão as folhas do *petume*, e accendem esta *cangueira* pela parte das folhas do *petume*, e como tem braza, a mettem na bocca, e sorvem para dentro o fumo, que logo he entra pelas narhagens, mui grossa, e pelas góelias, e sahe-lhe pelas ventas fóra com muita furia; como não podem soffrer este fumo, tiram a *cangueira* fóra da bocca". — Ali está a

origem do nosso cigarro... — Conf. Baptista Caetano — *Indies do Brasil*, verba *canguera*.

— GUARAQUIGNIA, *guaraquin*, *herva de bicho*, *herva-moura*, *pimenta de rato*, *carachichú*, planta da familia das Solanaceas (*Solanum nigrum*, L.) — A planta só descripta e representada por uma só figura na obra de Piso, — *De Indiarum utriusque in parte et medicina* (1658) com o nome de *aguaraquiya*, que se pôde traduzir por *jaguára cão*, e *hyynha* pimenta: pimenta de cão.

— CAMARÁ ou *cambará*, planta da familia das Verbenaceas (*Stemna camara*, L.) — De cá, folha, *algará* pintada, variação de terras d'elles.

— *Arvo* da ordem das Umbelliferaeas (*Alpinia guianensis*, Linn.)

— *Mexaisco* *arvo* que fêza dito em *cayapiá*.

— CARAGATA, *carapato*, *caranta*, *cranatá*, *esata*, *parata*, da familia das Bromeliaceas (*Bromelia karatas*, L.) — De *caragua-atá*, como vem explicado por Baptista Caetano — *Indies do Brasil*, mesma verba.

— *Tumô*, da familia das Sapindaceas (*Pantlinia punctata*, L.) — O nome tupi é difficil de explicar.

XII — Neste resumido capitulo occupa-se o autor apenas das duas plantas que se seguem:

— ERVA QUE DORME, *dormideira*, *paponla*, da familia das Papaveraceas (*Papaver somniferum*, L.)

— ERVA VIVA, *sensitiva*, *malicia de mulher*, da familia das Leguminosas, sub-familia das Mimosaceas (*Mimosa* sp.) — *Oregão* e *foejo* são plantas da familia das Labiadas (*Mentha piperita*, e *M. pulegium*, L.)

XIII — Neste capítulo, referido as canoas indígenas, trata sômente da seguinte especie:

— TACOARA, *tuquara*, da familia das Grammineas (*Chusquea gaudichaudii*, Kunth) — O nome tupi explica-se por *tã-quara*, haste jurada, ou cheia de barcos, conforme Th. Saupaio.

XIV — Neste capítulo são descriptos os peixes de mar, que são varios e se seguem:

— PEIXE-BOI, cetaceo da familia dos Manatídeos (*Manatus australis*, Tilesius). — A especie amazonica, que é hoje a mais commum, é *M. iniquis*, Natterer. — Em G. Soares, *goragóá*, melhor *guraguá*, que se traduz por *guára-guára*, come-comer, conilão, ou ainda por *ypá-ri-ypá*, morador em encostas, do habito do cetaceo.

— BIGUIPIRÁ, *bijupirá* ou *bejupirá*, da familia dos Rachycentrídeos (*Rachycentrus canadus*, L.) — Em G. Soares, *bejupirá*. — De *mbeyú-pirá*, peixe de bolo, por causa da qualidade de sua carne, segundo Baptista Caetano.

— OLHO DE BOI, da familia dos Carangídeos (*Seriola lalandei*, Cuv. & Val.), que attinge a grandes dimensões. — Em G. Soares *tapyrsicá*, que "quer dizer olho de boi", — de *tapyra* boé, egi olho.

— CAMURUPU, *camurupi* ou *camarupiu*, da familia dos Urupeídeos (*Megalops thirissoides*, Bl. & Scha.) — Em Gandava, *camboropiu*; em G. Soares, *camuropi*; em Abbeville, *camouroupony*. — É o *pirapema* do litoral do Norte do Brasil. — Nome tupi difficil de explicar.

— PEIXE SELVAGEM, da familia dos Haemulídeos (*Comodon nobilis*, L.) — O nome tupi *pirambá* significa peixe toucador, que ainda prevalece na synonymia vulgar, ou simplesmente *toucador*. — Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1313, vem *piraemba*.

— BALÊA ou baleia, nome commum aos grandes cetaceos da familia dos Baleanideos. — Contam-se sete especies que frequentam as costas do Brasil.

— ESPADARTE, da familia dos Xiphideos (*Xiphias gladius*, Linn.)

— TARTARUGA, nome commum aos chelonios marinhos, mal collocado pelo autor neste capitulo. — Uma especie do genero *Thalassochelys* attinge a enormes proporções; talvez a essa se refira o texto, com evidente exagero, quando diz que vinte homens não a podiam levantar do chão...

— TUBARÕES, as especies maiores dos peixes da ordem dos Selachios.

— PEIXE VOADOR, da familia dos Cephalacanthideos (*Cephalacanthus volans*, L. — Em *Marcegas pira-bebe*, de pira peixe, *bêbê* volante, que vóa. — Um dos nomes actuaes é *coib*.

— BOTOS E TUNINHAS (*toninhas*), cetaceos da familia dos Delphinideos.

— LINGUAÇOS E SALMONETES, da familia dos Pleurocettideos.

XV. — Neste capitulo encontram-se os peixes peçonhentos seguintes:

— PEIXE SAPO ou *guanayacá*, que se diz hoje *baiacá*, da familia dos Tetraodontideos. — O *baiacá* de espinho é o *Chilomycterus spinosus*, L., da familia dos Diodontideos. — *Itoca* ou *toça* é o *Lactophrys tricornis*, L., da familia dos Ostracionideos. — *Carapençaba*, em G. Soares *carapiçaba*, difficil de identificar.

— PURÁ, *piraquê* ou *paraquê*, *peixe electrico*, da familia dos Electrophorideos (*Electrophorus electricus*, L.) — De *porquer*, que faz dormir, adormece ou entorpece, segundo Baptista Caetano. — Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1314. *pira-que*.

— **CARAMURÉ**, *moreia*, da família dos Muracnideos (*Lycodontis ocellatus*, Linn.) — Foi o appellido de Diogo Alvares entre os Tupinambás da Bahia; seu neto Belchior Dias Moreia, o famoso descobridor das minas de Itabayana, trasladou para o vernaculo a alcunha avoenga.

— **AMOREATI**, *morelium*, da família dos Thalassophynideos (*Thalassophyus bramieri*, Starks).

— **GUAMMACURUCO**, *baiahi-curúba*, espécie dos Tetrodonídeos, difficil de determinar. — O vocabulo tupi *curúba* significa sarra, e não verruga.

— **TREIDOMONGA**. — Parece tratar-se aqui da sangue-suga, verme da família dos Hirudinidae. — O adjectivo tupi *putung* quer dizer pegajoso, viscoso, que pega e grrida.

XVI. — Este capitulo occupa-se exclusivamente dos homens marinhos, ou monstros do mar. A lenda pertence ao mesmo cyclo de idéas que produziu os tritões, as sereias, as mães d'agua e outros seres phantásticos. Os autores antigos, que trataram do Brasil, Gandavo, Gabriel Soares, frei Vicente do Salvador, padre João Daniel e Barlaeus referem-se ao homem marinho, que descrevem similhantemente; delles, manifestam-lhe o nome indigena: Gandavo — *Historia da Província Santa Cruz* (Lisbôa, 1576) fls. 32 — “os Indios da terra lhe chamam em sua lingua *Hipupira*, que quer dizer demonio d'agua”; Gabriel Soares — *Tratado descriptivo do Brasil* (Rio de Janeiro, 1831) ps. 280 — “não ha duvida senão que se encontram na Bahia e nos reconceyos della muitos homens marinhos, a que os indios chamant pela sua lingua *upupira*”; e Barlaeus — *Rerum per octennium in Brasilia* (Amsterdam, 1647) ps. 134 — “sunt Tritonis indigenis *ypupiræ* dieti cum humanis cultus aliquã referant, et femellæ castriem ostentent fluidam et faciem elegantiore”. — O nome tupi serve de prova de que a idéa era familiar ás gentes desse grupo importante. Sua etymologia consigna Baptista Caetano em *upupira*, ou *y-pypira*, em que apparecem os elementes *y* e agua, e *pypira* de dentro, do intimo: e que é de dentro

diapeta, o que vive no fundo d'agua, o aquatico; o nome era tambem attribuido a pezes, especialmente á balcaia.

Para o editor da traducção franceza do livro de Gaudayo na collecção de Henri Ternaux, o ministro provincial das assignaturas, que narra os autores citados, seria provavelmente alguma picea de tamanho extraordinario; para Varehagen, o commercial e de Gabriel Soares, seriam ellas obra de tubarões, ou de jacarés, uma vez que não consta haver piceas no litoral brasileiro. Mais acertado seria, entretanto, attribuilas, como faz o sábio Dr. Arthur Neiva *Esq. e Historica sobre a Botânica e Zoologia no Brasil*, ps. 76, São Paulo, 1929 a algum exemplar desgarrado da *Otina fibula*, Forst. carnívoro pinnípede vulgarmente conhecido pela nome de *leão marinho e lobo do mar* — *Vej. a obra nota XXIV.*

XVII. — Este capítulo trata dos moluscos, que no seguinte de mistura com crustaceos ainda apparecem São.

— PEIXOS, moluscos, cephalopodos. As especies do genero *Stipa* são as que produzem a tinta que tem esse nome.

— AZULA, molusco difficil de identificar. — Em *Paradas his Pilgrims*, vol. IV, ps. 1315, vem escripto *apula*.

— AGUAS MORTAS, que melhor se denominam hoje *aguas-vivas*, são celenterados marinhos, tambem chamados *Melusas*.

XVIII. — Vem agora os crustaceos, mas *in fine* enumeram-se alguns moluscos.

— UÇA, caranguejo da familia dos *Uca* carideidos (*Uca cordatus*, L.) — De *ub* perna, ou olho; olhos de perna ou pedophthalmos, como traduziu Baptista Caxam.

— GRANHUMA, *granum* ou *granum*, da mesma familia (*Cardisoma granum*, Latr.). — De etimo difficil de explicar. Em Abbeville *agrimonia*, que vem a ser tambem o nome de uma constellação na Astronomia dos tepis mineienses.

— ANATÉ, da familia dos *Grapsidea* (*Grapsus pisoni*, M. Edw.).

— Ostras, moluscos lamelibranchíus da família dos Ostreídeos, da qual duas espécies pelo menos habitam o Brasil — As *estricas* ou *simbopis* tem aqui menção interessante.

— MEXILHÕES, melhor *mezilhões*, são os moluscos pertencentes à família dos Mytilídeos; o *terpeto* e o *bacau* são comestíveis.

— BERRIGÕES são os da família dos Venerídeos. — Entre os lusíus o autor menciona o *guitapiquação*, o *malapá-guaçu* ou *olapá*, bastante conhecido.

— PIRACUVY, *periquari* ou *pequari*, molusco, prosobranchio marinho da família dos Strombídeos (*Strombus pugilis*, Linn.) - - Em G. Soares, *periquari*.

— CORAL-BRANCO, assim se denominam os organismos formados por colônias de polypos sobre esqueletos calcareos em geral arborescentes.

— LAGOSTINS, crustaceos marinhos da família dos Scyllarídeos.

NIX. — Do conjunto vegetal formado pelos mangues, que o autor descreve neste capítulo, os componentes principaes são: o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*, L.), da família das Rhizophoraceas; o mangue manso (*Laguncularia racemosa*, Gaertn.), da família das Combretaceas; a siribá (*Avicennia nitida*, Jacq.), da família das Verbenaceas. — A primeira espécie é a que despede grandes raizes adventicias em forma de trempes, a que allede o texto. — Nos mosquitos dos mangues, *mariguis*, como escreve Cardipi, temo o *marigui*, *maruini* ou *maruini*, da família dos Ceratopogonídeos, representada por varios generos; as espécies que se desenvolvem nos mangues, porem, pertencem ao genero *Culicoides*, e foram estudadas pelo sabio Dr. Adolpho Lutz, em trabalhos publicados nas *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, de 1912 e 1913. A uma das espécies mais e immuns nos mangues, Lutz chamou *Culicoides maruim*, que ocorre desde o litoral bahiano até Santos. — O nome tupi procede de *uberii* mosca, i pequena, o mosquito.

XX. — Neste capítulo sã. descriptas as aves marinhas na ordem que se segue:

— GUIRATINGA, *guiratinga* ou *gãga branca*, da familia dos Ardeídeos (*Herodias egretta*, Gm.) — Nome tupi, de *guirã* passaro, *tinga* branco.

— CARAPIRÁ, *gãga, tesoura, alcatraz*, da familia dos Fregalídeos (*Fregata aquila*, L.). — Em G. Soares, *carapirá*. — De *guirã*, passaro, *pirã* peixe.

— GUACÁ, ou *gãgã*, deve ser a *Tiacthira magnirostris*, Licht. da familia dos Larídeos, tambem chamada andorinha do mar. — O nome *guacá* desapareceu da synonymia vulgar.

— GUIRATÉOTÉO, *téu-téu*, da familia dos Charadriídeos (*Belonopterus caymanensis*, Gm.) — O nome é onomatopáico do grito da ave.

— CALCAMAR, *tália-mar, corta-mar, bico-rasteiro*, da familia dos Larídeos (*Rynchops intercedens*, Saunders).

— AVAIA, *colheira*, da familia dos Plataleídeos (*Ajaja ajaja*, L.).

— SABIACURA, nome commum a diversas aves da familia dos Rallídeos. — De *çara* espiga, *car* comer, tragar: o que come ou traga espiga.

— GUARÁ, da familia dos Ibdídeos (*Indocollinus ruber*, L.). — Nome tupi, de *tyngu* discutível.

XXI. — Este capitul. trata dos peixes d'agua doce, especialmente do *jari* ou *jahi*, da familia dos Silurídeos (*Panficeia lutkeni*, Steind.) que é dos mais voluntariosos do Sul do Brasil.

XXII. — Descreve este capitulo duas cobras d'agua doce:

— SUCURIJUBA, *sucuriçu* ou *sucury*, da familia dos Boiídeos (*Enneptes murinus*, L.). Em G. Soares, *sucuriçu*.

— *MANÍMA*, em *Piso maníma*, grande espécie, ainda maior que a sobrelita, e muito pintada; talvez a *amoré-pimona*, que Maregrav representa. G. Soares não a menciona.

XXIII. — Este capítulo occupa-se dos lagartos d'água e refere-se com especificação ao seguinte:

— *JACARÉ*, reptil emydosaurio da familia dos Crocodílios, representada no Brasil pelos generes Caiman e Jacaretinga. O jacaré do papo amarello é o mais commum da Bahia para o Sul. Deve ter sido esse que o autor mais particularmente conheceu.

XXIV. — Vem neste capítulo os lobos do mar, carnívoros pinnípedeos, da familia dos Otariídeos, habitantes da região antartica, que de arribação chegam até o Rio de Janeiro. Destes o *Otaria jubata*, Forst., é commum nas costas de Santa Catharina.

— *JAGUARUCÓ*, que significa cão grande, não está nos outros autores, sendo como o Canideo que já vimos.

— *ATACAPE*, difficil de determinar.

— *PAGNAPÓBEA*, em G. Soares *jaguarapêta* é a lontra ou ariranha, da familia dos Mustelídeos (*Pteronura brasiliensis*, Zimm.). — *Pagnapóbea* vem por erro de copia no ms., porque em *Purchas his Pilgrines*, vol. IV, ps. 1318, está *iguapopeba*.

— *SANGUÉ-DEJÉ*, em Maregrav *cariquei-brá*, é especie difficil de identificar, do mesmo modo que *baéopina*, que não figura nos autores, e pela descripção, se não se trata de símios, deve pertencer á classe dos animaes phantásticos. — Em *Purchas his Pilgrines*, vol. IV, ps. 1318, vem *baéopina*. O nome tupi *sar'gué* já foi explicado na nota I.

— *CAPIJUARA*, *capibára* ou *rapicara*, roedor da familia dos Caviídeos (*Hydrochoerus hydrochoerus*, Erxl.) — Em Abbeville, *capyyuare*. — O nome tupi vem de *capyi* herva, o capim, e *guára*, participio do verbo á comer: o que come capim, o herbívoro.

— ITÁ ou *itun*, conchas bivalvas de mexilhões, às quaes ainda hoje se dá a applicaç^o a que se refere o texto. — É nome tupi e, segundo Baptista Cautan, pôde ser modificado de *tar collier*; o que é *ite*, o que aponta.

— Utiados, chubros terrestres ou d'agua doce.

— GUARABATIO, com melhor graphia *guararye*, para denominar certa ra. é difficil de explicar. O nome tupi da ra é *yuf*; G. Soares descreve a que os índios chamavam *jujounziarai*, talvez a mesma de que trata Cardim. A systematica moderna é que não faz distincção.

XXV. — Este capitulo ministra uma idéa do estado da colonizaç^o do paiz no ultimo quarto do século XVI. "Este Brasil he já outro Portugal (as-severa Cardim), pelas muitas commodidades que de lá lhe vêm." Casas de pedra e cal e telha já se láta fazendo; se algumas partes da terra, do Rio de Janeiro a S. Vicente, soffriam carecia de mercadorias e pannos, que não vinham de Portugal, por falta de navios, eram bem servidas dessas cousas as outras coitancias, e andavam os homens bem vestidos, e rasgavam muitas sedas e veludos.

Das animaes e plantas que importavam vêm em primeiro logar os cavallos. Diz G. Soares que as equas foram levadas de Cabo Verde para a Báltia; dahi conduziram os cavallos a Pernambuco por mercadoria, onde valiam de duzentos a trezentos cruzados e mais, preço que se ajusta com o que dá Cardim. As primeiras vacas que foram á Báltia, levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco, diz G. Soares: o Brasil já estava cheio de curras e havia quem possuísse milhares e mil cabeças, informa o nosso autor. De porcos, ovelhas e cabras havia abundancia, e se reproduziam fortamente; as galinhas saiam maiores do que as do Reino, e eram infinitas. As do Perú, no gallipavo, e conforme G. Soares, se davam bem na terra, havia dellas fartura e se tornavam prato de festa. Cabem aqui algumas palavras sobre essa ave interessante, que é sem questão originaria da America. Guardavo, escrevendo em 1576, foi talvez o

primeiro que a denominou gallo do Perú; sabe-se, entretanto, que o gallinaceo foi encontrado no Mexico pelos companheiros de Hernandó Cortez, e por elles christado com o nome de *gallo-pavo*, por apresentar certa similitude com o pavão. Com essa denominação, ou com a correlata *gallopavo*, foi a ave acclimada na Espanha e dahi passou para Portugal. É provavel que houvesse ali, no começo, a concorrência de *gallopavo* e *gallo do Perú*, mas certo é que a ultima prevaleceu, ao depés reduzida a *perú*, pela queda natural do determinante. O erudito Alfredo de Carvalho, discutindo a origem desse nome, traçou este lucido periodo com que damos por encerrada a digressão: "É certo que Portugal nunca teve relações directas com o Perú; mas como a introdução alli da ave, procedente da America Espanhola, teve lugar ao mesmo tempo em que as façanhas de Pizarro espalhavam pelo mundo o nome dado ao imperio dos Incas, é razoavel suppôr que proviesse dessa coincidência a sua denominação portugueza".

Os adens ou ganços e os cães completam a lista dos animaes domesticos que vieram de Portugal, segundo Cardim, aos quaes se devem juntar as pombas de Espanha, que G. Soares não esqueceu, embora lhes fizessem muito nójo as cobras, que lhes comiam os ovos e os filhos, pelo que se não podiam criar em pombaes.

Dos vegetaes alienigenas cita-n-se laranjeiras, cidreiras, limoeiros e limeiras; vêm a seguir as figueiras, marmelleiros e parreiras. A mais de Cardim, dá G. Soares as romeiras, as tamareiras, as zambôas, palmeiras ou coqueiros e a canna de assucar. Das roseiras havia apenas a de Alexandria, a *Rosa centifolia*, de Linneu, a mais antiga que se conhece. O trigo e a cevada davam bem na Rio de Janeiro e Piratininga; os legumes do reino e aservas cheirosas egualmente vegetavam por toda parte.

E por tudo isso, o Brasil já era outro Portugal, ao tempo em que escrevia o excellente jesuita.

II

DO PRINCÍPIO E ORIGEM DOS
INDIOS DO BRASIL

E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO
E CEREMONIAS

INTRODUÇÃO

(1.^a edição de 1881)

O pequeno tratado sobre os Indios que agora publicamos, ainda não foi impresso em portuguez. Poucas pessoas examinaram-no em Évora, onde está o manuscrito original, e estas o não julgaram, ao que parece, digno de ser posto em circulação.

Os Inglezes não pensaram do mesmo modo: desde 1625 está elle traduzido em sua lingua e faz parte da curiosa e rarissima collecção de Purchas. Foi ali que o lemos pela primeira vez e reconhecemos o seu interesse e seu valor.

Desde então fizemos o projecto de passá-lo novamente para a nossa lingua, e de dá-lo à luz quando nos fosse possível. Duas circumstancias felizes facilitaram a realização desse plano. A primeira foi encontrar cópia tirada do original, que assim dava não só a essencia como a fórma do escripto e nos livrava da traducção, isto é, da *traição*. A segunda foi a commissão que nos confiou o Dr. Ferreira de Araujo de publicar á sua custa um trabalho qualquer, que mostrasse a sua sympathia

pela Exposição de Historia e Geographia do Brasil, organizada pela Bibliotheca Nacional.

Este tratado dos Indios do Brasil suscita algumas questões que fôra conveniente discutir. Passaremos, porém, por todas ellas para nos occuparmos unicamente de uma: quem é o seu autor?

O manuscripto da Bibliotheca de Evora em nada nos esclarece a este respeito, porque é anonymo. As poucas palavras com que Purchas acompanha a traducção pouco nos adiantam. Elle attribue o opusculo ao irmão Manuel Tristão, enfermeiro do collegio dos Jesuitas da Bahia, fundando-se na circumstancia do livro trazer no fim algumas receitas medicinaes, e ter em uma parte escripto o seu nome. Ora, esta opinião é insustentavel. O facto de um Mts trazer um nome qualquer, sem outra declaração, provará, quando muito, que assim se chama o dono do codice. Acresce que um irmão na Companhia de Jesus era sempre um rapaz que começava, e uão tinha nem podia ter a madurez de espirito e os conhecimentos que aqui se revelam a cada passo, — ou homem feito que, apesar de inapto para a carreira das letras, possuia outras qualidades que poderiam ser uteis á poderosa Companhia de Jesus. Provavelmente era este o caso do enfermeiro... Quanto ás receitas por si nada provam: quando muito mostram que foram ensinadas pelo enfermeiro.

Estas duvidas quanto á affirmacção de Purchas sobre quem era o autor do livro — affirmacção aliás feita em termos pouco positivos, — cresceram á medida que conhecemos melhor o opusculo traduzido por elle. A cada instante encontravamos phrases e locucções familiares;

a cada passo nos parecia que já tínhamos lido cousa que se assemelhava ao que estávamos lendo.

O autor de quem nos lembrávamos lendo Purchas era Fernão Cardim. E então veio-nos ao espirito uma interrogação: quem sabe se em vez de Manuel Tristão não será Fernão Cardim o autor deste opusculo?

Para chegar a uma solução as provas intrinsecas eram sem duvida valiosas, porem não bastavam: era preciso recorrer antes ás provas extrinsecas.

Felizmente estas não faltavam.

I. Diz Purchas que o Map que reproduz foi tomado em 1601 por Francis Cook a um jesuita que ia para o Brasil. Ora, exactamente neste anno, como se pôde vêr na *Synopsis* de Franco, o padre Fernão Cardim, que voltava para o Brasil da viagem a Roma, foi aprisionado por corsarios inglezes e conduzido para Inglaterra.

II. Pela pagina 195 deste opusculo se vê que elle foi escripto em 1584. Ora, neste tempo estava Fernão Cardim no Brasil, onde, como se vê na *Narrativa epistolar* (ps. 252), elle chegou a 9 de Maio de 1583, em companhia do padre Christovão de Gouvêa e de Manuel Telles Barreto, que vinha por governador geral.

Estas duas coincidencias davam um fundamento solido á hypothese; mas para torná-la certa devia se recorrer ás provas intrinsecas, — á comparação dos estylos, ao cotejo das opiniões, etc. No caso presente estas provas têm valor porque, se o opusculo aqui publicado é de 1584, a primeira parte da *Narrativa epistolar* é de 16 de Outubro de 1585. Escrevendo em dous periodos tão proximos um do outro, é natural que, se o

opusculo sobre os Indios e da mesma penna que a *Narrativa epistolar*, não só haja conformidade de idéas como também de fórma.

Vamos teatar destas provas, mas antes de fazê-las, é necessaria uma observação. Purchas renue sob o titulo generico de *Treatise of Brasil*, dois trabalhos que se completam e são do mesmo autor. Um é o das Indios que agora publicamos; outro é das arvores, peixes, etc., que, embora interessante, não quizemos incorporar a este por dois motivos: o primeiro é que na mente do autor elles eram independentes, como se prova pelo facto de no Mss de Evora elles estarem separados; o segundo é que da segunda parte já começou a publicação o Dr. Fernando Mendes na *Revista mensal da Sociedade de Geographia*.

Todavia, aqui faremos os cortejos tanto da primeira parte como da segunda, de que o Dr. Fernando Mendes obsequiosamente nos communicou a copia que possui.

Em cada *ocor* destas ha sempre um principal a que tem alguma maneira de obrar... Este os exhorta a fazerem suas roças e mais serviços, etc. excita-os á guerra; e lhe tem em tudo respeito; faz-lhe estas exhortações por modo de pregação, começa de madrugada deitado na rede por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldea, continuando sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras.

(*Narrativa epistolar*, ps. 272).

...pelas madrugadas ha um principal em suas *ocor*, que deitado na rede por espaço de meia hora, lles prega e admoesta que vão trabalhar, como fazião seus antepassados, e distribue-lhes o tempo, e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda.

(*Indios*, ps. 146-147)

A similhaça no seguinte trecho não é menos incontestavel:

... Dentro nellas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento uenhum; e morão d'uma parte e outra, ficando grande lareira pelo meio e todos ficão como em communiidade, e entrando-se na casa se vê quanto nella está, porque estão todos á vista uns dos outros sem repartimento nem divisão; e como a gente é miúda, costumão ter fogo dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa e elles são muito vestidos sem fogo; parece a casa um inferno ou labyrintho; uns cantão, outros chorão, outros e mem, outros fazem farinha e vinhos etc., e toda a casa rode em fogueiros.

(Narrativa, ps. 271).

Compare-se mais o seguinte:

Os pais não tem cousa que mais amem que os filhos e quem a seus filhos faz alguma feo, tem dos pais quanto quer; as mães os trazem em uns pedaços de rédes a que chamão *ty-pa*, de ordinario os trazem ás costas ou na illarga escaranchadas, e com elles andão por onde quer que vão, com elles ás costas trabalhão por taboas, cluvas e frã; nenhum genero de castigo têm para os filhos.

(Narrativa, ps. 274).

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem e são, de ordinario, parentes; e em cada laço destes pouca um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas é vêr um labyrintho, porque cada laço tem seu fogo e suas rédes arcaadas e alfaias de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem a casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

(Índios, ps. 149).

Antes os filhos extraordinaria mente, e trazem-os mettidos em uns pedaços de réde que chamão *ty-pia* e os levão ás costas e a todo genero de serviço, ás costas, por frios e calinas, e trazem-nos como ciganos, escarranchados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo.

(Índios, ps. 150).

Compare-se mais:

É coisa não somente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasallar os hóspedes, os quaes agasallão chutando per um modo estranho, e a coisa passa desta maneira: Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em sua rede sem fallar palavra as parentas também sem fallar o cercão, deitando-lhes os cabellos soltos, e os braços ao pescoço, lhe t'cõ com a mão em alguma parte do seu corpo, como: peito, hombro, pe-coço, etc., estando deste modo, t'ndo-no meão cercado, começõ de lhe fazer a festa que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer; chorão todos com lagrimas a seus pés, correndo-lhe em fio como se *lha morreza o marido*, pai ou mãe; e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho paderia padecer tal hospede, e que elles padecerão em sua ausência... Acabada a festa e recebimento, limpão as lagrimas com as mãos e cabellos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca chorarõ, e depois se saudão com o seu *Erciufe* e comem, etc.

Narrativa, ps. 273-274).

Coteje-se ainda:

Tem muitos jogos a seu modo, que fazem com muito mais alegria que os meninos portuguezes: nesses jogos arreie-

Entrando-lhe algum hospede pela casa, a honra e agasallo que lhe fazem é chorarem-no: choram a pés, logo o hospede na casa, o assentão na rede, e depois de assentado sem lhe fallarem a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabellos soltos, tocando com a mão na mesma pessoa e começõ a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali e ali em poucas trovallas quantas coisas têm de receio desde que se não virão a ver, ou lha fora e outras muitas que imaginaõ, e trabalhos que o hospede padecerá pelo caminho, e t'ndo o mais que pôde provocar a lastima e choro. O hospede não se podendo fallar palavra umas filhas de chorarem per *um espaço* de tempo limpão as lagrimas e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarõ, e logo se saudão e dão o seu *Erciufe*, e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas ceremonias contão os hospedes as que vêm.

[Índios, ps. 150-151]

Tem seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arreiedam muitos generos de pas-

diam varios passaros, cobras e outros animaes, etc., os jogos são mai graciosos e desentadiços nem ha entre elles desavença, nem queixumes, pellejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins e desllestos.

(Narrativa, ps. 274).

saros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavem por causa alguma, e raramente dão uns nos outros e nem pelegão

(Indios, ps. 154).

Parece-nos incontestavel a identidade fundamental entre os extractos que demos de *Narrativa epistolar* de Fernão Cardim, publicada em 1847 e o tratado dos Indios que agora publicamos. Ha simplesmente duas differenças; a *Narrativa* foi dirigida a um amigo e nella o autor deixou seu estylo correr mais livremente, desenvolvendo certos pontos de preferencia, referindo-se a objectos conhecidos pelo seu leitor; no opusculo sobre os Indios elle é mais conciso. Além disso a *Narrativa* tratava dos Indios apenas como accidente da viagem, como adorno da paysagem; no *Tratado*, os Indios são o objecto principal, e assim os esclarecimentos são mais condensados e encadeados uns nos outros.

Vamos dar mais dous excerptos da segunda parte que o Dr. F. Mendes começou a publicar na *Revista* da Sociedade Geographica. Servir-nos-emos do seu Mss., porém, como ainda nao está todo publicado, daremos as paginas pelo IV volume de Purchas, onde a primeira e a segunda parte estão impressas, como já fica dito.

O primeiro é sobre o cajú:

Comemos debaixo de um castanheiro muito fresco, carregado de acajuas, que são com os peros repinaldos ou canhozes, são uns amarellos, outros vermelhos. têm sua castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, na qual procede o pero; é fructa gostosa boa para o tempo de calana e toda se desfaz em summo, o qual põe todas em roupa de lino ou algodão que nunca se tira.

Das castanhas se fazem maçapães e outras e umas d'elles como de açucenas: as castanhas são melhores qua as de Portugal, a arvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo.

(Narrativa epistolar, ps. 275).

(J) segundo é sobre a mangaba:

Caminhámos toda tarde por uns mangabacs que se parecem alguma coisa com maceiras de açufega, dão umas mangabas amarellas, do tamanho e reição de alborque, com muitas pimas perdidas que lhe dão muita graça: não têm caroço, mas umas pedras muy brandas que tambem se comem. a fructa é de maravilhoso gosto. tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não ha fartar se. sorvem-se como sorvas, não amadurecem na arvore, mas cahndo amadurecem no chão ou pondo-as em madureças: dão no ouro duas camadas, a pri-

estas arvores são muito grandes e fruosas perdem a folha em seu tempo e a flor se dá em os cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro e após ella nasce um castanha, e da castanha nasce um pomo do tamanho de um repinaldo ou maça canhoza; é fructa muito bom sa. e são alguns amarellos, outros vermelhos e tudo é summo: são bons para a calana, refrescam muito e o summo põe a pele em panno branco que se não tira senão quando se arafia. A castanha é tão boa ou melhor que a de Portugal, comemos assadas e outras deitadas em agua como amendas piladas, dellas fazem maçapães e beçados doces.

(Parchas, IV, ps. 136b)

Destas arvores ha grande cópia, maxime na Bahia, porque nas outras partes são raras: na reição se parece com maceira de açufega e a folha em a de freixo; são arvores graciosas e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes por anno, a primeira de hoião, porque não deitam então flor, mas o mesmo hoião é a fructa; atalhada esta camada que dura duas ou tres mezes, dá outra, tornando primeiro flor a qual é toda com de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esparto, a fructa é do tamanho de abricós, amarella e salpicada de al-

meira se diz do botão e da flôr, mas o mesmo botão é a fructa. Estas são as melhores, e maiores e vêm pelo Natal. a segunda cantada é de flôr alva como neve, da propria maneira que a de jasmin, assim na f. i. ção, tamanho e cheiro.

(Narrativa, ps. 276).

gumas pintas pretas, dentro tem algumas pedras, mas tudo se come ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, secas e tão leves que por mais que comão, parece que não comem fructa; não amadurecem na arvore, mas cahem no chão e d'ahi as apanhão já maduras, ou colheindo-as verdes as põem em madouros.

(Purchas, IV, ps. 1307).

A esses trechos poderíamos juntar muitos outros. Poderíamos mostrar que na segunda parte do *Tratado*, o autor diz que *viajava* durante leguas e leguas de mangue, o que está de accordo com a *Narrativa epistolar*; que ainda na segunda parte do *Tratado* elle refere-se a bichinhos que atacam de preferencia aos Europeus chegados de fresco, o que está de accordo com a *Narrativa*, p. 298, onde se lê que o padre Christovão de Gouvêa ficou cheio de pustemas em consequencia das mordiduras de carrapatos que soffreu em Pernambuco. Não o fazemos, porque uma demonstração mais longa é dispensavel. A melhor demonstração só o leitor a pôde fazer, comparando a encantadora *Narrativa* com este opusculo, que por nossa parte não achamos menos encantador e aprazível. Passaremos, pois, a dar conta do nosso trabalho de editor.

Desde que tomamos a responsabilidade dessa publicação, entendemos de nosso dever precede-la da biographia do autor. Para este fim tomamos copiosas notas de Jarric, Vieira, Simão de Vasconcellos, Sebastião de Abreu e Franco. Infelizmente estas notas são insufficientes e deixam sem o minimo esclarecimento annos e

annos da vida de Fernão Cardim. A vista d'isto resolvemos adiar para mais tarde esta empreza que a antiga sympathia que lhe votamos e o muito que temos apreendido em seus livros converteram em obrigação, ao mesmo tempo indeclinavel e deliciosa.

Antes de terminar: adoptamos em volume a orthographia moderna, em parte levado pelo exemplo de Varahagen, em parte pelas muitas irregularidades de copia, feita por pessoa de muito poucas habilitações. Juntamos algumas variantes de Purchas, algumas das quaes não deixam de ter importancia e que são preciosas, principalmente nas palavras abañeêngas, que muitas vezes reproduzem menos deturpadas.

Circunstancias que não vêm ao caso mencionar, impediram que este opusculo visse a luz no tempo da Exposição de Historia e Geographia do Brasil. D'ahi não resultou inconveniente, pois a Exposição de Historia não foi menos brilhante, nem menos assignalados foram os serviços prestados pelo *Catalogo* destinado a perpetuar a sua lembrança.

E se inconveniente houve, resarcin-o completamente o facto desta demora permittir que o presente livro fosse anotado pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Durante uma vida laboriosa, o Dr. Baptista Caetano tem feito das linguas brasílicas o seu estudo predilecto. Foi elle quem primeiro nos deu uma grammatica e um dictionario da lingua abañeênga, feito pelos processos modernos. A linguistica comparativa dará um passo agigantado em nosso continente, se elle puder, como pretende, publicar o seu *Paulexicon*, em que trabalho vai para trinta annos.

As notas do Dr. Baptista Caetano são especialmente etymologicas, porém não o são exclusivamente. Muitas vezes, levado pelo assumpto, expoz de passagem as suas idéas sobre as migrações sul-americanas, e sobre as relações que ligam umas ás outras tribus.

A sua importancia é, portanto, patente.

E agora só resta dizer ao leitor o *tolle et lege* do costume; e pedir ao amigo ausente desculpa por não ter realizado a empresa que nos incumbiu de modo condigno com o elevado sentimento que a inspirou.

Rio, Novembro de 1881.

J. CAPISTRANO DE ABREU.

DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS DO BRASIL, E DE SEUS COSTUMES, ADO- RAÇÃO E CEREMONIAS

Este gentio parece que não tem conhecimento do principio do Mundo, do diuino parece que tem alguma noticia, mas como não tem escripturas, nem caracteres, a tal noticia é escura e confusa; porque dizem que as aguas afogarão e matarão todos os homens, e que somente um escapou em riba de um Jarópaba, com uma sua irmã que estava prenhe, e que destes dois têm seu principio, e que dali começou sua multiplicação.

DO CONHECIMENTO QUE TEM DO CREADOR

Este gentio não tem conhecimento algum de seu Creador, nem de causa do Céu, nem se ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto diuino, mas sabem que têm alma e que esta não morre (1) e depois da morte vão a uns campos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra coisa senão bailar; e têm grande medo do demonio, ao qual chamam *Curupira, Taguagba* (2), *Macochera, Anhan-*

(1) And they say that the soules are converted into devils. (Purchas. IV. 1289|1290.

(2) Taguain, Pietangua, (Purchas. ib.) Kiviet dá ainda outro nome do diabo, que é Avasaly em Purchas e Avassaty na tradução portugueza do Dr. José Hygino Duarte Pereira, na *Revista do Instituto Historico*, tomo XLI, parte 1.ª, ps 230.

na, e é tanto o medo que lhe têm, que só de imaginarem nelle morrerem, como acontecer já muitas vezes; não no adoração, nem a alguma outra creatura, nem têm ídolos de nenhuma sorte, sómente dizem alguns antigos que em alguns caminlio, têm certos postos, aonde lhe offerecem algumas cousas pelo medo que têm delles, e por não morrerem. Algumas vezes lhe apparecem os diabos, ainda que raramente, e entre elles ha poucos eudemoniuhados.

U-ão de alguns feitiços, e feiticieiros, não porque creião nelles, nem os adorem, mas sómente se dão a chapar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saúde, mas não por lhes parecer que ha nelles divindade, e mais o fazem por receber saúde que por outro algum respeito. Entre elles se alevantão algumas vezes alguns feiticieiros, a que chamão *Curaiha*. Santo ou Santidade, e é de ordinario algum Indio de ruim vida; este faz algumas feitiçarias, e cousas estranhas á natureza, como mostrar que resuscita a algum vivo que se faz morto, e com esta e outras cousas semelhantes traz apés si todo o sertão enganando-os dizendo-lhes que não cocem, nem plantem seus legumes, e mantimentos, nem caveca, nem trabalhem, etc., por que com sua vinda é chegado o tempo em que as enxadas por si hão de cavar, e os *panicús* (3) ir ás roças e trazer os mantimentos, e com estas falsidades os traz tão embebidos, e encantados, deixando de olhar por suas vidas, e grangear os mantimentos que, morrendo de pura fome, se vão estes ajuntamento desfazendo pouco a pouco, até que a Santidade fica só, ou a matão.

(3) Beasts. (Purcellas, ib.)

Não têm nome proprio com que expliquem a Deus, mas dizem que *Tupã* é o que faz os trovões (4) e relâmpagos, e que este é o que lhes deu as enxadas, e mantimentos, e por não terem outro nome mais proprio e natural, chamão a Deus *Tupã*.

DOS CASAMENTOS

Entre elles ha casamentos, porém ha muita duvida se são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como pelas deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça, que entre elles aconteça; mas, ou verdadeiros ou não, entre elles se fazião deste modo. Nenhum mancebo se costumava casar antes de tomar contrario, e perseverava virgem até que o tomasse e matasse cortando-lhe primeira suas festas por espaço de dous ou tres annos; a mulher da mesma maneira não conhecia homem, até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe fazião grandes festas; ao tempo de lhe entregarem a mulher fazião grandes viúhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada (5), e depois de casados começavão a beber, porque até ali não o consentião seus pais, ensinando-os que bebem com tento, e fossem considerados e prudentes em

(4) They say the *Tupã* is the thunder and lightning. (Parchas. *ib*).

(5) And after they were laid, the rather take a wedge of stone and did cut upon a post or stake then they say hee did cut the tales from the grand children, and therefore they were borne without them. (Parchas. *ib*).

seu falar, para que o vinho lhe não fizesse mal, nem falassem cousas ruins, e então com uma cuya lhe davão os velhos antigos o primeiro vinho, e lhe tinhão a mão na cabeça para que não arrevesassem, porque se arrevesava tinhão para si que não seria valente, e vice-versa.

DO MODO QUE TEM EM SEU COMER E BEBER

Este gentio come em todo o tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como tem que comer não o guardão muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seus amigos, de modo que de um peixe que tenham repartem com todos, e têm por grande honra e primor serem liberaes, e por isso cobrão muita fama e honra, e a peor injuria que lhes podem fazer é terem-nos por escassos, ou chamarem-lho, e quando não têm que comer são muito soffridos com fome e sede.

Não têm dias em que comão carne e peixe; comem todo genero de carnes, ainda de animaes immundos, como cobras, sapos, ratos, e outros bichos similhantes, e tambe.° comem todo genero de fructas, tirando algumas peçonhentas, e sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem a cultivarem, como caças e fructas; porém têm certo genero de mantimentos de boa substancia, e sadio, e outros muitos legumes de que abaixo se fará menção. De ordinario não bebem enquanto comem, mas depois de comer bebem agua, ou vinho que fazem de muitos generos de fructas e raizes, como abaixo se dirá, do qual bebem sem regra, nem modo e até cairem.

Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e durão dous, tres dias, em os quaes não comem, mas sómente bebem (6), e para estes beberes serem mais festejados andão alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos achão para beberem (7), e revesando-se continhão estes bailos e musica todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vae em beber, e de bebados fazem muitos desmauchos, e quebrão as cabeças uns aos outros, e tomão as mulheres alheias, etc. Antes de comer nem depois não dão graças a Deus, nem lavão as mãos antes de comer, e depois de comer as alimpão aos cabellos, corpo e paus; não têm toalhas, nem mesa, comem assentados, ou deitados nas redes, ou em cocaras no chão, e a farinha comem de acremesso, e deixo outras muitas particularidades que têm no comer e beber, porque estas são as principaes

DO MODO QUE TÊM EM DORMIR

Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e fivão nellas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como no ar, e não tem outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo: não madrugão muito, agazallão se com cedo, e pelas madrugadas ha um principal em suas oras (8) que dei-

(6) And there be men that empty a whole vessel of wine. (Purchas, ib.)

(7) And be merrie. (Purchas, ib.)

(8) Faltam estas palavras em Purchas.

tado na rede por espaço de meia hora lhes prega, e admoesta que vão trabalhar como fizeram seus antepassados, e distribue-lhes o tempo, dizendo-lhes as cousas que hão de fazer, e depois de levantado continua a pregação, correndo a povoação toda. Tomarão este modo de um passaro que se parece com os falções o qual canta de madrugada e lhe chamam rei, senhor dos outros passaros, e dizem elles que assim como aquelle passaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convem que os principaes fação aquellas falas e prêgações de madrugada para serem ouvidos dos seus.

DO MODO QUE TÊM EM SE VESTIR

Todos andam nus assim homens como mulheres, e não têm genero nenhum de vestido e por nenhuma caso *evrecoudout*, antes parece que estão no estado de innocencia nesta parte, pela grande honestidade e modestia que entre si guardão, e quando algum homem fala com mulher vira-lhe as costas. Porém para sairem galantes, usão de varias invenções, tingindo seus corpos com certo sumo de uma arvore (9) com que ficam pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc., a modo de imperiaes (10).

Tambem se empemão, fazendo diademas e bracetes, e outras invenções muito lustrosas, e fazem muito caso de todo genero de penhas finas. Não deixão crear

(9) Oí certainc fruite. (Purchas, ib.)

(10) Many white streaks, after the fashion of round hose, and other kinde of garments. (Purchas ib.)

cabello nas partes de seu corpo, porque todos os arraução, sómente os da cabeça deixão, os quaes tosquião de muitas maneiras, porque uns o trazem comprido com uma meia lua tapada por diante, que dizem tomãrão este modo de S. Thomé, e parece que tiverão delle alguma noticia, ainda que confusa. Outros fazem certo genero de coroas e circulos que parecem frades: as mulheres todas têm cabellos compridos e de ordinario pretos, e de uns e outros é o cabello corredio; quando andão anojados deixão crescer o cabello, e as mulheres quando andão de dô, cortão os cabellos; e tambem quando os maridos vão longe, e uisto mostrão terem-lhe amor e guardarem-lhe lealdade; é tanta a variedade (11) que têm em se tosquiarem, que pela cabeça se conhecem as nações.

Agora já andão alguns vestidos, assim homens como mulheres, mas estimão-no tão pouco que o não trazem por honestidade, mas por cerimonia, e porque lho mandão trazer, como se vê bem, pois alguns saem de quando em quando com umas jorues que lhes dão pelo umbigo sem mais nada, e outros sómente com uma caxapuça na cabeça, e o mais vestido deixão em casa: as mulheres fazem muito caso de fitas e pentes.

DAS CASAS

Usão estes índios de umas ocas ou cascas de madeira cobertas de folha (12), e são de comprimento al-

(11) Vanité. (Purchas. ib.)

(12) Palm tree leaves. (Purchas. ib.)

gumas de duzentos e trezentos palmos, e têm duas e tres portas muito pequenas e baixas; mostram sua valentia em buscarem madeira e esteios muito grossos e de dura, e ha casa que tem cincoenta, sessenta ou setenta lanços de 25 ou 30 palmos (13) de comprido e outros tantos de largo.

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinario parentes: e em cada lanço destes pousa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas casas é ver (14) um labirinto, porque cada lanço tem seu fogo e suas redes armadas, e alfaias, de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem, e casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

DA CREAÇÃO DOS FILHOS

As mulheres parindo, (e pavemento no chão), não levantão a creança, mas levanta-a o pai, ou alguma pessoa que tomão por seu compadre, e na amizade ficão como os compadres entre os Christãos; o pai lhe corta a vidade com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se põe a jejnar até que lhe cae o umbigo, que é de ordinario até os oito dias, e até que não lhe caia não deixam o jejum, e em lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com frechas, e lho ata no punho da rede, e no outro punho muitos molhos d'ervas, que são os contrarios que seu filho ha de matar e co-

(13) Quarters. (Purchas, ib.)

(14) To enter. (Purchas, ib.)

mer, e acabadas estas ceremonias fazem viuhos com que se alegrão todos. As mulheres quando parem logo se vão lavar aos rios, e dão de memar á creança de ordinario anno e meio, sem lhe darem de comer outra cousa; avião os filhos extraordinariamente, e trazem-nos mettidos nuns pedaços de redes que chamão *typoja* (15) e os levão ás roças e a todo o genero de serviço, ás costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciguanas escanchados no quadri, e não lhes dão nenhum genero de castigo (16). Para lhes não chamarem os filhos (17) têm muitos agouros, porque lhe põem algodão sobre a cabeça, pena de passaros e pau, deitão-nos sobre as palmas das mãos, e roçã-nos por ellas para que cresção. Estimão mais fazereu bem aos filhos que a si próprios, e agora estimão muito e amão os padres, porque lh'os crião e ensinão a ler, e crever, e contar, cantar e tauger, cousas que elles muito estimão.

DO COSTUME QUE TEM EM AGAZALHAR OS HOSPEDES

Entrando-lhe algum hospede pela casa a honra e agazallo que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hospede na casa o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mãs amigas se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e conecção a cho-

(15) Tupiya (Parchas, ib.)

(16) That their children may not cry. (Parchas, ib.)

(17) Faltam estas palavras em Parchas.

rar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trovadas quantas cousas têm acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras muitas que imaginão, e trabalhos que o hospede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que pôde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpão as lagrimas, e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarão, e logo se saudão, e dão o seu *Erciufe* (18), e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas ceremonias contão os hospedes ao que vêm. Tambem os homens se chorão uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc.; têm por grande honra agazalharem a todos e darem-lhe tudo o necessario para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, flechas, passaros, penas e outras cousas, conforme a sua pobreza, sem algum genero de estipendio.

DO COSTUME QUE TEM EM BEBER FUMO

Costumão estes gentios beber fumo de *petigua* por outro nome erva santa; esta secção e fazem de uma folha de palha uma *canguera*, que fica como canudo de canna cheio desta herva, e pondo-lhe o fogo na ponta metem o mais grosso na boca, e assim estão chupando e bebendo aquelle fumo, e o têm por grande mimo e regalo, e deitados em suas redes gastão em tomar estas fumaças parte dos dias e das noites. A alguns faz

(18) Or welcome. (Purchas, IV, p. 1292).

muito mal, e os atordoa e embelbeda; a outros faz bem e lhes faz deitar muitas reimas pela boca. As mulheres tambem o beben, mas são as velhas e enfermas, porque é elle muito medicinal, principalmente para os doentes de asthma, cabeça ou estomago, e daqui vem grande parte dos Portuguezes beberem este fumo, e o têm por vicio, ou por preguiça, e imitando os Indios gastão nisso dias e noites.

DO MODO QUE TÊM EM FAZER SUAS ROÇARIAS E COMO PAGÃO UNS AOS OUTROS

Esta nação não tem dinheiro com que possam satisfazer aos serviços que lhes fazem, mas vivem *commutacione rerum* e principalmente a troco de vinho fazem quanto querem; e assim quando hão de fazer algumas cousas, fazem vinho e avisando os visinhos, e apelidando toda a povoação lhes rogão os queirão ajudar em suas roças, o que fazem de boa vontade, e trabalhando até as 10 horas tornão para suas casas a beber os vinhos, e se aquelle dia se não acabam as roçarias, fazem outros vinhos e vão outro dia até as 10 horas acabar seu serviço; e deste modo usão os brancos prudentes (19), e que sabem a arte e maneira dos Indios, e quanto fazem por vinho, por onde lhes mandão fazer vinhos, e os chamão ás suas roças e canaveacs, e com isto lhes pagão.

(19) Or Portugals. (Purchas, ib.)

Tambem usão de ordinario, por troco de algumas cousas (20), de contas brancas que se fazem de buzios, e a troco de alguns ramaes dão até as mulheres, e este é o resgate ordinario de que usão os brancos para lhes comprarem os escravos e escravas que têm para comer.

DAS JOIAS E METARAS

Usão estes Indios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de colares de buzios, de diademas de penas e de umas *metaras* (21) (pedras que metem no beijo de baixo) verdes, brancas, azues, muito finas e que parecem esmeraldas ou cristal, são redondas e algumas tão compridas que lhe dão pelos peitos, e ordinario é em os grandes principaes terem um palmo e mais de comprimento: tambem usão de manilhas brancas dos mesmos buzios, e nas orelhas metem umas pedras brancas de comprimento de um palmo e mais, e estes outros semelhantes são os arceios com que se vestem em suas festas, quer sejam em matanças dos contrarios, quer de vinhos, e estas são as riquezas que mais estimão que quanto têm.

DO TRATAMENTO QUE FAZEM A'S MULHERES E COMO AS ESCUDEIRÃO

Costumão estes Indios tratar bem ás mulheres, nem lhes dão nunca, nem pelejão com ellas, tirando em tent-

(20) To change some things for. (Purchas, ib.)

(21) Broaches. (Purchas, ib.)

po dos vinhos, porque então de ordinario se vingão dellas, dando por desculpa depois o vinho que beberão e logo ficão amigos como dantes, e não durão muito os odios entre elles, sempre andão juntos e quando vão fóra a mulher vai de traz e o marido diante para que se acoutecer alguma cilada não caia a mulher nella, e tenha tempo para fugir enquanto o marido pejeja com o contrario, etc., mas á tornada da roça ou qualquer outra parte vem a mulher diante, e o marido de traz, porque como tenha já tudo seguro, se acoutecer algum desastre possa a mulher que vai diante fugir para casa, e o marido ficar com os contrarios, ou qualquer outra coisa. Porem em terra segura ou dentro na povoação sempre a mulher vai diante, e o marido de traz, porque são ciosos e querem sempre ver a mulher.

DOS SEUS BAILOS E CANTOS

Ainda que são malencolicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arremedão muitos generos de passaros, e com tanta festa e orden que não ha mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade, que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pullias, nem clamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavêm por coisa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pejeão; logo de pequeninos os ensinão os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são differenças de mudança, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo

e cabeça, e tudo fazem por tal compasso (22), com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usão os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que também fazem muito boas contas, e assim bailão cantando juntamente, porque não fazem uma coisa sem outra, e têm tal compasso e ordem, que ás vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiados uns detraz dos outros, acabão todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores, assiu homens como mulheres, em tanto que se tomão um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailão sós. Guardão entre si diferenças de vozes em sua consonancia, e de ordinario as mulheres levão os tipples, contraltos e tenores.

DOS SEUS ENTERRAMENTOS

São muito maviosos (23) e principalmente em chorar os mortos, e logo como algum morre os parentes se lanção sobre elle na rede e tão depressa que ás vezes os afogão antes de morrer, parecendo-lhes que está morto, e os que se não podem deitar com o morto na rede se deitão pelo chão dando grandes laques, que pa-

(22) And pleasantnesse as can be desired. (Purchas, IV, p. 1.293).

(23) Wicked. (Purchas, ib.)

rece milagre não acabarem com o mesmo morto, e destes baques e choros ficão tão cortados que ás vezes morrem. Quâdo chorão dizem muitas lastimas e magias, e se morre a primeira noite, (24) tulta ella em peso chorão em alta voz, que é espanto não cantarem.

Para estas mortes e choros chamão os vizinhos e parentes, e se é principal, ajuntá-se toda a aldea a chorar, e iusto têm tambem seus pontos de honra, e aos que não chorão lanção pragas, dizendo que não hão de ser chorados: depois de morto o lavão, e pintão muito galante, como pintão os contrarios, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma *cuya* (25) no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de maneira que lhe não chegue terra, e ao pote cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levão de comer, porque dizem que como cança de bailar, vem ali comer, e assi os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com elle metem todas as suas joias e *melaras* (26), para que as rão veja ninguem, nem se lastime; mas o defunto tinha alguma peça, como espada, etc., que lhe haviam dado, torna a ficar do que lha deu, e a torna a tomar onde quer que a acha, porque dizem que como um morre perde todo o direito do que lhe tinhão dado. Depois de enterrado o defunto os parentes estão em continuo pranto de noite e de dia, começando uns, e acabando outros; não comem senão de noite, arruão as redes junto dos telhados, e as

(24) At evening. (Purchas, ib.)

(25) Covering. (Purchas, ib.)

(26) Broaches. (Purchas, ib.)

mulheres ao segundo (27) dia cortão os cabellos, e dura este pranto toda uma lua, a qual acabada fazem grandes vinhos para tirarem o dó, e os machos se tosquião, e as mulheres se enfeitão tingindo-se de preto, e estas ceremonias e outras acabadas, começam a comunicar uns com os outros, assim homens como as mulheres; depois de lhes morrerem seus companheiros, algumas vezes, não tornam a casar, nem entrão em festas de vinhos, nem se tingem de preto, porém isto é raro entre elles, por serem muito dados a mulheres, e não podem viver sem ellas.

DAS FERRAMENTAS DE QUE USÃO

Antes de terem conhecimento dos Portuguezes usavão de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, pau, cannas, dentes de animaes, etc., e com estes derribavão grandes matos com cumbas de pedra, ajudando-se do fogo; assim mesmo cavavão a terra com uns paus agudos e faziam suas *netaris* (28), contos de buzios, arcos e flechas tão bem feitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavão muito tempo a fazer qualquer cousa, pelo que estimão muito o ferro pela facilidade que sentem em fazer suas cousas com elle, e esta é a razão porque iolgão com a comunicação dos brancos (29).

(27) After twenty daies. (Purchas, ib.)

(28) Broaches. (Purchas, ib.)

(29) The Portugals. (Purchas, ib.)

DAS ARMAS DE QUE USÃO

As armas deste gentio o ordinario são arcos e frechas, e delles se honrão muito, e os fazem de boats madeiras, e muito galantes, tecidos com pluma de varias cores, e lhes tingem as cordas de verde ou vermelho, e as frechas fazem muito galantes, buscando para ellas as mais formosas penas que achão; fazem estas frechas de varias caudas, e na ponta lhes metem dentes de animaes ou umas certas caudas muito duras e cruéis, ou uns pauz agudos com muitas farpas, e às vezes as ervão com peçonha.

Estas frechas ao parecer, parece coisa de zombaria, porém é arma cruel; passam muitas couraças de algodão, e dando em qualquer pau o abrem pelo meio, e acontece passarem um homem de parte a parte, e ir pregar no chão: exercitão-se de muito pequenos nestas armas, e são grandes frecheiros; e tão certos que lhes não escapa passarinho por pequeno que seja, nem bicho do mato, e não tem mais que querecem meter uma frecha por um olho de um passaro, ou de um homem, ou dar em qualquer outra coisa, por pequena que seja, que o não fação muito a o seu alvo, e por isso são muito temidos, e tão intrepidos e ferozes que mette espanto. São como bichos do mato, porque entrão pelo sertão a caçar despidos e descalços sem medo nem temor alguma.

Vem sobre maneira, porque á legua ouxergão qualquer coisa, e da mesma maneira ouvem; atinão muito: regendo-se pelo sol, vão a todas as partes que quereem dazentas e trezentas leguas, por matos espessos sem errar ponto, andão muito, e sempre, de galope, e principalmente com cargas, nem um a cavallo os pôde alcançar; são

grandes pescadores e nadadores, nem temem mar, nem ondas, e aturão um dia e noite nadando, e o mesmo fazem rematado e ás vezes sem comer.

Tambem usão por armas de espadas de pau e os cabos dellas tecem de palmea de varias cores e os empenão com pennas de varias cores, principalmente em suas festas e matanças: estas espadas são crucis, porque não dão ferida, mas pisão e quebrão a cabeça de um homem sem haver remedio de cura.

DO MODO QUE ESTE GENTIO TEM ACERCA DE MATAR E COMER CARNE HUMANA (30)

De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seus contrarios, nem entre elles ha festas que cheguem ás que fazem na morte dos que matão com grandes ceremoniãs, as quaes fazem desta maneira. Os que tomados na guerra vivos são destinados a matar, vêm logo de lá com um signal, que é uma cordinha delgada ao pescoço e se é homem que pôde fugir traz uma mão atada ao pescoço debaixo da barba, e antes de entrar nas povoações que ha pelo caminho os enfeitão, depennando-lhes as pestanas e sobrancelhas e barbas, tosquiando-os ao seu modo, e empenuando-os com pennas amarellas tão bem assentadas que lhes não apparece cabello: as quaes os fazem tão listrosos como aos Espanhoes os seus vestidos ricos, e assim vão mostrando sua

(30) And of their creating Gentlemen. (Parellas, IV p. 1294).

victoria por onde quer que passão. Chegando á sua terra, o saiem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento commum entre elles, e sem mais outra vexação ou prisão, salvo que lhes tecem no pescoço um colar redondo como corda de boa grossura, tão dura como pau, e neste colar comecção de urdir grande numero de braças de corda delgada de comprimento de cabellos de mulher, arreatada em cima com certa volta, e solta em baixo, e assim vai toda de orelha a orelha por detraz das costas e ficão com esta coleira uma horrenda cousa: e se é fronteiro e pôde fugir, lhe poem em lugar de grilhões por baixo dos gílios uma pea de fio tecido muito apertada, a qual para qualquer faca fica fraca, se não fossem as guardas que nenhum momento se apartão delle, quer vá pelas casas, quer para o mato, ou ande pelo terreiro, que para tudo tem liberdade, e communmente a guarda é uma que lhe dão por mulher, e tambem para lhe fazer de comer, o qual se seus senhores lhe não dão de comer, como é costume, toma um arco e frecha e atira á primeira galinha ou pato que vê, de quem quer que seja, e ninguém lhe vai á mão, e assim vai engordando, sem por isso perder o somno, nem o rir e folgar como os outros, e alguns andão tão contentes com haverem de ser comidos, que por nenhuma via consentirão ser resgatados para servir, porque dizem que é triste cousa morrer, e ser fedorento e comido de bichos. Estas mulheres são communmente nesta guarda fieis, porque lhes fica em honra, e por isso são muitas vezes moças e filhas de principes, maxime se seus irmãos bão de ser os matadores, porque as que não têm estas obrigações muitas vezes se afeiçoão a elles de maneira que não somente

lhes dão azo para fugirem, mas tambem se vão com elles: nem ellas correm menos riscos se as tornão a tomar que de levarem umas poucas de pancadas, e ás vezes são comidas dos mesmos a quem derão a vida.

Determinado o tempo em que ha de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panelas, alguidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isto prestes, assim os principaes como os outros mandão seus mensageiros a convidar outros de diversas partes para tal lua, até dez, doze leguas e mais, para o qual ninguem se excusa. Os hospedes vêm em magotes com mulheres e filhos, e todos entrão no lugar com danças e bailos, e em todo o tempo em que se junta a gente, ha vinho para os hospedes, porque sem elle todo o mais gazalhado não presta; a gente junta, começão as festas alguns dias antes, conforme ao numero, e certas ceremonias que precedem, e cada uma gasta um dia.

Primeiramente têm elles para isto umas cordas de algodão de arcazoada grossura, não torcidas, se não tecidas de um certo lavor galante; é cousa entre elles de muito preço, e não nas têm senão alguns principaes, e segundo ellas são primas, bem feitas, e elles vagarosos (31), é de crer que nem em um anno se fazem: estas estão sempre muito guardadas, e levão-se ao terreiro com grande festa e alvoroço dentro de uns alguidares, onde lhes dá um mestre (isto dous nós, por dentro dos quaes com força corre uma das pontas de maneira que lhes fica bem no meio um laço; estes nós são galantes e artificiosos, que poucos se achão que os saibão fazer, porque têm algumas dez voltas e as cinco vão por cima

(31) Their taking pleasure. (Purchas, IV. p. 1295).

das outras cinco, como se um atravessasse os dedos da mão direita por cima dos da esquerda, e depois a tingem com um polme de um barro branco como cal e deixão-nas enxugar.

O segundo dia trazem muito feixes de cannas bravas de comprimento de lanças e mais, e á noite põem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhes ao fogo ao pé se faz uma formosa e alta fogueira, ao redor da qual andão bailando homens e mulheres com waços de frechas ao hombro, mas andão muito depressa, porque o morto que ha de ser, que os vê melhor do que é visto por causa do fogo, atira com quanto acha, e quem leva, leva, e como são muitos, poucas vezes erra.

Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de cannas e batem todos á uma no chão ora com um pé, ora com outro, sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assoprão os canudos, e não ha outro cantar nem falar, e como são muitos e as cannas umas mais grossas, outras menos, além de atroarem os matos, fazem uma harmonia que parece musica do inferno, mas elles aturão nellas como se fossem as mais suaves do mundo; e estas são suas festas, afora outras que entremetem com muitas graças e adivinhações.

Ao quarto dia, em rompendo a alva, levão o contrario a lavar a um rio, e vão-se detendo para que, quando tornarem, seja já dia claro, e entrando pela aldeia, o preso vai já com oltio sobre o hombro, porque não sabe de que casa ou porta lhe ha de sair um valente que o ha de aferrar por detraz, porque, como toda sua bemaventurança consiste em morrer como valente, e a ce-

ceremonia que se segue é já das mais propinquas á morte, assim como o que ha de aferrar mostra suas forças em só elle o subjugar sem ajuda de outrem, assim elle quer mostrar animo e forças em lhe resistir; e ás vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe succede outro que se tem por mais valente homem. os quaes ás vezes ficão bem enxovalhados, e mais o ficarião, se já a este tempo o captivo não tivesse a pãa ou grilhões. Acabada esta luta elle em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aferrado, sae um coro de nymphas que trazem um grande alguidar novo pintado, e nelle as cordas enroladas e bem alvas, e posto este presente aos pés do captivo, começa uma velha como versada nisto e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudão, cuja letra é conforme a cerimonia, e enquanto ellas cantão os loutens tomão as cordas, e metido o laço no pescoço lhe dão um nó simples junto dos outros grandes, para que se não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras as metem no braço á mulher que sempre anda detraz d'elle com este peso, e se o peso é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das rodas, e se elle dantes era temeroso com a coleira, mais o fica com aquelles dous nós tão grandes no pescoço da banda detraz, e por isto diz um dos pés da cantiga: *vós somos aquellas que fazemos estirar o pescoço no passaro*, posto que depois de outras ceremonias lhe dizem noutra pé:

Si tu foras papagaio, voando nos fugiras.

A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartiamentos, ainda que seja de 20 ou 30 bra-

ças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começam a beber é um labirinto ou inferno ve-los e ouvi-los, porque os que bailão e cantão aturão com grandíssimo fervor quantos dias e noites os vinhos durão: porque, como esta é a própria festa das matanças, ha no beber dos vinhos muitas particularidades que durão muito, e a cada passo ourinão, e assim aturão sempre, e de noite e dia cantão e bailão, bebem e fallão cantando em magotes por toda a casa, de guerras e sortes que fizerão, e como cada um quer que lhe oução a sua historia, todos fallão a quem mais alto, agora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. Aquella manhã que começam a beber enfeitão o captivo por um modo particular que para isso têm, a saber: depois de limpo o rosto, e quanta penugem nelle ha, o untão com um leite de certa arvore que pega muito, e sobre elle poem um certo pó de umas cascas de ovo verde de certa ave do mato, e sobre isto o pintão de preto com pinturas galantes, e untando tambem o corpo todo até a ponta do pé o enchem todo de penna, que para isto têm já picada e tinta de vermelho, a qual o faz parecer a metade mais grosso, e a cousa do rosto o faz parecer tanto maior e luzente, e os olhos mais pequenos, que fica uma horreada visão, e da mesma maneira que elles têm pintado o rosto, o está tambem a espada, a qual é de pau ao modo de uma palmatoria, senão que a cabeça não é tão redonda, mas quasi triangular, e as horlas acabão quasi em gume, e a haste, que será de 7 ou 8 palmos, não é toda roliça, terá junto da cabeça 4 dedos de largura e vem cada vez estreitando até o cabo, onde tem uns pendentos ou campainhas de penna de diversas cores, é cousa galante e de preço

entre elles, elles lhe chamão *Ingapenambin*, orelhas da espada. O derradeiro dia dos vinhos fazem no meio do terreiro uma choça de palmas ou tantas quantos são os que hão de morrer, e naquella se agazalha, e sem nunca mais entrar em casa, e todo o dia e noite é bem servido de festas mais que de comer, porque lhe não dão outro conducto senão uma fructa que tem sabor de nozes, para que ao outro dia não tenha muito sangue.

Ao quinto dia pela manhã, ali ás sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muito saudosa e dizendo por despedida algumas lastimas pelo menos fingidas; então lhe tirão a peia e lhe passam as cordas do pescoço á cinta, e posto em pé á porta do que o ha de matar, saca o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma (32) a que chamão capa de penna, que se ata pelos peitos, e ficão-lhe as alas para cima como azas de Anjo, e nesta dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares extranhos com olhos e corpo, e com as mãos arremedia o minhoto que desce á carne, e com estas diabruras chega ao triste, o qual tem as cordas estiradas para os illargos e de cada parte um que o tem, e o captivo, se acha com que atirar, o faz de boa vontade, e muitas vezes lhe dão com que, porque lhe saem muitos valentes, e tão ligeiros em furtar o corpo que os não pôde acertar. Acabado isto, veio um honrado (33), padrinho do novo cavalleiro que ha de ser, e tomada a espada lh'a passa muitas vezes por entre as pernas, mettendo-a ora por uma parte ora por outra da propria ma-

(32) Garment (Purchas. IV. p. 1296).

(33) Honorable Iudge (Purchas. ib.)

neira que os cachorrinhos dos sanfoneiros, lhe passão por entre as pernas, e depois tomando-a pelo meio com ambas as mãos aponta com uma estocada aos olhos do morto (34), e isto feito lhe vira a cabeça para cima da maneira que della hão de usar, e a mete nas mãos do matador, já como apta e idonea com aquellas benções para fazer seu officio para o qual se põe algum tanto ao lado esquerdo, de tal geito que com o gume da espada lhe acerte no tontico, porque não tira a outra parte (35), e é tanta a bruteza destes que, por não temerem outro mal senão aquelle presente tão inteiros estão como se não fosse nada, assim para fallar, como para exercitar as forças, porque depois de se despedirem da vida com dizer que *muito embora morro, pois muitos tem mortos, e que alem disso cá ficão seus irmãos e parentes para o vingarem*, e nisto appare'ha-se um para furtar o corpo, que é toda a hora de sua morte. E são nisto tão ligeiros que muitas vezes é alto dia sem o poderem matar, porque em vindo (36) a espada pelo ar, ora desvia a cabeça, ora lhe furta o corpo, e são nisto tão terriveis que se os que têm as pontas das cordas o apertão, como fazem quando o matador é frouxo, elles (37) tão riço que os trazem a si e os fazem afrouxar em que lhes pese, tendo um olho nelles e outro na espada, sem nunca estarem quedos, e como o matador os não pode enganar ameaçando sem dar, sob pena de lhe darem uma apupada, e elles lhe adivinhão o golpe.

(34) Of the man which isto dic. (Purchas, ib.)

(35) F r he striketh at another place. (Purchas, ib.)

(36) When he sees. (Purchas, ib.)

(37) Hee puls. (Purchas, ib.)

de maneira que, por mais baixo que venha, muito asso-
prou se abatem e fazem tão rasos que é cousa estranha,
e não é menos tomarem a espada aparaudo-lhe o braço
por tal arte que sem lhe fazerem nada correm com ella
juntamente para baixo e a metem de baixo do sovaco
tirando pelo matador, ao qual, se então não acudissem,
o outro o despacharia, porque têm elles neste acto tantos
agouros que para matar um menino de cinco annos vão
tão enfeitados como para matar alguma gigante, e com
estas ajudas ou afouteza tantas vezes dá, até que acerta
alguma e esta basta, porque tanto que elle cae lhe dá
tantas até que lhe quebra a cabeça, posto que já se vio
um que a tinha tão dura, que nunca lha puderão que-
brar, porque como a trazem sempre descuberta, têm as
cabeças tão duras que as nossas em comparação dellas
são como de calças, e quando querem injuriar algum
branco lhe chamão cabeça molle.

Se este que matação ao cair cae de costas, e não
de bruços, têm-no por grande agouro e prognostico que
o matador ha de morrer, e ainda que caia de bruços têm
muitas ceremonias, as quaes se se não guardão têm para
si que o matador não pode viver; e são muitas dellas
tão penosas que se alguém por amor de Deus confresse
os seus trabalhos não ganharia pouco, como abaixo se
dirá. Morto o triste, levão-no a uma fogueira que para
isto está prestes, e chegando a ella, em lhe tocando com
a mão dá uma pellinha pouco mais grossa que véo de
cebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um lei-
tão pellado, e então se entrega ao carniceiro ou maga-
refe, o qual lhe faz um buraco abaixo do estomago, se-
gundo seu estylo, por onde os meninos primeiro metem

a mão e tirão pelas tripas, até que o nagarete corta por onde quer, e o que lhe fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela comunidade, salvo algumas partes principaes que por grande honra, se dão aos hospedes mais honrados, as quaes elles levão muito assadas, de maneira que não se corrompão, e sobre ellas depois em suas terras fazem festas e vinhos de novo.

DAS CEREMONIAS QUE SE FAZEM AO NOVO CAVALLEIRO

Acabando o matador de fazer seu officio, lhe fazem a elle outro desta maneira: tirada a capa de penna, e deixada a espada, se vai para casa, á porta da qual o está esperando o (38) mesmo padrinho que foi com um arco de tirar na mão, a saber, as pontas uma no humiar de baixo e a outra em cima, e tirando pela corda como quem quer atirar, o matador passa por dentro tão subtilmente que não toca em nada, e em elle passando, o outro alarga a corda com um signal de pezar, porque errou o a que atirava, como que aquillo tem virtude para depois na guerra o fazer ligeiro, e os inimigos o errarem; como é dentro começa de ir correndo por todas as casas, e as irmãs e primas da mesma maneira diante delle dizendo: "meu irmão se chama N." repetindo por toda a aldea, e se o Cavalleiro tem alguma coisa boa, quem primeiro anda lha toma até ficar sem nada. Isto acabado tem pelo chão lançados certos paus de pilão

(38) The same iudge or stickler (Purchas, IV, p 1.297)

(39). sobre os quaes elle está em pé aquelle dia com tanto silencio, como que dera o pasmo nelle, e levando-lhe ali a apresentar a cabeça do morto, tiram-lhe um olho, e com as raizes ou nervos d'elle lhe untão os pulsos, e cortada a boca inteira lha metem no braço como manilha, depois se deita na sua rede como doente, e na verdade elle o está de medo, que se não cumprir perfeitamente todas as ceremonias, o ha de matar a alma do morto. D'ali a certos dias lhe dão o habito, não no peito do pellote, que elle não tem, senão na propria pelle, sarrafaçando-o por todo o corpo com um dente de cutia que se parece com dente de coelho, o qual, assim por sua pouca subtiliza, como por elles terem a pelle dura, parece que rasgão algum pregaminho, e se elles são animosos não lhe dão as riscas direitas, senão cruzadas, de maneira que ficão uns labores muito primos, e alguns gemem e gritão com as dores.

Acabado isto, tem catvão uuido e sumo de erva moura (40) com que elles esfregão as riscas ao travez, fazendo-as arreganhar e inchar, que é ainda maior tormento, e em quanto lhe sarão as feridas que durão alguns dias, está elle deitado na rede sem falar nem pedir nada, e para não quebrar o silencio tem a par de si agua e farinha e certa fructa como amendoads, que chamão *men-dobis* (41), porque não prova peixe nem carne aquelles dias.

Depois de sarar, passados muitos dias ou mezes, se fazem grandes vinhos para elle tirar o dó e fazer o ca-

(39) Certaine legges of a certaine Tree, called *Pilan* (Purchas, ib)

(40) Broamerape. (Purchas, ib)

(41) Amenduiné. (Purchas, ib.)

bello, que até alli não fez, e então se tingue de preto, e dali por diante fica habilitado para matar sem fazerem a elle cerimonia que seja trabalhosa, e elle se mostra tambem nisso honrado ou ufano, e com um certo desdem, como quem tem já honra, e não a ganha de novo, e assim não faz mais que dar ao outro um par de pancadas, ainda que a cabeça fique inteira e elle bulindo, vai-se para casa, e a este acodem logo a lhe cortar a cabeça, e as mães com os meninos ao collo lhe dão os parabens, e estream-os para a guerra tingindo-lhes os braços com aquelle sangue: estas são as façanhas, honras, valentias, em que estes gentios tomão nomes de que se prezão muito, e ficão dali por diante *Abaélés, Murubixaba, Moçacara*, que são titulos e nomes de cavalleiros: e estas são as infelizes festas, em que estes tristes antes de terem conhecimento de seu Creator põem sua ielicidade e gloria.

DA DIVERSIDADE DE NAÇÕES E LINGUAS

Em toda esta provincia ha muitas e varias nações de diferentes linguas, porém uma é a principal que comprehende algumas dez nações de Indios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só lingua ainda que em algumas palavras discrepão e esta é a que entendem os Portuguezes; é facil, e elegante, e suave, e copiosa, a difficuldade della está em ter muitas composições (42); porém dos Portuguezes, quasi todos os que vêm do Reino

(42) Comparisons. (Purchas, ib.)

e estão cá de assento e communicação com os Indios a sabem em breve tempo, e os filhos dos Portuguezes cá nascidos a sabem melhor que os Portuguezes, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de São Vicente, e com estas dez nações de Indios têm os Padres communicação por lhes saherem a lingua, e serem mais domesticos e hão inclinados: estes forão e são os amigos antigos dos Portuguezes, com cuja ajuda e armas, conquistarão esta terra, pelejando contra seus proprios parentes, e outras diversas nações barbaras e etão tantos os leste caso que parecia impossivel poderem-se extinguir, por em os Portuguezes lhes têm dado tal pressa que quasi todos são mortos e lhes têm tal medo, que despovoão a costa e fogem pelo sertão a dentro até trezentas a quatrocentas leguas.

Os primeiros desta lingua se chamão *Potyguaras* (43) senhores da Parahiba, 30 leguas de Pernambuco, senhores do melhor pau do Brasil e grandes amigos dos Francezes, e com elles contratarão até agora, casando com elles suas filhas; mas agora na era de 84 foi a Parahiba tomada por Diogo Flores, General de Sua Magestade, botando os Francezes fora, e deixou um forte com cem soldados, agora os Portuguezes, que tambem têm seu Capitão e Governador Fructuoso Barbosa, que com a principal gente de Pernambuco levou exercito por terra com que venceu os inimigos, porque do mar os da armada não pelejarão.

Perto destes vivia grande multidão de gentio que chamão *Viatã*, destes já não ha nenhuns, porque sendo

(43) Pitiguaras. (Purchas, ib.)

elles amigos dos *Potyguaras* (44) e parentes os Portuguezes os fizeram entre si inimigos, dando-lhes a comer, para que desta maneira lhes pudesse fazer guerra e te-los por escravos, e finalmente, tendo uma grande fome, os Portuguezes em vez de lhes acudir, os captivarão e mandarão barcos a vender a outras Capitánias; ajuntou-se a isto um clérigo Portuguez Magico, que com seus enganos os acarreou todos a Pernambuco, e assim se acabou esta nação, e ficaram os Portuguezes sem vizinhos que os defendessem dos *Potyguaras* (45), os quaes até agora que foram desbaratados, perseguirão os Portuguezes dando-lhes de supito nas roças, fazendas, e engenhos, queimando-lhos, e matando muita gente portugueza, por serem muito guerreiros; mas já pela bondade de Deus estão livres deste sobroço.

Outros ha a que chamão *Tupinibés*; estes habitão no Rio Real até junto dos Ilhéos; estes entre si são tambem contrarios, os da Bahía com os do Camamu e Tinharê (46).

Por uma corda do Rio de São Francisco vivia outra nação a que chamavão *Caeté*, e tambem havia contrarios (47) entre estes e os de Pernambuco.

Dos Ilhéos, Porto Seguro até Espirito Santo habitava outra nação, que chamavão *Tupinaquim*; estes procederão dos de Pernambuco e se espalharão por uma corda do sertão, multiplicando grandemente, mas já são poucos; estes forão sempre muitos inimigos das cousas

(44) *Pitiguara*. (Purchas, ib.)

(45) *Pitiguara*. (Purchas, ib.)

(46) *Intrare*. (Purchas, IV, p. 1298).

(47) *Contrarieties*. (Purchas, ib.)

de Deus, endurecidos em seus erros, porque são muito vingativos e querião vingar-se comendo seus contrarios, e por serem amigos de muitas mulheres: já destes ha muitos christãos e são firmes na fé.

Ha outra nação parente destes, que corre do sertão de São Vicente até Pernambuco, a que chamão *Tupiguaré*: estes são sem numero, vão-se acabando, porque os Portuguezes os vão buscar para se servirem d'elles, e os que lhes escapão fogem para muito longe, por não serem escravos. Ha outra nação vizinha a estes, que chamão *Apijapitanga* e *Mariopotanga*. Tambem ha outra nação contraria aos *Tupinaguins*, que chamão *Cuaracão* ou *Itati*.

Outra nação mora no Espirito Santo a que chamão *Teguégminó* (48): são contrarios dos *Tupinaguins*, mas já são poucos. Outra nação que se chama *Tamuya*, moradores do Rio de Janeiro, estes destruirão os Portuguezes quando povoarão o Rio, e d'elles ha muitos poucos, e alguns que ha no sertão se chamão *Ararape*.

Outra nação se chama *Carijó*: habitão além de São Vicente como oitenta leguas, contrarios dos *Tupinaguins* de São Vicente; destes ha infinidade e correm pela costa do mar e sertão até o Paraguay, que habitão os Castellanos. Todas estas nações acima ditas, ainda que diferentes, e muitas dellas contrarias umas das outras, têm a mesma lingua, e nestes se faz a conversão, e tem grande respeito aos Padres da Companhia e no sertão suspirão por elles, e lhes chamão *Abarê* e *Pai*, desejando (49) a suas terras converte-los, e é tanto este credito

(48) Timimino. (Purchas, ib.)

(49) They would come to. (Purchas, ib.)

que alguns Portuguezes de má consciência se fingem Padres, vestindo-se em roupetas, abrindo coroas na cabeça, e dizendo que são Abarês e que os vão buscar para as igrejas dos seus pais, que são os nossos, os trazem enganados, e em chegando ao mar os repartem entre si, vendem e ferrão, fazendo primeiro nelles lá no sertão grande mortandade, roubos e saltos, tomando-lhes as filhas e mulheres, etc., e se não forão estes e semelhantes estorvos já todos os desta lingua forão convertidos á nossa santa fé.

Ha outras nações contrarias e inimigas destas, de diferentes linguas, que em nome geral se chamão *Tapuya*, e tambem entre si são contrarias: primeiramente no sertão vizinho aos Tupinaquins habitão os *Guaimurês* (50), e tomão algumas oitenta leguas de costa, e para o sertão quanto querem, são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos tem os couros muito rijos, e para este effeito açoutão os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos; não têm roças, vivem de rapina e pela ponta da frecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usão de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos (51), para que em chegando logo quebrem as cabeças. Quando vêm á peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua e são mui temidos, e não ha poder no mundo que os possa vencer: são muito co-

(50) Guaimures. (Purchas, ib.)

(51) Certaine stones made a purpose verie bigge. (Purchas, ib.)

vardes em campo, e não ousão sair, nem passão agua, nem usão de embarcações, nem são dados a pescar; toda a sua vivenda é do matu; são cruéis como leões; quando tomão alguas contrarios cortão-lhe a carne com uma cunha de que fazem as frechas, e os esfolão, que lhes não deixão mais que os ossos e tripas: se tomão alguma criança e os perseguem, para que lha não tomem viva lhe dão com a cabeça em uma pau, desentranhão as mulheres prehes para lhes comerem os filhos assados. Estes lão muito trabalho em Porto Seguro, Ilhéos e Camamu, e estas terras se vão despojavando por sua causa; não se lhes pode entender a lingua.

Além destes, para o sertão e campos de Caatinga vivem muitas nações Tapuyas, que chamão *Tucumço* (52), estes vivem no sertão do Rio Grande pelo direito do Porto Seguro; têm outra lingua, vivem no sertão antes que cheguem ao Aquitigpe e chamão-se *Nacai* (53). Outros ha que chamão *Oquigtajuba*. Ha outra nação que chamão *Pahi*: estes se vestem de panno de algodão muito tapado e grosso como rede, com este se cobrem como com saio, não tem mangas; têm differente lingua. No Ari ha outros que tambem vivem no campo indo para o Aquitigpe. Ha outros que chamão *Parahió*, é muita gente e de differente lingua.

Outros que chamão *Nhandeju* (54), tambem de differente lingua. Ha outros que chamão *Macutã*. Outros *Nupara*; estes têm roças. Outros que chamão *Cuxarê*;

(52) Tucumet (Purchas, IV, p. 1290).

(53) Nacy. (Purchas, ib.)

(54) Mandeit (Purchas, ib.)

estes vivem no meio do campo do sertão. Outros que vivem para a parte do sertão da Bahia que chamão *Guayaná*, têm lingua por si. Outros pelo mesmo sertão, que chamão *Taicuyú* vivem em casas, têm outra lingua. Outros no mesmo sertão, que chamão *Cariú* (55), têm lingua diferente: estas tres nações e seus vizinhos são amigos dos Portuguezes. Outros que chamão *Pigrú*, vivem em casas. Outros que chamam *Obacoatiára*, estes vivem em ilhas no Rio de São Francisco, têm casas como casuas debaixo do chão; estes quando os contrarios vêm contra elles botão-se á agua, e de mergulho escapão, e estão muito debaixo d'agua, têm frechas grandes como chuços, sem arcos, e com ellas pelejão; são muito valentes, comem gente, têm diferente lingua. Outros que vivem muito pelo sertão a dentro, que chamão *Anhelim* (56), têm outra lingua. Outros que vivem em casas, que chamão *Aracuaialí*, têm outra lingua. Outros que chamão *Cayuará*, vivem em covas, têm outra lingua. Outros que chamão *Guaranaguçu* (57), vivem em covas, têm outra lingua. Outros muito dentro no sertão que chamão *Camucuyara*, estes têm manias que lhes dão por baixo da cinta, e perto dos joelhos, e quando correm cingem-nas na cinta, não deixão de ser muito guerreiros, comem gente, têm outra lingua. Ha outra nação que chamão *Igbiçra-afuajara* (58) senhores de paus agudos, porque pellejão com paus tostados agudos, são valentes.

(55) Cariú. (Purchas, ib.)

(56) Anhelim (Purchas, ib.)

(57) Guainaguacu. (Purchas, ib.)

(58) Iobiçra Apuayara. (Purchas, ib.)

comem gente. têm outra língua. Ha outra que chamão *Aruacuig* (59), vivem em casas, têm outra língua, mas entendem-se com estes acima ditos, que são seus vizinhos. Outros ha que chamão *Guayuctu* e *Guayatun*; estes têm lingua differente, vivem em casas. Outros ha que chamão *Cuapehé* (60), não comem carne humana, quando matão cortão a cabeça do contrario e levão-na por amostra, não têm casa, são como ciganos. Outros que chamão *Guayó*, vivem em casas, pellejão com frechas ervadas, comem carne humana, têm outra língua. Outros que chamão *Cicá* têm a mesma lingua e costumes dos acima ditos. Ha outros a que chamão *Pahujú*, comem gente, têm outra lingua. Outros ha que chamão *Jaicujú*, têm a mesma lingua que estes acima. Outros que chamão *Tutúó*, vivem em casas, têm roças, e têm outra lingua. Outros *Maracayacó*, são vizinhos dos acima ditos, têm a mesma lingua. Outros chamão-se *Jacurujú*; têm roças, vivem em casas, têm outra lingua. Outros que se chamão *Tarumys* (61) são vizinhos dos sobreditos acima, têm a mesma lingua. Outros ha que chamão *Aracujú*; têm a mesma lingua e costumes que os de cima e todos pellejão com frechas ervadas. Outros que se chamão *Piacujú*; têm a mesma lingua que os de cima e frechas ervadas. Outros ha que chamão *Taraquig*, têm outra lingua, pellejão com frechas ervadas. Ha outros que chamão *Panacujú* (62), sabem a mesma

(59) Aruacuiz. (Purchas, ib.)

(60) Cuapehe (Purchas, ib.)

(61) Tapicuu (Purchas, ib.)

(62) Pahacuiu (Purchas, ib.)

lingua dos outros acima ditos. Outros chamão *Tipe*, são do campo, pellejão com frechas e venetas. Outros ha que chamão *Guacarajara*, têm outra lingua, vivem em casas, têm roças. Outros vizinhos dos sobreditos que chamão *Canaragôã*.

Ha outros que chamão *Corupjá*, forão contrarios dos *Tupinaquins*. Outros que chamão *Apyrimô* têm diferente lingua. Outros que chamão *Piraguayaguig*, vivem de baixo de pedras, são contrarios dos de cima ditos. Outros que chamão *Pincucúil*. Outros ha que chamão *Parapotô*, estes sabem a lingua do mar. Outros *Caracembá*, têm outra lingua. Outros que chamão *Caracuja*, tem outra lingua. Outros que chamão *Meimuna*, estes se misturão com *Guaimurês*, contrarios dos do mar; entendem-se com os *Guaimurês*, mas têm outra lingua. Outros ha que chamão *Aturary*; também entrão em communicação com os *Guaimurês*. Outros ha que chamão *Quigtaio*, também communicão e entrão com os *Guaimurês*. Ha outros que chamão *Quipê*; estes forão moradores de Porto Seguro. Outros se chamão *Quigrajubê* (63), são amigos dos sobreditos. Outros que chamão *Angarorí*, estes vivem não muito longe do mar, entre Porto Seguro e o Espirito Santo. Outros que chamão *Amirocori* são amigos dos de cima. Ha outros que chamão *Carajã*; vivem no sertão da parte de São Vicente; forão do Norte correado para lá, têm outra lingua. Ha outros que chamão *Apitupí*; vivem no sertão para a banda de *Aquitiipi*. Outros ha que chamão *Caraguatajara*; têm lingua differente. Ha outros que cha-

(63) Guigrajubê (Purchas ib)

mao *Aquiquira*, estes entrão em communicação com os acima ditos. Outra nação ha no sertão contraria dos *Muriapigtango* e dos *Tarapé*, é gente pequena, anã, baixos do corpo, mas grossos de pernas e espaldas, a estes chamão os Portuguezes Pigmeo, e os Indios lhe chamão *Tapig-y-mirin* (64), porque são pequenos. Outros ha que chamão *Quiricijug*, estes vivem no sertão da Bahia, bem longe. Outros que chamão *Guirig* são grandes cavalleiros e amigos dos ditos acima.

Outros se chamão *Guajeré*; vivem no sertão de Porto-Seguro muito longe. Ha outra nação que chamão *Arnaquig*; estes são moradores das terras dos *Tupinaquins*, e porque os Tupinaquins ficarão senhores das terras (65) se chamão *Tupinaquins*. Ha outros que chamão *Guayla:ô*; estes vivem na costa do mar entre o Espirito Santo e Rio de Janeiro; vivem no campo e não querem viver nos matos e vão comer ás roças, vêm dormir ás casas, não têm outros thesouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm ás casas mais que a dormir; correm tanto que a cossa tomão a caça. Outros que chamão *Igbigranupã* (66), são contrarios dos *Tupinaquins* e communicão com os *Guimurês*; quando justão com os contrarios fazem grandes estrondos, dando com uns paus nos outros.

Outros que chamão *Quiriguã*, estes são senhores das terras da Bahia e por isso se chama a Bahia *Quirigmurê* (67). Os Tupinabas os hotarão de suas ter-

(64) *Tæpyguri*. (Purchas, IV, p. 1.300).

(65) *Of the Mountaines* (Purchas, ib.)

(66) *Igbigranupan*. (Purchas, ib.)

(67) *Cuirimure*. (Purchas, ib.)

ras e ficarão senhores dellas, e os *Tapuyas* irão para o Sul. Ha outros que chamão *Maribuió*; morão no sertão em direito do Rio Grande. Outros que chamão *Cataguá*; esses vivem em direito de Jequericarê entre o Espirito-Santo e Porto-Seguro. Outros ha que chamão *Tapuxerig*; são contrarios dos outros *Tapuyas*, e mem-lhes as roças. Outros que morão pelo sertão que vai para São Vicente, chamão-se *Amocaxô*, irão contrarios dos *Tapinaguins*. Outros que chamão *Nonhã* (68), têm rostos muito grandes. Ha outros, e estes se chamão *Apuy*, morão perto do campo do sertão, são grandes cantores, têm diferente lingua. Outros ha que chamão *Panaguiri* (69), diferentes dos acima ditos. Outros tambem diferentes que chamão *Bigorrgya* (70). Ha outra nação que chamão *Pirijá*, e destes ha grande numero. Todas estas setenta e seis nações de *Tapuyas*, que têm as mais dellas diferentes linguas, são gente brava, silvestre e indomita, são contrarias quasi todas do gentio que vive na costa do mar, vizinhos dos Portuguezes: somente certo genero de *Tapuyas* que vivem no Rio São Francisco, e outros que vivem mais perto são amigos dos Portuguezes, e lhes fazem grandes agasalhos quando passam por suas terras. D'estes ha muitos christãos que foram trazidos pelos Padres do sertão, e aprendendo a lingua dos do mar que os Padres sabem, os batizarão e vivem muitos dellles casados nas aldeas dos Padres, e lhes servem de interpretes para re-

(68) Nonea. (Purchas, ib.)

(69) Panaguirí. (Purchas ib.)

(70) Bigorrgya (Purchas. ib.)

medio de tanto numero de gente que se perde, e somente com estes Tapuyas se pode fazer algum fructo; com os mais Tapuyas. não se pode fazer conversão por serem muito andejos e terem muitas e differentes linguas difficultosas. Somente fica um remedio, se Deus Nosso Senhor não descobrir outro, e é havendo ás mãos alguns filhos seus aprenderem a lingua dos do mar, e servindo de interpretes fará algum fructo ainda que com grande difficultade pelas razões acima ditas e outras muitas.

NOTAS

Quando se estuda a manifestação da ideia por meio da palavra, o espirito deve procurar no exame dos radicacs verbaes a significação mais generica possivel, a qual, sempre que for particularisada, o -erá mediante a addição de radicacs demonstrativos (prefixos e sufixos nas linguas aryanas).

Sendo assim, repugna-nos quasi instinctivamente a interpretação dos vocabulos, como a sóem fazer geralmente, pela homophonia das dicções, o que induz aos mais graves erros, e é inteiramente contrario ao verdadeiro espirito linguista.

Entretanto nas linguas que não têm monumentos escriptos, e cujo conhecimento, de mais a mais, nos é transmittido por meio de caracteres os mais differentes e variados, conforme o modo de representar os sons, isto é, segnindo orthographias inteiramente arbitrarías e differentes umas das outras, é, na falta de outros dados, justamente a homophonia o que nos pôde guiar para acertarmos com o radical, que constitue o fundamento do vocabulo.

De Nhandui ou Yandui ou Jandui (nome do celebre morubichaba da Parahyba no tempo da dominação hollandeza) é difficil de se explicar como se formasse Jean

Dory (no escripto de Roulox Baro), e ainda se chegasse ao nome alatinado por Barleuus na forma Jandovius.

Evidentemente a homophonia aqui nos guia para que reconheçamos que, além do mais, existe em "Jean Dory" erro de escripta ou de cópia, porque, escripto com orthographia franceza, "Jean-doui" já corresponde bastante approximadamente ao nome *Nhandui* (celebre por ser optimo na carreira), nome este que nos reporta á *nhandú* (ave corredora) com o suffixo *i*, que pôde ter sido alterado de *yb* principal.

Por conseguinte, apesar de reconhecermos que a homophonia não pôde e não deve servir, por via de regra, para decidirmos do parentesco e derivação commum do vocabulo (como se vê em *cessão* e *sessão*), contudo somos obrigados a acceptal-a em diversas circumstancias.

Limite-me a este cavaco simplesmente para que se me desculpe, em diversas interpretações dos vocabulos que seguem, o submeter-me por vezes a esse modo de explicar as dicções, tão geralmente seguido, mormente por aquelles que têm a mania de explicar as etymologias dos vocabulos dos indigenas, e que nesse intuito não trepidam em inventar radicaes que não ha, ou em formular combinações e composições inteiramente arbitrarías.

Já uma occasião observamos quanto é esturdia a mania de se querer *for força* uma explicação e uma dedução etymologica para todo e qualquer vocabulo indigena e a impertinencia com que se exige daquelle que estuda linguas americanas a decifração de cada vocabulo, sem se importarem se esse vocabulo está ou não estropiadissimo. Na mesma occasião fizemos ver que tão exigentes em relação aos vocabulos das linguas ame-

ricanas não o são igualmente em relação aos da propria lingua que fallam.

Querem por força que, quem estuda lingua de bugre, destrinçe por miúdo, syllaba por syllaba, lettra por lettra, a palavra *tangapema* (cacete de guerra dos indios) e não são capazes de explicar nem approximadamente a palavra *durindana* ou a palavra *catana*.

Não é só. Como vêem na sciencia comporem-se palavras como *polypodio* (que julgam sufficientemente explicada logo que se reporta ao grego e se traduz — *multos pés*), querem igualmente que se decomponha *cabina*, e não se contentam com saber que é o nome de uma arvore, tal e qual *cedro* é o nome de outra arvore em portuguez. Os homens, como enfim acham no dicionario, que *cedro* vem de *cedrus* (latim) e este vem de *kedros* (grego) ficam muito satisfeitos com isso, nada mais exigem em relação á palavra *cedro*, mas continuam a exigir uma explicação do vocabulo *cabina*, que elles querem ver decomposto e distinguido em radicaes, sem se lembrarem que bastaria então ao estudioso de linguas americanas responder-lhes: “é uma palavra do Abacúnga, justamente como *kedros* o é do Grego”.

O etymologista é intransigente. e, quando o estudioso não pôde satisfazê-lo, elle por sua conta e risco atira-se, decompõe a palavra a seu geito, inventa radicaes e os colloca como muito bem lhe parece, sem se importar se esse arranjo era o seguido na lingua indigena, e explica *caa-pi-ua* mato ou pau de cerne preto! onde não ha radical que exprima “cerne” e onde o arranjo dos elementos é arbitrario. E o que é mais de admirar é que os mais impavidos para estas inventivas são homens do merito do Visconde de Porto Seguro, de von Mar-

tius, de E. Liais e do meu amigo Barbosa Rodrigues, nos quaes si se fiasse quem estuda linguas americanas, acabaria por *inventar* uma *lingua sui generis*, com um numero de radicaes dez ou cem vezes maior que os do Sanskrit, que no entanto, com o seu limitado numero de radicaes, é o tronco da gigantesca arvore aryana.

Refiro-me só a homens de sciencia, e não a poetas e litteratos, os quaes se entregam a inventivas com o maior desembaraço possível; em outro escripto já o notámos em relação a J. d'Alencar, Salvador de Mendonça e outros.

Para tornar mais sensível quanto é dura a posição do estudioso de linguas americanas perante as exigencias dos etymologistas, basta-nos a seguinte ponderação.

Tractemos da etymologia de uma palavra portugueza, por exemplo *pão*.

Dizem-nos que vem do latim *panis*. E porque não de *panus* ou de *pannus*? deviam naturalmente perguntar os taes senhores etymologistas. E ahí então o Sr. Adolpho Coelho com os linguistas, armados com o estudo comparativo não só das linguas romanicas, mas ainda das linguas do tronco aryano, pôde satisfazer ao exigente etymologista, fazendo-lhe ver que *pão* vem de *panis* por um processo de derivação proprio da lingua portugueza, do mesmo modo que *cão* vem de *canis*, analogo ainda até certo ponto com *mão* de *manus*.

Fundados no exame dos monumentos e tradições das linguas cultas, os linguistas têm podido formular leis que explicam as transformações dialecticas, e a formação das linguas modernas; de modo que, quando alguém venha objectar-lhes que assim como de *pagonus* veio pagão, tambem de *panus* ou *pannus* podia vir *pão*, elles

resplendem que: os processos de derivação dos vocabulos soffrem diversas alterações por diversos motivos, entre os quaes vigora um espontaneo e natural "limitar a homonymia". Dahi havendo *pão* de *panis*, o portuguez deixou de parte o *panus* latino (fio de canella); e quanto a *pãua* (*panus*) como tem dous *n*, não está no caso de *paganus* (pagão), de *civitanus* (cidadão), *christianus* (christão) *britanus* (bretão), *capitanus* (capitão), *germanus* (irmão).

Ainda mais. Sendo lingua romanica o francez tanto como o portuguez, e correspondendo a *pão* portuguez o francez *pain*, e ainda em cima havendo o irlandez *páin*, o etymologista seria bem capaz de derivar *pão* de *pain* francez, e este do irlandez *páin* com tanto mais razão quanto, sendo o celtico um ramo do tronco aryano, a elle se reportam muitos vocabulos das linguas romanicas, principalmente das falladas na península iberica e na antiga região das Gallias.

Aqui ainda, porém, vem o linguista explicar os factos mais concludentemente, e fundelo no estudo comparativo das linguas, e na concatenação das datas constantes das chronicas e do uso das palavras, vem demonstrar que tanto *pão* como *pain* vem do latim, porque dahi tambem vem o irlandez *páin*.

O linguista confirma as suas illações fazendo ver que o mesmo processo que fez *pão* e *pain* de *panis* tambem fez *mão* e *main* de *manus*, *escrivão* e *écrivain* de *scribanus* (latim não litterario), *villão* e *vilain* de *villonus* (latim não litterario), *capitão* e *capitain* (depois *capitaine*) de *capitanus* etc., e que, quando occorrem certas circumstancias peculiares, as linguas derivadas modificam o processo de derivação de modo que, de um lado de

civilianus (latim vulgar) vem *civilia* porém em francez por outra fórma *cilega*, de *pay* e *ve* *pagão*, em francez *payen* (e depois *peñen*), de *décans* veio *deão*, em francez *doym* e por outro lado do mesmo *décans* vem em portuguez *deca* de *humano* vem *humain* em francez, mas *humano* em portuguez, de *germanus* vem *germain* em francez, mas *germano* e *frança* em portuguez, etc.

Póde-se fazer isto em relação ás linguas americanas? Onde estão os escriptos, onde colher a tradições, e como fixar as epochas das diversas transições ou evoluções de tantas linguas que se revelaram ao mundo europeu nos fins do seculo XV e começo do XVI?

A comparação núa e crúa dos vocabulos, unicamente pela similitude de pronunciação, auxiliada apenas por algumas regras vagas e muitois geraes acerca da transformação phonica dos vocabulos (como por exemplo *y* em *aba* e *iba*, e *uma* e *ima*), sem se saber qual é o mais antigo, si o Kechua ou Abañeenga, etc., eis o com que tem de se haver quem estuda as linguas americanas.

Na impossibilidade de explicar *caraiha* por meio de radicacs do Abañeenga, supponha-se que recorressemos ao Kechua *cara-uma*: (cabeça) applicavel a diversas tribus que foram designadas por *Caraidos*. Perguntar-se realmente o Kechua é mais antigo que o Abañeenga? ou pelo menos pode-se affirmar que este recebeu d'aquelle muitos vocabulos? Será legitima a composição prepondo o adjectivo ao sub-tantivo? e assim outras dvidas.

Em cada lingua uma leve mudança de articulação ou de *som* modifica e até faz differença na significação, ao passo que, comparada uma lingua com outra, vê-se que sons que faltam numa e apparecem em outra são na

primeira evidentemente suppridos por sons diversos, mas equivalentes.

Assim no Kechua *carz-pelle*, modificado em *kara* (ou como escrevem os Espanhóes *acara*) exprime "pellado".

Precedentemente vimos que *cara* é adjectivo e significa "calvo".

Em Abaücênga ha *koty*-para (pósposição), *kyting* (verbo) cortar, e (substantivo) piolho branco, *kytá-nó*, etc. Muito leve alteração phonetica correspondendo a grande differença de significado. Entretanto temos Guaycurú, que diz, *Martius*, "soll aus der Tupisprache herkommen und schnelllaufende Leute (*Oatacurui nara*) bedeuten" e que me parece apenas pronunciação á guarani de *coclothi* e de *Oachakalot* (nome que se davam os Tobas, em Linguas ou Guaycurús a si mesmos). Faz isto lembrar a explicação que deram a S. Hilaire em Minas da palavra *Arachá*, dizendo-se ser a resposta do preto aos que procuravam a mina de ouro: *are-achá*, portuguez de preto por *ha-de achar*.

Não cabendo nas minhas forças o publicar um trabalho completo, onde se discutam os radicaes do Abaücênga um por um, de modo que a elles se possam reportar com alguma connexão os diversos vocabulos compostos, e seja possível, pelo complexo desses radicaes, concatenar a legitimidade de taes e taes derivações, vejo-me na necessidade de aproveitar as occasiões de publicação que se me *offerecem e de ir apresentando desconnexadamente* explicações destacadas dos vocabulos, que tenho occasião de discutir.

E' obvio o inconveniente que d'ahi resulta, mas devo resignar-me, ainda mesmo correndo o risco de me pôr a

bater a campanha como o meu amigo Barbosa Rodrigues, e o fallecido Varnhagen.

A mania das etymologias tem seu *que* de contagiosa, e visto não poder publicar o estudo do Abaücênga com tal ou qual *analyse scientifica* dos radicacs, aqui vou tambem esgarafuuchar etymologias.

Devendo apenas nestas "notas" procurar explicar os vocabulos indigenas, si eu pretendesse desenvolver mais este trabalho, e por exemplo quizesse dar o nome de "corda" (e a respectiva explicação) de que falla o autor dos "Indios do Brasil" na pag. 160, o qual nome foi omittido nessa pagina, é claro que a título de "notas" estes apontamentos podiam tomar tal desenvolvimento que só por si constituiriam um enorme vocabulario.

Limitei-me portanto a tratar só dos vocabulos que se depararam no escripto dos "Indios no Brasil".

Ainda outra ponderação.

O maior numero de vocabulos estranhos ao portuguez, que se acham neste livro, é para denominar tribus. Seria muito naturalmente arrastado o leitor a ver aqui desenvolver-se uma lista dos nomes das tribus indigenas com a respectiva explicação, mas enfão ahí teriamos de desenvolver mais largas considerações sobre os primitivos incolos do Brasil e, já se vê, isto sãe da orbita legitima de simples "notas".

Em geral na explicação dos vocabulos procedo systematicamente, procurando reporta-los unicamente a radicacs do Abaücênga, e apenas recorro á comparação com outra lingua quando de todo o vocabulo não é explicavel pelos radicacs do Abaücênga ou quando a analogia de significação e a simillhança da fórma dos voca-

bilos, (por exemplo em Abaïcênga e Kechua) é tal que se não pôde contestar a communidade de origem.

Já em outro lugar disse que, antes de proceder á comparação, era necessário procurar fixar o mais possível os radicacs da lingua, para se ter uma base de comparação.

Assim, pois, com respeito ás tribus, tambem nos limitamos simplesmente a procurar dar alguma explicação dos nomes com que são designadas, e unicamente dos nomes que se acham neste livro "Os Indios do Brasil".

Ainda mais. Deixamos estas explicações com as maiores reservas e promptos a acceptar as correções que se fizerem, porque em geral *taes nomas de nações não são mais do que alcunhas, com que se designavam as cabildes umas ás outras* (Visc. de P. Seguro — Hist. G. do Brasil, 1854 — T. I, pag. 101). A interpretação desses nomes é tanto mais difficil quanto maior é o estropiamento do vocabulo, estropiamento que quasi sempre é muito difficil reconhecer, e destringar.

Acresce a tudo isto que muitos desses nomes poderão não pertencer ao Abaïcênga (*a lingua geral*) e outros até poderão ser de mera inventiva d'algum narrador.

Sei que me ha de prejudicar o deixar-me arrastar pela mania das etymologías; sei que, por mais cautelas e reservas que empregue, terei de cahir em graves erros de interpretação, mas que fazer? Trabalho serio, onde expendesse alguns principios, e pudesse me livrar de impertinencias não ha meio nem de levar a cabo, nem de publicar. Isto no Brasil não tem saluda, salvo grande sacrificio do proprio autor. Lá vou pois com os etymologistas aguas abaixo.

Embarafusto pelo perigoso caminho das etymologias, e só pedirei aos senhores etymologistas, que contra a minha vontade me arrastam, e pedirei como simples retribuição das etymologias americanas, que lhes dou:

Expliquem-me e dêem-me as etymologias de tantas palavras que figuram nos dictionários, e que não são americanas.

Por exemplo:

A etymologia de *barra* não só quando significa "a fêmea do burro" mas ainda quando quer dizer "cofre de quem tem dinheiro".

A etymologia de *çoísta cavallo*, nome de uma arvore, de *Gonzalo-Rivas*, nome de outra arvore, etc.

E outras mais.

ANARÉ (pag. 170).

Tem duas significações inteiramente contrarias; ambas vêm no tomo VII dos *Anaes da Bibliotheca Nacional*, e são: 1.º *aba-eté* "homem real, verdadeiro, positivo" litteralmente, e "illustre, distincto, honrado", por transação; 2.º *abá-ité* "homem desfigurado, feio, descomposto, horrivel, temeroso". Este segundo tambem suppozemos poder interpretar-se *a-bai-eté* ou *a-mbai-eté* "pessoa má muito, homem muito ruim". Cumpre-nos afinal notar que, não só neste, como em muitos outros vocabulos, podem e parecem coincidir duas significações antitheticas, dependendo só do tom, com que se diz o vocabulo, a determinação do sentido, que se lhe attribue. Nas linguas cultas mesmo se diz: "é temivel" podendo "temivel" ter significados oppostos. Diz-se ironicamente "és um santo homem, és um anjo". Não é ironia, mas a ideia se enuncia do mesmo modo que na ironia, quando se diz com ternura "és um diabrete, és um demotinho".

ANARÉ (pag. 173).

E' o vocabulo com que no Abasiénga se ficou designando "o padre catholico ou christão", porém tambem servindo para

des goar em geral "sacerdote, vigário, clérigo". Montoya dá uma explicação desse vocábulo que vem na pag. 177 (§ 14) da *Conquista do Paraguay* reimpressa no Tomo VI dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*. A explicação dada por Montoya é abtamente *ré-diverso* (p e guardar castidade). Notando-se porém que "*diverso*" se exprime por *é*, que o absoluto *té* (errar, divergir) perde o *t* mas não apresenta exemplo de mudar esse *t* em *r*, *é* *pu* parece que antes conviria considerar *ré* como um suffixo o qual valendo por vezes o mesmo que *luer* deve e pôde ter as mesmas significções. Deste modo o suffixo *ré* serve de dar força ao vocabulo do mesmo modo que *luer* em *tantanguer* (os estorçad., os valentes) derivado de *tantũ* duro, forte, rijo. Portanto *ré* significaria "e também, ou a pessoa humana por excellencia" e ainda "o illustre, o eminente".

AENAGUIG (pag. 179)

Este nome de tribo não se acha entre os enumerados por Simão de Vasconcellos, nem no Roteiro de Gabriel Soares. Von Martius, que laboriosamente colligiu o maior numero de nomes de tribus, tambem não no dá no *Beitrag zur Ethnographie*. Seria-lhe lícito suppôr que *aguig* esteja por *agui* ou *ogui* (collateral ou derivado)? (Veja e o exemplo em *Tu-Siquarim*). Sendo assim pôde-se interpretar *Aenagwig* o collateral, o derivado (descendente) do outro. Note-se que se além de outros significados exprime "outro" (adjectivo) e repare-se que existe na Alfabética não só a *en* usada em geral, mais ainda *aché*-*o* tal, *aquele*, *fulano*. E' dever do estudioso apontar esta associação de significados das diversas dicções com pequena alteração de letras aqui ou ali, mas como se exigir d'elle que dê uma explicação cabal de vocabulos, que ninguem sabe como e quanto foram estropiados?

AMIXOCOR (pag. 178).

E' tribo que não figura na lista dos nomes dados por S. de Vasconcellos, nem no Roteiro de G. Soares, nem na *Ethnographia* de Martius. Para evitarmos a repetição desta referencia em outros nomes de tribus, nestas notas nos reportaremos a' que dizemos neste e no vocabulo precedente.

Não acho maneira alguma de explicar este nome de tribo, e limito-me a fazer ver que ao menos uma phrase bem regular em Abaíçénga: *Ami-lo-coti* costumam vir por cá, ou costumam vir estes por ali. Até nem eu deverei escrever *lo* por *cho* porque realmente a forma *cho* também apparece por vezes, cumprindo-se notar que em *cho* está implicito o preterito (Veja-se T. VI dos *Anaes da Bibliotheca*).

AMENXÓ (pag. 180).

Este nome não vem em nenhuma das listas citadas em *Ami-ro-ri*. Quanto á explicação apenas se trata de dois entre outros significados tem o de "longe, lá" e que apparece em *ambuífir* quer dizer "os de lá, os orientes de lá ou de longe" e que com este nome ha designação de tribus nos autores. Note tambem que a syllaba final *ó* póde filiar-se á *lo*, *ia*, *oi* suffixo que apparece em muitos nomes de tribus. Vê *Carão*, e tambem *pac*.

ANACUÉ (pag. 177).

Pelo Abaíçénga parece-me muito difficil explicar este e outros nomes, principalmente attendendo-se ás syllabas finais *cuju*. Como desgraçadamente as indicações dos sons pelos chronicistas é tão imperfeita que elles nem dão a accentuação, nem a quantidade, resulta que se tem duvida até se é *cayo*, *coya*, *cuya*, *coyá*, etc. Na forma *cayo* p-ia ter tal ou qual explicação pelo Abaíçénga (veja-se a palavra *Guayaná*), e neste sentido haveria relação com o Chélidigu onde ha *cayaph* ajuntamento, e os verbos *cayaphá*, *cayaphu*-parlar, fultar em assembléa. Note-se que em *anácuá* ha uma troca de logar dos themas de *caya-aná*, o que não seria inadmissivel no Abaíçénga. Considerando, porém, que neste livro ha muitos nomes terminados em *cuju* e ainda mais simplesmente em *ju* parece mais natural reportar estes nomes ao Kechua, e explicar-se *ju* por *yec* suffixo desta língua. *Anacu* em Kechua (além de outros significados e de outras formas deste nome) significa "manto, capa"; portanto *Anacuju* seria "os que têm capa ou manto".

ANGARARI (pag. 178).

Não vem nos autores citados este nome. Literalmente pode-se traduzir *anga-ro-ry*, alma alegre, não obstante ser mais re-

gular *anga-ory* com *ory* adjectivo. Como porém era usado o verbo *ang-hory* estar contente, por dissimilação era natural dizerem *anga-rory* alma alegre, os alegres, a gente alegre.

ANHANGA (pag. 142)

Parece que litteralmente se pode explicar por *a-ñang* (enesta a gente, mette a gente em cesto, ou apanha a gente) e assim se expoz no tomo VII dos *Annaes da Bibliotheca*. Considerando-se porém que, conforme as tradições, *Añang* é o opposto de *Tupã*, e que assim como este exprimia o espirito do bem (que dispensava cultos, donde o dizer dos filhos da Iheria, que elles não tinham Deus, sem religião), parece que *Añang* exprimia o espirito do mal, (a quem elles votavam offrendas para o subornar). Assim pode-se interpretar *añang* = *añ-ang* (a cada passo se vê *-i = ã = ã* ALMA DO MAL em contraposição à *Tupã* = *Tub-ang* ALMA DO PAI (ou dos pais), DO PROTECTOR, DO CREADOR. Sem ainda poder affirmar que a *I* ou *lh. ll* da *Chilli* e do *Kechua* correspondam ora a *r* ora a *u* do *Abañeenga*, por demais noto que em *Chilli* *añue* significa "diabo".

ANIMIM (pag. 176).

Não me parece explicavel este nome, nem ainda interpretando os sons á moda dos etymologistas quando traduzem *Florentina* por *flor em lina*, *Arachá* por *ha-de-achar*, *Conticuere omnes* por *com ligo era o homem*. Também não figura em outras enumerações de tribus e o nome que mais se lhe aproxima é *Arari*, o qual igualmente não é muito explicavel pelo *Abañeenga*, e ao qual, como é intuitivo, devem pertencer os nomes dados nos "Indios do Brasil". *Arary* é nome de tribu pertencente ao tronco *Aymoré* e ainda ao ramo *Ge* (a admitir-se a classificação de *Martius*). Aqui apenas observaremos que *aro* em *Aymará* é "fallar" e "lingua" e *arara* fallador.

Veja-se *GUAMORÉ*.

APICAPUTANGA (pag. 173).

E' evidentemente vocabulo do *Abañeenga*, susceptivel de muitas explicações, já pelo thema *apig* (*apyi*, *apyy* etc.) já pela

thema *apigtanga* (*apyta*, *apya*, *apitang* etc). Confirmando a minha repugnancia para interpretar as palavras pelo que soam, o que conduz a disparates (veja-se *Anhelim*) aqui temos um nome que se pode interpretar de muitos modos, alguns dos quaes quasi litteraes, como *apyia* (em tupi *apyinga*) *pitanga* ponta de nariz vermelha. Mas procurando-se relações e subordinações entre estes diversos designativos, é preferivel antes guiar-nos por analogias, ainda sendo necessario alterar um pouco a palavra. Comparando-se este nome com *Muriapigtanga*, que vem na mesma pagina, é admissivel dizer-se (com um *i* pronominal affixo) *Tapigapigtanga*, formado de modo analogo com o outro, de *tapi* (*tapiig*) *apyta* em Tupi cabilda de selvagens, de inimigos, de *tapuyas*.

AMURÁ (pag. 178).

Outro nome que não figura nas listas de tribus dadas pelos auctores, e que pôde ter diversas explicações pelo Abaieenga. Atenhamo-nos porém ao sentido que dá litteralmente o adjectivo *apitupa* (pela regra que consta dos T. VI e VII dos *Annot*) o qual significa os desalentados, os desanimados".

APY (pag. 180)

Além de não figurar nas listas de tribus, apresenta-se de modo que pôde ter muitas explicações e por fim nenhuma, por não haver motivo concludente que autorise uma interpretação. Cousa que encabece a significação de "cantor", não ha no Abaieenga. Neste ha o adjectivo *pui-lepido*, prompto, expedito, *poi* mão-zinha, e tambem fibra fina" e adj. "de'gado, fino" e outros assim. A prepositiva adjectivadora *a* apenas será admissivel com *poi* n'algum caso, porque em outros já *poi* e *pui* são adjectivos. Do verbo *poi* dar de comer, e do verbo *poir* (*poi* com queda do *r*) soltar a mão não sei se seria facil derivar adjectivo com *a* prefixo. Tem ali em ultima analyse os etymologistas muito onde escolher. Notarei de passagem que *apu*, *apo* significam "chefe" em Chilli, em Keclua, em Aymará etc.

AQUIQUIA (pag. 179).

Além de não figurar nas listas de tribus, accresce que se não sabe si é *akigira*, *akui* ou *akiguira*, *akiguira*, e ainda mais as

variantes com *guira* formando muito diferentes compostos. Em S. de Vasconcellos ha uma tribo *Aquimau* com o thema *aqui*, porém *quid inde?* Entretanto não deixa de ter importancia este nome em que entra o thema *aqui*, pois elle entra ainda nos tres nomes que aqui se seguem. Será *akir* (que pôde deixar cair o *r*) que significa "m. He. fraco, e ainda evarde?" E o resto? será *guira* abaixo de? E *abiguira* ultra-covarde? Não lhe acho muito feitiço porque neste caso seria mais propria a pospositura *bé* de comparativo.

AQUIMAU (pag. 178).

Veja-se o expendido no vocabulo precedente, e note-se apenas que *akir-i-nô* é uma phrase "sao covardes elles tambem".

AQUITIRA (pag. 175)

Veja-se o expendido em *Aquiguira*. Quanto ao mais é de notar que nas "Línguas do Brasil" todos os sens habitualmente representados por um *i* especial em Montoya, por *y* pelos portuguezes, apresenta-se *ig*, e que como este *i* é brevissimo, elle se contrahê frequentemente com a vogal que o segue ou o precede. Deste modo podia haver *aky-teni*, "multidão de fracos, sucia de molleirões". Fica, porém, por explicar-se a prepositiva *pe* e ainda notarei que em *teyi* sendo *t* pronominal, no composto devia ficar *aky-reyi*. Cumpre ainda notar que no livro como está empregado *Aquitigpe* não designa "tribu" e sim "local" o ahí cabe a locativa *pe*.

AQUITIRI (pag. 178).

Veja-se o expendido em *Aquiguira*. Quanto ao mais, não será esta simples adulteração do nome precedente ou vice-versa?

ARACUAATI (pag. 176).

Primeiro que tudo notarei que *araquai ity* é literalmente "o lugar frequentado pelas entendidos, o *renda-vau* dos sabidos" (a contracção dos dois *a* em um está feita em *paraguayo* e a queda do *it* é facilissima); depois ainda notarei que é possível *araquai* adj. cingido, com cinto, com facha, e *aty* as fontes da cabeça, as temporas. Como nome de tribo, porém, importa-nos

consideral-o por outra face, e veja-se *arauc*. Como deste thema *arauc* se derivam o designativo *araucá* e *araucano*, não sei, mas por um metaplasmo simples e pelo augmento de um suffixo vê-se que de *araucá* podia se derivar *araucania* se porventura existisse o termo em Abaíçenga e então *araucaniaty* se podia interpretar por "pousada ou pousio dos Araucas". Não deve ficar esquecido que com *Araucaniaty* tem similitude *Arayayá*, nome do nosso grande rio de Goyaz.

ARA, com accento já na primeira já na segunda, é thema que entra na composição de muitos vocabulos e nos nomes de muitas tribus. Este thema existe no Abaíçenga, mas de fórma que por meio d'elle não se podem explicar as denominações de tribus. Contemplo-o aqui para fazer as seguintes considerações. *Ara* na lingua dos *Aymará* significa lingua, palavra, mandamento, licença, etc; dá muitos derivados como *arara* e *araramana* fallador, parlador, notando-se ainda que *Aymara ara* (lingua do Aymara) é synonymo de *laque-ara* (lingua de gente). O Keclua é aparentado e até parece que Jerivado do Aymará, e os Aymará constituiriam o grosso da população do Perú e da Bolívia quando os Incas tomaram conta do paiz. Compare-se ainda o que se expente na palavra *Guaymará*. Parece-me que este thema *ara* reportado ao Aymará, assim como *arauc* reportado ao Keclua e ao Chilli podem explicar muitos nomes de tribus, mas faltam dados para se definirem as composições e derivações. Afinal *ará* vulgo *arára* é o nome é o nome de alguns *primitivos* que no T. VII dos Annos dei como onomatopáicos.

ARARAPÉ (1627. 173).

Conforme o que dissemos em *ara*, se é licito o hybridismo de composição, podia-se decompor este nome indifferentemente em *ara-rapé* ou *arara-pé* (caminho dos falladores ou dos parladores). Mas vá isso unicamente por conta dos etymologistas, pois que tal explicação nem pôde servir propriamente para um nome de tribu. Parece que hoje já se não trepida em formar vocabulos compostos do thema latino com thema grego, e de themas de linguas modernas com themas das outras duas, mas não se até que pelo isto nos autoriza a compor *ara* ou *arara* (do Aymará) com *rapé* ou *pé* (do Abaíçenga).

ARI (pag. 175).

Como vem nos *Índios do Brasil* não designa tribo e sim lugar, e em Abaücênga *ari* simplesmente não tem explicação nem para uma coisa, nem para outra. *Arii* "sardentos ou hexigosos" talvez podesse ser appellido de tribo.

ARUMU, na nota Arumú (pag. 179).

A forma que vem de Purchas (a segunda) parece ainda mais difícil de se interpretar. Quanto á primeira limitamo-nos a notar o thema *aruac* (tambem nome de tribo no norte) e reportamo-nos ao expellido em *ari* e *auca*.

ATAPAY (pag. 178).

Nos "*Índios do Brasil*" parece não estão nem podiam estar compreendidas as tribos do Amazonas, principalmente superior. Não sei pois se os *Aturay* tem alguma coisa de comum com os *Aturari* que vem na lista de S. de Vasconcellos (§ 30 L. I. *Causas do Brasil*), nem tão pouco se estes são identicos com os do Tacutu affluente do Rio Branco, mencionados na Ethnographia de Martius, que dá (pag. 562) *Aturari* ou *Aturaki* e traduz por *Korbflechter*. Em Abaücênga, em Kechua, em Ayuaró, em Chilli e outras ainda não vejo vocabulo algum parecido com estes, que signifique "tecedor, fabricante de cestos, de pe-neiras, etc." Em Abaücênga temos *atiriri* pequenino, murcho, encolhido, e de *atur* em Tupi, *atura* curto, breve, etc., ainda se concebem outros derivados, para designar "os chatos, os pequeninos, os anões". Podia ainda explicar-se por *atirayb* "chefes de topele" e por outras formas; mas tudo é conjectural.

AUCA.

Em Chilli-dugu temos *auca*-rebelde, levantado (e dizem tambem "cimarron, montaraz"). Em Kechuacallu *auca* adversario, inimigo, tyranno (e ainda como verbo: "batalhar, pelejar" com os derivados *aucaak* soldado, *aucaay* batalha, peleja, etc.). Em Ayuaró (Haquearo) ainda *auca* inimigo, e derivados como em Kechua. Não se pôde deixar de notar ainda que em Kechua *haucaé* verbo "vagar, folgar" e tambem com um derivado exprime "vagabundo, vadio". Deixarei de apontar outras coïn-

ciências (como o de chamarem os Patagões aos Chilenos *yacali*) e só ficará fixado que *auca* é donde se deriva *arauca* e *araucono* nomes pelos quos se celebrisaram os livres habitantes do montuoso Chilli e que ainda a sciencia adoptou para a bella conifera *Araucaria*. Não deve ficar desaperecebido que *haque* na lingua dos Aymarás significa "homem, gente, pessoa" donde: *Haque-aro* (a lingua Aymará) significando o mesmo que *Abañeenga* (lingua de gente). Para ultimar a confrontação desse thema (susceptível de varias alterações) ainda devemos notar que ha no Abañeenga o verbo *acab* brigar, rugar. Depende de muito mais longo estudo e de severa comparação das linguas a determinação da variação dos vocabulos conexos com o thema *auca* cu *aca*, com o qual talvez possam ter parentesco até *guarani*, *cariú*, *galú*, *arú*, *arú*, etc. Pela forma do thema *arauca* ainda se podem aparentar com elle as designações de muitos outros povos da Sul-America como *arawac*, *arauac*, *arobá*, que embora proprias da parte norte da Sul-America, cuncto podiam ser providas do Perú, de lá trazendo o nome de *arauca* rebeldes ou fugidos, ou ainda *arayu* descidas, no caso que proceda o que diz Martius na Ethnographia, pag. 429. No Kechua ha ainda *harca* (do verbo *harca*) aquelle que impõe estorva, no Aymará tambem *arcanil-el* mitayo del Tambo, que igualmente podiam fornecer designativos para tribus. Ainda em Aymará *auqui* pai, senhor, em Kechua *auki* o primogenito do Inca, ou rei.

AVASATY (evidentemente *avasaly* é erro de escripta, porque não ha *l* em Abañeenga) (pag. 142. nota). É' n' me inteiramente novo para mim e, vendo-o applicado ao dento, parece-me quasi poder reportal-o a duas etymologias differentes, das quaes a mais natural é *aba-hati* (homem chifrado ou cornudo) não obstante faltar o suffixo de particípio *aba-hatibae*, por que isto acontece mais vezes, e encontra-se o radical verbal empregado como adjectivo sem esse suffixo *bac* ou o seu equivalente *hara*. A segunda etymologia daria *abahaty* (borra ou fezes de gente); mas além de não ter isto grande significação, acontece que me não parece natural a composição do vocabulo tornando *aba* genitivo regido de *haty*.

BISVORGYA (pag. 180).

Naturalmente está muito estropiado este nome, e demais não figura nas listas de tribus. Parece-me por enquanto impossível tentar explicá-lo.

C. CATÉ (pag. 172)

Literalmente *caá-eté* quer dizer "muito verdadeiro, ou real" e também "herva verdadeira, folha grande, folha larga"; também significa "matto de paus grandes, ou grossos, ou, matia virgem". No sentido de "folha grande, ou larga" foi applicado a Heliconias e outras Musaceas; e applicado a alguma Anturina, parece-me que *caité* (como dizem) deveria ser *caaté* derivado de *caquã-te* muito cheiroso, ou cheiro verdadeiro, cheiro real. Como nome de tribu parece-me inadmissivel o vocabulo acima definido, e neste caso me reportaria antes á *caí* envergonhado, ou corrido, á *caí* queimado, e mesmo á *okã-atê*, cabeça torta, cabeça virada e ainda a outros themas. Não ha base para nos fixarmos em um thema. Se o gentio *Caté*, dono da costa desde o Paralyba até S. Francisco (G. S. Souza, pag. 38), pertencia á familia *Tupá* é de estranhar que lhe dessem um nome sem parentesco algum com os dados ás outras tribus. Este gentio foi exterminado, conforme se vê em G. S. S. e realmente já não figura na lista dos de S. Vasconcellos. Como dizem que era um gentio muito feroz, ainda podia-se explicar o seu nome por *caá-eté* cabeça dura, por que por vezes vemos *eté* por *atã*. Se, como narram G. S. S. e Santocay este gentio usava de uma especie particular de canôa, suggere isto uma interpretação para o nome que lhe davam as outras tribus *ygá-atê-riguara* aquelles que têm canoas diferentes (feitas de uma palha comprida como a das esteiras de tabúa G. S. S., pag. 38). A queda da ultima parte da phrase (*ri* posposição, e *guara* o particípio contracto) não é cousa que se possa estranhar, attentos outros exemplos de phrases, que tomadas como designativas perderam parte dos themas componentes. Assim aqui *ygá-atê* canoas diferentes ou diversas ou ainda erradas, até em portuguez, apenas precedido do artigo (os canoas-diversas), podia servir de designativo. Vê-se tambem que, por esta fórma ainda se pôde

explicar o nome de tribo pelos primeiros themes *ca-t-té-tiguará*, os sujeitos, os homens da matta virgem.

CAATINGA (pag. 175)

Literalmente *caatinga* herva branca, matto branco e ainda folha branca; o nome se estendeu aos mattos esferidos e carascados, de vegetação não luxuriante e que apresentam uma cor esbranquiçada; é expressão da linguagem bdsileira hoje *coligua*. Com o significado de "bodem, máis cheiro" é também adoptado na linguagem brasileira; creio ser de formação diversa, mas tenho minhas duvidas em reportar-o *caquati* o que exhala cheiro, o fedorento.

CAJARA na ilha Caiari.

Interpretando este nome como sóem interpretar von Martius e outros (por exemplo *poji-nara* comedor de canção), teríamos immediatamente *caji-nara* comedor de cajú (em Tupi: *nara* por *nhara* ou *guara* é frequentíssimo). Está-me parecendo, porém, ser um dos vocabulos que mais alterado tem sido, e que se apresenta sob fórmãs muito variadas.

Em Abaeténga temos *caá-pe-guar* o que é do matto, silvestre, mitez, etc., e ainda *caá-guar* (posp. i por pe) o que é do matto, mattuto, matteiro, etc.

Alem disto ainda ha *caguá* hebedor e hebedo em geral, contracto de *caá-guar* bebedor de herva ou mate e de *cani* ou *caguá-guar* hebedor de cavim - u de vinho - (veja-se *Annaes T. VII guar* partic. de *teob* ser, e partic. de *ñ emery*). Note-se porem que os Paraguayos chamam em geral aos indios de mattas *Coaygua*, e que sendo frequente a queda do *u* em Tupi, ahí temos *Chayua*, nome pelo qual ainda se designam tribus do Matto-Grosso e creio que tambem de Goyaz.

Parece até que podem considerar-se como adulteração do mesmo nome que significa: mattuto ou matteiro; os seguintes: *Cayora*, *calayda* (*Chayra*, Mart. pag. 333) no Tapajoz, *Cayari*, *Cayaca* (*Idem* pag. 767) no Paraná, *Caynema*, *Coyubaba* nome de tribo moxeana (*d'Orbigny T. II, pag. 254*) e ainda outros. O epitheto generico de mattuto ou matteiro cabe a tribus de

rantos quaesquer, designando os homens do matto, pelo menos tão apropriadamente como ainda hoje os litteratos portuguezes nos chamam a nós os brasileiros de matto's.

Na lista dos povos diversos ná-tupis, que apresenta S. de Vasconcellos, vem *Cageta* que pôde tambem reportar-se a este, notando-se contudo que pelos sons vai ter antes a *Caguar* hebedo.

CAMARAGUÁ (pag. 178).

Conforme é de uso interpretar-se, bastaria vêr-se *camaraguar* comedor de camará, e estaria resolvida a questão. Mas para nome de tribu seria até mais conclusivo socorrerem-nos a uma comparação e não a *paragua* cabeça engrinalhada, ou com uma *caçô*. Mas para que se veja que tudo isto é muito arbitrario e não conduz a resultado algum positivo, basta considerar-se que é frequente nos autores esquecerem-se da cedilha do ç e é isto sufficiente para termos cousa inteiramente diversa como *camaragôa* ou *samaragôa* que tem analogia com *samará* nome de tribu que vem na lista de S. de Vasconcellos. Este ultimo nome pôde reportar-se a radicaes os mais differentes possíveis, e não havendo indice algum que mostre a intenção da denominação, parece-me vã a tentativa de explicá-lo. Diz o texto que os índios por este nome designados "tem outra lingua, vivem em casas, tem roças" e pelo Abacicenga só se poderia talvez reportar a algum radical connexo com ideia de "ter ou fazer roça". Veja-se o vocabulo seguinte.

CAMARAGUÁ (pag. 176).

"Estes índios, diz o texto, têm mamãs que lhes dão por baixo da cinta e perto dos joelhos e quando correm cingem-nas na cinta, etc." Se não tudo ao menos parte achá-se litteralmente expresso por *camaraguará* peitos grandes que tem, ou os que tem longas mamãs. Aqui tem-se apenas de notar que *tara* é participio refecente a radicaes muito diversos, é infinito de outro verbo (que pôde servir de participio), mas que não é regular nem facil attribuir-se-lhe o sentido de "tente" (participio de "ter"); com tudo é o unico modo de se interpretar o nome

como se nos apresenta, e então *yara* será o substantivo "dono" (derivado de um infinito *ar*, ou particípio de outro verbo *é*. Veja *Annaes*, T. VII.

CANGUEIRA (pag. 151)

Vem de *cang* osso com o sufixo de preterito *cuer* designando "osso já fóra do corpo" depois particularizado para exprimir "osso da canella, tibia" e translato para "canudo, tubo". O canudo do "pito" era expresso em geral por *setyngwab* (chupadouro do tabaco), substantivo do verbo *setyār*. Em Tupi achá-se *setyumbwab*, mas como notamos nos Temos VI e VII dos *Annaes da Bibl.*, as articulações *c*, *q*, *g* do Abaí são frequentemente em Tupi trocadas em *p*, *b*. Também notamos que *setyumbwab* podia ser o substantivo verbal de *setyumbá* (beber *setyuma*).

CARA ou ainda *côra* é thema que figura em numerosos vocabulos e em nomes de tribus, e que carece ser examinado um pouco por miúdo. Em Chillidugu ha *côra* povo, forte, castello, cidade. Como ha também nesta lingua o verbo *carácar*, não sei até que ponto será licito reportar a estes themas o vocabulo guarani (vê *yac*). Na lingua dos Aymará ha varios themas *cara*, *ccara*, etc., dos quaes um que significa "anchôter" reporta á *carapú* em Abaíçênga, e outro *kara* coincide com Kechua e parece também ter derivados correspondentes em Abaíçênga. Neste caso está *kara* pellado (segundo Bertoni) correspondendo á *kcárs*-pellado (segundo Mossi, que adverte a differença das pronuncias mais ou menos guttúraes). No Aymará ha ainda *kara* — de uma só côr, de côr uniforme (o que pôde ter o mesmo radical precedente), e *kara* pintas, manchas, *kara-kara* crista, que tem relação com o Kechua *ccaracha* — sarna, e varios outros compostos que se referem ao thema *ccara* couro, pelle, casco, etc., e que, cuido eu, tem derivados também no Abaíçênga. No Kechua ha ainda *ccara* dar de comer, que tem connexão com *cará* em Abaíçênga e que dá derivados em Aymará e em Abaíçênga, que ora reportam ao thema *ccara* dar de comer, ora ao thema *ccara* couro, do qual *ccaracha* e *ccaracha* sarna, com o qual se compara *cará* arranhar, coçar em Abaíçênga, e *ccara* polilha em Aymará.

Os themas do Kechua e da Aymará se desviam do *cara* chileno que significa povo, porém em Kechua ha *carari* verão, homem, connexo com *carari* homem distincto em Abaheênga, notando-se que em Aymará *carari* mentiroso, pôde comparar-se com alguns outros themas do Abaheênga.

É grande o numero de nomes de tribus que se reportam ao thema *cara* e ainda assim é possível que não se expliquem, nem sejam connexos com os que acima apresentamos e que dependam d'algum outro modificado como *aká-rá* cobellas da cabeça, etc.

Com tudo e apezar de tudo, creio que não ha fundamento para se ir buscar a explicação desses nomes no Egypto, no Grego, no Sanscrit, etc. como o fez o V. de Porto-Seguro, tão prolongado com os themas *cara*, *carari* que chega a almejar e a esperar o advento de uma sciencia nova, a *Caryologia*, destinada a elucidar talvez a prehistoria da America. (*Americanas, Tupis, Carilios*, etc., pag. 77).

Quanto ao nome das Dioscoreas, admittido em Abaheênga um radical *car*, que tem correspondente em Kechua, pôde ser explicado: 1.º reportando á *cara* casca, donde "fructo *carudo*", havendo outros nomes em Maranhão que admittem o mesmo thema; 2.º *car-a* fructo de alimento, reportando á *ccora* dar de comer, e que no Abaheênga tem a fórma *cará*.

CANACUJU (pag. 178).

Uma ligeira mudança na pronunciaçãõ pôde fazer com que este nome não seja cousa differente de *guarataja* (*quod vide*). Si pretendessemos reportal-o a themas como *cara* e *cuiju* são numerosissimas as interpretações que se podiam fazer reportando-nos ao Chilli, no Kechua, e no Aymará. Em Abaheênga temos *caracu* com deus significados: 1.º vinho de raizes, batatas, mandioca, etc., 2.º tutano de vacca; e *caracuyu* pôde ser "o que come tutano" ou "o que bebe vinho", etc. Ainda outras explicações se podem dar, porém *quid inde?* Não ha absolutamente nada que justifique a adopção de uma explicação, notando-se a final que tal nome não figura nas outras listas de tribus. Ainda observarei que si *cuiju* é realmente um thema do composto (visto como ha outros com esta terminação) este *cuiju*

é susceptível de muitas interpretações nas tres linguas acima citadas.

CARAEMBÁ (pag. 178).

Devera e bastaria referir-me ao que disse no vocabulo precedente, e apenas lembrarei que este nome designa tambem: 1.^o uma especie de dioscorea; 2.^o, que em geral é o "sarinento ou liana da dioscorea (cará)".

CARAGATÁ

Por ser um nome generico de Bromelias, que aqui parece entrar como thema na denominação de uma tribo, e por não o termos incluído no T. VII dos *Amoacs*, não será máu examinal-o. Cuido que não procede a explicação que dá von Martius: *caracbe* — raçens, *oatá* ambulante, porque no Abacanga é quasi de regra geral nos compostos proceder o complemento ao verbo, notando-se ainda que *har* = *guata* é "andar" e que "ambulantes" devia ser *oatá-oatá* = *guatáhar*, e assim o composto seria *guatáhá-rarái*. O nome parece-me ser *cará-raça-átá* herua de ponta dura, folha de pua aguda que fere, etc.

CARAGUATAJARA (pag. 178).

Cuido que nada adianta dizendo-se *caragata-yora* senhor das bromelias, tal como se explica *ubira-yara* senhor dos páus, *obá-yora* senhor das caudas (Martius).

Tenho mais propensão para interpretar *yará-raçuatá-hára* — navegantes *yá raçuatá* "fazer andar canoas, indo nellas". Nos T. VI e VII *Amoacs*, notamos que o sufixo de particípio *hára* em muitos casos, principalmente em tupi, se apresentava na forma *yara*.

CARAIMA (pag. 143) que neste livro correspõe a *santo e a santidade*.

Veja-se o que foi expendido no tomo VII dos *Amoacs da Bibliotheca* a respeito das diversas significações deste vocabulo. Uma das que mais generalisaram os jesuítas é a de *santo*, donde *carai-brbe* anjo, *carai-bue* christão, etc. Outra que persistiu na linguagem propria dos Indios é a de *carai* (aitula hoje usada pelos paraguayos) e *carimá* (nas margens do Amazonas e seus

affluentes) exprimindo essencialmente *Scutor* e secundariamente *branco, homem branco, europeu*. A significação que lhe é attribuída nesta obra torna este vocabulo synonymo de *payé* (sacerdote, medico, feiticeiro), e assim é tambem considerado no "*Tesoro*" de Montoya. A explicação etymologica, a meu ver, não pôde ser dada só pe' a Abacénga sem comparação com outras linguas americanas, tanto mais quanto é um dos vocabulos que vemos mais espalhado e em maior extensão de territorio, e que com mais ou menos alteração se encontra em varias linguas sul-americanas e ainda da America Central. Veja-se *cara*, e *cari*.

Com a significação de "antropophago" corre mundo o nome de *caribá* synonymo de *caubal*, mas esta significação, pelo que se vê, só se pôde explicar por "sentido translato." Quando, porém, se compare o nome por outra face, designando os descendidos senhores das Antillas e navegantes do tempestuoso golpho do Mexico, apresenta-se uma explicação natural e acceptavel por via da Abacénga, que nos dá *yara-yá* chefes ou mestres das canoas (pô physicamente "mastro, poste, fuste, pé direito", e por traço: "o principal, canilho p.º) (pivot), mestre (por exemplo de musica nos choros), guia, piloto, etc.). Perfeitamente admittida a queda e a inicial, e mudança da consoante *y* em instantanea *h*, tem-se apenas mais difficuldade em explicar a mudança do *y* especial e característico em *i*, que na pronuncia paraguaya é bem patente em *carai*.

Vem Martius (Hist. z., pag. 200) pretendo explicar *cariba* por via de *cari* e *ap*, onde contracto em *aha*; mas como? com o thema *cará* varão, e *apá* de macho ou circumciss, ou que tem a glorio descoberta e como justificar a contracção de *apiabae* em *ahá*?

Umaia (pag. 178).

Vem no *Tesoro* de Montoya, significando "moço" e composto de *carar* dextro, *ndí*, esperto e *ya* suffixo.

A especie designada por este nome em Guaraní diz Martius, e com elle *caraya*, que é a mesma designada por *guarita* em Tupi e *lugio* em muitas provincias. Não é facil explicar a concordancia das dous nomes *caraya* e *guarita*. Como nome de tribo não apparece em S. Vasconcellos nem outros escriptores

antigos, e nem se pôde dizer si foi transferido do simão para a tribo ou vice-versa; *carai* é também nome de outra espécie de macaco, assim como ainda *caí*. Quanto aos índios, no texto os *Caraja*, diz-se, "vivem no sertão da parte de S. Vicente; foram do norte, correndo para lá; tem outra lingua". Isto se applica exactamente aos *Carijó* de S. Vascoscellos, de G. S. S. e outros antigos, e ainda mais aos *Carijó* descriptos pag. 197, que "correm pela costa do mar e sertão até o Paraguay". Assim a meu vêr *Carijó* e *Caraja* são nomes do mesmo povo, e este ainda cabe aos *Carijos* e *Carajás* de Goyaz e do Araguaya.

Cari parece ser thema de vocabulos do Abaücênga, mas não se achá directamente na lingua. Como no Amazonas a palavra *caraió*, *carai* tomou a forma *carúta*, não se erraria em suppor *cari* contracto de *carú*, e talvez deste feição concorra na formação de vocabulos e mo *carúta*, *carúca carúta* e outros assim como para nomes que apparecem em outras linguas como *caribi*, *galibi*, *carano*, *calina*, etc. Vejase *carúta* e compare-se com *ccari* — varão, e também "varênil" em Kechua, notando-se que "homem" em geral nesta lingua é *rana* (*raí* na lingua geral). Analogia de significação não só se vê entre *carai* o homem branco, o europeu, o senhor, e *ccari* varão (em Kechua), mas ainda com *caru* = *cari* verde, esbranquiçado (em Chilli *cari cahuel's* cavallo tordillo, e outros); e si parece não se dar essa analogia no Aymará (onde *hari* mentiroso), com tudo nesta ainda ha *kára* pollado, limpo, lizo, alvo, e *ccára* manihã alva do dia), que com pouca alteração se tornariam *cári* ou *kári*.

CARIJO (pag. 173)

Vejase em *yoc* o que se expende ácerca de *Guarayo*, em parte applicavel a este nome, e compare-se também o precedente. Será bem igualmente vêr o expendido em *ca*.

Carijó nos autores é o nome do ramo tupi ou guarani que se achou nas provincias de S. Paulo e Paraná nos tempos da descoberta e nos immediatos.

O suffixo *yoc* do Kechua é comparavel com *yoca*-filho em Aymará (vide *ca*) e por outro lado temos em Abaücênga o verbo *ac* ou *og* tirar, que talvez n'algum caso admitisse o prefixo pronominal *y* em vez de *t* e seus correspondentes.

Além pois de se poder assimilar *carijo* á *guarayo*, é ainda possível explicá-lo por *cari-yoc* dos valentes (reportado ao Kechua) ou filho dos falsários (reportado ao Aymará). Admittido em Abaeténga um thema *cari* (e talvez o mesmo *carai*) poderia ainda por elle explicar-se *carijo* ou *cary-yo* descendentes de 4 brancos ou dos nações V. P. Seguro — *Hist. geral*, T. 1, pag. 101). Talvez afinal ainda assim se explique *carioc*.

CARIU na nota Cariu (pag. 176).

S. Puchas escreve mais exactamente *cariu*, reporta ao Tupi do Amazonas *carú* alterado do thema *caraiha* do Abaeténga.

Si é mais e informe o que vem no texto, *cariu*, como já notámos em outro lugar, pôde ser identificado com *kiriri* taciturno, ou pacífico, e pôde também reportar-se aos themas *cari* ou *cau*, sem preferir-se por enquanto nada fixar a esse respeito.

CATAGUA (pag. 180).

Não fôrram n. e. antes nomes de tribus começados com o thema *cau* serão por excepção e referem-se sempre a Indios dos confins de Minas com Bahia e Espírito-Santo os nomes *catagua*, *catava*, etc. Pelo Abaeténga este nome pôde explicar-se por *caú-cá-gra* (pertencentes ao muito matto) moradores da grande matta, com queda da posposição *i*. Pode ser que *catava* seja variante de *catagua*, reportado no suffixo *yoc*.

CURACUÍ (pag. 177).

Tenho muitas duvidas sobre os nomes de tribus que tem por thema *curú*, *cari*, talvez ainda *kurú*, que podem ser denotados de *cari*, *carai*, *caray*; nem será de estranhar que á mesma frente se repertem nomes do thema *guariú*. Nações Andinas ha cujos nomes encerram o thema *curu*, e do mesmo modo outras do Pará. Em Chilli-dugu *curiche* ou *curiche* designa "os negros" e em Kechua *cary-ru* é adjectivo e exprime "branco". Em Abaeténga *curib* é substantivo "sarna" e "cascalho". Nestes termos não é possível ariscar explicação para este vocabulo e para o seguinte

CURUPYÁ (pag. 178)

Reporto-me ao expellido no vocabulo precedente. Pelo Abaſcẽnga era poſſive', em viſta do vocabulo que ſe ſegue a eſte, ſuppor-se um derivado com o ſuffixo *yar*, rotando-se que é frequente em compoſição cair o *y* final (*pi* por *pir*, *ya* por *yar*) e então diríamos *curub-pir-yar* ou *curupija* com uma ſignificação referente á *curub* sarna. *Quid inde porém?* tocamos a dizer.

CURUPRA (pag. 142).

Póde ſer traduzido litteralmente por "sarrento" de *curub* (sarna) e *pir* (pele), tanto mais quanto "o linhoſo" é ſynonimo de "o denno" na linguaagem popular do Brazil e não me conſta que tivesse eſte ſentido em Portugal. Entretanto Margrav nos diz que *Curupira*, *ſignificat nomen mentium*, e por mais tratos que demos á imaginação não lhe achamos ſaida etymologica para eſta ſignificação. Poderá ver admittida uma compoſição como *cũ-ropir* ou *cũ-robir* (a lingua desenvolver)? Neste caso porém *aquelle* ou *aquillo que desenvolve* (*desenbarça*) a lingua não ſe devia dizer *nomen mentium*, porém *ſim nomen loquæ*, ou ainda mais litteralmente *nomen lingue*.

CUXARÉ (pag. 175).

Não deixa de ter analogia e em outros nomes de nações diverſas, por exemplo com *Cuxari*, *Cuzari*, *Cossari* da Amazona, etc. Pelo facto porém de ſe dizer no texto que eſtes indios "viveim no meio do ſertão" ſomos levados a reportar eſte nome a *cũ* longinqua, diſtante e talvez ainda a *alã* campo (não é raro que *ub* *correspondente* a *y* pronominal poſſa ſer alterado em *h* e eſte em *e*) com um ſuffixo *har* (às vezes corresponde a *gar*) no preterito *haré*. Deste modo *Cuxaré* ſignificaria "os longinquos" ou os "campeiros". Eſta ultima designação porém não ſerviria para os homonymos do Pará.

CUVA (pag. 156).

No Tomo VII dos *Annas da Bibl.* reporta-se o vocabulo *cũ* ao verbo *car* (tragar) e em ultima analyse póde ir ter ao verbo *u* (cozer), e *cũ* (que admittie os prefixos pronominaes

che, re, he, que, etc) exprime em geral "vaso da comida". Dizendo-se, porém, que "lhe mettem (no morto) uma caya no rosto", este facto lembra o verbo *coctub* (esconder), em que o radical *cub* pode ter a significação generica de "apagar, supprimir", com tal um qual connexão ainda de um lado com "cobrir, tapar" e doutro lado com "engulir": mesmo em portuguez se diz "engole as palavras, engole os côres, engole os lucros do negocio".

Em occasião oportuna estudaremos o vocabulo *cui* vaso (em geral) comparado em diversas linguas, e diverso do seguinte, que no entanto talvez se pudesse reportar ao mesmo radical que este.

CUYA ou CUYRA.

É um thema que se pôde reportar a radicaes diversas, e que de mais a mais figura em muitos nomes de tribus. Em primeiro lugar reportamo-nos aos *Aimara*, T. VII, onde se vê *cuid* mulher (na lingua geral) reportando-se à *cô-par*, fazer par, e à *cui* alevantar, comparado com o Kechua *croya-rainha*, princeza deusa das rainhas, *croya-muar*, donde *croyak* amante, amiga, e com *Clith cõlla* parir, *cuy*: velha, *cayan* ovo.

No Aymará tambem ha *croy* mulher principal, rainha, porém, "mulher" em geral é *morná*, como em Kechua *huarná*.

Não servindo este thema para explicar nomes de tribus, nomeadamente nomes já reduzidos ao thema simples (Goya, Goyana, etc.) accodem outros talvez provenientes de radical diverso, ou do mesmo.

No Aymará *loya* "pobre, desventurado" deve corresponder ao Kechua *cuyana* "misero, digno de compaixão", derivado do verbo *cuya* amar, de qual se deriva tambem *cuyak* amante (como vimos acima), e no Aymará ha verbo "amar" construido sobre o mesmo thema *cuya*.

Os dois substantivos *cuyab* do Aymarena (*Ames Bibl.*, T. VII) derivam-se dos dois verbos *cõi-fazer* ruído, e *cõi-fazer* par ou união, e unir, juntar. No *Tesoro* mesmo de Montoya está expresso que *cuyab* (murmurio, ruído) ou *cõhab* é o derivado do suffix *hab*, e portanto é facil suppor o outro derivado em *hã* double *cõhãr* ou *cõyar* os barulheiros, os anno-

tinadores, e *cóihar* ou *coihar* e, reunidos, os colligados. Estes nomes participaes pod'iam designar tribus.

No Chilli temos *coyagh* parlamento, assembléa, ajuntamento para falar, donde o verbo *coyagu* ainda *goygoim* fazer ruído, e outros.

No Kechua ha *coyña*, s. canto, extremidade, e adv. perto, proximo, ao pé. Deste thema se derivam varios verbos, entre outros *coyñacu* e *cayñayen* approximar-se, e tal thema é possível que vá ter ao mesmo radical donde os vocabulos do Chilli-dega e do Abaíscénga.

No Aymarâ existem verbos sobre themas *keikoi*, *kaslla*, *coollun*, etc., exprimindo fazer ruído.

Cuya e *coya* são themas que figuram na terminação de varios nomes de tribus indigenas do Brasil, e que vão ter a radicaes diversos no Chilli, no Kechua, no Aymarâ, mais ou menos aptos para designarem-se tribus, nações, etc.

Como porém, as tribus por esta fórma designadas não tem mór importancia, e o exame dos themas nos levaria longe, paramos aqui, lembrando unicamente que, quer por alteração phonetica, quer por erro de escripta, é possível apparecer *cuiu* ou *cojo* por *coja*, etc., e reportamo-nos ao que vai dito em *cuya*. Tambem é bom notar que *enchi* é um dos nomes dados aos *yuracarés* (os *homens brancos*, conforme Alcide d'Orbigny) do Perú. Além disso nas mesmas paginas dos "Indios do Brasil", onde se succedem os nomes de tribus com a terminação *cujis*, nota-se o nome *guajo*, que ainda póde ser conexo com o thema *cujis*.

CE.

Voz do Abaíscénga que se refere a diversos radicaes tanto verbaes como demonstrativos, e susceptível em alguns de se alterar em *che* e talvez em *ye*. Tem-se ainda de um lado *che* pronome da 1.^a pessoa e doutro lado, já *ce* a pessoa, a personalidade (correspondendo á *on* francez, *von* germanico), já *ché* o tal, o sujeito, fulano, e ainda *ye* o pronome reflexivo (*se* em portuguez, francez, etc.). Com isto que se tem no Abaíscénga compare-se:

Em Chilli-dugu *che* gente, homem, pessoa, e que como suffixo entra em compostos como: *reche* pura gente, indio, chil'eno; *hincache* hespanhol, europeu; *miruche* gente de longe, estrangeiro; *curiche* negra gente, ethiope; *hueche* nova gente, moço, rapaz, etc., e assim em grande numero de nomes de nações, como *Huil'cia*, *Tehueltche*, etc. Talvez até se oudessem reportar a isto os nomes *guarayó* e *carijó* supposto *yo* alterado de *che*, compondo-se com *huayau* gritar, *huera* mau, *cará* povo, etc.

Em Kechua ha o verbo *yáua* gerar, do qual entre outros derivados ha *yáua*, que pode exprimir "gerado, filho, etc.", e empregado como suffixo podia servir para designar tribus, e que é composto com *xuu* renovo, broto, grego em Quichéo.

Além d'isto ha ainda *yoca* cohabitar, ter copula, que por outro lado é connexo e m *yoc* suffixo que vemos servir para a composição *guarayo* (vê *yo*), notando-se que em Aymará *yoca* significa "filho" e também é empregado (diz Bertouio) como epitheto injurioso com o significado de "membro viril".

Final em *Quichéo* achamos *chob* significando "triba, parcialidade, partido, maloco".

Aponto apenas isto para se vêr que é possível reportar á mesma fonte nomes na apparencia muito diversos, e aqui me refiro especialmente aos dous grandes ramos que Martius na sua *Ethnographia* distingue em *Ger* e *Cecos*. Como não está determinada lei alguma de variação phonetica para estas linguas americanas não é possível estabelecer a derivação em cada caso, e assim estamos na contingencia de mais aturadas comparações.

Fazem do Caraiba uma lingua differente, que constitue um ramo aparte, e eu continuo a suppor-o uma mistura do Abaheenga com outras, principalmente o Kechua, de modo que a *uua* — agua em Kechua reporto o *hué* — agua em Caraiba (sendo o *h* um affixo), e a *yfaú* ilha em Abaheenga reporto o *núbaa* — ilha em Caraiba, posto que ainda não possa formular lei de variação phonetica.

Já na *Grammaire Caraïbe* do P. Breton (reimpressa em 1877) vejo confirmár-se o que disse nos *Ensaíos* (1875): que o *r* dos Caraibas de terra firme era *l* dos das illhas e que o

♯ dos primeiros era u b dos segundos, donde parva los de terra firme era o *balana* das Antilhas.

CICÓ (pag. 177)

Não figura este nome de tribo nos autores, e não ha indicação alguma que guie a interpretação.

Com tal ou qual similitude ha o nome de *Chaco* (Indos de Pernambuco e Magoas) que lembra tambem o nome *cicu* em *chacu* e talvez alguns mais compostos tendo por thema estas dicções, a que se podem reportar nomes como *ti.ana*, etc. Pode até haver erro de escripta e então lá se vai achar na Amázonas nome de tribo como *cicu* tambem difficil de explicar.

EREBÉ (pag. 131)

É a formula de saudação, de que tem noticia grande o verso dos primeiros narradores das cousas heróicas. Lá vem ella logo no principio do Dialogo que deu Lery na sua *Histoire d'un Voyage, et la terre du Bresil* etc. Na orthographia de Lery está *Ere-umbé? Pa-aiut* e correcta segundo a nossa pronuncia temos *Ere-ú (ou jú) ye? Pa-aiut (ou jú)* "Veste então? Sim, vim eu".

FIGUEIRA (pag. 142).

É designada em geral em Abaeténga por *ambayb*, necessariamente differente de *embayb* arvore de familia inteiramente differente (Cece rias); que evidentemente pode sr explicada por *cuba-ôco yb* arvore (arvore de ôco). Em Tupi porem algumas figueiras são tambem designadas pela palavra *mpopemba* que nos reporta á *hapopema* = *hapopemba* (raiz alastrada). O nome *ambayb* dado ás figueiras até hoje me pareceu difficil de explicar-se, mas á vista do que diz a lenda, é possível que aos espiritos imaginativos agrade a interpretação de *angpab-yb* (arvore das almas extinctas), porque em Abaeténga nada tem de extraordinario a queda do *y* e a transformação subsequente das nazo-labiaes *up* em *mb*.

GRACIARIARA (pag. 178)

Não figura nos autores este nome de tribo, si bem haja muitos que, dadas algumas trocas de letras, se lhe assemelhem.

Guacoca pode ter afinidade com *Guacari*, índios do ramo tupi do Amazonas e Rio Negro, com *Socará* (s por h) que como pronome no absoluto se muda em *l* no reciproco em *gu*, nome dado aos *Guardilhos*, índios do Rio de Janeiro.

Si este nome *Guacarajira* é do Abaieçenga, não offerece na interpretação facil (compare-se *camarayua* e *canuçujara*). Talvez se pudesse achar neste nome o thema *caroja*, mas como fica feito o composto? Si quizessemos reportar-o á *lacara* andar aos saltos, que no participio daria *lacarajava*, não se poderia explicar a queda do *t* pertencente ao radical verbal. Iguaes difficuldades para reportar-lo ao thema *taca* ou ainda *aca*, donde *cará*, etc.

GUAJACATU e GUAYATUN (pag. 177).

São nomes que não figuram nos autores e que nos limitamos a reportar, por enquanto, á *guaya*, aparentando-os com *guayana*. Admitido que *guaya* ou *roya* exprime "os colligados", os designativos ou qualificativos poderão explicar-se por *catu* adj. bom, bom, e *tun* nuolle, ou *tun* preto, notando-se que estes últimos deveriam perder em composição o *l*.

GUAIMURÉ (pag. 174).

Veja-se o expendido em *Ara* e note-se a similitude de *Aimuré* ou *Aymaré* com *Aymará*, reflectindo-se ainda que assim como os *Kechuas* denominaram *Aymarás*, os povos anteriores a elles no territorio, tambem os *Tupis* ou *Guaranis* em certas localidades generalisavam a denominação *Ayimuré* á nação de lingua e habitos differentes.

O V. de Porto Seguro (*Hist. geral Bras.*, secção VIII), diz que *Aymara* significa "sacco ou canisola". Não acho tal cousa nem no *Kechua* nem no *Haque-aro*. Causa que se parece vejo *aymára* sacco cheio, nesta ultima lingua, e verbo "armazenar (talvez tambem ensacar)" em *Kechua*.

Em *Abaieçenga* achase *ah-poré* habitador de brechas (usado em *Tupi*) e ainda *ah-baré*, fazedor de mal, malfeitor, podendo ambos receber o demonstrativo *eo* prefixo doude *kaiporé* ou *hoimoré* ou *guaimuré*. Confronte-se ainda *Caburé* (nome

de uma coruja) no T. VII *Apuntes*, de *caç-fort* morador das matas.

GUAJERÈ (pag. 179).

Não só é nome que não apparece nas listas de tribus, como ainda tem indícios de ser muito alterado talvez com troca e erro das syllabas. Do substantivo *tab* peço e do verbo *heréb* lambor vem o verbo *aheréb* — chamuscar, e como este se concebe o verbo separado *ah-heréb* que pôde receber os prefixos *t*, *r*, *h*, *gu* e assim ter-se-hia *guah-heréb* "es de peço chamuscado", mas não é muito admissível a mudança da pronominal *h* em *j* ou *y*.

GUAYÓ (pag. 177).

Não se acha tal nome no Roteiro do Brasil e outros citados nestas notas. Pôde ser nome muito adulterado e não cabe aqui discutir outros que se lhe assemelham, como *guachis*, *guatós*, *huachis*, etc. Si se pulesse admittir que no Abaeténgua se fizessem compostos com o suffixo Kechua *yoc* os etymologistas poderiam satisfazer-se com *gua* corea, e o suffixo *yoc* coreados. Porém em vista do exposto na palavra *yoc*, é natural, explicar-se como vocabulo Kechua *huac-yoc* "de outra lugar, de outra banda estrangeiro", restando ainda a duvida si é admissível a queda do *c* não só em *yoc*, mas ainda em *huac*.

Si for adulteração de *guaya* talvez com elle venha a ter conexão *guayanó* e por outro lado pôde ir ter á *goyá*, *coyá*, etc. Talvez até se possa reportar á mesma fonte que *cuyú* (quod vide).

GUARACAO (pag. 173).

Este nome não apparece nem em S. de Vasconcellos, nem em G. Soares, nem na Ethnographia de Martius. Reportar-o á *Guarayo* não é possível por causa da syllaba *ca* intercollada, que não tem expliação. (Vê *yoc* e *ni*). Como, porém, *guarao* se explica razoavelmente pelo Kechua, nessa mesma lingua achamos *huaraca* — funda, e tambem verbo "atirar com funda" e com o suffixo *yoc* tem-se naturalmente *huaracoyoc* — fundibulario. A ser assim parece que esses inimigos dos Tupinaguás

(como diz o texto) dando-se esse nome, por ali mostravam ser originarios ou desgarrados do Perú.

Veja-se *Itali*, outro nome da mesma tribu.

GUARANAGUACU (pag. 176).

Na sua Etimographia Martins falta de uma tribu do Amazona (do Perú) que em côr, posição, etc., seria diametralmente opposta á de que reza este livro. Em outro qualquer lugar não acho menção de tribu cujo nome contenha o thema *guaraná*, que tambem é o nome da *Paulinia sorbilis* Mart. e do producto tirado do fructo della, conhecido por esse nome.

Não me parece que por ali se possa dar com o significado do nome de tribu. Como no texto se diz que esta gente *vivia em covas*, incita a ver-se nesse vocabulo: *covara cova*, *nenõ deitar-se* (interpondo-se a proposição *i*) e o resto e o resto *ocá* que gostam, ou *ohu* que procuram, usam, etc. O que nos diz, porém, que assim seja?

GUAYANÁ (pag. 176).

Em nota da pag. 109 do T. I da *Hist. G. do Brasil* (de 1854) o Visconde de Porto Seguro explica este nome *invcntari*: os themas e significados:

Guoya gente, na estimado, *guayaná* nós outros os estimados; ou *guaya* e *aná* gente.

Taes dicções com taes significações não existem em Aba-ñeenga, e quasi posso dizer nas principaes senão em todas as linguas da Sul-America.

O thema na fórma *guay*, ou *guaya* parece-me que não conduz a resultado, por ir ter a radicaes que não offerecem significação adequada. Veja-se no T. VII dos *Annaes da Bibl. Nac.*, o que se diz no vocabulo *cunhã*; o composto *cunha anã* = *cuyaanã* (parente da mulher, os parentes das mulheres) não parece proprio para designar tribus alliadas, vizinhas, ou aparentadas. Deve-se porém notar ainda que apparece como nome de tribu simplesmente *Goya*, e isto reporta mais naturalmente á *coi* (ou *cõi*) radical de *mocôi* (dous, o que faz par ou parilha). Ao radical *coi* (irmanar-se, unir-se, emparelhar-se, etc.) reporta-se

um participio *coã* (vé T. II Ann. da Bibli. Nac.) ou *coya* (unidos, ligados, aliados). O resto pôde ser *uã* (misturado) ou ainda ç melhor *anã* (parente), donde *coya-anã* = *cayanã* "os parentes dos aliados" e até "os aliados parentes". Vê também *cuya*.

GUAYTACÁ (pag. 179).

O Visconde de Porto Seguro explica este nome: *Guata* — *rã* corredores, até certo ponto precedentemente, pois do verbo *guata*, andar, se deriva *guatolar* o que anda, andejo, e si bem que não seja usual a mudança do *h* em *e* e *siã* em *ç* ou *s*, contudo é admissível e satisfaz ao que se diz no texto e narram os chrenistas. Martius cita em facto o Visconde de Porto Seguro (Ethnog. pag. 302 nota) e talvez também Aleide d'Orbigny, quando lhes attribue a explicação de *Goyatara* por *goyã* (*tiandara*) e *caã* (*caald*), mas com razão diz: "aber die festgestellte Thatsache, dass sie (die Goitacá) "immer den Aufenthalt in offenen Gegenden nahmen, widerspricht dieser Erklärung".

E não é só por isso: a explicar-se *Goitacá* por *guatã* e *coã* ter-se-hia *guatã-coã* matto de andar (que nada significa).

O facto de serem os Goitacá de nacionalidade diversa das do tronco Tupi, a qual Martius filia aos Guyana e ethnographicamente considera aparentada com os que elle denominou *Ge* e *Guck* (a designação generica dos estranhos ou inimigos na lingua geral era *tapyi*) devia, ou pelo menos podia influir no nome que lhes fosse dado em Abaíçenga, e pelo que precede não se vê isso.

Pelo contrario, reportando-se ns *Guaytacá* aos *Guayanã* (os aliados, embora de raça diversa), pela lingua geral se poderia explicar até certo ponto *coya-ctã-cap* (ou *acãb*), mas muito forçadamente. (Veja-se *auca* e *lua*).

Com a significação de "corredores" que lhe dá o Visconde de Porto Seguro daria mais literalmente o Abaíçenga *uquã-utahár* (ligeiro marchador), onde a mudança do *h* em *e* é justificavel.

IGY-IAUPÁ (pag. 179).

Éis aqui um nome evidentemente do Abaíçenga, mas que pôde ter as mais diversas interpretações, conforme os themas a que nos reportamos. O y guttural a cada passo nos *Índias do Brasil* se escreve *ia*, e demais ha trocas e quedas, de letras facéis de se reconhecerem nos vocabulos; varios themas como *yby* (terra), *ybyá* (*ybyá* com queda do r) madeira pau, *ybyã*-barrao, *yby* o neo, o vazio, a barriga, etc., sem ainda contar as variantes do segundo thema componente, nos levariam longe. Limitando-nos porém a uma significação que coincida com queda do r) os *bate-pau*, ou os *joga-pau*. Temos supposto queda de r, mas comparado com o vocabulo seguinte parece que é em vez de r e que o nome seria *Ighigranupã*.

IPIGUA-APUJÁVA (pag. 176).

Em vista do que vem no texto temos aqui litteralmente e muito em toca no Abaíçenga *ybyra apijara* (ou *apijara*) os jogadores ou atiradores de páo. Compare-se com o precedente, notando-se que são palavras tambem com esse nome outras interpretações conforme os themas.

INGUENAMBIN (pag. 165).

No Tomo VII dos *Annaes da Bibliotheca* explica-se *Yapé* por massa ou clava de guerra, *yb*=y (páu), *a* (cabeça), *pé* (chata). ajuntando-se *ibe nambi* (orelhas, borlas), ali temos o vocabulo de que se trata. Não tem contudo explicação plausivel a articulação nasal *u*, substituído *b*, nem o *n* no fim de *nambi*. A acha ou clava dos indios tambem nos autores se menciona por *tangapema*, *atangaçema*, *tangapê*, *tacapé* e até *yhyraçema*. Este ultimo dá *ybyra* (pau), *pema* chato; *tacapé* ou *tacapé* pode-se suppor *taca-pe*, onde *t* é o demonstrativo pronome genérico *aca* em Tupi, *agua* em Guarani ponta, *pê* truncada, na *pê* chata. *Atangaçema* ou *tangaçema* são fórmas difficéis de se explicar. Em Hans Stade, si me não engano, vem *liceraçeme* e *liceraçeme* o que nos leva a *yhyraçema*.

I'ATI (pág. 173)

É nome que não vem nos autores citados em *Guaracós*, e. c. Como porém no texto vêm ambos estes nomes para o mesmo povo e reportamos *guaracós* ao Kee'wa, parece que em a mesma significação tem-se em *Abacéenga Itai* "atirar pedras", tomado como substantivo "o atira-pedras".

JACURUJÉ (pag. 202).

Como o nome que segue, este não figura no rol de tribus dos autores. Pelo *Abacéenga* não se acha imediatamente uma explicação plausível, e o mais é *bater a campelha em 2* aje-cteras vagas. A'ent pois de reportarmos-nos ao nome que segue, seja apenas p'nderado que tem'o alguma conexaçã com o item *Jacu*, apparece nos sertões de S. Francisco e *caufics* de Matto-Grosso o nome de tribu *Jaco*, ou *Jaicó* que tambem não é facil de explicar-se. Não será máu tambem notar-se que ja pode ser um suffixo, comparavel de um *Ja*, com *Ya* ou *Yá* (quod vide) e *Joater* *lad* com *je* ou *Yé* (Vide *je e ché*).

JACUJÉ (pag. 177)

Pelas mesmas razões expendidas no nome precedente não é possível arriscar uma explicação deste nome, que tambem não figura nas listas dos autores. Veja-se *cuyú*. Quanto ao mais é de notar-se que *Ya-icú-ú* (nós estamos quietos) é phrase mui regular da *Abacéenga* e que por mera variaçã phrastica pode tornar-se *a-icú-vu* u como se pronunciará áfures no *Amazonas* *ia-icú-ú*. Uma phrase poderia des'guar tribu por esta forma?

JANIPABA — JAMPABA (pag. 142).

Admittindo-se que haja erro orthographico ou de copia é possível suppor-se que esteja esta d'icção por *Janipaba*, o que nos reporta á *Yandyfab* = *andyfab* (nome legitimo do *Genipa brasiliensis* Mart., em cuja formação parece entrar *andy* = *Yandy* (azeite), por ser o caldo deste fructo applicado pelos indios nas pinturas e fricções do corpo). A ser, porém, verdadeira a tradiçã, de que reza esta *historia das Indias do Brasil*,

somos levados a uma outra explicação do vocabulo: *naude ou l'aude-ufaba* (nesso lugar, nosso pousio, nesse pousa, ou com mais generalidade *nesso lugar e modo de estarmos*). Será admissivel esta derivação para o vocabulo com que designavam a arvore do *jenipapo*, que era de primeira importancia nos usos dos indios de todo o Brasil?

JEQUICARÉ (pag. 180).

Este nome do lugar por onde andavam os indios *Colagua*, coincide com Juquiriqueré, nome de uma enseada e rio ao norte de S. Sebastião e de outros logares. *Juquiri* é nome de muita applicação topographica, que contudo não pôde ser aqui examinado, porque nos levaria longe.

MA WHEIRA (pag. 142), que Maregray define "nunen viarum viatores praecedens". A unica maneira de tornar intelligivel esta significação é admitindo-se uma forte agglutinação dos elementos componentes do vocabulo, tão forte que chega a fazer cair syllabas inteiras, o que, aliás, tambem é frequente não só no Abaeténgü, mas ainda em outras linguas americanas. Admittido isto porém, ainda fica em pé a duvida sobre o radical agglutinado e desaparecido do composto. Com effeito com significações litteraes muito precisas e muito naturaes temos *mo-ra-có-ser* (o que gosta de cantar a gente), *mo-caúy-ser* (o que gosta de enfraquecer a gente), *mo-caú-ser* (o que gosta de fazer a gente perder-se, ou andar erradia). Nos dous ultimos principalmente onde entra o *i* guttural porém brevissimo é possível o desaparecimento *ei* ou *u*, com modificação da articulação immediata formando se *mo-cá-cher*.

MAUTÛ (pag. 175).

Mais um nome que serve para mostrar quanto é vão e inutil estar á cata de explicações quando não ha cousa alguma a respeito da tribu por esse nome designada. Em Abaeténgü se apresentam tantas explicações que é o mesmo que se não apresentasse nenhuma. Basta ver que *ma* pode estar por *mbya* (coração ou gente), por *mbo* (mãe), e por outros themas. Por *mbya-catu* se exprime "hom e razão" e "pacato" por *mbo-ratu*

ba não, heredi fê, etc. Vejase a nota que se pôde-se decompor, e que tambem pôde ser affixado em Purcitas) e ali temos um mudo de significados. Se por *cahi* pode isto levar-nos á *cola*, theira de varios nomes (como *cumantoto*), elle não é explicavel pelo Abaheenga e sim por outras linguas. Tem alguma analogia tambem este nome com o das *Maca* ou *Macari* do Rio Branco e a rasagem de ircaha ovalada e isto levaria a outras interpretações. E assim por diante.

MANUMA (pag. 178).

Clam as mesmas considerações apresentadas no nome precedente e lembro o thema *manya*, além de outros. Com tudo, como este nome ó dado a inimigos declarados (que se entendiam com os *Guaianacs*), suggere em Abaheenga *Mha-omã* (voda, círculo, trepa, trepa de mafuzados) e m a intercalação de um *n* ou *nh* euphonico.

MARACAGUACÔ (pag. 177).

Militando as mesmas razões dadas nos dois nomes precedentes esenca buscar vagas interpretações, e limitamo-nos a ponderar que literalmente *mharacá-gracá* significo maracá (instrumento de guerra) grande. Póde este nome puro e simples designar uma tribo? Quanto ao nome *mharacá* veja-se *Annuaire do B. B.*, T. VII.

MARUCÔ (pag. 180).

Não havendo nada que nos sirva de indicação para buscar a explicação deste nome, que nemais não figura nas listas dos autores, limitamo-nos a reportar-lo á *parubi* com o suffixo *yo* talvez irregularmente, mas consideramos que *yo*, á custa de tanto apparecer em diversos compostos (*Carijó*, etc.), pode-se tomar por um suffixo tambem no Abaheenga. Comtudo attenta a significação do suffixo *yo*, seria melhor reportar-lo ao Keelua, onde se lhe pôde dar melhor interpretação.

MEXOUR (pag. 169).

Ou mais geral *manibhy*, que, como vem no tomo VII dos *Ann. da Bibl.*, se explica por *31a-13hy* (circulo enterrado ou

sepultado), bem applicavel ao *Arachis hypogaea* L. O demonstrativo pronominal *t* le *tyby* por estar intercalado não é estranho que se mude em *nd*, a mudança de *y* ora em *n*, ora em *t* é natural e frequente, e a queda da inicial *y* muito usual.

METARAS (pgs. 153, 156 e 157).

Além *tombeta* em Abaücênga contracto de *tombé-ita* litteralmente "pedra do beijo". A queda do prefixo demonstrativo *te* não é cousa estranha, antes frequente, como se vê em *cutia*, em geral *tecutia*, *mbira* em geral *tombira*, etc. A addição em Tupi da articulação final *r*, ou antes da syllaba *ra* serve de confirm e a derivação que demos de *ita* (*pedra*), reportando-se este substantivo á *tô* (*duro*), notando-se que a nasal *n* por vezes alterna com *r*.

MUÇACARA (pag. 170).

Derivado do verbo *muçucar*, parecem-nos (Tomo VII. *A. Bibliotheca*) poder suppôr este vocabulo com a significação de adjectivo. Mas houve equívoco, por causa da pressa com que foi escripto aquelle vocabulario. Sendo verbo transitivo, *che muçucar* significa litteralmente "aquelle que nie preza, estima, acata" e dahi por ampliação "o meu amigo, o meu camarada", justamente no sentido em que diz Lery *moussacat*. A mudança do final em *t* é apontada expressamente por Anchieta e por Figueira como usual entre os Tupis do sul, si bem que Montoya não dê disso noticia ao Guarani. Aparcutado com este vocabulo quanto á significação, acha-se ainda o termo *yecotyahá* (o companheiro, o camarada, o matale), e reconsiderando os costumes dos indios pareceu-me poder dar outra interpretação á *muçucar*. Com effeito temos *mbira-ecar* (buscar comida), verbo composto, no qual interpondo o demonstrativo pronominal temos *mbira-hecar* (aquelle que busca comida), e ainda melhor *che-mbira-hecar* (aquelle que busca a minha comida, ou comida para mim), designando "o meu famulo, o meu domestico, o meu busca-caça, busca-fruitas, busca-viveres".

MURAPITANGA Ypags. 173 e 179).

Como já vimos em *Apigapitanga*, este é outro nome evidentemente do Abaicênga. Procurando alguma significação racional pela composição dos themas pde-se suppôr que seja contracto de *mbya-reyi-apytã* magotes de multidão de gentes, cabidas de muitas gentes. Como se vê nos T. VI e VII dos *Annos da Bibliotheca*, o 3.º do Abaicênga é muito breve e contrac-se facilmente caindo já em *i* já em *u*; portanto, *mbya-reyi* podia tornar-se *muri* (de gente multidão), e *apytã* quer dizer "feixe" em geral, e ainda "grupo, porção". É assim *Muri-apytã* malocas de muitas gentes.

Este nome de tribo não vem nos autyges, e convém reportarmos-nos ao que foi dito em *Puri* e em *Apigapitanga*. Deste modo pode suppôr-se alterado de *Puri-apytã* cabida de miscráveis.

É opportuno notar ainda que, indo-se pela significação que se attribue a *pora*, *moro* (gente, dizem) seria possível dar outra interpretação a este nome. Mas, como se vê nos T. VI e VII dos *Annos*, *pora* ou *moro* sã.º prefixos verbaes que não tem tal significação de "gente". Veja-se. o vocabulo que segue, de construcção inteiramente diversa, que no entanto pareceria poder ser feito sobre o mesmo thema que *muriapytã*.

MURUBIXABA (pag. 170).

Reportamo-nos ao que vem no Tomo VII dos *Ann. da Bibli.* nos vocabulos *mhorubichab* (chefe), *tubichab* (grande), e principalmente *ubichab* (sem o *t* demonstrativo), onde se pãde ver qual a derivação attribuível a esta dicção.

Este vocabulo *mhorubichab* é cum que no Abaicênga se traduz "chefe, commandante, príncipe, rei"; aos reis de Portugal e de Hespanha chamavam *mhorubichagoçó*, *mhorubichanaçó*, etc. Quanto ao mais, *tubichab* como adjectivo exprime "grande" no sentido mais lato da palavra, quer em relação ao tamanho physico, quer em relação á grandeza moral. Nas margens do Amazonas *tusichã* tem a mesma amplitude de significação.

NACAI, na nota NACIJ (pag. 175).

Deve dispensar-nos de qualquer tentativa de explicação o simples facto de duvida no verdadeiro modo de dizer este nome, facto mais quanto não figura na lista de nomes de tribus dos autores.

NAPARA (pag. 175).

Nem é nome que figure nas nomenclaturas de tribus, nem é de fácil explicação pelo Abacenga.

NITANBEJU, na nota MANDEU (pag. 175).

A differença de escripta do texto com o que vem em *Parchas*, mostra a difficuldade de qualquer interpretação. Apenas nota-se que a primeira forma se presta a duas phrases em Abacenga, pois ahí se diria *Nandé-yab ahé* são nossos iguaes aquelles ou os taes, ou ainda *Nat-deyára ahé* são nossos senhores aquelles. Mas uma phrase para denominar tribu?

Ni

Conto é syllaba terminal de muitos nomes de tribus, parece-me opportuno apresentar algumas observações a seu respeito.

No Dic. do Kechua do sr. frei Honorio Mossi vem declarado que o suffixo *ni* é da lingua dos *Aymarás* e corresponde ao *Yac* do Kechua.

No Voc. do P. L. Bertonio acha-se "*Ni* pospuesto a los nombres significa tener lo que el nombre dize, *Collquení*, *Catalóni*, *ouqabí*, etc., uno que tiene plata, cavallo, padre, etc. Algunas vezes significa "ser estimado, o valer por lo que tiene": *ah anoni* — de buen rostro, *isini* de buen vestido *ampnani*, *aroni* que tiene buenas manos o lengua, reñir, etc." De conformidade com isto mesmo em portuguez se concebem adjectivos designativos, em geral epithetos formados por um substantivo e a preposição *de*; assim homem ou perna *de pau*, homem *de alta vida*, homem *de calças* ou *perni-vestido*, *collquení* (*Aymarás*) homem *de dinheiro* ou *dinheirazo* ou rico, etc.

Em Chelidugu existe também a partícula *ñi*, a qual se emprega já pospositivamente como no Abaíçenga, já como preposição á nossa moda, exprimindo a mesma relação generica que de portuguez.

No Abaíçenga existe a posposição *i*, susceptivel de se tornar *ni* ou *ñi* intercalando um *n* euphónico, e a posposição nas suas diversas formas é homonyma com o verbo radical *i* "ser ou estar" (em geral), incluindo ainda o sentido de "ter". A significação da posposição *i* é "em", mas ainda assim notemos que mesmo em portuguez a preposição "em" pode exercer funções equivalentes a "de", como: *em chinelas* ou *de chinelas* ella estava sentada, etc.

NHOSHÁ (pag. 180).

Nem é nome de tribu que figure nos autores, nem é facil de explicar-se de qualquer modo. Dizendo o texto que os índios assim designados tinham "rostos muito grandes", acode-nos a dicção *tobá ñá* ou *tobáya* cara aberta, cara larga, e si tal era a denominação, quanto se alterou para se tornar *nohá* e quanto é vã e futi a tentativa de explicar montes por tal forma e tropiados!

Tambem é nome de tribu que não figura nos autores. Pelo facto de se designarem por este nome "índios do campo" surde o pensamento de se referir a derivação a *ñhá* campo, mas persistindo a duvida para a explicação do composto. É preciso forçar tudo para se suppôr que *hi* seja uma posposição, e *ni* um suffixo correspondente a *yu* ou *yo*.

OUACOATLÁRA (pag. 176).

Quer dizer litteralmente em Abaíçenga "cara pintada" (o absoluto *tobá-quatláro*). Do que se diz no texto nada induz a se buscar uma significação como esta, que no entanto é litteral; pelo contrario, parece que se deveria buscar coisa que significasse "mergulhador" ou "ilhéo" ou ainda "morador em cova". Nada disso no nome *abá-coatlára*. Quando muito se podia suppôr *ybaú-i-tequara* em illas moradores, mas dando-se metaplasmas e contracções injustificaveis.

OCAS (pag. 146).

O verbo *oy* (cobrir, tapar, etc.) faz no supino *ora* (para tapar), no infinito *oga*, e nessas duas formas serve de substantivo (casa). E' dos vocabulos que recebem o demonstrativo geral *i*, que com as possessivos se muda em *r*, *h*, *gu*, e tem-se *che-r-ora* (o que me cobre, a minha casa) e em geral *toca* (o que cobre ou tapa). Este vocabulo passou á linguagem vulgar brasileira com grande ampliação de significação; *toca* é synonimo de *furna*, *caverna*, *buraco*, *escondrijo*, *morada*.

Em Aymará *toca* fojo, cova, buraco, furna; em Keciua o adjectivo *huca* fundo, é tambem substantivo "fundura" e o adjectivo "dentro" e *huqui* rincão, angulo, canto. Em Chilli *oca* casa, rancho.

OQUE'IAJUBA (pag. 175).

Okyta significa "esteio da casa, pau a prumo, etc."; *juba* tem muitos significados e entre outros é adjectivo "amarello".

Isto não quer dizer nada. Si o que vem no texto, logo em seguida referindo-se aos *Pahi*, fosse dito em relação aos *Oque'iajuba*, podia isto suggerir algum composto de *aób* roupa, *âtã* rija, *ubã* forrar, mas permanecendo ainda a difficuldade de compor a phrase regularmente. Denmais, é nome de tribu, que não vem nos autores.

PAYAJÛ (pag. 177).

Não vem nos autores, mas assemelha-se a outros que nelles vêm. Na falta de indicações que guiem a interpretação, fica inteiramente no ar. Pelo suffixo *ju* pôde ser comparado á outros que vem no texto, como *Jaicuju*, *Jocurnju*, *Piracuju*, *Tapajû*, e ainda com outros que terminam em *jo*, como *Tupijo*, *Guajo*, etc. Por outro lado lembra o nome dos *Pacajô* das bocas do Amazonas, etc., etc.

PAU (pag. 175).

Não figura nos autores assim simplesmente como nome de tribu, mas em nomes mais compostos, como *Payagua*, *Paiconeta*, *Payana*, *Paipocoa*, etc. *Pahi* si for por *Pay* ou antes *Paï*, si-

gnifica propriamente "pai" e foi applicado especialmente aos padres (Vede a nota seguinte), e difiere de *Paye*. Tem alguma analogia com *Payo* adj. velho, velha em Kechua, e applicado a significar "avô", notando-se ainda que ha o pronome *pay* elle, ella. No Aymará não ha correspondente com este thema e *pay* (deserto) é cousa diversa. No Chilli porém ha dum lado *paye* applicado aos "padres" e de outro *chay* — pai, significando *chay*, e ainda *pay* a "mãe" em geral e a "matrona". Como thema de outros significados vai ter a radicaes diversos.

PAI (pag. 173).

No Tomo VII dos *Annaes da Bibliotheca* expendemos a duvida si a dicção é genuina de Abañeünga, ou si vinha do hespanhol ou do portuguez. Lá tambem vem a explicação de Montoya que diz: *Pai*: palavra de respeito com que iallavam aos seus velhos, e feiticeiros e pessoas graves. Nas Reducções usavam da expressão *Pai-abaré* para designar "o vigario" do aldeamento, e dali ainda outros compostos, como *Paiyacu* bispo, etc. Reporto-me ao mais que vem no vocabulario citado, inclusive as referencias ao *kechua* e *chilli*, para aqui apresentar mais uma consideração.

O vocabulo *paye* ou *paye*, que tambem significa "sacerde" inclui os sentidos de "oraculo", feiticeiro, medico, mezinheiro" e repare-se que os catechistas nobilitaram a expressão *pai* a ponto de a applicarem aos padres, bispos, etc., e rebaixaram *paye* a designar exclusivamente "o feiticeiro". Lembra *diabolus*, que remontando á fonte etymologica vai ter ao mesmo radical de *zeus*, *jupiter*, *josés*, etc.

Por outro lado, ha tambem *mbai* adj., máu, ruim, etc.

PANACUË (pag. 177).

Além de ser nome que não figura nos autores, não se sabe qual a verdadeira pronuncia, nem ha nada que indique a significação. Pelo thema terminal é connexo com outros que vem no texto e reportamo-nos á *Cayu*. O thema *pana* póde explicarse de diversos modos pelo Abañeünga, mas como thema de nome de tribo parece antes ir ter ao Kechua, onde *pana* significa "irmão, irmã". No Javary, fronteiras do Perú, menciona-se

tibu com o nome de *Panos*, e talvez a) mesmo radical se reporte o nome dos *Mamms* e ainda outros.

PANAQUIRI (pag. 180).

Não vindo nos auteres com semelhante, nem havendo indicações que guiar a interpretação, referimo-nos simplesmente ao que se diz no vocábulo precedente, em relação ao thema *Pana* e á *Quiri*.

PANICU ou mais correctamente *panicú* (cesto). Reportamos ao que foi dito no Tomo VII dos *Annaes*, porém modificando em relação ao radical *paí*. Com effeito *panacú* com os possessivos faz *che-re-panacú* (meu cesto), *ndere-panacú* (teu cesto), etc.; por consequente pôde ser explicado por *che-ropá-uacú* (meu vaso de entrançada, de rede, do que é feito em trança).

PARANIÓ (pag. 175) ou *Larabi* na nota. Quem é lá que pôde sem mais indicação buscar a significação do vocabulo? O thema *para* só por si pôde ir ter aos mais diversos radicaes, quanto mais ainda *lari* (não existente no *Abañocônga*) e ainda o restante do composto. Unicamente por se dizer no texto "muita gente" occorre-nos o thema *paráb* vario, variegado.

PARAPOTÔ (pag. 178)

Reporto-me simplesmente a) que disse no vocabulo precedente; tambem é nome que não figura nos auteres.

PETIGMA (pag. 151).

Muito frequentemente o y guttural é expresso pelos portuguezes (inclusive *Anchieta*) por *ig*, em vez de o ser por *y*, como posteriormente se tornou mais usado (até em *Guarani*). *Pety* ou *petym* ou *petyma* e tambem *petyui*, é nome indigena da *Nicotiana* (tabaco) e o verbo brasiliense *pitâr* vem evidentemente de *petyar* (tomar ou chugar o *petym*). A palavra *pito*, exprimendo "cachimbo", evidentemente vem do verbo *pitâr* por um processo de derivação inteiramente á portugueza, tal e qual "cambio" de "cambiar", "mando" de "mandar", "castigo" de "castigar", etc. E' de notar-se que no *Chillidugu* ha *pithesa*

tabaco, *pithem* pitar, fumar (tomar o tabaco), e *pithen* queimar-se. O ñ do Chollidugu creio que é exactamente o y do Abañeênga.

PICRÚ (pag. 176).

Aqui temos um nome susceptível de tantas explicações que por isso mesmo não pôde ficar explicado. Como *iy* neste livro corresponde ao y do Abañeênga, ali temos desde logo *pyrú*, dois verbos significando um "anular, substituir", outro "pisar", prendendo este tomar a forma *pyrú*, que também significa "começar" (em vez de *yprú*). Se fosse *piru* teríamos adjectivo "seco" e *pirú*, "couro negro", etc. etc. Supondo-se alterado de *poru* temos outro verbo "usar, exercer" e ainda outro em absoluto, donde *aba-poru* comedor de gente, anthropophago, do qual é possível derivar se *mburu* ou *mború* malvado, perverso, maldito, e ainda o nome *Puru*, applicado a tribo e á* rio no Amazonas. Ainda ha na Abañeênga outros vocabulos com o qual tem analogia este, mas apenas notaremos que ainda seria possível que *Pigrú* se reportasse á mesma fonte que *Puri* (quod vide).

No Kechua, no Aymará ha vocabulos analogos, mas apenas observamos que *Peru* é o nome actual da região onde existiam os Kechuas. Ainda notaremos que no Chollidugu *pire* significa "neve e a cordilheira". *pira* nevar, *piru* gusano, carcoma, e *piruu* carcomer.

PITANGUA (pag. 162 nota).

Como nome dado ao liabo não é muito conhecido; sob as formas *pitãgua*, *pitangua*, *pitão*, etc., é o nome dado a diversas passaros do genero *Lanius*, dos quaes um é vulgarmente conhecido pelo nome de *Bem-te-vi*, onomatopaeico do grito que elle solta. Acho difficil a interpretação do nome deste passaro, attento o grande numero de significados que têm os themas *pytá*, *pytã*, e ainda os outros *gua*, *qua*, etc., e portanto muito arriscada qualquer explicação.

Do nome do passaro passar a ser um dos designativos do "deno" parece-me natural, em vista dos hábitos do passaro, que parece um espia ou espião, que grita quando vê gente *bem-te-vi*.

PINACUJÛ (pag. 178).

Reportamo-nos ao que dissemos em *Paracujit* e *Anacujit* para se vêr que, ainda quando se admitta uma interpretação para um dado thema (*cujit* por exemplo) um vocabulo, logo depois apparece outra nome para o qual não serve o thema com a respectiva expliação.

Depois, quem é, e o que é que nos garante que por exemplo *Paracujit*, *Pinacuja*, *Piracuja*, etc., não são uma e a mesma coisa? *Paracujit* na nota está *Raracujit*, questão de erro de scripta, e o mesmo se pode dar com as outras todas.

PIRACUJÛ (pag. 178).

Veja-se o expellido no vocabulo precedente.

PIRACUVAQUIC (pag. 179).

Muita o mesmo que temos dicto de outros nomes que não figuram nos autores. Neste porém notaremos que em *Abañeênga* existe o adjectivo *piraqua* valente, parlado, teimoso, e ainda *aqay* molle, fraco, iraco; ahí teremos porém *piraqua-i-aqay* o forte-iraco, o valente-covarde (!!!!).

Dizendo-se no texto que estes indios "viveam debaixo de pedra" occorre-nos com tudo a phrase *Piro-quar-i-ôké* em buraco ou cova de peixe elle dorme.

PIRÛ (pag. 180).

Está no mesmo caso de outros nomes, que não figuram nos autores, para que faltam indicações e que podem se reportar a themas diversos, mesmo no *Abañeênga*. Basta para isto vêr-se *Purî*, e quanto ao suffixo veja-se *ya*, do qual pode ser *ju* alterado.

Quanto ao mais notaremos que em *Abañeênga* pode explicar-se 1.º por *pira-jyq* couro rijo, admissivel em Tupi, porém em Guarani mais usado *pi-jyq*. 2.º por *pira-jub* pelle amarella, porém mui usado *mibi-jub*, que descae para *mibi-jug* couro podre. Afinal notaremos que a este nome prepondo-se algumas dicções, dá elle phrases como *che-pyrijub* que está ao pé de mim,

aré-pury-jub que estão a pé de nós, *taba-pyri-jub* que estão ao pé da povoação, etc.

POTIGUARAS (pag. 171).

Pitiguara (na nota). Potiguaras (mais abaixo).

Nome de índios Tupi de Pernambuco e do Rio S. Francisco, que nos dá occasião de vermos quanto é vã a tentativa de explicar o nome, quando o chronista não caracteriza alguma cousa da tribo e indica o porque da denominação. Além das tres formas acima, ainda se vê esse escripto Potynára (Martius e P. Seguro), Pitagoar (G. S. de Sousa), Potygoar (S. de Vasconcellos), etc., etc., prestando-se deste modo a bem diversas interpretações, de mais a mais divergentes na mesma forma, conforme os autores, como se vê em Potynára dado como patronymico por Martius, e como significando "pescadores de camarões" por Porto Seguro, e nenhuma das duas exacta. *Poti* (e não *poty*) *uár*, alterado de *potiguar*, pôde significar "comedor de camarão", mas não "pescador", como diz P. Seguro, quando quizessem differenciar de outro nome os índios da lingua geral possiam exprimir a mesma cousa por *poti-uhár*, porque *uhár* é o participio regular de *u* que tambem dá *guar*. Aqui temos *i* nasal, mas sem isso *Potiguar* pôde ser participio de *tepoti* fazer evacuação, donde *tepotihar* ou *tepotiguar* cagão. Com formação analoga á primeira, por via de *guar* participio de *u* comer, ainda temos *Pety-guar* bebedor de tabaco (Montoya), fumista, fumador.

Na fórma que dá G. Soares de Sousa, temos o substantivo *Pytaguar* o páo para conduzir carga sobre os hombros de dois peões, e tambem verbo "conduzir, carregar, transportar á dois". Si este não dá para nome de tribo, ha ainda *Pitagua* ou *pitãgua*, nome de varios Lanius (que podia applicar-se a tribus) e hoje em Paraguayo significando "estrangeiro". Como ha exemplos de *guar* em vez de *har* como suffixo de participio, podia ainda ser *pytaguar* por *pytihar* os irantes, os queles, os que ficam, *Pyteguar*, por *Pytihar* os chupadores, etc. Afinal, com *guar* suffixo contracto de *teguar* ainda se tem *Poty-i-guar*, equivalente á *poty-i-guar* o que tem mão dura, o homem tenaz e o

homem mesquinho, avaro; em vez deste ultimo é mais usado e mais regular *pyryh-i-yara*.

PURI.

É' thema de numerosissimos nomes, que pôde reportar-se á diversã radicaes e que, de mais a mais, por si só apparece como nome de tribu. Pelo Abaíçenga, mediante *abá, acé, ubya*, etc., como substantivos seguidos de *puri* adjectivo, podiam se explicar muitos nomes, e da mesma maneira se concebe que empregassem simplesmente o adjectivo etidando o substantivo. A significação mais propria então seria a de *Pyryh* mesquinho, de pouca valia, miseravel, e ainda de *Pyryhi* triste, tristonho; teimoso; tacanho; contumaz, sauhudo. Com esta ultima significação apresenta-se mais usado na fórma *ulurá*, que tambem significa o maldito, máu, ruim, etc. Cumpre porém notar que este thema figura em outras linguas com significações analogas e para não me estender apontarei apenas no Kechua *puru* falso, *purá* ardejo, viajeiro, viajante (de *puri andar*), e mais outras proprias para designar tribus. No Chilli *murú-cho* estrangeiro, que suggere um vocabulo da mesma significação com *pu* adv. lá, uma opposição e *abé* sujeito.

QUICRAJUBÉ (pag. 178).

Este nome e quasi todos os que seguem, principados por *Q*, não figuram nos autores. Com themas *kyr, keri, kyrá, kira, kyri*, etc., fazem-se muitos nomes em Abaíçenga, dos quaes alguns pôdem designar tribus, porém com isso só nada adiantamos. Demais não ha no texto indicação alguma para induzir-se alguma explicação.

QUINTAO (pag. 178).

Vejã-se o nome precedente. Quanto ao mais, temos *kytã-ub*, botão, etc., em Abaíçenga, *kinta* nome de um beija-flor em Kechua, *quytiquí* um passarinho pardo e *quito* pomba em Aymará, etc., etc.

QUITÓ (pag. 178).

Vejam-se os dois nomes precedentes. Para mais embarçar ahi temos grande differença no nome como vem no texto, do

que vem na nota *Cuipé* vaso chato, em geral no Abaeténgá. Se em vez de *y*, se achasse no nome *y*, teríamos talvez *Quyyyi* irmã mais moça, e ainda se podia supôr alterado de *Quyyr* irmãos mais moços ou primos.

QUINICIGU. (pag. 179).

Vejam-se os nomes que precederam começados p-r *q*, e o que se segue a este.

QUIN, ou QUIN. (pag. 179).

Nesta forma parece nada ter de comum com *kiriri*, que também é nome de tribo; quanto ao mais, veja-se os nomes que precedem.

Em Abaeténgá ha diversos vocabulos que pôdem explicar este nome, como designativo de tribo, mas nenhum que possa suggerir a significação de "cavalleiros", como seria de esperar em vista do que diz o texto. Quando muito seria possível entender-se *kyrey* diligente, activo, experito, ou *keré* o que não dorme, notando-se que este ultimo é o infinitivo do verbo, e que mais propriamente se diria o *keré-boe* o que não dorme.

QUYIGMĀ (pag. 179).

Este nome parece-me que é evidentemente o adjectivo *kyreymbi* os valentes, os valorosos, os esforçados. Vê *Anaes*, T. VII

QUYIGMURÉ (pag. 179).

Como se acha no texto este nome designa lugar, e se bem que o suffixo *poré* (preterito de *por*) não seja proprio para designar lugar, parece que se podia interpretar *kyrey-mboré* pouso dos *kyrey*. (Vê *quirig*). Mas também é possível que o nome de tribo fosse applicado ao lugar, e como nome de tribo tem analogia com *Quinimurá* ou *Quimimurá* indios navegantes do norte do Brasil. Mas o nome para designar "navegante com difficuldade admittê uma composição como *yg-ari-poré* ou *yg-ari-mboré* moradores sobre aguas, em todo caso mais toleravel que *Quini-murá*-Leute zum Erbrecheu, ou *Quini-murá*-Feinde zum

Aesperen, onde Martius inventa as dicções *murá*, *mírâ* e *quini* em significados a seu gosto. Na pag. 196 da *Etlr. g. da Martius*, onde tracta dos Quinimurê, falla-se do uso de "escudos" por certas tribus, o que nos levaria a buscar a explicação do mesmo em Ayuará, onde ha *quecari* broquei, adarga, ou em Ke-cari, o verbo *quecari* também significa "amparar". Resta porém combinar o resto do composto.

TAGUATOUA ou Taguin (pag. 142).

Orthographias arábicas de *taguinê* em Tupi, mas que no Guarani é apresentavel na forma *tañhãit*. Este ultimo vocabulo é literalmente *tañhã* (ta são ma, phant sma tañhã).

TABUIU

Não é nome que figure no rol de tribus dos autores e apenas podemos ponderar que corresponde á uma phrase em Abaüerga: *ta-i-cá-ñi*, ou *tab-i-luco-ñi* os que em aldea estão quedos.

TAMUYA (pag. 173).

É nome dos habitantes do Rio de Janeiro, escripto de varios modos, e muito geralmente conhecido na fórma *Tamoios* ou *Tamoyos*. Significando "avô, avós". Anchieta o escreveu *taruya*, Figueira *taruya*, Gonçalves Dias (Dicc. Brazilião, etc.) *taruya*, França (e outros) *tamuba*, etc., etc. Couto nome de tribo G. Soares de Sousa o escreveu *tamoyo*, S. de Vasconcellos, idem, P. Seguro *tamoy*, etc. Em Abaücênga ha *tamô* — avô (*Abasês da Bibl. T. VII*) e *tamô* — fundar povo, donde o participio *tamô-i-har*, no preterito *tamoi-hare* aquelle que fundou povo, e deste participio parece-me provir o nome *Tamandaré*, *Tamandaré*, *Tamanguaré*, etc., nome do Noé ou do Adão Tupi, segundo S. de Vasconcelles e outros chronistas.

Montoya explica o verbo por *tab mo'n* a'deia collocar, mas eu noto que tambem podia ser *tau-moim* estabelecer patria, porque em *te'tam* o *te* é pronominal e podia cair. Demais, é intima a conexão entre *tab*, *tau*, e *eté* (Vê *Annuaes da Bibliotheca*, T. VII).

O radical *ta* exprime "pluralidade" e variando as articulações e os sons, na forma *etá* é adjectivo "muito, muito", na forma *tab* é substantivo "povo", na forma *etã* exprime "reunião, partido, parcialidade, tribo, pátria"; parece-me que tem conexão com *tanta*, thema que no Keekha e no Aymará dá verbos e substantivos com o significado de "junta, juntar".

No Chilliugu ha não só o verbo *tharu* (cuja pronuncia se approxima á de *tab* povo) mas ainda outro verbo *thapina* (cuja pronuncia se assemelha á de *tapxi* — ch'ça), — que indicam ambos a significação de "juntar, reunir gente", o que tambem está implicito no verbo do Abaúcênga *tamo'u* fundar povo.

No Caraíba dá o Padre Breton (orthog. franceza) *tam-no-z, tam-nou-ve, itamoulou — grande père, non grand père.*

A. d'Orbigny (*L'Homme Américain*, vol. II, p. 319), tratando dos *Guarayús* (os actuaes e mais puros representantes dos indios que fallam o Abaúcênga), diz que "a religião delles se reduz á venerar e não á temer um ser benéfico *Tamú* "avô, ancião do céu".

TAPUYA (pag. 174).

E' o nome generico com que no Brasil os indios alliados aos europeus designavam as hordas adversas e principalmente as que não fallavam a lingua geral. Anchieta escreve *Tapia*, Figueira *Tapyyia* (o barbaro), differente de *Tapia* (a *cioupana*), G. Dias *Tapuya* e *Tapyya*, Dr. França *Tapyyia*, G. S. Sousa *Tapia*, S. de Vasconcellos *Tapaya*, Porto Seguro *Tapuy*, etc. Nos *Annues da Bibl.* consideramos composto de *tapxi-eyi* dos comprados, dos aprisionados, dos captivos, a recua ou a clusma; mas vê-se que pode ser tambem *folia-eyi* a recua, a plebe de povo, notando-se ainda que ha o termo *tapxi* choça, cabana, que pode ser alterado de *tag-pi* ou *ta-pii* casa pequena, ou talvez de *tob* folha, com algum outro suffixo, notando-se que neste caso não deixa de ter conexão com *tapil* folha (â ch'icú sôa como y guarani) em Chilliugu.

TAPUYA, na nota Tapocou (pag. 177).

Sem cousa alguma no texto que indique a significação é baldada toda e qualquer tentativa de explicação, mormente ha-

vendo tamanha diferença nos dois modos de escrever. *Tapycuiu* pareceria antes erro por *tapecuiu* (veja-se *tuyu*), o que incluiria à *tapecayã* reunidos em aldeia. *Tapunys* pareceria alterado de *tapyyia* e ainda outros mais.

TARAGUAB: (pag. 177)

É nome que não figura nos autores, e quanto ao mais em Abaíçenga faz lembrar *teragua* famoso, com sufixo não fácil de explicar ou *tirakua* por *rirakua* flecha, com um sufixo, talvez *oyg* hervado (aguado), conforme o sentido indicado no texto.

TAPU-Y-MIRI (pag. 179).

Quasi literalmente em Abaíçenga *tapy miri* eloça pequena, com tudo não dá para nome de horda. No texto referindo-se a andes ou pigmeus, parece que era mais proprio o nome *Tarapé*, mencionando pouco antes deste. (Veja-se *Tarapé*). Pode-se conceber *ty-hyy-miri* os baixos e pequenos, mas é preciso justificar a substituição do demonstrativo *t* em vez de *y*, que era o proprio aqui. Afimil pode-se reportar ao termo generico *tapy:* (com que designam todas as tribus de raça diversa), seguido do qualificativo *miri*.

TAPU YERI: (pag. 180).

Não ha maneira de explicar este nome por "saiteadores de roças", como suggeriria o texto. Demais, pode-se supôr alterado de outros, como *Tapicuri* (dado a indios do Tapajoz), etc. Suppondo-o formado como outro, mencionado no texto (*Tapig-yuriri*), pode-se interpreta-la *tapyyi-cury* o tapnia que escorrega ou se escafele, o adversario que se safa.

TARAPÉ (pag. 179).

Não figura nos autores e literalmente tems *ta-rapé* o câmbio da povoação, o que nada significa para nome de tribo. No texto vem em seguida a este outro nome designando indios de pequena estatura, porém deve se notar que justamente *tarapé*, alterado de *carapé*, é que servia para designar "os chatos, os baixos e truculentos".

TEGMEGMINÓ (pag. 1731)

O participio^o do verbo *men* tomado pelo prefixo *temi* (T. VI e VII dos Annaes) é *temi-men*, e do verbo composto *menô* é *temi-menô* significando "o descendente, o neto". Como nome de tribo não vem em G. S. de Sousa, e em S. de Vasconcellos parece que o nome que a este corresponde é *Tupyminó*, o que nos induziria a reportá-lo a *Tupá*, sem por ali lhe acharmos explicação (Vê *Tupimamba*) Martius (*Ethnographia* pag. 191) diz que os *Temiminó* eram os índios vizinhos dos *Tamoyas*, que habitavam nas terras de Ubatuba á S. Vicente.

TIVE (pag. 178).

Ha alguns nomes parecidos com este, dos quaes pode elle ter sido alterado, porém literalmente nelle temos *tipeb* nariz chato, que se costuma adoçar em *imbéb* e que podia servir para designar povo. Significação que tenha referencia ao "morarem nos campos" ou ao usarem de "irchas hervadas" só se pôde achar alterando muito o nome.

TUÇANUÇO ou TACANUNCU na nota (pag. 175).

Não é nome que figure nos autores nem ha cousa alguma que possa guiar na interpretação tanto mais quanto se apresenta sob duas fórmaz diferentes.

TURÁ e não TURÁ (pag. 144). é o que se deve ler.

Para que tenha explicação o significado attribuido ao vocabulo *Tupá* é preciso reportá-lo ao verbo *pá* (bater), que na terceira pessoa do modo permissivo faz *to-pū* (elle que bata); mas como designativo de um ser era natural que empregassem uma fórua participal como *o-pā-bae* e não o permissivo. Talvez se pudesse suppôr que o *t* demonstrativo geral (aquelle que), mas seria preciso ver isso confirmado por maior numero de compostos identicos. Como se vê no Tomo VII dos Annaes da Bibliotheca, Montoya explica o vocabulo por *tu* interjeição, e *pny* interrogativo. Nós, pelo contrario, entendemos ser um composto de *tub* (pai) e *any* (alma), parecendo-nos que assim o vocabulo satisfiz ao sentido que lhe davam os indios (segundo

a tradição) e ainda mais forma antithese com *auñg* (o espirito do mal), tambem conforme a tradição. Comparada esta dicção com analogas em outras linguas americanas, não deixa de ter interesse.

"Dios fue tenido destes Indios (os Aymarás) uno á quien llamavan *Tumupa*, de quien cuentan infinitas cosas (Bertonio - *Glosario*)"

Em Kechua *Tupa* cousa real, excellente, principal, servia tambem para exprimir "senhor, cavalheiro".

Ha em Chilli dicções analogas, porém, cuja forma não é tão connexa.

Por outro lado cumpre notar que "demonio, diabo" em Kechua é *sufay*, e em Aymará *sufayo*. Sem a minima intenção de fazer aqui applicação da regra dos prefixos pronominaes do Abaeténga, por demais notamos que o demonstrativo geral *t* se transforma em *r*, *h*, *gu* e que o *h* por vezes se torna *ç* ou *s*. Em Abaeténga *sufay* e *sufayo* seriam os relativos das formas absolutas *tupa*, *tupayo*.

Em Kechua ha ainda *sufan* sombra de pessoa ou de animal.

Veja-se na palavra *Tumupa* o que é bom deus *Tumo*; e reconhecer-se-á que *Tupay* corresponde ao bom Deus destes indios, que não precisava de cultos. Elles faziam offrendas ao "diabo" para que lhes não fizesse mal.

TUPI.

O V. de Porto Seguro dá *Tupy* — tir paterno (pag. 104 da Hist. G. do Bras. 1854), entendendo que a palavra *Tupí* não se ligasse a paiz algum (no que estamos de accordo) nem proviesse, como se tem dito, de um grande chefe desse nome, que regia a nação, quando ella ainda estava compacta (textualmente). Von Martius, reportando-se a S. de Vasconcellos diz que "War Tupi ein Ort, woher die Tupis gekommen und von dem sie den Namen angenommen hatten (Beitrag zur Ethnographie etc. T. I., pag. 170). Enganou-se porque S. Vasconcellos diz: "Assim tambem entre estes Indios, de um Principal chamado *Potygoa* tomaram nome os *Potygoares*; de *Tupí*, que dizem ser o donde procede a gente de todo o Brasil, umas na-

ções tomaram o nome de *Tupinambás*, etc. Este "Jonde" von Martius não percebeu que vale por "do qual" e entendeu literalmente por "logar de que". Contudo o nome *Tupinamba* até certo ponto se poderia reportar à *t-ibi-aba* (os que são gentes da terra), sendo *t* o pronome, e assim procederia o que disse von Martius. Por outro lado porém o V. de P. Seguro não deixa de ter razão traduzindo *Tupi* por "tio", pois com esta significação temos *tybyr* e *tuty*. O primeiro (*tybyr*-irmão ou irmãos mais moços), ainda que se possa reportar à *ybyr* (fresco, novo, recente), contudo não se adapta à explicação dos compostos *tupinamba*, *tupinac*, etc., e comparado com o segundo (*tutir* companheiro ou companheiros do pai), suggera a formação *t-yb-yr* os que acompanham o chefe, onde o suffixo *yr* (radical de *yru* acompanhar) é também radical de *tyr* (com *t* demonstrativo, o qual entra no thema *tuty*). Quem é que sabe, porém, si nos nomes compostos não houve muitas contracções e alterações, visto como a lingua é extremamente agglutinativa? A dar-se uma explicação de *Tupi*, deve ser aquella que satisfaga para explicar os outros compostos designando tribus, e isto nos leva ainda á outras considerações. *Tybyryça* é o nome do Martin Affonso, paulista, que se alliou a Anchieta, e literalmente ali temos *t-yby-yça*-aquelle que é o maioral da terra, com intercalação de um *r* euphonico, e até talvez de um *r* que serve de posposição á *yby*. Em vez de *yça* podera estar simplesmente *yb*, que tambem significa "chefe", e ali teriamos *t-yby-yb* o que é chefe da terra, para thema dos compostos de *tupi*, que se pôde suppor agglutinado mudando um *y* em *a*, agglutinando dous em *i*, e mudando *b* em *p*.

Notando-se, porém, não só que a contracção de *t-yby-yb* em *tupi* é forte, como ainda que, a exemplo de *tyby-ryça*, não é muito admissivel a composição de *yby* genitivo simples com *yb* (chefe da terra) e devera ser antes *yby-t-yb* chefe na terra, reporta-nos isto a *tub-yb* chefe ou principal dos pais. Nos nomes de tribus tendo por thema a dicção *tupi* veremos que não deixa de proceder a explicação de *tyb-yb* chefe dos pais, ou tomando-se *yb* como adjectivo "os pais principaes". Com um pouco de attenção na leitura das cousas antigas vê-se que havia entre

os romanos *patres e plebs* ou *populus*, e isto confirmado pelo estudo da lingua. A'ém de *abi* pessoa (em geral), homem no Abaíeénga, há *nibya* gente (em geral) e *teyi* turba, plebe.

Como já d'issemos em outra parte, o nome *Tupi* pura e simplesmente sem adição de outras vozes, nunca designou tribu alguma especialmente, não obstante figurar esse nome entre os 12 de tribus especificados por S. de Vasconcellos no § 151 do *Livro I das Noticias*.

Na mesma fonte em que bebeu S. Vasconcellos beberam outros, dando *Tupi* como nome de tribu, e assim apparece tambem em Hervas (pag. 148 do *Catalogo de las Lenguas*, T. I), onde até se dão como synonymos *tupe* e *tupi*. A. d'Orbigny tambem dá a mesma coisa.

No *Roteiro* de Gabriel Soares de Sousa não achamos tribu alguma designada pe'a palavra *Tupi* simplesmente. Veja-se em *Tapinaba* que o thema *Tupi* ainda se pôde reportar a *Tub-xy* os antepassados.

TUPIA VI. (pag. 173)

E' possível que este nome designasse tribu? Tem s quasi litteralmente *t-ópe-guar* = *t-ópe-gua* os de casa os que pertencem á casa, os caseiros, os domésticos, a gente de casa. A este nome podiam juntar um demonstrativo *ne* e então *Tupigua-ne* são de casa esses. Porém quem sabe se até não vem a ser esse nome o mesmo que Potiguar, por um metaplasmo facilimo entre *poti* e *topi*?

TUTJÓ

Não figura nos autores. Com o thema *tupi* e o suffixo *yo* poder-se-ia suppor uma composição analogá á de *curiyó* (Veja-se *Caijó*).

Contudo, d'zendo o texto que "moram em casa" lembra o thema *tópe em casa*, mas neste caso o suffixo proprio do Abaíeénga seria *gum*, que é difficil admittir que se mudasse em *yo*. A dar-se isto tambem se podia admittir para outros nomes (por exemplo *Tapinaju*) identica alteração. Tal é a anarchia de escripta, que não seria de estranhar que este nome fosse erro por *Tapija* (*n* por *u*, *o* por *n*) e outros que taes, e até *lafeyá* o

aqueles) o corrector dos caminhos, ou ainda, em alteração de letras bem admissivel, por *tubichá* grande, alto etc. (p por b, j por ch).

TUPINABA (1722), muito geralmente scripto *Tupinaba*. De todo não procede a explicação dada pelo V. de P. Seguro, de Martius, etc. e elles inventaram o termo *niba* significando "varão illustre" e não sei que mais. O termo existente no Alouicenga, que alguma similitude tem com *niba*, é *niba* e significa "gente" (T. VII dos Ann. da Bibl.); e como os Tupis, ao inverso dos Guarani's, tendiam a completar as syllabas (meu pai *che-ou* e n guarani, *che-raba* em tup.), parece que a *niba* se ficia ou *myrá* ou *nbyra* da costa oriental da America.

Reportando-nos ao expellido no vocabulo *Tupi*, parece que *Tupinamba* pode ser *tub-yba-i-niba* e a propositio e que rete *tubyba* tambem póde ser *ri*, que por euphonia póde tornar-se *ni*, e deste modo *tub-yba-ri-niba* quer dizer "a gente affrente ou adherente ao chefe dos pais, ou aos pais principaes". Lery (com a sua orthographia) acrescenta alguma coisa ao vocabulo, de modo que temos *Tupinambau* ou *Tupinambauac*, isto é o mesmo nome *Tupinamba* mais o pronome *ai* ou *aiba* (estes taes).

Não se podem comtudo deixar de notar ainda algumas particularidades no modo de escrever de Lery. A orthographia especial e differente da portugueza deste ingenuo e leal narrador conduz sempre á uma interpretação dos vocabulos muito mais concludente. Elle escreve *Tououpinambroults* e tambem *Tououpinambroults*, onde as tres letras finaes *lts* para mim não tem explicação, e apenas posso reportar a uma especie de suffixo com que costumavam terminar as phrases, dizendo ora *le* ou *ty*, ora *tale*, *talic*, exprimindo uma insistencia na affirmativa. Quanto ao desdobraimento do nome *Tupi* em *tuipi*, ou *tuyty*, levamos a *tub-yty tu-yty* (os antepassados, os avós), a que é applicavel a composição que acima vem expellido para o nome lido *Tupinamba*.

Notemos tambem que os Tupinambas da bahia de Guanbara são os Tamoyos dos escriptores portuguezes, e veja-se o que expendemos na palavra *Tamaja*. Não se deve passar por alto

que os que falavam o Abaeténgua na costa do Brasil, sempre que tratavam de dizer quem eram nos Europeus diziam *Tupinambé*: no Rio de Janeiro, na Bahia, no Maranhão, etc.

O visconde de Porto Seguro define "*Tupis vizinhos, contiguos limitrofes*" e segue-o nesta explicação von Martius. Este nome apparece escripto de modos muito differentes, que procuraremos resumir ás formas *tupinã*, *tupinike*, *tupinahi*, *tupinohi*, *tupinauke*, e poucas mais variantes. Ao thema *Tupi* com a pospositiva *ri* ou *ni* ou *ni* podia ser ajuntado um designativo *ike* (collateral) ou *iki* ou *iki* (derivado)? Qu'quer des dous poderia satisfazer ao significado, e aqui cumpre apontarmos ainda alguns nomes, como *ugui* (cunhada), *tyké* (irmã mais velha), *tekeyra* (irmão mais velho) e ainda outros, que naturalmente se reportam ao mesmo radical, e que exprimem parentesco collateral, e que em outros nomes vão engendrar expressões para dizer "galho, renovo, rebentão, etc." Afinal não podemos passar por alto que Lery, designando quasi sempre os Tamoyos com os quos conviveu no Rio Genevre (Genevre ou Genebra) por *Tououpinambaults*, no capitulo VIII os designa pelas nos *Taïoupinankunins*, em vez de nos *Americaias* ou nos *Touupinambaults*.

TUROVA (pag. 150) e na nota *Tepiya*, apparece ainda sob as formas *tupai*, *tupa*, *t'pói* e pode ser reportado já a *pái* ou *mbai* e já a *uba* (V Tomo VII dos Annaes Bibl. Nac.). A forma *Tupya* é muito incorrecta e tende a fazer confundir com *Tapiy* (chimpana), que se refere a outro radical.

VIATA (pag. 171).

Não vem nos autores nome de tribo que se pareça com este. Em Abaeténgua *ni-átã* literalmente é "farinha dura, ou mu' torrada".

Parcece pois que, como nome de tribo, seja antes alterado de *ny-átã* ou *py-átã* forte, rijo, tenaz, renitente, esforçado.

Yo ou *Yoc* ou *Yok*.

O Sr. sr. Honorio Mossi no seu vocabu'ario do Kaciana, logo depois de definir nesta lingua "calções" (*Inara* — pañetes

ô zaraguelles estrechos), diz "*huarayo* el que los trae (sc. estos paüetes ô zaraguelles)". E em seguida declara: "de aqui el nombre de los indios *Guarayos* ô *Guarani* tomado esto segundo del Aymarâ; *ni* em Aymarâ equivale al *yoc* de la Quichua: *Huarani* e *Huaroyo* son lo mismo y conviene muy á proposito á los indios, que vivian desnudos y no llevaban mas que el *tapa-rabo* ô paüetes bajos."

A composição *Huara-yoc* em Kechua está exacta, visto como ambos os themas pertencem á lingua. Porém, sem embargo de ser o Aymarâ muitissimo connexo com o Kechua, com tudo já não é licito tanta liberdade de composição. Em Aymarâ *huara* é thema de um vocabulo que significa "estrela" e de um verbo que significa "espantar". Não conheço bem o modo de composição para affirmar que *huara-ni* por-se exprimir "brilhante" (como estrella?) ou "espantoso".

Admittida porém a explicação dada por Mossi, temos em Aymarâ para exprimir "calções" *vecara*, e por conseguinte *vecarani* correspondendo em Aymarâ a *huarayo* em Kechua.

Acho necessavel isto até certo ponto. Com effeito a lingua geral cu o Abaücenga é designada igualmente por *guarani* e por *tupí*, e talvez ainda etimologicamente representem os dous vocabulos o mesmo povo, a mesma raça. Os indios desta nacionalidade (como se vê nos respectivos artigos) quando fallavam de si, designavam-se por Tupicambá, Tamôi, etc.

Assim, parece que o nome de *Guarani* lhes era dado por outros. E como até as missões do Paraguay foram a principio sujeitas ao Geral do Perú, é muito natural que de lá lhes viesse a denominação de *Guaranis*, trazida pelos espanhóes do Perú. Não me parece cousa muito de estranhar não só a mudança de *Harayo* em *Guarayo*, nem a agglutinação de *Vecarani* em *Guarani* (veja-se tambem o expendido em *cara*). E já vimos tambem que A. d'Orbigny (*L'homme Americain*) *Guarayo* é o nome dos últimos indios que sahio o mais para Abaücenga no interior, quasi no centro da America do Sul.

NOTA ADDITIVA

Sobre o clérigo portuguez magico, como chama Cardim, ou nigromatico, segundo Anchieta — *Informações e fragmentos historicos*, ps. 5, ou padre do vuro, conforme frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, liv. III, cap. XV, — a documentação que possuímos já é copiosa, graças á publicação dos processos da Inquisição, que levaram o erudito Dr. Capistrano de Abreu a identifica-lo com Antonio de Gouvêa, ilheu da Terceira, el-rigo de missa, pertencente por algum tempo á Companhia de Jesus. Na Europa andou envolvido nas malhas da Inquisição por certas praticas com que não estava de accordo a igreja catholica; vindo degredado para o Brasil, ficou em Pernambuco, obteve do bispo D. Pedro Leitão a reintegração nas ordens sacras e cait nas graças de Duarte Coelho de Albuquerque. Dava-se por alchimista e grande conhecedor de minas. "Suas façanhas chegaram ao velho mundo, escreve o Dr. Capistrano de Abreu. — *Um visitador do Santo Officio*, Rio de Janeiro, 1922, ps. 41: accusavam-no de dizer missa com paramentos hereticos em sitios vedados pelo concilio tridentino, de matar ou ferrar na cara indios tomados em combate, de arrancar as cunhãs a seus donos ou amantes, de desafiar para duelos, de diffamar os jesuitas, attribuindo-lhes pensamentos suspeitos, doutrinas hereticas, etc. Preso na rua Nova de Olinda, nas pousadas de Anrique Affonso, juiz ordinario, a 25 de Abril de 1571, foi internado a 10 de Setembro no carcere de Lisboa, aonde em 30 de Dezembro de 1575 pedia em audiéncia aos membros do tribunal que o quize sem despachar ou lhe dar culpas que contra elle tivessem para se defender e livrar dellas."

Os dois processos de António de Gouvêa publicou Pedro de Azevedo no *Arquivo Histórico Português*, vol. 3.^o (Lisboa, 1905), ps. 179-208 e 274-286; o segundo foi impresso por Alfredo de Carvalho, na *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, vol. XIII (Recife, 1908), ps. 171-211.

Muito elucidativa é a nota do Dr. Capistrano de Abreu á 3.^a edição da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, ps. 457-458. Abi se encontram dados summarios para a biographia do padre aventureiro.

Ver tambem a *Historia de la Fundacion del collegio de la Companhia de Pernambuco*, publicada na *Colleção de manuscritos inéditos da Bibliotheca Publica Municipal do Porto*, vol. VI (Porto, 1923), ps. 9-10 reimpressa nos *Annuaire de Bibliotheca Nacional*, vol. XLIX, p. 5-54.

RODOLFO GARCIA

INFORMAÇÃO DA MISSÃO
DO P. CHRISTOVÃO GOLIVÊA
ÀS PARTES DO BRASIL
ANNO DE 83,

OU

NARRATIVA EPISTOLAR
DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUITICA

Pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, (S. Paulo) etc. desde o anno de 1583 ao de 1590. sendo por visitador o P. Christovão de Gouvêa

Escrepta em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal

NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUITICA

I

Nesta com o favor divino darei conta a Vossa Reverencia da nossa viagem e missão a esta provincia do Brasil, e determino contar *todo o principal* que nos tem succedido, não sómente na viagem, mas tambem em todo o tempo da visita, para que Vossa Reverencia tenha maior conhecimento das cousas desta provincia, e para maior con-solação minha, porque em tudo desejo de communicar-me com Vossa Reverencia e mais padres e irmãos desta provincia (I).

*

Recebendo o padre Christovão de Gouvea (II) patente de nosso padre geral, Claudio Aquaviva, para visitar esta provincia lhe foi dado por companheiro o padre *Fernão Cardim*, ministro do collegio d'Evora, e o irmão Barnabé Tello. Juntos em Lisboa no principio de Outubro de 82 residimos ali cinco mezes pela detença que fez o Sr. governador Manuel Telles Barreto (III). Em todo este tempo se aparelhava matalotagem

e se negociaram muitas cousas, ás quaes tinha ido o padre Rodrigo de Freitas (IV). O padre visitador tratou por vezes com alguns prelados e letrados casos de muita importancia sobre os captiveiros, baptismos e casamentos dos índios e escravos de Guiné, de cujas resoluções se seguiu grande fructo e augmento da christandade depois que chegámos ao Brasil. Tambem fallou algumas vezes com El-Rei, o qual com muita liberalidade lhe fez esmola de quinhentos cruzados para os padres que residem nas aldeias dos índios, e deu uma provisão para se darem ornamentos a todas as igrejas que os nossos têm nesta provincia, sc. frontaes e vestimentas de damasco com o mais aparelho para os altares, o que tudo importaria passante de dous mil cruzados, e por sua grande benignidade e zelo que tem da christandade e protecção da Companhia, deu ao padre cartas em seu favor e dos índios para todos os capitães e camaras das cidades e villas, encomendando-lhes muito o padre e o augmento de nossa santa fé e que com elle tratassem particularmente todas as cousas pertencentes não somente ao serviço de Deus, mas tambem ao governo da terra e conservação deste seu estado.

Chegado o tempo da partida nos embarcámos com o Sr. governador na náu *Chagas S. Francisco*, em companhia de uma grande frota. Viemos bem accommodados em uma camara grande e bem providos do necessario. Aos 5 de Março de 83 levámos anchora, e com bom tempo, em 9 dias arribámos á ilha da Madeira, onde fomos recebidos do padre Rodrigues, Reitor, e dos mais padres e irmãos, com grande alegria e caridade. O governador saindo em terra, se agasalhou em o collegio e foi bem servido. etc. O padre visitou aquelle collegio

como V. Rev.^a tinha ordenado, declarou-lhe as regras novas, e com práticas e colloquios familiares ficaram todos muito consolados: foi por vezes visitado do Sr. Bispo e mais principaes da terra. Passados dez dias nos fizemos á vella aos 24 de Março, vespera de N. Senhora da Anunciação, e com tal guia e estrella do mar cursando as brisas, que são os Nordestez geraes daquelle paragem, nem tomando o Cabo Verde, em breve nos achámos em 4 grãos da equinocial, aonde por cinco ou seis dias tivemos grandes calmarias, trovoadas, e chuveiros tão escuros e melonhos, e tão fortes ventos, que era cousa d'espanto, e no meio dia ficavamos numa noite muito escura. Neste tempo (pelas grandes calmas, faltas de bons mantimentos, e abundancia de pescado que se tomava e comia, por não ser muito sadio) adocceram muitos dumas febres tão colericas, e agudas que em breve os punham em perigo manifesto da vida. Eram estes doentes de nós ajudados em suas necessidades, os quaes com confissões, práticas, lição das vidas dos santos, e animados de dia, e de noite, e no temporal ajudados com medicinas, e outros meios de doentes, conforme ás suas necessidades, e nossa pobreza e possibilidade; com elles houve não pequena materia de merecimento, e não pequena consolação, porque com as diligencias que se lhes faziam, foi Nosso Senhor servido que só um morresse em toda a viagem, excepto outro que caiu ao mar, sem lhe podermos ser bons.

Os nossos tambem participaram desta visitação das mãos de Deus. O primeiro que caiu foi o padre visitador, das mesmas febres tão agudas, e rijas, que nos parecia que não escaparia daquelle. Foi sangrado tres vezes, enxaropado, e purgado, provido de todas as gai-

linhas, alcaparras, perrexil, chicorias, e alfaces verdes, e cousas doces, e outros mimos necessarios, que parecia estarmos em o collegio de Coimbra; e tudo se deve á caridade do irmão Sebastião Gonçalves, que com grande amor mais que de pai, e mãi, provê a todos que se embarcavi para estas partes. O segundo foi o padre Rodrigo de Freitas que, adoecendo das mesmas febres chegou á grande fraqueza, da qual com tres sangrias, e uma purga se convalesceu. Os mais companheiros tiveram saúde nem nos peou para os curar, e servir, graças ao Senhor, com tudo. Todo o tempo de viagem exercitávamos nossos ministerios com os da náu, confessando, pré-gando, pondo em paz os discordes, impedindo juranmentos e outras offensas de Deus, que em semelhantes viagens, se commettem todos os dias. A' noite havia ladainhas, ás quaes se achava o Sr. governador com seus sobrinhos e mais da náu. Na semana santa houve mandato (7 de Abril), ladainhas e *Miserere* em canto d'orgão. A manhã da gloriosa Resurreição (10 de Abril) se celebrou com muitas foguetes, arvores, e rodas de fogo, disparando algumas peças d'artilharia, depois houve procissão pela náu, e prégação. O governador, com todos os seus, trataram sempre o padre com grande respeito e reverencia, algumas vezes o convidava a jantar, o que o padre visitador lhe accceitou algumas vezes. Toda a viagem se confessou connigo, e algumas vezes na Bahia; mas como chegaram os Irmões Bentos, logo se confessou com elles (V).

Passada a equinoctial entraram os ventos geraes, com que arribámos á Bahia de todos os Santos, a 9 de Maio de 83. Gastámos na viagem, com os dez dias de detença na ilha da Madeira, 66 dia (VI). Os padres vi-

visitador e Rodrigo de Freitas, dous ou tres dias antes da chegada, tornaram a recair gravemente; e tanto que de-mos fundo veio á nau o padre Gregorio Serrão, Reitor (VII), e outros padres: saímos logo em terra na praia; á porta da nossa cerca, nos esperavam quasi os mais padres e irmãos, que nos levaram ao collegio com grande alvoroço e contentamento. Estava um cubiculo en-ramado e bem concertado para o padre visitador, no qual foi curado com grande caridade, não faltando me-dico, e muitos e diligentes enfermeiros, com os mais mi-mos de todas as conservas, e cousas necessarias para sua saude, e com suar cada dia tres ou quatro camisas nunca faltavam. Dahi a tres ou quatro dias, adoeceu o irmão Barnabé Tello, esteve muito ao cabo, foi sangrado sete vezes, e purgado, tinha grande fastio, e cont viuho se lhe foi; e pela bondade de Deus, e diligencia grande, que com elles se teve, todos recuperaram a saúde de-sejada, e a Deus com orações de todos pedida.

Convalescido o padre, começou visitar o Collegio, lendo-se primeiro a patente na primeira prática; nella, e em outras muitas que fez, e mais colloquios familia-res, consolou muito a todos. Ouviu as confissões ge-raes, renovaram-se os votos com devoção, e alegria; dis-tribuiu a todos muitas reliquias, *Agnus Dei*, relicarios, imagens, e contas bentas; deram-se a todos regras novas e se puzeram em execução as que ainda a não tinham, com que todos ficaram com maior luz, renovando-se no espirito de nosso instituto. Era materia de grande con-solação ver a alegria com que todos declaravam suas consciencias ao padre, o fervor das penitencias, com outros exercicios de virtude, e humildade.

Quando o padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guadamecins, paincis e varias sedas. O padre Manuel de Barros (VIII), lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve boa musica de vozes, cravo e descantes. O padre visitador lhe mandou dar a todos *Agnus Dei*, reliquias e contas bentas, de que ficaram agradecidos. Dahi a dois ou tres dias, vindo o Sr. governador á casa, os estudantes o receberam com a mesma festa, recitando-lhe muitos epigramas; o padre Manuel de Barros lhe teve uma oração cheia de muitos louvores, onde entraram todos os troncos, e avoengos dos Monizes, com as mais maravilhas que têm feito na India, de que ficou muito satisfeito (IX).

Trouxe o padre uma cabeça das Onze mil virgens, com outras reliquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas reliquias da Sé ao Collegio em procissão solenne, com frautas, boa musica de vozes e danças. A Sé, que era um estudante ricamente vestido, lhe fez uma falla do contentamento que tivera com sua vinda; a Cidade lhe entregou as chaves; as outras duas virgens, cujas cabeças já cá tinham, a receberam á porta de nossa igreja; alguns anjos as acompanharam, porque tudo foi a modo de dialogo. Toda a festa causou grande alegria no povo, que concorreu quasi todo (X).

A Bahia é cidade d'El-Rei, e a côrte do Brasil; nella residem os Srs. Bispo, governador, ouvidor geral, com outros officiaes e justiçaes de Sua Magestade; dista da

equinocial treze grãos. Não está muito bem situada, mas *por ser sobre o mar é de vista aprazível para a terra, e para o mar: a barra tem quasi tres leguas de bocca, e uma enseada com algumas illhas pelo meio, que terá em circuito quasi 40 leguas. É terra farta de mantimentos, carnes de vacca, porco, gallinhas, ovelhas, e outras criações; tem 36 engenhos, nelles se faz o melhor assucar de toda a costa; tem muitas madeiras de páus de cheiro, de varias côres, de grande preço; terá a cidade com seu termo passante de tres mil vizinhos, portuguezes, oito mil indios christãos, e tres ou quatro mil escravos de Guiné; tem seu cabido de conegos, vigario geral provisor, etc. com dez ou doze freguezias por fóra, não fallando em muitas igrejas e capellas que alguns senhores ricos têm em suas fazendas.*

Os padres têm aqui collegio novo quasi acabado; é uma quadra formosa com boa capella, livreria, e alguns trinta cubiculos, os mais delles têm as janellas para o mar. O edificio é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubiculos são grandes, os portaes de pedra, ás portas d'angelim, forradas de cedro; das janellas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos os cardumes de peixes e baléas andar saltando n'agua, os navios estarem tão perto que quasi ficam á falla. A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro; tem uma cruz e thuribulo de prata, uma bôa custodia para as endoenças, muitos e devotos paineis da vida de Christo e todos os Apostolos. Todos os tres altares têm doceis, com suas cortinas de tafetá carmesim; têm uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, tres

cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes reliquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota.

A cerca é muito grande, bate o mar nella, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perenne de boa agua com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de arvores d'espinho, parreiras de Portugal, as quaes se as podam a seus tempos, todo o anno estão verdes, com uvas, ou maduras ou em agraço. A terra tem muitas fructas, sc. ananazes, pacobas, e todo o anno ha fructas nos refeitórios. O ananaz é fructa real, dá-se em umas como pencas de cardos ou folhas d'erva babosa, são da feição e tamanho de pinhas, todos cheios de olhos, os quaes dão umas formosissimas flres de varias côres: são de bom gosto, cheiram bem, para dôr de pedra são salutiferos: dellas fazem os indios vinho, e tem outras boas commodidades; a maior parte do anno os ha. Tem alguns coqueiros, e uma arvore que chamam *cuicira* que não dá mais do que cabaças, é fresca e muito para ver. Legumes não faltam da terra e de Portugal; bringellas, affaces, couves, aboboras, rabões e outros legumes e hortaliças. Fóra de casa, tão longe como Villa Franca de Coimbra, tem um tanque mui formoso, em que andarã um bom navio; anda cheio de peixes: junto a elle ha muitos bosques de arvoredos mui frescos; alli se vão recrear os assuetos, e no tanque entram algumas ribeiras de boa agua em grande quantidade (XI).

O Collegio tem tres mil cruzados de renda, e algumas terras adonde fazem os mantimentos; residem nella de ordinario sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de

vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos; vestem e calçam como em Portugal; estão bem empregados em uma lição de Theologia, outra de casos, um curso d'artes, duas classes de humanidades, escola de lei e escrever; confessam e prégam em nossa igreja, sé, etc. Outros empregam-se na conversão dos indios, e todos procuram a perfeição com grande cuidado, e serve-se Nosso Senhor muito deste collegio, ao qual será honra e gloria (XII).

Depois de renovação dos votos, quiz o padre vêr as aldêas dos indios brevemente para ter algumas noticias dellas. Partimos para a aldêa do Espirito Santo (XIII), sete leguas da Bahia, com a'guns trinta indios, que com seus arcs e frechas vieram para acompanhar o padre e revezados de deus em dous o levavam numa rede. Os mais companheiros iamos a cavallo, os *tapyras* (XIV) se. padres oradores iam a pé com suas abas na cinta, descalços como de ordinario costumam. Aquella noite nos agasalhou um homem rico (XV), honrado, devoto da Companhia, em uma sua fazenda, com todas as aves e caças e outras muitas iguarias, e elle mesmo servia á mesa. Ao dia seguinte dissemos missa ante-manhã, a qual acabada já o almoço estava prestes de muitas e varias iguarias, que nos ajudaram passar aquelle dia muitos rios caudaes. Um delles passaram os indios o padre na rede, pond'o sobre as cabeças, porque lhes dava a agna quasi pelo pescoço, os mais passamos a cavallo com hem de trabalho. Passado este chegámos ao grande rio Joannes; este passámos em uma jangada de pães levissimos, o padre visi-

tador ia na jangada sobre uma sella, por se não arrolhar e os índios a nado levavam a jangada.

Chegando o padre á terra começaram os frautistas tocar suas frantas com muita festa, o que tambem fizeram em quanto jantámos debaixo de um arvoredor de aroeiras muy altas. Os meninos indios, escondidos em um fresco bosque, cantavam varias cantigas devotas emquanto comemos, que causavam devoção, no meio daquelles matos, principalmente uma pastoril feita de r... para o recebimento do padre visitador seu novo pastor. Chegámos á aldêa á tarde; antes della um bozo que... de legua, começaram as festas que os indios tinham aparelhadas as quaes fizeram em uma rua de altissimos e frescos arvoredos, dos quaes saíam uns cantando e tanguendo a seu modo, outros em ciladas saíam com grande grita e outros, que nos atrovavam e faziam estremecer. Os *cunulis* (XVI) sc. meninos, com muitos mólhos de frechas levantadas para cima, faziam seu motim de guerra e davam sua grita, e pintados de várias cores, nusinhos, vinham com as mãos levantadas receber a benção do padre, dizendo em portuguez, "louvado seja Jesus Christo". Outros saíam com uma dança d'escudos á portugueza, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro e tamboril e franta, e juntamente representavam um breve dialogo, cantando algumas cantigas pastoris. Tudo causava devoção debaixo de taes bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem taes festas de gente tão barbara. Nem faltou um *Auhangá* (XVII) sc. diabo, que saiu do mato; este era o indio Ambrosio Pires, que a Lisboa foi com o padre Rodrigo de Freitas. A esta figura fazem os indios muita festa por causa da sua formosura, gatimanhos e

tregeilos que faz: em todas as suas festas meitem algum diabo, para ser delles bem celebrada.

Estas festas acabadas, os índios *Murubixaba* (XVIII), sc. principais, deitam o *Erciufe* (XIX) ao padre, que quer dizer *Vieste?* e beijando-lhe a mão recebiam a benção. As mulheres nôas (consa para nós mi nova) cum as mãos levantadas ao Céu, tambem davam seu *Erciufe*, dizendo em portuguez, "louvado seja Jesus Christo". Assim de toita a aldêa fomos levados em procissão á igreja com danças e boa musica de frauta, com *Te Deum laudamus*. Feita oração lhes mandou o padre fazer uma falla na lingua, de que ficaram muito consolados e satisfeitos; aquella noite os índios principais, grandes linguas, prégravam da vinda do padre a seu modo, que é da maneira seguinte: começavam prégar de madrugada deitados na rêde por espaço de meihora, depois se alevantam, e correm toda a aldêa pê ante pé muito devagar, e o prégar tambem é pausado, freimatico, e vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam nestas prégações todos os trabalhos, tempestades, perigos de morte que o padre padeceria, vindo de tão longe para os visitar, e consolar, e juntamente os incitam a louvar a Deus pela mercê recebida, e que tragam seus presentes ao padre, em agradecimento. Era para os ver vir com suas cousas, sc. patos, gallinhas, leitões, farinha, beijús com algumas raizes, e legumes da terra. Quando dão essas cousas communmente não dizem nada, mas botando-as aos pés do padre se tornam logo. Foi o padre delles visitado muitas vezes, agradecendo-lhes a caridade. O padre lhes dava das cousas de Portugal, como facas, tesouras, pentes, fitas, gualteiras, *Agnus Dei* em noninas de seda; mas o com que mais

folgavam era com uma vez de *cagui-été*, sc. vinho de Portugal.

Ao dia seguinte, dia da visitação de Santa Isabel, (3 de Julho), precedendo as confissões geraes, renovaram os padres e irmãos das aldeas seus votos, para que estavam todos alli juntos, e o padre visitador disse missa cantada com diacono, e sub-diacono, officiada em canto d'órgão pelos indios, com suas frautas. Dali fomos á aldeã de S. João (XX), duas leguas desta, onde houve semellhantes recolhimentos e festas, com muita con-olação dos indios e nossa.

E' cousa de grande alegria ver os muitos rios caudaes e frescos bosques de altissimos arvoredos, que todo o anno estão verdes e cheios de formosissimos passaros, que em sua musica não têm muita vantagem aos canarios, rouxinões e pintaes de Portugal, antes lh'a levam na variedade e formosura de suas pennas. Os indios caminham muito por terra, levando o padre sempre de galope, passando muitos rios e atoleiros, e são depressa que os de cavallo os não podiam alcançar. Nunca entre elles ha desavença nem peleja sobre quem levou mais tempo ou menos, etc., mas em tudo são muito amigos e conformes. Outra cousa me espantou não pouco, e foi que saímos de casa algumas quarenta pessoas, sem cousa alguma de comer, nem dinheiro; porém, onde quer que chegavamos, e a qualquer hora eramos agasalhados com toda a gente de todo o necessario de comer, carnes, pescados, mariscos, com tanta abundancia, que não fazia falta a ribeira de Li-hôa. Nem faltavam camas, porque as redes, que servem de cama, levavamos sempre conosco, e este é cá o modo de peregrinar, *sine pena*, mas

Nosso Senhor a todos sustenta nestes desertos com abundancia.

Passados tres mezes de visita depois da nossa chegada, aos 18 d'Agosto partimos para Pernambuco: se o padre visitador, padre provincial, padre Rodrigo de Freitas, os irmãos Francisco Dias (XXI) e Baruaabé Tello e outros padres e irmãos; e logo no dia seguinte com vento contrário, por mais não podermos, arribámos á Bahia. Tornando a partir o dia seguinte com o mesmo vento contrário, lançámos anchora em a barra do Camanú, terras do collegio da Bahia (que della dista 18 leguas): aqui estivemos oito dias, esperando tempo e vendo aquellas terras. O Camanú são doze leguas de terra, por costa, e seis em quadra, para o sertão: tem uma barra de tres leguas de bocca, com uma bahia e formosa enseada, que terá passante de quinze leguas, em roda e circuito; toda ella está cheia de ilhotes mui agradaveis, cheios de muitos papagaios; dentro nella entram tres rios caudaes tamanhos ou maiores que o Mondego de Coimbra, afóra muitas outras ribeiras, aonde ha aguas para oito engenhos copeiros, e podem se fazer outros rasteiros, e trapiches (XXII). As terras são muito boas; estão por cultivar, por serem infestadas dos Guaimurés (XXIII), gentio silvestre, tão barbaro que vivem como brutos animais nos matos, sem povoação, nem casas: a enseada traz muitos pescados e peixes-bois: os lagostins, ostras, e mariscos não têm conta: se estas terras foram povoadas bem poderam sustentar todos os collegios desta provincia e ainda fazer algumas caridades, maximé de assucar a esta provincia; mas como agora está, rende pouco ou nada. O governador Men de Sá fez doação destas terras ao collegio da Bahia (XXIV).

Do Camamu tornámos a tentar viagem, e não podendo, arribámos á capitania dos Ilhéos, donde temos casa, a qual o padre visitou por espaço de oito dias que esperamos tempo: da visita ficaram os nossos muito consolados e animados. Os portuguezes maiores visitaram por vezes o padre, com muitas mostras de amor, e fazendo os bastimentos para a viagem, com gallinhas, patos, e farinha e outras cousas, conforme á sua caridade e possibilidade.

Os Ilhéos distam da Bahia 30 leguas: é capitania do senhorio, se. de Francisco Gualdes (XXV): é villa intitulada de S. Jorge: terá 50 vizinhos com seu vigário: tem tres engenhos de a-sucar: é terra abastada de mantimentos, criações de vaccas porcos, gallinhas, e algodões: não tem aldeas de indios, e tão muito apertados dos Guaimurés, e com elles em continua guerra: não se estendem pelo sertão adentro mais de meia até uma legua, e pela costa, de cada parte, duas ou tres leguas.

Os nossos têm aqui casa, aonde resident de ordinario seis: tem quatro cubculos de sobrado bem acomodados, igreja e officinas: está situada em lugar alto sobre o mar: tem sua cerca aprasivel, com coqueiros, laranjeiras, e outras arvores de espinho e fructas da terra: as arvores de espinho são nesta terra tantas que os matos estão cheios de laranjeiras e limoeiros de toda sorte, e por mais que cortam não ha desinça-los.

Acabada a visita dos Ilhéus, tornámos a partir ao 21 de Setembro, dia do glorioso apostolo S. Mathens, ao dia seguinte nos deitou o tempo em Porto Seguro. (É ainda que eram arribadas, tudo caía em proveito, porque visitava o padre de caminho estas casas e o tempo contratio dava lugar para tudo). Fomos recebidos de

um irmão com muita caridade, porque os outros tres estavam na aldêa de S. Matheus com o Sr. Administrador (XXVI), que tinham ido á festa. Partimos logo para a mesma aldêa visitar aquelles indios: passámos um rio caudal mui formoso e grande: cavinhámos uma legua a pé, em romaria a uma nossa Senhora da Ajuda (XXVII), que antigamente fundou um padre nosso; e a mesma igreja foi da Companhia: e cavando junto della o padre Vicente Rodrigues (XXVIII), irmão do padre Jorge Rijo (que é um santo velho, que dos primeiros que vieram com o padre Manuel da Nobrega, elle só é vivo) cavando como digo, junto da igreja, arrebentou uma fonte d'agua, que sae debaixo do altar da Senhora, e faz muitos milagres, ainda agora (XXIX): tem um retábulo da Anunciação de maravilhosa pintura e devotissima: o padre que edificou a casa, que é um velho de setenta annos, vai lá todos os sabbados a pé dizer missa, e prégar a quasi toda a gente da villa, que alli costuma ir os sabbados em romaria, e para sua consolação lhe deu o padre licença que se enterrasse naquella igreja quando fallecesse; e bem creio que recolherá a Virgem um tal devoto e receberá sua alma no Céu, pois a tem tão bem servido. Chegámos á aldêa, que dista cinco leguas da villa, por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos indios com uma dança mui graciosa de meninos todos empennados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas penas, que os fazia mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas: dalli tornámos á villa, e vindo encalhados por uma praia, eis que deace de um alto monte uma india vestida como ellas costumam, com uma porcelana da India, cheia de queijadinhas d'assucar, com um grande

puçarro d'agua fria: dizendo que aquillo mandava seu senhor ao padre provincial Joseph (XXX). Tomámos o padre visitador e eu a salva, e o mais dissenos nós: e ao padre Joseph, que viulta de traz com as abas na cinta, descalço, bem cançado: é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo; una columna grande desta provincia, e tem feito grande christandade e conservado grande exemplo: de ordinario anda a pé, nem ha retirá-lo de andar, sendo muito enfermo. Entim, sua vida é *verè apostolica*.

Depois que o padre visitou a casa, ouvindo as confissões geraes com muita consolação de todos, e deixando os avisos necessarios, partimos para outra aldêa de S. André (XXXI), dahi cinco leguas: está situada junto de um rio caudal, e da villa Santa Cruz, que foi o primeiro porto que tomou Pedr'Alvares Cabral no anno de mil e quinhentos, indo para a India; e por ser bom o porto, lhe chamou Porto Seguro (XXXII). No dia do Anjo préguei na matriz da villa: houve muitas confissões, e communhões, com extraordinaria consolação do povo por haver dias que não ouviam missa, por estar *sen* vigario suspenso: dos moradores portuguezes e indios, fomos bem agasalhados, com grandes signaes de amor e abundancia do necessario.

A capitania de Porto Seguro é do Duque d'Aveiro (XXXIII): dista da Bahia 60 leguas: a villa está situada entre dois rios caudaes em um monte alto, mas tão chão, e largo que pudêra ter uma grande cidade. A batra é perigosa, toda cheia de arrecifes e terá quarenta vizinhos com seu vigario. Na misericordia tem um crucifixo de estatura de um homem, o mais bem acabado.

proporcionado e devoto que vi, e não sei como a tal terra veio tão rica cousa. A gente é pobre, por estar a terra já gastada, e estão apertados dos Guaimurés: as vaccas lhe morrem por causa de certa herba, de que ha copia, e comendo-a, logo arrehamtam. Tem um engenho de asucar; foi fertil de algodão e farinha, mas tambem estas duas cousas lhe vão já faltando, pelo que se despovoa a terra.

Aqui temos casa em que residem de ordinario quatro: tem igreja bem acomodada, e ornada; o sitio é mui largo com uma formosa cerca de todas as arvores d'espinhos, coqueiros, e outras da terra, hortaliça, etc. Toda a casa é aprasivel por estar edificada sobre o mar. Os padres têm a seu cargo duas aldêas de indios, que terão passante duzentas pessoas e visitam outras cinco ou seis, com muito perigo dos Guaimurés.

Junto a Porto Seguro quatro leguas, está a villa chamada Santa Cruz, situada sobre um formoso rio; terá quarenta vizinhos com seu vigario; é alguma tanto mais abastada que Porto Seguro. De Santa Cruz partimos aos dois de Outubro com um cambocero, que em um dia e noite nos deitou sessenta leguas, e tornado a calmar, corremos com nordeste franco toda a tarde para a Bahia, já determinados de não ir naquellas monções, que se iam acabando, a Pernambuco, e tambem porque se chegára o tempo da congregação, que se havia de começar a 8 de Dezembro.

Chegados á Bahia, vendo o padre visitador que todo aquelle anno e o seguinte, até Junho, não podiamos ir a Pernambuco, começou de tratar muito mais de proposito dos negocios de toda a provincia, tomando mais noticia das pessoas della, e das mais cousas que nella

occorrent. Occupou-se muito tempo com os padres Ignacio Tolosa (XXXIV), Quiricio Caxa (XXXV), Luiz da Fonseca (XXXVI), e outros padres superiores e theologos, em concluir algumas duvidas de casos de consciencia; e fez fazer um compendiu das principaes duvidas que por cá occorreu, principalmente nos casamentos e baptismos dos indios e escravos de Guiné, de que se seguiu grande fructo; e os padres ficaram com maior luz para se poderem haver em semelhantes casos. Fez tambem compilar os privilegios da Companhia, declarando os que estavari mal entendidos, e fez que os confessores tivessem a parte distincta dos que lhes pertencem, para que entendessem os poderes que têm. e de tudo se seguiu muito fructo: gloria ao Senhor.

Chegado o tempo da congregação, se começou a 8 de Dezembro estando presente o padre provincial com os professores de quatro votos que estavam no collegio, que eram sómente quatro, e o superior dos Ilhéos, com o padre Antonio Gomes (XXXVII), procurador da provincia, porque aos mais não chegaram as cartas a tempo, nem poderam vir por falta das monções e embarcações. Foi eleito o padre Antonio Gomes por procurador.

No tempo da congregação se recolheu o padre visitador em Nossa Senhora da Escada, (XXXVIII) *ermida do collegio, que dista duas leguas da cidade.* Acabada a congregação por ordem do padre visitador foi por reitor do collegio do Rio de Janeiro o padre Ignacio de Tolosa com tres padres e alguns irmaãos; foram bem acomodados em nosso navio. Tambem deu professão de quatro votos ao padre Luiz da Fonseca, companheiro do padre provincial, e quatro padres *coadjutores* espirituaes, e tres irmaãos temporaes, entre os quaes entrou o

irmão Barnabé Tello. Eu fiquei uns quinze dias com o cuidado dos noviços em lugar do padre Tolosa, em quanto não vinha de uma missão o padre Vicente Gonçalves. (XXXIX) que lhe havia de succeder.

Tivemos pelo natal um devoto presepio na povoação, aonde algumas vezes nos ajuntavamos com boa e devota musica, e o irmão Barnabé nos alegrava com seu berimbáu. Dia de Jesus, precedendo as confissões geraes, que quasi todos fizeram com o padre visitador, se renovaram os votos: prégou em nossa igreja o Sr. Bispo: tinha o padre visitador já neste tempo aviado de sua parte o padre Antonio Gomes de todos os papeis, cartas e avisos necessarios, para tratar em Roma e em Portugal: pelo que determinou visitar a segunda vez as aldeas dos índios mais devagar.

Aos 3 de Janeiro partimos o padre visitador, padre provincial e outros padres e irmãos. Fomos aquella noite, agazalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia, que depois entrou nella (XL). Fomos servidos de várias iguarias com todo bom serviço de porcelanas da India e prata, e o mesmo sacerdote servia a mesa com grande diligencia e caridade. Todo o dia seguinte estivemos em sua casa, e á tarde nos levou a um rio caudal que estava perto, muy alegre e fresco, e para que a agua, a uda que era fria e boa, não fizesse mal, mandou levar várias cousas doces tão bem feitas, que pareciam da Ilha da Madeira. Ao dia seguinte depois da missa nos acompanhou até á aldeia, e no caminho junto da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves, e caças. Em quanto comemos os índios pescaram alguns peixes: eram tão destros nisto que em chegando a um

zio suatos, logo se deitam a nadar e lavar, tiram das linhas, tomam peixes, fazem fogo, e se põem a assar e comer; e tudo com tanta presteza, que é cousa d'espanto. Tambem os frautistas nos alegravam, que alli vieram receber o padre. Junto da aldêa do Espírito Santo nos esperavam os padres que della têm cuidado, debaixo de uma fresca ramada, que tinha uma fonte portatil, que por fazer calma, além da boa graça, refrescava o lugar. Debaixo da ramada se representou pelos indios um dialogo pastoril, em lingua brasílica, portugueza e castellhana, e têm elles muita graça em fallar linguas peregrinas, maximé a castellhana. Houve boa musica de vozes, frautas, danças e d'alli em procissão fomos até á igreja, com várias invenções; e feita oração lhes deitou o padre visitador sua benção, com que elles cuidam que ficam santificados, pelo muito que estirão uma benção do *Aharé-guaçú* (XLI).

Dia dos Reis (6 de Janeiro de 84) renovaram os votos alguns irmãos. O padre visitador antes da missa revestido em capa d'asperges de damasco branco com diacono e subdiacono vestidos do mesmo damasco, baptizou alguns trinta adultos. Em todo o tempo do baptismo houve boa musica e motetes, e de quando em quando se tocavam as frautas. Depois disse missa solenne com diacono e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos indios, com suas frautas, cravo e descante; cantou na missa um mancebo estudante alguns psalmos e motetes, com extraordinaria devoção.

O padre na mesma missa casou alguns em lei da graça, precedendo na mesma missa os banhos; deu a communhão a cento e oitenta indios e indias, dos quaes vinte e quatro, por ser a primeira vez, commungaram á

primeira mesa, com capella de flores na cabeça; depois da communhão lhes deitou o padre ao pescoço algumas veronicas e *nominas* com *Ignis Dei* de várias sedas, com seus cordões e fitas, de que todos ficaram mui consolados. Um destes era um grande principal por nome Men de Sá (XIII) que havia vinte annos que era christão; foi tanta a consolação, que teve de ter commungado, que não cabia de alegria. Todo o dia trouxe a capella na cabeça e a guardou, dizendo que a havia de ter guardada até morrer, para se lembrar da mercê que Nosso Senhor lhe fizera em o chegar a poder commungar.

E' muito para ver e louvar Nosso Senhor a grande devoção de fervor, que se vê nestes indios, quando hão de commungar; porque os homens quasi todos se disciplinam á noite antes, por espaço de um *Miserere*, precedendo ladainha e sua exhortação espiritual na lingua: dão em si cruelmente; nem têm necessidade de esperar pela noite, porque muitos por sua devoção, acabando-se de confessar ainda que seja de dia, se disciplinam na igreja, diante de todos, e quasi todos tem disciplina, que sabem fazer muito boas.

As mulheres por sua devoção jejuam dois ou tres dias antes, e todos ao commungar têm muita devoção, e choram alguns muitas lagrimas: confessam-se de cousas mui miudas, e ao dia da communhão se tornam a reconciliar, por levissona que seja a materia da absolvição. Se lhes dizem que não é nada, que vão commungar, respondem: pai, como hei de commungar sem me absolveres?

No meio da missa houve prégação na lingua, e depois procissão solemne com danças e outras invenções. O padre visitador levava o Santissimo Sacramento em

uma custodia de prata debaixo do pallio, e as varas levavam alguns principaes, e levantava-as tão attento proposito, e vão tão devotos ou pasmados, que é para vêr. Tive grande consolação em confessar muitos índios e indias, por interprete (XLIII); são casti-ssimos, e vivem com muito menos peccados que os portuguezes. Dava-lhes sua penitencia leve, porque não são capazes de mais, e depois da absolvição lhes dizia, na lingua: *xê rair tupã toçô de hirunano* (XLIV) sc. — filho, Deus vá contigo.

Acabada a festa espiritual lhes mandou o padre visitador fazer outra corporal, dando-lhes um jantar a todos os da aldêa, debaixo de uma grande ramada. Os homens comiam a uma parte, as mulheres a outra: no jantar se gastou uma vacca, alguns porcos mansos e do mato, com outras caças, muitos legumes, fructas, e vinhos feitos de várias fructas, a seu modo. Enquanto comiam, lhes tangiam tambores, e gaitas. A festa para elles foi grande, pelo que determinaram á tarde alegrar o padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e suieças de guerra a seu modo, e á portugueza. Quando estes fazem estes motins, andam muito juntos em um corpo como magote com seus arcos nas mãos, e molhos de frechas levantados para cima; alguns se pintam, e empenham de várias côres. As mulheres os acompanham, e os mais delles nus, e juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão bailando, e cantando ao som de um tabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal (XLV)). Vão tão serenos e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calcam o chão de maneira que fazem tremer a terra. Andam tão inflamados em braveza, e

mostram tanta ferocidade, que é cousa melonha e espartosa. As mulheres e meninos tambem os ajudam nestes bailos e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatinhaudos e tregeitos, que é cousa ridicula. De ordinario não se bolem de um lugar, mas estando quedos em tola, fazem os meneios com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. Arremedam passaros, e obras, e outros animaes, tudo trovado por comparações, para se meitarem a pelear. Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insigres trovadoras. Tambem quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiaj até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrario, e tudo isto fazem para se embravecer. Eumim por milagre tenho o domar-se gente tão féra; mas tudo póde um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

Moravam os índios antes da sua conversão, em aldéas, em umas *ocós* (NLVI) ou casas mui compridas, de duzentos, trezentos, ou quatrocentos palmos, e cinquenta em largo, pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taípa de mão, cubertas de *piñoba*, que é certo genero de palha que vedá bem agua, e circa tres ou quatro annos. Cada casa destas tem dois ou tres buracos sem portas nem fecho, dentro nellas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram duma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em comunidade, e entrando na casa se vê quanto nella está,

por que estão todos á vista uns dos outros, sem reparimento nem divisão. E como a gente é muita, costumam ter fogo de dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa, e elles são mui coitados sem fogo. Parece a casa um inferno ou labyrintho, uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc. e toda a casa arde em fogos; porém é tanta a conformidade entre elles, que em todo o anno não ha uma pejeja, e com não terem nunca fechado não ha furtos: e fóra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem sem muitos queixumes, desgostos, e ainda mortes, o que se não acha entre elles. Este costume das casas guardam também agora depois de christãos. Em cada uma destas ha sempre um principal a que têm alguma maneira de obediencia, (talvez que haja outros mais somenos). Este exhorta a fazerem suas roças e mais serviços, etc., excita-os á guerra; e elle têm em tudo respeito; faz-lhes estas exhortações por modo de prégação, começa de madrugada deitado na rede por espaço de meia hora, em anuantiendo se levanta, e corre toda a aldêa continuando sua prégação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras. Entre estes seus principaes ou prégaadores, ha alguns vellos antigos de grande nome e autoridade entre elles, que têm fama por todo o sertão, trezentas e quatrocentas leguas, e mais. Estimam tanto um bom lingua que lhe chamam o senhor da folla. Em sua mão tem a morte e a vida, e os levará por onde quizer sem contradicção. Quando quereim experimentar um e saber se é grande lingua, ajuntam-se muitos para ver se o podem cançar, fallando toda a noite em peso com elle, e ás vezes dois, tres dias, sem se enfadarem.

Estes principaes, quando o padre visitador chegava, pregavam a seu modo dos trabalhos que o padre padecera no caminho, passando as ondas do mar, e vindo de tão longe, exposto a tantos perigos para os consolar, incitando a todos que se alegrassem com tanto bem, e lhe trouxessem suas cousas. Dos principaes foi visitado muitas vezes, vindo todos juntos, *per modum universi* com suas varas de meirinhos nas mãos, que estimam em muito, porque depois de christãos se dão estas varas aos principaes, para os honrar e se parecem com os brancos. Esta é toda a sua honra secular.

É cousa não sómente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasalhar os hospedes, os quaes agasalham chorando por um modo estranho, e a cousa passa desta maneira. Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em uma rede sem fallar palavra, as parentas tambem sem fallar o cercam, deitando-lhe os cabellos sobre o rosto, e os braços ao pescoço. Lhe tocam com a mão em alguma parte do seu corpo como joelhos, hombro, pescoço, etc. Estando deste modo tendo-o no meio cercado, commecam de lhe fazer a festa (que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer): choram tantas lagrimas a seus pés, correndo lhe em fio, como se lhe morrera o marido, mãe ou pai; e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hospede, e o que ellas padeceram em sua ausencia. Nada se lhe entende mais que uns gemidos mui sentidos. E se o hospede é algum principai, tambem lhe conta os trabalhos que padeceu, e se é mulher chora da mesma maneira que as que a recebem. Neste tempo do triste ou alegre recebimento, a maior injuria que lhes

podem fazer é dizer-lhes que se caleem, ou que basta com estes choros. Não havia quem se ouvisse nas aldeias quando chegavamos. Acabada a festa e recebimento alimpam as lagrimas com as mãos e cabellos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca choraram, e depois se saudam com o seu *lreiciufe* e comem (XLVII), etc.

Para os mortos têm outro choro e tom particular, os quaes choram dias e noites inteiras com abundancia de lagrimas, uas tornando á festa dos hospedes, quando chegavamos, ou se fazia alguma festa, se punham a chorar, dizendo em trova muitas lastimas, de como seus parentes e antepassados não ouviram os padres nem sua doutrina.

Os pais não têm cousa que mais ameem, que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem tem dos pais quanto quer. As mãis os trazem em uns pedaços de réles, a que chamam *typoia* (XLVIII). De ordinario os trazem ás costas ou na illarga escauchados, e com elles andam por onde quer que vão, com elles ás costas trabalham, por calmas, chuyas e frio. Nenhuma genero de castigo têm para os filhos; nem ha pai nem mãi que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos. Em pequenos são obedientissimos a seus pais e mãis, e todos muito amaveis e apraziveis: têm muitos jogos a seu modo, que fazem com muita mais festa e alegria que os meninos portuguezes. Nestes jogos arremedam varios passaros, cobras, e outros animaes, etc., os jogos são nuí graciosos, e desenfadadiços, nem ha entre elles desavença, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pilhas, ou nomes ruins, e deshonestos. Todos trazem seus arcos e frechas, e não lhes escapa passarinho, nem peixe n'agua, que não frechem, pescam

ben a linhas, e são pacientissimos em esperar, donde vem em homens a ser grandes pescadores e caçadores. nem ha mato nem rio que não saibam e revolvam, e por serem grandes nadadores não temem agua nem ondas nem mares. Ha indio que com uma braga ou grillhões nos pés nada duas e tres leguas. Andando caninho, suados, se botam aos rios; os homens, mulheres e meninos, em se levantando se vão lavar e nadar aos rios, por mais frio que faça; as mulheres nadam e remam como homens, e quando parem algumas se vão lavar aos rios.

Tornando á viagem, partimos da aldêa do Espirito Santo para a de Santo Antonio, passámos alguns rios caudaes em jangadas, fomos jantar em uma fazenda do collegio, onde um irmão além de outras muitas cousas tinha muito leite, requeijões e natas que faziam esquecer Alentejo. Comemos debaixo de um acajiteiro muito fresco, carregado de acajús, que são como peros repinaldos ou camoezes, são uns amarellos, outros vermelhos, têm uma castanha no olho, que nasce primeiro que o pêro, da qual procede o pero; é fructa gostosa, bôa para tempo de calma, e toda se desfaz em sumo, o qual põe nodoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira. Das castanhas se fazem maçapães, e outras cousas doces, como de amendoas; as castanhas são melhores que as de Portugal; a arvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de tolo, cousa rara no Brasil, porque todo o anno as arvores estão tão verdes e frescas como as de Portugal na primavera.

Aquella noite fomos ter á casa de um homem rico que esperava o padre visitador (XLIX): é nesta Bahia o segundo em riquezas por ter sete ou oito leguas de terra por costa, em a qual se achta o melhor ambar que

por cá ha, e só em um anno colheu oito mil cruzados d'elle, sem lhe custar nada. Tem tanto gado que lhe não sabe o numero, e só do bravo e perdido sustentou as armadas d'El-rei. Agasalhou o padre em sua casa armada de gualanecins com uma rica cama, deu-nos sempre de comer aves, peixes, manjar branco, etc. Elle mesmo, desbarretado, servia a mesa e nos ajudava á missa, em uma sua capella, a mais formosa que ha no Brasil, feita toda de estuque e tintas de obra maravilhosa de molduras, laçarias, e cornijas; é de abobada sextavada com tres portas, e tem-na mui bem provida de ornamentos. Nesta e outras ermidas me lembrou de Vossa Reverência, e de todos dessa provincia.

Daquí partimos para a aidêa, atravessando pelo sertão, caminhámos toda a tarde por uns mangabaes que se parecem alguma coisa com maceiras d'anafega. Dão umas mangabas amarellas do tamanho e feição de albricoques, com muitas pintas pretas que lhes dão muita graça: não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que tambem se comem; a fructa é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não ha faltar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na arvore, mas cahindo amadurecem no chão ou pondo-as em madureiros: dão no anno duas camadas, a primeira se diz de botão, e dá flor, mas o mesmo botão é a fructa. Estas são as melhores e maiores, e vêm pelo natal; a segunda camada é de flor viva como neve, da propria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho, e cheiro. Estas arvores dão-se nos campos, e com se queimarem cada anno as mais dellas dão no mesmo anno fructo. De quando em quando nos ajudavamos dellas para passar aquelles matos. Aquella noite nos

agasalhou um feitor do mesmo homem de que acima fallei, a quem elle tinha mandado recado. Fomos providos de todo o necessario com toda a limpeza de porcelanas e prata, com grande caridade.

Ao dia seguinte ás dez horas pouco mais ou menos, chegámos á aldêa de Santo Antonio: dos indios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao domingo seguinte baptisou o padre visitador antes da missa sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria e festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto d'orgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a commutação a 80; e tudo se fez com as mesmas festas e musica que na aldêa do Espírito Santo. A tarde lhes mandou dar o padre um bou jantar em que se gastou uma vacca, muitos porcos do mato, que elles mesmo traziam mortos e os deitavam aos pés do padre (têm estes porcos o umbigo nas costas, e em algumas cousas differem dos de Portugal). Havia mesa em que por hauda cabiam cem pessoas: os indios á tarde, para fazerem festa ao padre jogaram as laranjadas, fizeram os seus motins de guerra, e foram a um rio de noite dar tingui, sc. barbasco ao peixe, e ficaram bem providos, trouxeram tamos ao padre, que eucheram duas grandes gamellas, que era uma formosura de vêr. Ao dia seguinte levou o padre visitador todos os padres e irmãos a um rio caudal que estava perto de casa, aonde ecámos. Iam connosco alguns sessenta meninos nusinhos, como costumam. Pelo cauinha fizeram grande festa ao padre, umas vezes o cercavam, outras o captivavam, outras arremedavam passaros muito ao natural; no rio fizeram muitos jogos ainda mais graciosos, e têm elles n'agua muita graça em qualquer cousa que fazem.

Estas cousas de ordinario faziam de si mesmos, que não é tão pouco em brasis e meninos actuar-se habilidade para sabermos festejar e agasalhar o *Payyuaçú*. (I.)

Desta aldeia fomos á de S. João, diti sete leguas, tornando a dar volta para o mar. E' caminho de grandes campos e desertos; antes da aldeia uma grande legua, vieram os índios principaes, os quaes revesando-se levaram o padre em uma rede, e pelo caminho ser já breve, a cada passo se revesavam para que não ficasse algum d'elles sem tocar o padre, e não cabiam de contentes tendo aquillo por grande honra e favor. Fomos recebidos com muitas festas, etc. Ao domingo seguinte baptizou o padre 30 adultos, casou na missa outros tantos em de graça e deu a communhão a 120. Heuve missa cantada, pregação com muita solemnidade, e depois das festas espirituaes tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas.

Em quanto aqui estivemos fomos bem servidos de aves, rolas e faisões, que têm tres titelas uma sobre a outra, é carne gostosa semelhante á de perdiz, mas mais sadia.

Em todas estas tres aldeas ha escola de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios; e alguns mais habéis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e ha já muitos que tangeu frutas, violas, cravo, e officiam missas em canto d'orgão, cousas que os pais estimam muito. Estes meninos fallam portuguez, cantam á noite a doutrina pelas ruas, e encommendam as almas do purgatorio.

Nas mesmas aldeas ha contrarias do Santissimo Sacramento, de Nossa Senhora, e dos defuntos. Os mor-

homens são os principaes e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu panno, e elles trazem suas opas de baeta ou outro panno vermelho, branco e azul; servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e ás missas, levando a seus tempos os cirios acesos, o que fazem com modesta devoção e muito a ponto; dão esmolas para as confrarias, as quaes têm bem providas de cera, e os altares ornados com frontaes de várias sedas; em suas festas enramam as igrejas com muita diligencia e fervor, e certo que consola ver esta nova christandade.

Todos os das aldeas, grandes e pequenos, ouvem missa muito cedo cada dia antes de irem a seus serviços, e antes ou depois da missa lhes ensinam as orações em portuguez e na lingua, e á tarde são instruidos no dialogo da fé, confissão e communhão. Alguns, assim homens como mulheres, mais ladinos, resam o rosario de Nossa Senhora; confessam-se a miúdo; honram-se muito de chegarem a communhar, e por isso fazem extremos, até deixar seus vinhos a que são muito dados, e é a obra mais heroica que podem fazer; quando os incitam a fazer algum peccado de vingança ou deshonestidade, etc. respondem que são de communhão, que não hão de fazer a tal cousa. Enxergam-se entre elles os que communham no exemplo da bôa vida, modestia e continuação das doutrinas; têm extraordinario amor, credito e respeito aos padres, e nada fazem sem seu conselho, e assim pedem licença para qualquer cousa por pequena que seja, como se fossem noviços. E até aos do sertão dahi duzentas, trezentas e mais leguas, chega a fama dos padres e igrejas, e se não fossem estorvos, todo o sertão se viria para as igrejas, porque os que trazem os portuguezes todos vêm com promessa e titulo que os po-

rão nas igrejas dos padres, mas em chegando ao mar nada se lhes cumpre.

Tres festas celebram estes indios com grande alegria, applauso e gôsto particular. A primeira é as fogueiras de S. João, porque suas aldêas ardem em fogos, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro. A segunda é a festa de ramos, porque é cousa para vêr, as palmas, flores e boninas que buscam, a festa com que os têm nas mãos ao officio, e procuram que lhes caia agua benta nos ramos. A terceira que mais que todas festejam, é dia de cinza, porque de ordinario nenhum falta, e do cabo do mundo vêm á cinza, e folgam que lhes ponham grande cruz na testa, e se acontece o padre não ir ás aldêas, por não ficarem sem cinza elles a dão uns aos outros, como aconteceu a uma velha que, faltando o padre, convocou toda a aldêa á igreja e lhes deu a cinza, dizendo que assim faziam os *Albarês*, sc. padres, e que não haviam de ficar em tal solemnidade sem cinza.

Visitadas as aldêas, determinou o padre vêr algumas fazendas e engenhos dos portuguezes, visitando os senhores dellas, por alguns lhe terem pedido, e outros porque os não tinha ainda visto, e era necessario conciliar os animos d'alguns com a Companhia, por não estarem muito benevolos. Partimos de S. João para o mar: era para vêr neste caminho a multidão, variedade e formosura das flores das arvores, umas amarellas, outras vermelhas, outras rôxas, com outras muitas várias côres misturadas, que era cousa para louvar o Creador. Vi neste caminho uma arvore carregada de ninhos de passarinho(LI), pendentes de seus rios de comprimento de uma vara de medir ou mais, que ficavam todos no ar

com as boccas para baixo. Tudo isto fazem os passaros para não ficar frustrado seu trabalho, usam daquella industria que lhes ensinou o que os criou. para se não fiarem das cobras, que lhes comem os ovos e filhos.

Folgára de saber descrever a formosura de toda esta Bahía e reconcavo, as enseadas e esteiros que o mar bota tres, quatro leguas pela terra dentro, os muito frescos e grandes rios caudaes que a terra deita ao mar, todos cheios de muita fartura de pescados, lagostins, polvos, ostras de muitas castas, caranguejos e outros mariscos.

Sempre fizemos caminho por mar em um barco da casa bem equipado, e quasi não ficou rio nem esteiro que não vissemos, com as mais e maiores fazendas, e engenhos, que são muito para ver. Grandes foram as honras e gasalhados, que todos fizeram ao padre visítador, procurando cada um de se esmerar não sómente nas mostras d'auor, grande respeito e reverencia, que no tratamento e conversação lhe mostravam, mas muito mais nos grandes gastos das ignarias, da limpeza e concerto do serviço, nas ricas camas e leitos de seda (que o padre não aceitava, porque trazia uma rede, que serve de cana, e cousa costumada na terra). Os que menos faziam, e se fiantam por não muito devotos da Companhia, faziam mais gasalhados do que costumam fazer em Portugal os muito nossos amigos e intrinsecos; cousa que não sómente nos edificava, mas tambem espantava vêr o muito credito que por cá se tem á Companhia.

O padre Quiricio Caxa e eu prérgavamos algumas vezes em as ermidas, que quasi todos os senhores de engenhos têm em suas fazendas, e alguns sustentam cappellão á sua custa, dando-lhe quarenta ou cincoenta mil

réis cada anno, e de comer á sua mesa. E as capellas têm bem concertadas, e providas de bons ornamentos: não sómente os dias da prégação, mas tambem em outros nos importunavam que dissemos missa cedo, para exercitarem sua caridade, em nos fazer almoçar ovos rezes e outros mimos que nesta terra fazem muito bons, nem faltava vinho de Portugal. Confessavamos os portuguezes, ouvindo confissões geraes, e outras de muito se viço de Nosso Senhor. Os dias de prégação e festas de ordinario havia muitas confissões e communhões, e por todas chegariam a duzentas, afóra as que fazia um padre, lingua de escravos de Guiné, e de indios da terra, prégando-lhes e ensinando-lhes a doutrina, casando-os, baptisando-os, e em tudo se colheu copioso fructo, com grande edificação de todos. Nem se contentavam estes senhores de agasalhar o padre, mas tambem lhe davam bogios, papagaios, e outros bichos e aves que tinham em estima, e lhe mandavam depois á casa muitas e várias conservas, com cartas de muito amor, e quando vinham á cidade, o visitavam amiúde, dando os devidos agradecimentos pela consolação e visita que o padre lhes fizera.

Os engenhos deste reconcavo são trinta e seis (LII); quasi todos vimos, com outras muitas fazendas muito para vêr. De una cousa me maravilhei nesta jornada, e foi a grande facilidade que têm em agasalhar os hospedes, porque a qualquer hora da noite ou dia que chegavamos em brevissimo espaço nos davam de comer a cinco da Companhia (afóra os moços) todas as variedades de carnes, gallinhas, perús, patos, leitões, cabritos, e outras castas e tudo têm de sua criação, com todo o genero de pescado e mariscos de toda sorte, dos quaes sempre têm a casa cheia, por terem deputados certos

escravos pescadores para isso, e de tudo têm a casa tão cheia, que na fartura parecem uns condes, e gastam muito. Tornando aos engenhos cada um delles é uma machina e fabrica incrível: uns são de agua rasteiros, outros de agua copeiros, os quaes moem mais e com menos gastos; outros não são d'agua, mas moem com bois, e chamam-se trapiches; estes têm muito maior fabrica e gasto, ainda que moem menos, moem *todo o tempo do anno*, o que não têm os d'agua, porque ás vezes lhes falta. Em cada um delles, de ordinario ha seis, oito e mais fogos de brancos, e ao menos sessenta escravos, que se requerem para o serviço ordinario; mas os mais delles têm cento, e duzentos escravos de Guiné e da terra. Os trapiches requerem sessenta bois, os quaes moem de doze em doze revezados; começa-se de ordinario a tarefa á meia noite, e acaba-se ao dia seguinte ás tres ou quatro horas depois do meio dia. Em cada tarefa se gasta uma barcada de lenha que tem doze carradadas, e deita sessenta e setenta fôrmas de assucar branco, mascavado, malo e alto. Cada fôrma tem pouco mais de meia arroba, ainda que em Pernambuco se usam já grandes de arroba. O serviço é insoffrivel, sempre os serventes andam correndo, e por isso morrem muitos escravos, que é o que os endivida sobre todo este gasto. Tem necessidade cada engenho de feitor, carpinteiro, ferreiro, mestre de assucar com outros officiaes que servem de o purificar; os mestres de assucares são os senhores de engenhos, porque em sua mão está o rendimento e ter o engenho fama, pelo que são tratados com muitos milnos, e os senhores lhes dão mesa, e cem mil réis, e outros mais, cada anno. Ainda que estes gastos são mui grandes, os rendimentos não são menores, antes

mui avantajados, porque um engenho lavra no anno quatro ou cinco mil arrobas, que peão menos valem em Pernambuco cinco mil cruzados, e postas no Reino por conta dos mesmos senhores dos engenhos (que não pagam direitos por dez annos do assucar que mandam por sua conta, e estes dez acabados não pagam mais que meios direitos) valem tres em dobro. Os encargos de consciencia são muitos, os peccados que se commetem nelles não têm conta; quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; bem cheio de peccados vai esse doce, porque tanto fazem: grande é a paciencia de Deus, que tanto soffre.

Gastámos nesta missão Janeiro e parte de Fevereiro, e a segunda-feira depois do primeiro domingo da quaresma (20 de Fevereiro de 1584) chegámos á casa, não sómente reccados, mas tambem mui consolados com o fructo que se colheu. Logo se distribuiram as prêgações, sc. o padre Quiricio Caxa dos domingos pela manhã em nossa igreja; o padre Manuel de Castro (LIII) á tarde; estes dous padres e o padre Manuel de Barros, são os melhores prêgadores que ha nesta provincia. Eu prêguei os domingos pela manhã na Sé, aonde se achava a maior parte da cidade. Das prêgações de todos se seguiu grande fructo, seja Nosso Senhor com tudo louvado.

Muitas missões se fizeram por ordem do padre visitador nestes dois annos pelos engenhos e fazendas dos portuguezes; nellas se colheu copioso fructo e se baptisaram passante de tres mil almas, e se casaram muitos em lei de graça, tirando-os de amancebamentos, ensinando-lhes a doutrina, pondo os discordes em paz, e se fizeram outros muitos serviços a Nosso Senhor. Quando

os nossos padres vão a estas missões são mui bem recebidos de todos, bem providos do necessario, com grande amor e caridade.

Tornando á quarema em nossa casa tivemos um devoto e rico sepulchro. A paixão foi tambem devota que concorreu toda a terra; os officios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira Santa (30 de Março) ao desencerrar do Senhor, certos mancebos vieram á nossa igreja; traziam uma veronica de Christo mui devota, em panno de linho pintado, dous delles a tinham e juntamente com outros dous se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. E com a dança se fazia ao som de cruéis aqoutes, mostrando a veronica ensanguentada, não havia quem tivesse as lagrimas com tal espectáculo, pelo que foi notavel a devoção que houve na gente.

O padre visitador teve as endouças na aldêa do Espirito Santo, aonde os indios tiveram um formoso e bem acabado sepulchro, de todas as columnas, cornijas, frontispicios de obra de papel, assentada sobre madeira, tão delicada e de tão maravilhosa feitura, que não havia mais que pedir, por haver alli um irmão insigne em cortar, e para sepulchros tem grande mão e graça particular. Tiveram mandato em portuguez por haver muitos brancos que alli se acharam, e paixão na lingua, que causou muita devoção e lagrimas nos indios. A procissão foi devotissima com muitos fachos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos indios, que dão em si cruemente, e têm isto não sómente por virtude, mas tambem por valentia, tirarem sangue de si, e serem abactê (LIV), sc. valentes. Levaram na procissão muitas bandeiras que um irmão, bom pintor, lhes fez para

aquelle dia, em panno, de boas tintas, e devotas. Um principal velho levava um devoto crucifixo debaixo do pallio. O padre visitador lhes fez todos os officios que se officiarão a vizes com seus bradados. Ao dia da Ressurreição (1 de Abril) se fez uma procissão por ruas de arvoredos muito frescos, com muitos fogos, danças, e outras festas. Esquecia-me dizer que os lavatorios cheirosos e pós de murtinhos com que se curam estes índios, quando se disciplinam, são irem-se logo metter e lavar no mar ou rios, e com isto saem e não morrem.

Aos 3 de Maio, dia da invenção da Cruz, houve jubiléu plenario em nossa casa, missa de canto d'orgão, officiada pelos índios e outros cantores da Sé, com frautas e outros instrumentos musicos. Prêguei-lhes da Cruz, por terem aqui uma reliquia do Santo Lenho em uma cruz de prata dourada, que foi de uma das freiras de Allemannia, a qual a imperatriz deu para este collegiũ, com licença do Summo Pontifice. Commungaram passante de trezentas pessoas, e tudo se fez com muita festa e devoção.

Tinha o padre visitador dado ordem para se fazer um relicario para todas as reliquias que estavam mal accomodadas. Estava já neste tempo acabado. É grande, tem dezeseis armarios com suas portas de vidraças e no meio um grande, para a imagem de Nossa Senhora de S. Lucas; os armarios são todos forrados dentro de setim carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de sedas de várias côres, sc. damasco, veludo, setim, etc. a madeira é de pinõ de cheiro de Jacarandá, e outras madeiras de preço, de várias côres, de tal obra que se avaliou sómente das mãos, em cent cruzados. Fê-lo um irmão da casa, insigne official. Está

assentado na capella dos irmãos, que é uma casa grande, nova, de pedra e cal, bem guarnecida, forrada de cedro. Ao dia da Cruz, á tarde, se fez uma célebre trasladação da igreja para a dita capella. Foi o padre visitador á igreja com sua capa d'asperges, e outros dous padres com capas: os mais, que eram por todos dezoito, revestidos em alvas e sobrepelizes. Levava o padre debaixo do pallio o Santo Lenho, seis padres as varas, dois a imagem de Nossa Senhora, que tambem ficava debaixo do pallio; tres, as tres cabeças das Onze mil virgens e outros outras reliquias: os mais levavam suas velas de cera branca nas maos, e seguia-se a cruz de prata, e thuribulo. Começando a procissão a entrar pela sacristia, a gente arroubou a grade, e entrando os homens somente acompanharam as reliquias, porque não soffriam bem participarmos sem elles de tamanha alegria e consolação. A capella e corredores estavam muyto bem ornados de várias sedas, alcatifas, guadamecins, palmas com outros ramos frescos. Na procissão houve boa musica de vozes, frantas e orgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam psalmos, e alguns motetes, e tambem recitaram epigramas ás santas reliquias. Com esta solemnidade e devoção, chegámos á capella, aonde houve completas solennes. Foi tanta a devoção dos cidadãos que se não fartavam de vir muitas vezes visitar as reliquias, e os estudantes continuaram muitos dias, gastando muitas horas em oração, resando seus rosarios. Os padres e irmãos têm nesta capella muita devoção, oração continua, e assim as reliquias como os paincis da paixão de que está cercada a capella o pedem. Algumas pessoas de fóra fizeram algumas esmolas, sc. um frontal, vestimenta

e sobrecéo de veludo verde, uma caixa de prata, em que está a reliquia de S. Christovão, outros deram algumas sedas, e botijas de azeite para a alampada; as mulheres já que não gosavam da festa, por ser dentro de casa, mostraram a muita devoção que tem ás santas Virgens, em darem os melhores espelhos que tinham para vidraças, e alguns delles tinham suais de um palmo em quadro. E o padre visitador nesta parte fez mais fructo com seu relicario em tirar os espelhos, que os prégadores com as prégações.

Chegadas outra vez as monções do Sul, no fim de Junho, partimos para Pernambuco, padre visitador, padre Rodrigo de Freitas, com outros padres e irmãos, que por todos eramos quatorze; não foi o padre provincial, porque ficava muito mal na Bahia. Ao segundo dia com vento contrario, arribámos ao morro de S. Paulo, barra de Timharé, doze leguas da Bahia, aonde estivemos onze dias, sem fazer tempo para continuarmos a viagem. Aqui estivemos dia de S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo, em os quaes diziamos missa em um *teigupaba* (LV) de palha. Os irmãos, passageiros e marinheiros, commungaram nestas festas: passavamos estes dias com boa musica, que alguns irmãos de boas fallas faziam frequentemente ao som de uma suave frauta, que de noite nos consolavam e de madrugada nos despertavam com devotos e saudosas psalmos e cantigas. Pelo navio ser de casa e andarmos bem acomodados, sempre fomos no mar providos de todo o necessario, assim na saúde como enfermidades, tão bem como em casa. E nestes dias o foyto de varios pescados com que cada dia se fartava o navio. Algumas vezes iamos gastar as tardes com boa musica e praticas espirituaes, sobre um fresco

rio á vista do mar; e pelo lugar ser solitario causava não pequena devoção: de quando em quando pescavamos para aliviar as molestias que consigo traz uma arribada. Aqui nos visitou um padre nosso que residia no Camamú, com um bom refresco de una vitella, porco, gallinhas, patos, e outras aves, e fructas, com muita caridade.

Daqui partimos o segundo de Julho, e aos 14 do mesmo, dia de S. Boaventura, perto do meio dia, deitámos ferro no arrecife de Pernambuco, que dista da villa uma bôa legua. Logo vieram dous irmãos com rede e cavallos, em que fomos, e no collegio fomos recebidos do padre Luiz da Grã (LVI). Reitor, e dos mais padres e irmãos com extraordinaria alegria e caridade. Ao dia seguinte se festejou dentro de casa, como cá é costume, o martyrio do Padre Ignacio d'Azevedo e seus companheiros com uma oração em verso no reitorio, outra em lingua d'Angola, que fez um irmão de 14 annos com tanta graça que a todos nos alegrou, e tornando-a em portuguez com tanta devoção que não havia quem se tivesse com lagrimas. No tempo do repouso, que estava bem enraado, o chão juncado de mangericões, se explicaram alguas enigmas e deram premios. A' tarde fomos merendar á horta, que tem muito grande, e dentro nella um jardim fechado com muitaservas cheirosas, e duas ruas de pilares de tijolo com parreiras, e uma fructa que chamam maracujá, sadia, gostosa e refrésca muito o sangue em tempo de calma tem ponta d'azedo, é fructa estimada. Tem um grande romeiral de que colhem carros de romãs, figueiras de Portugal, e outras fructas da terra. E tantos melões, que não ha esgotallos, com muitos pepinos e outras hõas commodidades.

Tambem tem um poço, fonte e tanque, ainda que não é necessario para as laranjeiras, porque o céu as rega: o jardim é o melhor e mais alegre que vi no Brasil, e se estivera em Portugal se pudéra chamar jardim.

Logo á quarta-feira fizeram os irmãos estudantes um recebimento ao padre visitador dentro em casa, no tempo do repouso. Recitou-se uma oração em prosa, outra em verso, outra em portuguez, outra na lingua brasilica, com muitos epigramas. Acabada a festa lhes fez o padre outra, distribuindo por todos relicarios, *Agnus-Dei*, cordas bentas, relíquias, imagens, etc. Tambem se fez a patente, e todos deram a obediencia ao padre tomando-lhe a benção.

Foi o padre muy frequentemente visitado do Sr. Bispo, ouvidor geral (LVII), e outros principaes da terra, e lhe mandaram muitas vitellas, porcos, perús, galinhas e outras cousas, como conservas, etc.; e pessoa houve que da primeira vez mandou passante de cincoenta cruzados em carnes, farinhas de trigo de Portugal, um quarto de vinho, etc.; e não contentes com isto o levaram ás suas fazendas algumas vezes, que são maiores e mais ricas que as da Bahia; e nellas lhe fizeram grandes honras e gasalhados, com tão grandes gastos que não saberei contar, porque deixando á parte os grandes banquetes de extraordinarias iguarias, o agasalhavam em leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, e ricas colchas da India (mas o padre usava da sua rede como costumava). Mandavam de ordinario cavallos para seis dos nossos com seus feitores que nos acompanhassen todo o caminho, e elles mesmos em pessoa vinham receber o padre ao caminho duas, tres leguas, dando-nos pelo caminho muitos jantares, almoços e merendas, com grande

abundancia e mostras de grande amor e respeito á Companhia. Costumam elles a primeira vez que deitam a moer os engenhos benze-los, e neste dia fazem grande festa convidando nos a sahir-se. O padre, á sua petição lhes benzeo alguns, cousa que muito estimaram. Vimos grande parte de 66 engenhos que ha em Pernambuco, com outras fazendas muito para ver. Não fallo na riqueza dos arvoredos, nem nos muitos e grandes rios caudaes, porque é cousa ordinaria e comum no Brasil.

Trazia o padre visitado: cartas d'el-rei para o capitão (LVIII) e camara. Fizeram grandes offercimentos para tudo o que o padre quizesse e ordenasse para bem da christandade e governo da terra.

Os estudantes de humanidades, que são filhos dos principaes da terra, indo o padre á sua classe, o receberam com um breve dialogo, hia musica, tangendo e dançando mui bem; porque se prezam os pais de saberem elles esta arte. O mestre fez uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contos, reliquias, etc.

No fim de Julho se celebra no collegio a trasladação de uma calça de Onze mil virgens, que os padres alli têm mui bem concertada em uma torre de prata. Houve missa solenne, préguei-lhes das Virgens com grande concurso de toda a terra, por haver jubileu, a que compareceu muita gente. O mesmo fiz na matriz dia da Assumpção de Nossa Senhora (15 de Agosto), á petição dos mordomos, que são os principaes da terra, e alguns delles senhores d'engenhos de quarenta e mais mil cruzados de seu. Seis delles todos vestidos de veludo e damasco de várias côres me acompanharam até o pulpito, e não é muito achar-se esta policia em Pernambuco, pois é Oujuda da Nova Lusitania (LIX).

Além do grande fructo que se colheu das missões que o padre fez a várias partes aonde o padre Luiz da Grã e eu pré-gavamos algumas vezes, confessando muitos portuguezes e mulheres fidalgas de dona, que não faltam nesta terra, dia havia em que commungavam algumas trinta pessoas, alóra o grande fructo que um padre lingua fazia com os indios e escravos de Guiné. Ordenou o padre que andassem quatro padres em missões uns quinze dias: fez-se grande fructo, baptisaram-se muitos indios e escravos de Guiné, e muitos se casaram em lei de graça, e ouviram grande cópia de confissões, de que se seguiu grande edificação para toda a terra.

O anno de 83 houve tão grande secca e esterilidade nesta provincia (coisa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d'agua não moeram muito tempo. As fazendas de cannaviaes e mandioca muitas se seccaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, soccorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil indios. Porém passado aquelle trabalho da fome, os que poderam se tornaram ao sertão, excepto os que ficaram em casa dos brancos ou por sua, ou sem sua vontade. Tambem ficou um principal chamado Mitaguaya, (LX) de grande nome entre os indios do sertão, por ser grande lingua e fallador. Este com intento e desejo de ser christão entregou um seu filho ao padre Luiz da Grã, o qual em breve tempo soube fallar portuguez, ajudar á missa, e aprendeu a ler, escrever e contar. Tanto que o padre visitador chegou a Pernambuco logo o sobredito Mitaguaya visitou por vezes o padre, vestido de damasco com passamanes d'ouro, e sua espada na cinta, pedindo-lhe com

grande instancia quizesse ir á sua aldeia e dar-lhe padres, que se queria baptisar com todos os seus. Dando-lhe o padre boas esperanças que o visitaria, fizeram-lhe caminhos por matos, e serras altíssimas mais de uma legua. Quando lá fomos nós vieram receber quasi duas leguas da aldeia, e para galhardo do padre fizeram uma casa nova, mas por ser em paragem de grande perigo por causa dos contrarios, o padre Luiz da Grã era de parecer que não ficassemos alli aquella noite; mas o padre visitador, para lhes agradecer a caridade da casa uova, e os não desconsolar, antes animar, dormiu alli aquella noite. Elles nos deram a cear de sua pobreza peixinhos de moquent assados, batatas, cará, mangará, e outras fructas da terra, etc., e o padre os convidou com cousas de Portugal. De noite tiveram seu solemne e gracioso conselho defronte da nossa casa, tendo uma grande fogueira no meio como é costume, e juntos os velhos principaes e grandes linguas, se assentaram assim nós em uns pedaços de páus, e alli com todo o siso e maduro conselho trataram certos pontos sobre a sua estada naquella sitio, vendo a difficuldade dos matos, a commuidade do rio que tinham perto, a conjunção boa que tinham para se fazer christãos, com outras cousas que tratavam com muita graça e gravidade, e resolveram *una ore* que se fizesse tudo o que o padre ordenasse para bem de sua estada naquella terra, e poderem receber nossa santa fé. E assim como o determinaram o cumpriram, porque estando diferentes nos pareceres, o sobredito Mitaguaya com outro grande principal se ajuntaram por parecer do padre em um sitio que o padre lhes assignalou, e logo se passaram para elle, fundaram a aldeia, e têm já feita igreja. Para isto foi destinado

um padre lingua com outro compaubeiro, e dando orden: para que se acabasse a igreja com diligencia, lhes começaram a ensinar as cousas da fé. São passante de 800 almas as que se querem baptisar, e espera-se que cresça grande multidão de gentios com a fama desta igreja.

Da visita se seguiu grande consolação nos de casa com as muitas práticas, avisos espirituaes, exhortações das regras, que o padre fez enquanto alli os conversou. Deu profissão de quatro votos aos padres Leonardo Arminio. (LXI) italiano, e ao padre Pero de Toledo (LXII) espanhol, que fôra sete annos reitor do collegio do Rio de Janeiro. ambos bons letrados, e de coadjuutores formados espirituaes a dois padres: a festa se fez dia de S. Jeronymo (30 de Setembro): prégou o padre Luiz da Grã; tem muito bom pulpito, e as boas cousas e graça em as propôr, e assim nesta como nas mais cousas é mui acceito e amado de todos da terra. Dia da Assumpção de Nossa Senhora (15 de Agosto) ordenou o Sr. Bispo sete irmãos de missa, dando-lhes todas as ordens em nossa igreja.

Não posso deixar de dizer nesta as qualidades de Pernambuco, que dista da equinocial para o Sul oito graus, e cem leguas da Bahia, que lhe fica ao Sul. Tem uma formosa igreja matriz de tres naves, com muitas capellas ao redor; acabada ficára uma boa obra. Tem seu vigario com dois outros clerigos, afóra outros muitos que estão nas fazendas dos portuguezes, que elles sustentam á sua custa, dando-lhes mesa todo o anno e quarenta ou cincoenta mil réis de ordenado, afóra outras vantagens. Tem passante de dois mil vizinhos entre villa e termo, com muita escravaria de Guiné, que serão perto de dois mil escravos: os indios da terra são já poucos.

A terra é toda muito chã; o serviço das fazendas é por terra e em carros; a fertilidade dos canaviaes não se pôde contar; tem 66 engenhos, (LXIII) que cada um é uma boa povoação; lavram-se alguns annos 200 mil arrobas de assucar, e os engenhos não podem e-gotar a canna, porque em um anno se faz de vez para moer, e por esta causa a não podem vencer, pelo que moe canna de tres, quatro annos; e com virem cada anno quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o assucar: é terra de muitas criações de vaccas, porcos, gallinhas, etc.

A gente da terra é honrada: ha homens muito grossos de 40, 50, e 80 mil cruzados de seu: alguns de-vean muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhe morrem muito, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se, e as mulheres e filhas de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem frequentam as missas, prégações, confissões, etc.: os homens são tão hriosos que compram ginetes de 200 e 300 cruzados, e alguns têm tres, quatro cavallos de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um viannez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiam uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e outras sedas de várias côres, e os guiões e sellas dos cavallos eram das mesmas sedas de que iam vestidos. Aquelle dia correram touros, jogaram cannas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao collegio para os ver o padre visitador; e por esta festa se pôde julgar o que farão nas mais, que são communs e ordinarias. São sobretudo dados a banquetes, em que

de ordinário andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revezando-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinário bebem cada anno 50 mil cruzados de vinhos de Portugal; e alguns annos beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Euftim em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa. Os viannuezes são senhores de Pernambuco, e quando se faz algum arruido contra algum viannuez dizem em lugar de: ai que d'elrei, ai que de Vianna, etc.

A villa está bem situada em lugar eminentemente de grande vista para o mar, e para a terra; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha. Temos aqui collegio aonde residem vinte e um dos nossos; sustentam-se bem, ainda que tudo val tres dobro do que em Portugal. O edificio é velho, mal acomodado, a igreja pequena (LXIV). Os padres lêem uma lição de casos, outra de latim, e escola de ler e escrever, prégam, confessam, e com os índios, e negros de Guiné se faz muito fructo; dos portuguezes são muy amados e todos lhes têm grande respeito. Nesta terra estão bem empregados, e por seu meio faz Nosso Senhor muita louvada seja elle por tudo.

Acalada a visita de Pernambuco (aonde estivemos tres mezes)... e chegada as monções dos Nordeste, aos dezeseis de Outubro partimos para a Bahia, nove padres e tres irmãos, acompanhando-nos o padre Luiz da Grã, reitor, com alguns padres do collegio, até á barra, que é uma legua. Houve muitas lagrimas e saudades á despedida, e não se podiam apartar do padre visitador, tão consolados e edificatos os deixava, e com estas saudades se tornaram cantando pela praia as ladainhas, psalmos e outras cantigas devotas. Estava já neste tempo o nosso navio fóra da barra, e, por o tempo ser algum

tanto contrário para sair, andámos até alta noite aos bordos, não podendo tomar o navio, e quando já o tomámos foi a toa, e com caliz o padre Rodrigo de Freitas ao mar, entre o navio e barca, donde o tirámos meio alogado, mas foi Nosso Senhor servido que não cã gasse o desastre a mais. Aquella noite levámos a anchora, e com um vento galerno, aos vinte chegámos á Bahia.

Ao dia seguinte, por ser dia das Onze mil virgens, houve no collegio grande festa da confraria das Onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diacono e subdiacono. Os padrinhos foram o padre Luiz da Fonseca, reitor, e eu com nossas capas d'asperges. A missa foi officiada com boa capella dos indios, com frautas, e de alguns cantores da Sé, com orgãos, cravo e descantes. E ella acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levámos debaixo do pallio tres caheças das Onze mil virgens, e as varas levaram os vereadores da cidade, e os sobrinhos do Sr. governador. Saiu na procissão uma náu á vella por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nella iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triumpho. De algumas janellas fallaram á cidade, collegio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos. Da náu se dispararam alguns tiros d'arcabuzes, e o dia d'antes houve muitas invenções de fogo, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas. A tarde se celebrou o martyrio dentro na mesma náu, desceu uma nuvem dos Céus, e os mesmos anjos lhe fizeram um devoto enterramento; a obra foi devota e alegre, concorreu toda a cidade por haver jubiléu e prégação. Houve muitas confissões, compareceram perto de quinhentas pessoas; e assim enjoa-

dos como vinhanos, confessamos toda a manhã: Nosso Senhor seja com tudo louvado.

Tres semanas nos detivemos na Bahia por o padre visitador chegar mal disposto d'umas mordeduras de carapatos (que são tamanhos como piolhos de gallinha) dos quaes foi em Pernambuco saugrado duas vezes, e se encheu o corpo todo de postemas. Neste tempo foi admittilo na Companhia um sacerdote já homem de dias que nella tinha vivido perto de 30 annos. E houve do um anno que o padre visitador o dilatava, não querendo aceitar sua fazenda, nem quiz entrar sem fazer primeiro a doação pública ao Collegio de toda a sua fazenda, escravaria, terras, vacas, e movel que valeria tudo pastante de oito mil cruzados; e não quiz aceitar ser provisor e adaião da Sé, que o Sr. Bispo lhe mandou aceitasse sob pena d'excomunhão.

Aos 14 de Novembro partimos para as partes do Sul oito padres e quatro irmãos. E aquella tarde e d' seguinte navegámos sessenta leguas com bom tempo, e logo nos deu tal vento pela prôa, que as tornámos quasi todas as desandar. E tornando Nosso Senhor continuar com sua misericórdia, nos favoreceu de maneira que aos 21 tomámos a capitania do Espirito Santo, que dista 120 leguas da Bahia. Fomos recebidos dos padres com muita caridade, e do Sr. Administrador, que estava na nossa cêrca esperando o padre visitador, com grande alvoroço e alegria; e logo mandou dous perús, e os da terra mandaram vitellas, porcos, vaccas e outras muitas cousas, conforme possibilidade e caridade de cada um. Logo aos 25 se celebrou em casa a festa de Santa Catharina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador do Paraguay (LXV); o qual

sendo unico e herdeiro daquella governança, fugiu ao pai, e entrou na Companhia. O Sr. Administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capella, e os indios tambem ajudaram com suas frutas. Toda a manhã houve muitas confissões, communhões e prégação.

Em quanto aqui estiverem, foram os nossos mui ajudados com a visita e exhortações do padre visitador; fizeram com elle suas confissões geraes. O padre lhes fez praticas, e com ellas e mais avisos espirituaes ficaram em extremo consolados.

Têm os padres nesta capitania tres leguas da villa, duas aldêas de indios a seu cargo, em que residem os nossos, que terão tres mil almas christãs, afora outras aldêas que estão ao longo da costa, as quaes visitam algumas vezes, que terão algumas duas mil pessoas entre pagãos e christãos. Vespera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldêa mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os indios tambem lhe fizeram a sua: porque duas leguas da aldêa em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por agua) vieram alguns indios *murubixába*, sc. principaes, com muitos outros em vinte canoas mui bem esquipadas, e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pífanos e frutas, providos de mui formosos arcos e frechas mui galantes; e faziam a modo de guerra naval muitas cildas em o rio, arrebrandando poucos e poucos com grande grita, e prepassando pela canoa do padre lhe davam o *Erchipe*, fingindo que o cercavam e o captivavam. Neste tempo um menino, prepassando em uma canoa pelo padre visitador, lhe disse em sua lingua: *Pay, marápe guarinime naude poçoari?* sc. em tempo de guerra e cerco como estás desarmado! (LXVI) e metteu-lhe um arco

e frechas na mão. O padre assim armado, e elle dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, frautas e pífanos, levaram o padre até á aldêa, com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capella, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa baptisou setenta e tres adultos, em o qual tempo houve bõa musica de vozes e frautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu a communhão a trinta e sete.

Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessámos homens e mulheres portuguezes. Houve muitas communhões, e tudo se fez com consolação dos moradores indios e nossa. Acabada a missa houve procissão solemne pela aldêa, com danças dos indios a seu modo e á portugueza, e alguns mancebos hourados tambem festejaram o dia dançando na procissão, e representaram um breve dialogo e devoto sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem compoz o padre Alvaro Lobo (LXVII) e até ao Brasil chegam suas obras e caridades.

Era para vêr os novos christãos, e christãs sairem de suas *ocas* como *cumulis*, acompanhados de seus parentes e amigos, com sua bandeira diante e tamboril, e depois do baptisimo e casamentos tomarem assim acompanhados para suas casas; e as indias quando se vestem vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estatuas encostadas a seus pagens e a cada passo lhes caem os pantufos, porque não têm de costume.

Ao dia seguinte fomos á aldêa de S. João, dahi meia legua por água por um rio acima mui fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céu. Os meninos da aldêa tinham feito

algumas ciladas no rio, as quaes faziam a nado, arre-bentando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas u'agua a seu modo mui gra-ciosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levan-tadas diziam: Louvado seja Jesus Christo! -- e vinham tomar a benção do padre, os príncipaes davam seu *Ereiupe*, prégando da vinda do padre com grande fervor. Chegámos á igreja acompanhados dos indios, e os me-ninos e mulheres com suas palmas nas mãos, e outros ramalhetes de flores, que tudo representava ao vivo o recebimento do dia de Ramos. Porém neste tempo ainda que os indios fazem a festa, tudo é pasmar maxime as mulheres do *Payguaçu*. Acabado o recebimento houve outra festa das laranjadas, e não lhes faltam laranjas, nem outras fructas semelhantes com que as façam. Logo começaram com suas dadas, e tão liberaes que lhes pa-rece que não fazem nada senão dão logo quanto têm. E é grande injuria para elles não se lhes aceitar, e quando o dão não dizem nada, mas poudo perús, gallinhas, lei-tões, papagaios, tuins reaes, etc., aos pés do padre se tornavam logo.

Ao dia seguinte baptisou o padre visitador trinta e tres adultos, e casou na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. Estavam estes indios em ruim sitio, mal acomodados, e a igreja ia caindo: fez o padre que se mudassem á outra parte, o que fizeram com grande consolação sua.

Ha nesta terra mais gentio para converter que em nenhuma outra capitania; deu o padre visitador ordem, com que fossem dous padres dahi vinte e oito leguas á petição dos indios, que queriam ser christãos: espera-se

grande fructo desta missão, e descerão logo quatro ou cinco mil almas, e ficará porta aberta para descer grande multidão de gentios; para o qual effeito o governador desta terra Vasco Fernandes Coutinho (filho daquelle Vasco Fernandes Coutinho que fez as maravilhas em Malaca detendo o elefante que trazia a espada na tromba) (LXVIII) deu grandes provisões sob graves penas que ninguem os fosse saltar ao caminho; deu-lhes tres leguas de terra que os indios pediam, e perdão d'algumas mortes de brancos e levantamentos que tinham antigamente feito, e quando foi ao assignar da provisão nossa quiz lêr, nem viu o que dizia, antes vindo-a sellar a nossa casa, disse que tudo o que o padre visitador puzesse havia por bem, e que pedisse tudo quanto quizesse em favor dos indios, que elle o approvava logo.

Os portuguezes têm muita escravaria destes indios christãos. Têm elles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quizeram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo com seus alardos á portugueza, e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principaes e confrades da dita confraria: fizeram no terreiro da nossa igreja seus caracões, abrindo e fechando com graça por serem mui ligeiros, e os vestidos não carregavam muito a alguns, porque os não tinham. O padre lhes mandou fazer uma prégação na lingua, de como vinha a consola-los e trazer-lhes padre para os doutrinar, e do grande amor com que Sua Magestade lhos encommendava. Ficaram consolados e animados, e muito mais com os relicarios que o padre deu ao pescoço do rei, da rainha, e outros principaes. Os portuguezes recebem o padre nesta terra com tantas

honras e mostras d'amor, que não ha mais que pedir. O Sr. Governador e mais principaes da terra o visitaram muitas vezes, e porque o padre lhe trazia carta d'El-Rei, e aos mais da camara e governo da villa, fizerao quanto o padre lhes pediu para bem da christandade; e não contentes com as dadivas passadas, levando o padre a suas fazendas lhe deram muitos baquetes de muitas, exquisitas e várias iguarias. É em um delles, depois de comemos seis da Companhia bem servidos, tirando as toallas de cima, começou o segundo, e este acabado o terceiro, tudo com tanta ordem, limpeza, concerto e gasto, que nos espantava, e enquanto comemos não faziam senão mandar canoas equipadas com várias iguarias aos padres, que ficavam em casa, e por o caminho ser por agua e breve tudo chegava a tempo. Este é o respeito que por cá se tem ao padre e aos mais da Companhia. Nosso Senhor lho pague.

Na barra deste porto está uma ermida de N. Senhora, chamada da Pena (LXIX), e certo que representa a Senhora da Pena de Cintra, por estar fundada sobre uma altissima rocha de grande vista para o mar e para a terra. A capella é de abolada pequena, mas de obra graciosa e bem acabada. Aqui fomos em romaria dia de S. André, e todos dissetos missa com muita consolação, e V. R.^a foi bem encomendada á Senhora com toda essa Provincia, o que tambem faziamos em as mais romarias e continuamente em nossos sacrificios, e eu sou o que gahho pela muita consolação que tenho com tal lembrança; e pois a devo a V. R.^a e aos mais padres e irmãos dessa Provincia por tantas vias. Este dia nos agasalhou o Sr. governador com muita caridade.

Esta capitania do Espirito Santo é rica de gado e algodões. Tem seis engenhos de assucar e muitas madeiras de cedros e páus de balsamo, que são arvores altíssimas: picam-se primeiro e deitam um oleo suavissimo de que fazem rosarios, e é unico remedio para feridas. A villa é de Nossa Senhora da Victoria: terá mais de 150 vizinhos, com seu vigario. Está mal situada em uma ilha cercada de grandes montes e serras, e se não fôra um rio muito formoso que lhe corre pelo pé, ainda fôra mais manencolisada do que é, porque pouco mais vista terá que a do rio.

Os padres têm uma casa bem acomodada com sete cubiculos (LXX), e uma igreja nova e capaz. A cerca é cheia de muitas laranjeiras, limeiras doces, cidreiras, acajús e outras fructas da terra, com todo genero de hortaliça de Portugal. Vivem os nossos d'esmolos, e são muito bem providos, e o collegio do Rio os ajuda com as cousas de Portugal, como tambem faz ás duas casas de Piratininga e S. Vicente, por serem a elle anexas e entrarem no numero das cincoenta para que tem dote.

Do Espirito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista allí oitenta leguas. Dois ou tres dias tivemos bom tempo, e logo nos deu um temporal tão forte, que foi necessario ficarmos arvore secca quasi dois dias com muito perigo, por estarmos sobre uns baixos dos Guaitacazes muy perigosos, e não muito longe da costa. Allí estívimos a Deus misericórdia, e cada um se encomendava a Nossa Senhora quanto podia por vermos perto a morte. Deste perigo nos livrou Deus por sua bondade, e aos 20 (Dezembro de 1584), vespera de S. Thomé, arribámos ao Rio. Fomos recebidos do padre Ignacio Tolosa, reitor, e mais padres, e do Sr. governador

(LXXI), que *manco* de um pé com os principaes da terra veio logo á praia com muita alegria, e os da fortaleza tambem a mostraram com salva de sua artilharia. Neste collegio tivemos o Nata' com um presepio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal; e tambem cá N. Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Baruaé Telo fez a lapa, e ás noites nos alegrava com seu berimbáu.

Trouxemos no navio uma reliquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome, e ser elle o padroeiro e protector. Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Sr. governador com os mais portuguezes fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pífaros e bandeiras foram á praia. O padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra e alguns padres nos embarcámos numa grande barca bem embandeirada e enramada: nella se armou um altar e alcatifou a tolda com um palio por cima; acudiram algumas vinte canoas bem equipadas, algumas dellas pintadas, outras empenadas, e os remos de várias côres. Entre ellas viaha Martim Affonso (LXXII), commendador de Christo, indio antigo *abaeté* e *moçacára* (LXXIII), sc. grande cavalleiro e valente, que ajudou muito os portuguezes na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pífaros e frautas, com grande grita e festa dos indios; e os portuguezes da terra com sua arcabuzaria e tambem os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa e com esta festa andamos barlaventeando um pouco á vella, e

a santa reliquia ia no altar dentro de uma rica charola, com grande apparatus de vellas accessas, musica de canto d'orgão, etc. Desembarcando viemos em procissão até á Misericórdia, que está junto da praia, com a reliquia debaixo do pallio; as varas levaram os da camara, cidadãos principaes, antigos e conquistadores daquella terra. Estava um theatro á porta da Misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa reliquia se poz sobre um rico altar em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um moço atado a um páu: causou este espectáculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que não viesse á festa; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes préguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste Rio, a qual acabada deu o padre visitador o beijar a reliquia a todo o povo e depois continuámos com a procissão e danças até nossa igreja: era para vêr uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito annos, todos nuzinhos, pintados de certas côres apraziveis, com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com varias invenções de diademas de penas, collares e braceletes. Parece-me que se os viram nesse reino, que andaram todo o dia atraz elles; foi a mais aprazivel dança que destes meninos cá vi. Chegados á igreja foi a santa reliquia collocada no sacrario para consolação dos moradores, que assim o pediram.

Têm os padres duas aldeas de indios, uma dellas de S. Lourenço, (LXXIV), uma legua da cidade por mar; e a outra de S. Barnabé (LXXV), 7 leguas tam-

bem por mar, terão ambas tres mil indios christãos. Foi o padre visitador á de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada officiada pelos indios em canto d'orgão com suas frautas; casou alguns em lei de graça, e deu a communhão a outros muitos. Eu baptizei dois adultos sómente, por os mais serem todos christãos.

Esta capitania do Rio dista da Equinocial 23 grãos para o Sul, e da Bahia 130 leguas. É muito sadia, de muitos bons ares e aguas. No verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios; mas em geral é temperada. O inverno se parece com a primavera de Portugal: tem uns dias formosissimos tão aprazíveis e salutiferos que parece estão os corpos bebendo vida. É terra mui frágosa e muito mais que a Serra da Estrella; tudo são serrarias e rochedos espantosos, e tem alguns penedos tão altos que com tres tiros de frecha não chega um homem ao chão e ficam todas as frechas pregadas na pedra por causa da grande altura; destas serras descem muitos rios caudaes que de quatro e sete leguas se vêem alvejar por entre matos que se vão ás nuvens, e do pé de algumas destas serras até riba ha uma grande jornada; são todas estas serras cheias de muitas e grandes madeiras de cedros, de que se fazem canoas tão largas de um só pau, que cabe uma pipa atravessada; e de comprimento que levam dez, doze remeiros por banda e carregam cem quintaes de qualquer cousa, e outras muito mais. Ha muitos páus de sandalos brancos, aquila e noz muscada e outros páus reaes muito para vêr. Agora se descobriu um páu que tingê de amarello (LXXVI), como o brasil vermelho; é páu de preço: é abundante de gados, porcos e outras criações; dão-se nella mar-

melloz, figos, romeiras, e tambem trigo se o semeam; a um grão respondem 800 e mais e cada grão dá 50 e sessenta espigas, das quaes uma estão maduras, outras verdes, outras nascem; tambem se dão rosas, cravos vermelhos, cebolas cecem, arvores d'espinho, todo genero d'hortaliça de Portugal, as cannas tambem se dão beat, e tem tres engenhos de assucar, enfim é terra mui farta.

A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o supremo pintor e architecto do mundo Deus Nosso Senhor, e assim é cousa formosissima e a mais aprasivel que ha em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo; é tão capaz que terá 20 leguas em roda cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvoredos, e não impedem a vista umas ás outras que é o que lhe dá graça. Tem a barra meia legua da cidade, e no meio della uma lagea de sessenta braças em comprimento, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para náus da India; nesta lagea manda El-Rei fazer a fortaleza (LXXVII), e ficará cousa inexpugnavel, nem se lhe poderá escender um barco; a cidade tem 150 vizinhos com seu vigario, e muita escravaria da terra.

Os padres têm aqui o melhor sitio da cidade (LXXVIII). Têm grande vista com toda esta enseada defronte das janellas: têm começado o edificio novo, e têm já 13 cubiculos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lha levam na boa vista. São forrados de cedro, a igreja é pequena, de taipa velha. Agora se começa a nova de pedra e cal, todavia tem bons ornamentos com uma custodia de prata dourada

para as eudoenças, uma cabeça das Onze mil virgens, o braço de S. Sebastião com outras reliquias, uma imagem da Senhora de S. Lucas. A cerca é cousa formosa; tem muito mais laranjeiras que as duas cercas d'Evora, com um tanque e fonte; mas não se bebe della por a agua ser salobra; muitos marmelleiros, romeiras, limeiras, limoeiros e outras fructas da terra. Tambem tem uma vinha que dá boas uvas, os melões se dão no refeitório quasi meio anno, e são finos, nem faltam couves mercianas bem duras, alfaces, rabãos e outros generos d'hortaliça de Portugal em abundancia: o refeitório é bem provido do necessario; a vacca na bondade e gordura se parece com a d'Entre-Douro e Minho; o pescado é vário e muito, são para vêr as pescarias da sexta-feira, e quando se compra val o arratel a quatro réis, e se é peixe sem escama a real e meio, e com um tostão se farta toda a casa, e residem nella de ordinário 28 padres e irmãos afóra a gente, que é muita, e para todos ha. Duvidava eu qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra se este, e não me sei determinar: quanto ao espirital se parece na observancia, bom concerto e ordem com qualquer dos bem ordenados de Portugal: e estes padres velhos são a mesma edificação e desprezo do mundo, e esta fructa colheram cá por estes matos sem pratica nem conferencias, e são um espelho de toda virtude, e muito temos os que de lá viemos para aular, se havemos de chegar a tanta perfeição da solida e verdadeira virtude da Companhia.

Nas oitavas do Natal ouviu o padre visitador as confissões geraes, e renovaram-se os votos dia de Jesus, e aquelle dia préguei em nossa igreja, houve muitas confissões e communhões por causa da festa e jubileu. Por

se irem acabando as monções dos Nordestez quiz o padre visitar primeiro a casa de S. Vicente e Piratiniaga para na volta estar n'este collegio de vagar: daqui partimos depois dos Reis para S. Vicente que dista daqui 40 leguas, e é a derradeira capitania. Fizemos o caminho á vista de terra, e toda é cheia de ilhas muito pequenas, cheias de passaros e pescado. Chegámos em seis dias por termos sempre calmarias á barra do Rio, nomeado da *Buriquioca* (LXXIX), sc. cova dos bogios, e por o nome corrupto *Bertioga*, aonde está a nomeada fortaleza para que antigamente degradavam os malfeitores: a fortaleza é cousa formosa, parece se ao longe com a de Belém e tem outra mais pequena defronte, e ambas se ajudavam uma á outra no tempo das guerras. Daqui a villa de Santos são quatro leguas. Sabendo o padre Pedro Soares (LXXX), superior daquelle casa, veio pelo rio duas leguas com outro padre, e chegando á villa já de noite. O capitão com os principaes da terra estavam esperando o padre visitador na praia e o levaram até á igreja matriz por não haver alli outra, a qual tinham bem allumiada, concertada e enramada, e dali o levaram á casa, e depois mandaram a cêa de diversas aves com muitos doces. Ao dia seguinte depois de jantar partimos para S. Vicente, e caminhando tres leguas por um grande e formoso rio cheio de uns passaros vermelhos que chamam Guará, dos formosos desta terra, os quaes são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e têm muy compridas pernas: nascem estes passaros pretos, depois se fazem pardos, depois brancos, quarto loco ficam de um encarnado gracioso, quinto loco ficam vermelhos mais que grã, e nesta formosissima côr permanecem. Vivem junto d'agua salga-

da e nella se cria e sustentam. Chegámos de noite á casa de S. Vicente; fomos recebidos dos padres e mais da terra com grande caridade. Dia do martyr Sebastião (20 de Janeiro de 1585) que tambem era domingo do Sacramento e havia festa na matriz lhe préguei: correu toda a terra a ouvir o companheiro do visitador, e padre reinol. Houve muitas confissões e communhões, assim na nossa casa como na matriz.

Desejavam os padres de Piratininga que o padre visitador se achasse naquella casa aos 25 de Janeiro, dia da conversão de S. Paulo, por ser orago da nossa igreja. Partimos uma segunda-feira, e caminhámos duas leguas por agua, e uma por terra, e fomos dormir em um *teig-upaba* ao pé de uma serra ao longo de um formoso rio de agua doce que descia com grande impeto de uma serra tão alta, que ao dia seguinte caminhámos até ao meio dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tão íngreme que ás vezes iam pegando com as mãos. Chegando ao *Paraná-piacaba*, (LXXXI) sc. lugar donde se vê o mar, descobrimos o mar largo quanto podiamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangaes e braços de rios de comprimento de oito leguas e duas e tres em largo, cousa muito para vêr; e parecia um panno de amarr: a toda esta terra enche a maré, e ficando vazia fica cheia de ostras, caranguejos, mexilhões, briguigões e outras castas de mariscos: aquelle dia fomos dormir junto a um rio de agua doce, e todo o caminho é cheio de *tijucos*, (LXXXII) o peor que nunca vi, e sempre iam subindo e descendo serras altissimas, e passando rios caudaes de agua frigidissima. Ao 3.º dia navegamos todo o dia por um rio de agua doce, deitados em uma canôa de casca de arvore, em a qual

além do fato iam até 20 pessoas: iamnos voando a remos, e da borda da canôa até á agua havia meio palmo e ainda que não havia perigo de darmos á costa não faltava um mão pequeno, que era dar nos páus e ás vezes dando a canôa com grande impeto ficava atravessada. Era necessario guardar o rosto e olhos; porém a navegação é graciosa por o ser a embarcação e o rio mui alegre, cheio de muitas flores e fructas, de que iamnos tocando, quando a grande corrente nos deixava; chegando a *peaçaba* (LXXXIII), sc. lugar onde se desembarcam, demos logo em uns campos cheios de mentrastos; aquella noite nos agasalhou um devoto, com gallinhas, leitões, muitas uvas e figos de Portugal, camarinhas brancas e pretas e umas fructus amarellas da feição e tamanho de cerejas, mas não tem os pés compridos. Ao dia seguinte vieram os principaes da villa tres leguas receber o padre. Todo o caminho foram escaramuçando e correndo seus ginetes, que os têm bons, e os campos são formosissimos, e assim acompanhados com alguns 20 de cavallo, e nós tambem a cavallo chegámos a uma Cruz, que está situada sobre a villa, adonde estava prestes um altar debaixo de uma fresca ramada, e todo o mais caminho feito um jardim de ramos. Dalli levou o padre visitador uma cruz de prata dourada com o Santo Lenho e outras reliquias, que o padre deu áquella casa; e eu levava uma grande reliquia dos santos Thebanos. Fomos em procissão até á igreja com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola: todos iam dizendo seus ditos ás santas reliquias. Chegando á igreja demos a beijar as reliquias ao povo. Ao dia seguinte disse o padre visitador nissa com diacono e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos mancebos da

terra. Houve jubileu plenario, confessou-se e communhou muita gente: préguei-lhe da conversão do Apostolo. E em tudo se viu grande alegria e consolação no povo. E muito mais nos nossos, que com grande amor no meio daquelle sertão e cabo do mundo, nos receberam e agasalharam com extraordinaria alegria e caridade.

Em Piratininga estive o padre visitador quasi todo o mez de Fevereiro, consolando e animando os nossos; ouviu as confissões geraes, foi visitado dos principaes da terra muitas vezes. Foi a uma aldêa de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição (LXXXIV). Os indios o receberam com muita festa como o costumam, mandando de sua pobreza. Tambem fei a outra aldêa dahi duas leguas; parte do caminho fomos navegando por uns campos, por ter o rio espraiado muito, e ás vezes ficamos em secco. Nesta aldêa baptisou o padre trinta adultos e casou em lei da graça outros tantos, no fim de Fevereiro se partiu para S. Vicente, aonde estive quasi todo o mez de Março, e eu fiquei em Piratininga até ao segundo domingo da quaresma. prégando e confessando, e quando parti para S. Vicente eram tantas as lagrimas das mulheres e homens moradores, que me confundiam: mandaram-me gallinhas para a matolagem, caixas de marmelada, e outras cousas, acompanhando-me alguns de cavallo as tres leguas até o rio, e deram cavalgadas para os companheiros. Nosso Senhor lhes pague tanta caridade e amor.

Piratininga é villa da invocação da conversão de São Paulo; está do mar pelo sertão dentro doze leguas; é terra muito sadia, ha nella grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenarios, porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos

annos. Vestem-se de burei, e pellotes pardos e azues, de pertiñas compridas, como antigamente se vestiam. Vão aos domingos á igreja com roupões ou bernecos de cacheira sem capa. A villa está situada em bom sitio ao longo de um rio caudal. Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura, nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quaes têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem accitar cura. Os padres os casam, baptisam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não tem outra igreja na villa senão a nossa. Os moradores sustentam seis ou sete dos nossos, com suas esmolas com grande abundancia: é terra de grandes campos e muito semelhante ao sitio d'Evora na bôa graça, e campinas, que trazem cheias de vacas, que é formosura de vêr. Tem muitas vinhas, e fazem vinho, e o bebem antes de ir-ver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas juntas, como vi nestas vinhas: tem grandes figueiras de toda sorte de figos, hersaçotes, beberas, e outras castas, muitos marmelleiros, que dão quatro camadas, uma após outra, e ha homem que colhe doze mil marmellos, de que fazem muitas marmelladas: tem muitos rosaes de Alexandria, e porque não tem das outras rosas, das de Alexandria fazem assucar rosado para mezclha, e das mesmas cozidas, deitando-lhe a primeira agua fóra, fazem assucar rosado para comer e fica sofrivel: dá-se trigo e cevada nos campos: um homem semeou unha quarta de cevada e colheu sessenta alqueives: é terra fertilíssima, muito abastada: quem tem sal é rico, porque as criações não faltam. Tem grande falta de vestido, porque não vão os navios a S. Vicente senão tarde e pou-

cos: ha muitos pinheiros, as pinhas são maiores, nem tão bicudas como as de Portugal: e os pinhões são tanto maiores, mas muito mais leves e saldos, sem nenhum extremo de queadura ou frialdade, e é tanta a abundancia que grande parte dos indios do sertão se sustentam com pinhões: dão-se pelos matos amoras de silva, pretas e brancas, e pelos campos bredos, beldroegas, almeirões bravos e meirastos, não fiallo nos fetos, que são muitos, e de ahura de uma lança se os deixam crescer. Em fim esta terra parece um novo Portugal.

Os padres têm uma casa bem accommodada, (LXXXV) com um corredor e oito cubitos de taipa, guarnecida de certo barro branco, e officinas bem accommodadas. Uma cerca grande com muitos marmellos, figos, laranjeiras e outras arvores d'espinho, roseiras, cravos vermelhos, cebalás cecúu, ervilhas, borragens, e outros legumes da terra e de Portugal. A igreja é pequena, tem bons ornamentos, e fica muito rica com o Santo Lenho, e outras reliquias que lhe deu o padre visitador.

O padre em S. Vicente visitou os padres, consolando muito a todos, e foi dalli dez leguas pela praia a uma Nossa Senhora da Conceição, que está na villa de Itanhaem: tambem visitou o forte que deixou Diogo Flores (LXXXVI), com cem soldados, e do alcaide e do capitão foi visitado muitas vezes e lhes concedeu um padre que os fosse confessar por ser quaresma.

S. Vicente é capitania: tem quatro villas, a primeira é S. Vicente, villa de Nossa Senhora da Assumpção; está situada em lugar baixo, manucolisado e soturno, em uma ilha de duas leguas de comprido. Esta foi a primeira villa e povoação de portuguezes que houve no

Brasil; foi rica, agora é pobre por se lhe fechar o porto de mar e barra antiga, por onde entrou com sua frota Martin Affonso de Sousa; e tambem por estarem as terras gastadas e faltarem indios que as cultivem, se vai despovoando; terá oitenta vizinhos, com seu vigario (LXXXVII). Aqui têm os padres uma casa aonde residem de ordinário seis da Companhia: o sitio é mal assombrado, sem vista, ainda que muito sadio: tem boa cerca com várias fructas de Portugal e da terra, e uma fonte de mui boa agua. Estão como heremitas, por toda a semana não haver gente, e aos domingos pouca. A segunda é a villa de Santos, situada na mesma ilha, é porto de mar; tem duas barras, na principal está o forte que deixou Diogo Flores, a outra é a barra da Bertioga, que dista desta villa quatro leguas por um rio tão formoso, que podem navegar navios de alto bordo: terá a villa de Santos oitenta vizinhos, com seu vigario. A terceira é a villa de Nossa Senhora do Itanhaem, que é a derradeira povoação da costa, que terá cincoenta vizinhos, não tem vigario. Os padres visitam, consolam e ajudam no que podem, ministrando-lhes os sacramentos por sua caridade. A quarta é villa de Piratininga, que está doze leguas pelo sertão adentro, terá cento e vinte vizinhos ou mais.

No fim de Março já despedidos de S. Vicente, viemos para Santos, aonde nos esperava já o nosso navio aparelhado: préguei na matriz dia de Nossa Senhora da Annunciação (25 de Março): houve muitas confissões e communhões. Os desta villa pediram ao padre lhes mudasse a casa de S. Vicente para alli, o que o padre lhes concedeu. Logo deram um sitio bom ao longo do mar, e a cadeia publica, e umas casas novas, que tudo

valéra quinhentos cruzados, e começam o edificio com suas esmolas (LXXXVIII).

De Santos partimos acompanhando-nos o capitão, o qual nunca se apartava do padre visitador, servindo-o com tanto respeito e amor que me espantava; estivemos dois ou tres dias na barra da Bertioga esperando tempo, servidos de muitos e vários peixes: chegámos ao Rio de Janeiro sabbado de *dominica in passione*, adonde tivemos as endoenças; préguei o mandato, e outro padre a paixão. Fez-se um sepulchro devoto e bem acabado, com muita cêra branca.

Tendo o padre visitado o collegio do Rio, e assentado de invernar alli aquelle anno, recebeu cartas de como N. padre geral mandava doze a esta provincia, e que estavam para partir de Lisbôa; para os agasalhar e receber se partiu para a Bahia com seus companheiros, padre provincial, padre Ignacio Tolosa, e alguns irmãos; gastámos na viagem trinta e dois dias, e quiz-nos Nosso Senhor mortificar, e dar a entender quam trabalhosa era a navegação desta costa, porque até então todas as viagens que o padre visitador fez foram mui bem assombradas e mar bonauça, mas esta como era a derradeira, foi tal, tão contrários os ventos e taes as tempestades, que vindo embocar na Bahia e estando á vista de terra, nos deu tão forte tempo que estivemos perdidos uma noite com o navio meio alagado, e o traquete desaparelhado, e nós confessados nos aparelhamos para morrer, e se daquella fomos. Já ia a maior parte da provincia, não em numero, mas em qualidade (LXXXIX). Eu não no havia por mim, porque já me offerecia que me deitassem ás ondas como Jonas, mas queriam acabar juntamente com os padres visitador, provincial, Ignacio To-

loza, e outros irmãos de boas habilitações e virtude, para ajudarem esta provincia: certamente que isto me descon-solava. Porém foi Nosso Senhor servido consolar esta provincia com de novo lhe conceder os sobreditos. Chegados á Bahia nos achámos sem os padres, que não foi pequena mortificação, e eu em extremo me consolei com saber que o padre Lourenço Cavalari com tanto animo acabára por obediencia em tão gloriosa empresa (XC). Tive-lhe grande inveja, pois vai diante de mim, e em tudo sempre me levou vantagem.

Chegados á Bahia mandou o padre visitador recado ao padre Luiz da Grã, que viesse a este collegio, e foi o recado em tão boa conjuncção que nos 15 de Outubro chegou aqui. O padre visitador com os mais padres, que para esse fim aqui ajuntou, estão aqui, e tutta e última resolução á visita e negocios desta provincia, etc.

Isto é o que se me offereceu da nova viagem e missão para dar conta a Vossa Reverencia. Resta pedir os santos sacrificios de Vossa Reverencia e sua santa benção e ser encomendado em os sacrificios e orações dos mais padres e irmãos dessa provincia. Deste collegio da Bahia, a 16 de Outubro de 85. — Por commissão do Padre Visitador Christovão de Gouvêa. — De V. R. filho indigno em Christo N. S. — FERNÃO CARDIM.

II

Ao muito reverendo em Christo Padre, o Padre Provincial de Portugal:

Continouarei nesta que succedeu depois da ultima que escrevi a Vossa Reverencia em 16 de Outubro de 85. que foi o seguinte. Tanto que o padre visitador teve aqui na Bahia juntos os reitores dos collegios, e outros padres professores, e antigos, attendeu dar a ultima mão á visita desta provincia, em a qual ordenou cousas muito necessarias ao bom meueio dos collegios e residencias, aldeas dos indios, missões, assentando algumas cousas, a da visita para todos poderem observar com grande gloria divina, bom procedimento da Companhia, e bem da conversão, a observancia religiosa a mandou a nosso padre geral, e lhe veio toda approvada sem lhe tirar cousa alguma, e assim se pratica até agora com notavel fructo, e ainda que depois se ventilaram sobre ella algumas duvidas sempre nosso padre a sustentou, avisando a todos por suas cartas secretamente, que se guardasse assim como estava, o que se faz com boa satisfação, e assim mesmo approvou outra visita particular do collegio da Bahia, de que se não seguiu menos fructo.

Depois dista teve o padre visitador carta de nosso padre geral, em que lhe dizia que havia de ir para Por-

tugal, e eu havia de ser companheiro do padre provincial Marçal Belliarte (XCI); porém se não partisse para esse reino até a chegada do padre Marçal Belliarte. Dahi a um mez, ou pouco mais, recebeu outra do vosso padre, pela qual lhe ordenava que me encarregasse deste collegio da Bahia. Veja Vossa Reverencia qual eu fizerei com um peso tão sobre minhas forças, mas suprirão, como espero da caridade de Vossa Reverencia, seus santos sacrificios, em que muito me encomendo, etc.

Algumas cousas fez o padre dignas de memória, e muito accitas aos deste collegio: a primeira foi um poço de noventa palmos de alto, e sessenta em roda, todo empedrado, de boa agua, que deu muito allivio a este collegio, que por estar em um monte alto, carecia de agua sufficiente para as officinas; e tambem fez um eirado sobre columnas de pedra, aberto por todas as partes, e fica eminente ao mar, e vãos que estão no porto que servem de repousos; e é toda a recreação deste collegio, porque delle vêm entrar as náus, descobrem bõa parte do mar largo, e ficamos senhores de todo este reconcavo, que é uma excellente aprazivel e desahafada vista; fez uma quinta, e nella umas casas com capella, refeitorio, cozinha, uma sala com suas varandas, e um formoso terreiro com uma fonte que lança mais de uma manilha de agua, muito sadia para beber: mandou plantar arvores de espinho e outras fructas, que tudo faz uma bõa quinta, que se pôde comparar com as bõas de Portugal.

Como o mar andava infestado de francezes e inglezes se deteve o padre Marçal Belliarte com seus companheiros nessa provincia até 7 de Maio de 87, em que chegaram a Pernambuco, aonde se detiveram até 20 de

Janeiro de 88, que entraram nesta Bahia, e foram recebidos dos nossos com grande consolação e alegria, principalmente do padre visitador, que desejava descarregar-se do trabalho que exercitava havia tanto tempo; porém succedeu ao contrario, porque o padre Marçal Belliarde lhe deu uma carta de nosso padre geral, em a qual lhe mandava que lhe dêsse companheiro e consultores, e fizesse reitores dos collegio e superiores nas residencias, e depois de bem informado o padre provincial, havendo lhouz commodos de embarcação, se partisse para esse reino. Logo succedeu não haver embarcações commodas no porto e foi necessario esperar uma náu bem artilhada de um André Nunes, vizinho do Porto. Determinando o padre de nella se partir, foram feitas as novas que correram dos muitos inglezes e francezes que coalhavaa o mar, e da armada do Sr. D. Antonio, que poz em consideração a partida; e como o padre aqui não tinha superior, lhe mandou que o tratasse com todos os padres deste collegio, os quaes por escripto deram seus pareceres e ainda que a maior parte se inclinava a não se partir pelas razões apontadas, todavia como a náu era boa, com parecer do Bispo e outros Srs. desta cidade se fez á vella no principio de Março de 89, e andando no mar 3 ou 4 dias sem se poderem enumerar mais que 18 até 20 leguas, foi tão grande a tormenta e tempestade desfeita que tomou a náu de luva e abriu uma agua tão grande, que se viram de todos perdidos e tornaram a arribar a esta Bahia. Os padres, o Sr. Bispo e outras pessoas de conta acabaram com elle que se não fosse por então, e assim esteve neste collegio com muita consolação nossa até 20 de Maio, em que se partiu para Pernambuco em uma náu do Porto sem artilharia.

Em Pernambuco esteve até á vespera de S. Pedro e S. Paulo, e tomados os pareceres do padre Luiz da Grã, reitor e mais padres por escripto, se embarcou, dizendo ao padre Luiz da Grã, que lhe parecia havia de ser tomado dos francezes, o que ouvindo o padre Luiz da Grã, pela efficacia com que o padre lho disse, lhe tornou a rogar com outros padres que se não partisse; respondeu-lhe o padre que já Sua Reverencia com os mais, tinham assemado, e elle aceita-lo aquella obediencia com a mão de Deus, e que já estava offerecido a tudo o que Deus delle ordenasse, etc. e assim embarcando-se vespera dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, ao seu dia, com o terral da manhã se fizeram á vella para esse reino; tiveram sempre prospera viagem até á altura de Portugal, em que foram tomados uma manhã de um brechote francez, sem haver alguma resistencia, por a náu ser desarmada sem nenhuma defensa, 6 de Setembro.

E posto que Vossa Reverencia lá terá plena informação dos particulares que nella aconteceram, não deixarei de apontar alguns mais principaes, assim como nos relatou o mesmo padre por sua carta, e o padre Francisco Soares (XCI) seu companheiro. Tanto que a náu foi entrada de sete ou oito francezes, o padre se foi ao capitão e lhe disse, que lhe daria algumas cousas que trazia em seu escriptorio, que lhe pedia por merecê lhe deixasse alguns papeis que nelle tinha, pois lhe não serviam; foi com isso contente o capitão, e o padre mandou vir o escriptorio, e lho deu, que era uma peça de estimo, de madeira de várias côres e obra bem acabada por um irmão nosso, e insigne carpinteiro e marceneiro, e juntamente alguns rosarios de cheiro, pelo que lhe deixou todos os papeis e lhe deu para os metter, um baú

do mesmo padre, que já outro francez tinha pillhado, e o capitão lhe prometteu de lho satisfazer. Nove dias os trouxeram os francezes consigo, nos quaes padeceram muita sede, fome e frio, e máo agasalhado, com que ao padre deu um catarro rijo com febre que o tratou muito mal e poz em risco da vida, mas esta tinham elles tão arriscada que cada dia esperavam pela morte a que estavam offerecidos. Andando com elles appareceu uma formosa náu ingleza, aqui de todo cuidaram não escapar, mas livrou nos Nosso Senhor, porque se contentou o inglez com perguntar, que porta a náu e respondendo-lhes os francezes que bacallão, passou; mas não passou a furia dos francezes, que vendo ir pela agua uns papeis, que por serem de segredo o padre os mandou lançar ao mar, e como elles são desconfiados, enlucou que lá alli alguma traição ou cartas para El-Rei, em que por isso os lançaram ao mar: saltou a furia nelles, e o capitão com outros tomaram as achas de fogo, e deram uma hão a cada um dos nossos, ao irmão Barnabé Telto pelo rosto, ao padre Francisco Soares pelas costas, e ao padre por uma coxa, estas são hões piculas sem post pasto: mas não faltou este para o padre visitador, porque, não satisfeito, um delles achou uma tijella de fogo, e lha arremessou á cabeça com tanta força que lhe tratou muito mal um olho; acudiu logo outro francez, e de um rolo que tinha tomado aos padres lhe fez uma pasta e lha poz nelle. Veja vossa Reverencia que caridade esta, não esperada de gente que lhe tinham tomado até as vestes; e porque o padre sem ellas por causa do muito frio e catarro padecia muito, rogaram ao capitão que lhe desse um manto para se abeigar por causa do muito frio; mas pouco lhe durou, porque iudo o padre para cima tomar

ar e aquestrar-se um pouco ao sol, quando tornou se achou senti o manto, que nunca mais appareceu. Outra tribulação grande padeceram espirital, e foi desta maneira: lançou o padre Francisco Soares uns poucos de papeis do padre pelo botoque de um pipa d'agua sagada, para que ficos não vissem os francezes, e lhe tornassem a dar outras poucas de pancadas. Eis que o capitão manda fundir a nau e vasar a pipa, os padres que estavam temerosos, temendo que em sahindo os papeis rotos os francezes se indignassem contra elles e os matassem, estando já para sahir os papeis subitamente o capitão e mais francezes se alevantaram e foram para a tolda de cima, deixando a pipa que se acabasse de vazar de agua, e assim ficaram livres e desassombrados deste perigo; mas não de outro em que um francez tentou o padre visitador, porque dando-lhe em sexta-feira um pouco de toucinho, o padre o lançou fóra, e o francez desejoso que o comesse lho mettia por força na boca; e porque o padre o lançava fóra, instava o francez com uma faca na mão, que lha queria metter pelo rosto e olhos, apertando que comesse, porém vencido da constancia do padre desistiu de seu máu intento. Em outro perigo se viram não menor que o passado, e foi que achando um francez uma faca grande e uma moeda de prata junto dos padres, entrou nelle a imaginação que tinham alli aquella faca para com ella lhes fazerem traizão e os matarem; porém, respondendo os padres com humildade, que não sabiam quem alli puzera a faca, se deram por satisfeitos; e chegando já junto da Rochella, encontraram um brechote pequeno sem coberta, com tres pescadores Bretões, que sahindo de Bordéus aonde foram vender pescados, com tormenta audavam desgarrados

por esse mar quasi de todo perdidos, lançaram os francezes sua lancha fóra, e tomaram os pobres pescadores e deram-lhes muitas pancadas, tomaram-lhe o dinheiro e mais que traziam. Nesta embarcação lançaram os padres com alguns marinheiros e passageiros: mas primeiro tornaram a buscar os mossos e abriram o baú dos papeis e sacudiram todos folha e folha, a vér se achavam algum dinheiro: mas não o achando, tornaram a metter os papeis no baú e os deram aos padres. Não queria o capitão largar o padre visitador, reservando-o para resgate em troco d'alguns parentes seus que foram tomados dos espanhoes; sabendo isto Manuel Alvares, capitão da náu portugueza, lhe pediu que o largasse que lhe não dariam nada por elle, que era muito doente, e lhe morreria sem alcançar o que pretendia. E um João Alvares, mestre da náu portugueza, irmão do dito capitão Manuel Alvares, que estava muito ferido de uma arcabuzada pelo rosto, e uma cutilada pela cabeça, pediu tambem ao capitão francez que deixasse ir com elle, e com os mais o padre porque d'outra maneira sem falta morreria; e assim o largou e deixou embarcar. Estavam da costa setenta até oitenta leguas, e com uma fraca vella estarrapada, e dous remos, com um barril de cerveja bem negra, e um pouco de biscoito pouco alvo e quasi podre; veja Vossa Revverencia que deshumanidade esta, parece que os largavam para morrer nesse mar, pois os largavam em tão boa embarcação, e com tal matola-gea. Começaram sua perigosa e venturosa viagem: acudiu-lhes Nosso Senhor com um bom vento galerno, que em dous dias e meio os levou á Biscaia, porto de Santo André. Sahiram em terra muito desfigurados de fome, rotos, maltratados de frio, e tão lastimosos que as

vendeiras pelas ruas ofereciam aos pobres das maçãs e fructas que vendiam; nam elles tão desfallecidos que nada lhes accitaram por estarem mais para morrer, do que para comer. A esta tão urgente necessidade lhes acudiu Nosso Senhor com sua misericórdia, por meio de um abbade de bago, isento administrador ecclesiastico, irmão do nosso padre Dessa, que era e outro bispo daquelle terra; este sabendo que eram da Companhia, e foram roubados, os mandou agasalhar em uma estalagem, aquelle sabbado, 15 de Setembro, e lhes mandou dar um prato de mendos, pão, vinho e maçãs, com que em alguma maneira se refizeram; e mostrando-lhe o padre a presente, como os reconheceram de tudo por la Companhia, os levou para sua casa, e mettu em uma camara onde os regalou com abundancia, pondo-os a sua mesa por espaço de cinco ou seis dias, nos quaes se fizeram de roupa e tornaram em cavalgadas até Burgos: de Burgos a Vill: 1.^a e 2.^a até Br: gne: e de Br: gne: a Vill: 3.^a caminho muito frio e he uma cidade, com que acabaram de perfeioar sua viagem, e Nosso Senhor terá lembrança de lhe dar os premios destes trabalhos em sua gloria.

Quoniam beatus vir qui subfert tentatione: et qui cur probatus fuit, accipiet coronam vite, etc.

Da Bahia, a 1 de Maio de 90. De V. R. Filho indigno em Christo N. Senhor. — FERNÃO CARDIM.

NOTAS

I — O padre procurador em Portugal, a quem Fernão Cardim se dirigia, era o padre Sebastião de Moraes, que exerceu o cargo de 1584 a 1588 e foi na ordem christã para o novo provincial daquella provincia. Dele era superior a reitoria o padre Christião de Gouvea e auctoridade geral o general Claudio Aquaviva para visita do Brasil. Sebastião Moraes nasceu em Lisboa na ilha de Malhoa em 1524, e tranzido para a Companhia de Jesus em Portugal, passou para o ducado de Parma, e foi confessor da princeza d. Maria, visitando os reinos em 1577, depois se falleceu aquella princeza. Era provincial quando foi nomeado Bispo do Japão por Filippus II. continuando por Sixto V. em 1587 e sagrado em Lisboa em Março do anno seguinte, e ali sendo levado para o Oriente e em sete companheiros, não chegou ao seu destino, porque falleceu em Moçambique, a 7 de Julho de 1588, victimado por doença contagiosa que assaltou a nau em que viajava. — *Curi. Biographia Fratrum*, t. IV, ps. 81, letra J.

II — Christião de Gouvea nasceu na cidade do Porto a 8 de Junho de 1542; entrou para a Companhia de Jesus em 1556. Recebidas as ordens de presbytero em Evora, assistiu quatro annos nessa cidade, onde exerceu a reitoria do collegio dos Portuezes; foi depois mestre de novico; no collegio da Companhia em Evora e em o mesmo ministerio passou para o de Coimbra em 1572; foi ainda reitor do Collegio de Braga e do de Santo Antão de Lisboa. Era secretario ou secretario da provincia de Moraes, quando foi nomeado visitador da provincia do Brasil, sendo

o sepulchro que vêa nesse caracter. O príncipe foi o padre Ignacio de Azevedo, em 1546. Era irmão do padre João Madureira, ou João de Gouvêa, como também se chamou, que, vindo por visitador do Brasil em 1601, com o padre Fernão Cardim e outros, foi tomado por piratas inglezes, e, confuzido para a Inglaterra, falleceu no mar em 5 de Outubro do mesmo anno.

De seus serviços e dos indios aldeados, quando os corsarios Wilfringt e Lister, em Abril de 1587, atacaram a Bahia, em cuja defesa se cobriu de glórias, ha menção em Fernão Guerreir, nas excerptos *Das cousas do Brasil*, que publicou Cavallio Mendes de Almeida — *Memorias para a Historia do extinto Estado do Maranhão* (Rio de Janeiro, 1874), t. II, ps. 509; 510. Em Hakluyt — *Practical Navigations*, II, ps. 202-227, citado por Capistrano de Abreu — *Prolegomenos á Historia do Brasil*, de frei Vicente do Salvador (S. Paulo e Rio, 1918), ps. 246, encontra-se a narrativa ingleza escripta por João Sarracoll, mercador que vinha a bordo de um dos navios. Por essa relação apparece que os corsarios inglezes appareceram a 11 de Abril e retiraram na Bahia até começos de Junho (festivo juliano).

Ao voltar para Portugal, finda a vista á provincia do Brasil, Christovão de Gouvêa e seus companheiros foram aprisionados por corsarios francezes, em 6 de Setembro de 1589, como mudamente conta Fernão Cardim no final de sua relação, sendo largados no mar a setenta ou oitenta leguas da costa, em fragil embarcação, que milagrosamente os levou á Biscaia, porto de Santo André, onde desembarcaram. Em Portugal o padre ainda exerceu cargos eminentes da Companhia; falleceu em Lisboa, a 13 de Fevereiro de 1622, e em oitenta annos de idade e sessenta e seis de rospêta. Outros dados summarios para a sua biographia consigna Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana* (Lisbôa, 1741), t. I, ps. 578-579.

Das obras que escreveu ha alli referencia ás seguintes:

— *Historia do Brasil, e costumes de seus habitadores*. O ms. se conservava no collegio de Coimbra, onde o viu George Cardoso, conforme se infere do *Aquiloquo Lusitano*, t. I, ps. 120. É commentario a 25 de Fevereiro, letra B. Não foi impresso e infelizmente pode ser considerado perdido.

— *Commentario das occupaçoens que teve, e da que nellas fez.* — Também não foi impresso; faz delle menção o padre Antonio Franco — *Imagem da Virtude em o Nacido do Collegio de Coimbra*, liv. I, cap. 31, § 7. A Christovão de Gouvêa attribuiu inadvertidamente Barbosa Machado o *Summario das Armadas que se fizerão, e Guerras que se derão na Conquista do R'io da Parahyba*, etc., de que viu cópias manuscritas nas livrarias de seu irmão p. José Barbosa, clérigo regular, e do conde de Vimieiro. Varuhagen, nas *Reflexões criticas* (Lisbôa, 1837), notou que a autoria daquelle escripto não podia pertencer ao visitador, a quem somente era dirigido; na *Historia Geral do Brasil* (2.^a edição) t. I, ps. 348, conferiu-a ao padre Jeronymo Machado, que fôra testemunha presencial dos acontecimentos relatados, como Cunha Rivara — *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Elvareuse* (Lisbôa, 1850), t. I, ps. 19-20, havia proposto, e Cândido Mendes (*op. cit.* ps. 507, nota 4) tacitamente accêptara. Para Capistrano de Abreu — *Prolegomenos citados*, ps. 137, pôde ter sido autor do *Summario* o padre Simão Tavares, que também assistiu á parte dos successos. Além das cópias manuscritas a que se refere Barbosa Machado, conhecem-se ainda a da Bibliotheca de Evora, descripta por Cunha Rivara em seu *Catalogo*, e a da Bibliotheca Nacional de Lisbôa; aquella devia ter servido para a publicação que sob o título geral de *Conquista da Parahyba* fez o periodico *Iris*, de José Feliciano de Castilho (Rio de Janeiro, 1848, vol. I, ps. 38 e segs., porque vem precedida de dois sonetos castelhanos em louvor do avideiro-geral Martim Leitão, general da conquista, referidos no mesmo *Catalogo*; a outra serviu declaradamente para a impressão da *Revista do Instituto Historico*, t. 36, parte I (1873).

III — Manuel Te'les Barreto estava nomeado desde 20 de Novembro de 1581 para capitão da cidade do Salvador e governador da dita capitania e das outras do Brasil; mas só chegou á Bahia a 9 de Maio de 1583, empossando-se de seus cargos, não nesse dia, como escreve Varuhagen — *Historia Geral* (2.^a edição), vol. I, ps. 344, mas dois dias depois, a 11, conforme apurei Braz do Amaçal — *Memórias Historicas e Politicas da Província da Bahia*, de Accioli (Bahia, 1919), vol. I, ps. 417,

corrigindo esse autor, que dilatou a data daquella invasão para 11 de Junho. Telles Barreto governou até 27 de Março de 1587, quando falleceu. Para Jabutã e Miralles a data de sua morte é 10 de Agosto; mas Capistran de Abreu — *Prolegomenos* citados, ps. 245, opina pela primeira, porque já regia a terra a junta de governo formada pelo provedor-mór Christovão de Barros e pelo bispo d. Antonio de Barreiros, quando Witsinght e Lister assaltaram a Bahia, o que se passou em Abril, como já vimos. De Telles Barreto, vindo governar a Bahia, diz frei Vicente do Salvador que "era de sessenta annos de idade e não só era velho nella, mas tambem de Portugal o velho; a todos fallava por vós, ninda que fosse ao bispo, mas cabia-lhe em graça, a qual não têm os velhos todos."

IV — Na emissiva do visitador vieram os padres Fernão Cardim, autor desta relação, e Rodrigo de Freitas, que já estivera em Pernambuco de 1568 até fins de 1574, quando, com o sr. Antonio de Salina, veio para a Bahia, de onde seguiu para Lisboa, levando em sua companhia o indio Ambrosio Pires (o não Rodrigo, como está na edição de Vinhazen e edições posteriores), segundo se lê no texto. Veio tambem o irmão Da Sabé Tello, o buscador de herimbau que antes fôra secretario do padre Simão de Azevedo. A Christovão de Souza acompanhava esse irmão em toda a sua visita do Brasil e com elle veio a Portugal, soffrendo na jornada as mesmas vicissitudes. Certo, muitas vezes, com sympathia se refere a Domalé Tello. Na lista não se encontra o nome do irmão e cego Martinho ou Martin Vaz, que estava da *Nyctalis Jacobina S. vigilia Jera u. Inimônia*, do padre Augusto Franco, excerptada por Adriano Henriquez (Lisboa, 1874), t. II, ps. 189-222. — Sobre o padre Rodrigo de Freitas o que se sabe limitava-se á noticia supra. Documentos não divulgados (1937) me fizeram melhor a seu respeito. Veio para o Brasil com Thomé de S. ao já era cavalleiro da casa real e tinha um officio de fazenda, o de escriptão da matricula geral. No governo de D. Duarte da Costa, em "as nuaças deste tempo e a má vontade que me tem o governador e o ouvidor (Braz Franca), que tambem serve de provedor mayor", — foi preso, condemnado em dizeado e em dinheiros sob acca-

sação de alcance verificado nos livros do armazem da matricula *Apontamentos da escriptão do Salvador Rodrigo de Freitas* (1555), in *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. III, ps. 366(371). Era casado: sua esposa morreu no naufragio da nau *Nossa Senhora da Ajuda*, e m. o primeiro bispo do Brasil, o deão, dois conegos, o provedor maior e outras pessoas. Por provisão real de 5 de Outubro foi nomeado escrivão das rendas de sua Alteza no Brasil, officio que devia ser mais vantajoso do que o que tinha antes. Por esse tempo ficara viuvo. Em 4 de Outubro do anno que está em branco no documento, mas é o de 1560, Men de Sá proveu em seu cargo a Sebastião Moraes, "por Rodrigo de Freitas... se metter na Ordem dos Padres da Companhia de Jesus e não poder servir a dito officio, conforme a Direito, e Ordeção de Sua Alteza..." — *Documentos Historicos*, vol. XXXVI, ps. 132-133.

V — Os frades Bentos vieram estabelecer-se na Bahia durante o governo de Lourenço da Veiga (1 de Janeiro de 1578 a 11 de Junho de 1581). Segundo Azeiteira — *Informações e Documentos Historicos* (Rio de Janeiro, 1889), ps. 12. "Em anno de 83 vieram dois de S. Bento com ordem de seu Geral. A estes se deu um bom sítio na Bahia e uma igreja de S. Sebastião, e fazem já mosteiro: são tres por toãos até agora e cotteçam a receber alguns outros a ordem". Delles foi o primeiro frei Antonio Ventura. Manuel Telles Barreto, em carta a el-rei d. Sebastião, de 14 de Agosto de 1584, respondendo a outra de recommendação em favor dos Benedictinos, escreveu que "haviam sido muyto bem recebidos, que iam em crescimento, mas que necessitavam que S. M. lhes fizesse alguma esmola". — Citação de Varnhagen — *Historia Geral do Brasil* (2.^a edição) t. I, ps. 354 -- Ver Barthazar da Silva Lisboa — *Anaes do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1835) vol. VI, ps. 265 e segs., e com mais pormenores e mais copiosa documentação sobre a Ordem dos Benedictinos no Brasil, a excellente memoria do dr. B. F. Ramiz Galvão, na *Revista do Instituto Historico*, t. 35, parte 1 (1872), ps. 249 e segs.

VI — Na edição de Varnhagen, de 1847, como nas duas reimpressões de Mello Moraes e na da *Revista do Instituto Historico*,

t. 65, parte I (1902), vem a chegada á Bahia a 9 de Março, e o seguinte que contrignos para 9 de Maio, de accordo com a cópia de Evora.

VII — Gregório Serrão entrou para a Companhia em 1550, em Coimbra, e chegou á Bahia no terceiro socorro, a 13 de Julho de 1553, com o padre Luiz da Grã e outros padres e irmãos, entre os quaes Joseph de Anchieta; vinha ainda como irmão ou escolar e exercia o officio de enfermeiro. Em Piratininga residiu muito tempo em companhia do irmão Manuel de Chaves, aprendendo a lingua da terra e ensinando os medicos da escola. Passados alguns annos desses exercicios, foi mandado para a Bahia, onde em Julho de 1562 recebeu das mãos do bispo, d. Pedro Leitão as ordens sacerdotaes. Serviu como rector do collegio da Bahia cerca de vinte annos e nesse interim, em fins do anno de 1575, foi mandado á Roma na qualidade de procurador da provincia, sendo geral ao tempo o padre Everardo Mercuriano. Tendo exposto alli e em Portugal a importancia de Pernambuco, e como estava povoado de gente nobre e rica, conseguiu que se fundasse collegio naquella capitania e se dotasse para vinte, o que foi feito logo em 1576, sendo esse collegio o terceiro do Brasil. Em 1578 regressou á provincia, trazendo em sua companhia dezeseis padres e irmãos, que foi o maior contingente que chegou ao Brasil no século XVI. Doente, e como sua enfermidade não tivesse melhoria, entendeu o provincial, que era então Anchieta, de mandá-lo para o Rio de Janeiro, com esperanza de que, mudando de clima, lograsse allivio a seus males. Em viagem, o navio em que vinha com outros padres e irmãos arribou ao Espírito Santo e ali falleceu o padre Gregório Serrão, a 25 de Novembro de 1586, com trinta e seis annos de Companhia e trinta e tres de Brasil. Foi enterrado na capella de Sant'Iago, onde mais tarde foi sepultado o corpo de Anchieta, o provincial que, segundo as chronicas, ao ordenar-lhe seguisse viagem, lhe dissera propheticamente: — "Vade frater, quia postea nos conjungit locus."

Na *Amerita Abreviada* do padre João de Sousa Ferreira, inserta na *Revista do Instituto Historico*, t. 57, parte I (1894), vem a restituição, que assignou com o bispo (d. Antonio de Bar-

reiros) e o ouvidor-geral Cosme Rangel, sobre os injustos captiveiros dos índios, na qual se criticam as determinações nesse sentido tomadas pelos governadores Luiz de Brito e Antonio de Salema, e se indicam os remédios para o aumento e conservação do estado do Brasil.

VIII — O padre Manuel de Barros chegou à Bahia com a grande léva que trouxe o padre Gregorio Serrão em 1578. Era dos melhores pregadores que havia na provincia, — informa Cardim, que a elle se refere mais de uma vez. Manuel de Barros falleceu na Bahia em 1587.

IX — Dos Monizes de Portugal trat. Brancamp Freire — *Brasões da Sala de Cintra* (Lisbôa, 1859), vol. II, ps. 234, 262. No reinado de d. João I viveu Vasco Martins Moniz, filho de Branca Lourenço e de Martin Fagundes, que pelas eras de 1415 a 1417 foi encarregado da guarda e arrecadação dos egrejaes reais de Beja, Serpa, Moura, Mourão e Olivença. Casou Vasco Martins com Brites Pereira e foi o progenitor dos alcaides môres de Silves, dos senhores de Angeja e de varios ramos no continente e nas ilhas. Outro Moniz, Febos Moniz, floresceu no reinado de d. Manuel. Nas côrtes celebradas em Lisbôa, de Fevereiro a Março de 1494, em que se deliberou sobre a jornada do rei e da rainha para serem jurados os príncipes herdeiros de Castella e Aragão, se encontra nomeado Febos Moniz entre os officinaes môres e fidalgos. Danião de Góes — *Chronica do Serenissimo Rei D. Emmanuel* (Coimbra, 1790), parte I, cap. XXVI, ps. 54.

O governador Manuel Telles Barreto era filho do capitão Henrique Moniz Barreto, que no anno de 1529, a 1 de Setembro, seguiu para a India commandando a náu *Concepção*, uma das quatro da armada do capitão-mór Diogo da Silveira. Henrique Moniz falleceu no mar, e levava consigo dois filhus de pouca idade, Antonio Moniz, que depois foi governador da India, e Ayres Moniz. Diogo do Couto — *Décadas* (Lisbôa, 1778), t. I, parte II, ps. 39; Frei Luiz de Sousa — *Anuaes de Elrei Dnm João Terceiro* (Lisbôa, 1844), ps. 258; Manuel Xavier — *Compendio Universal* (Nova Gôa, 1917), ps. 18.

X — Segundo Cardim, existiam no collegio da Bahia, quando chegou o visitador Christovão de Gouvêa, duas cabeças das Onze mil virgens; o padre trouxe mais outra. Até 1584, conforme Anchieta — *Informações* citadas, ps. 25, havia em todo o Brasil seis dessas reliquias, que o texto assim distribue: tres no collegio da Bahia, uma em Pernambuco, uma no Rio de Janeiro; quanto à restante estaria talvez em Piratininga. Naquelle anno foi creada na Bahia a irmandade das Onze mil virgens. Dos *Annaes Litterarij*, excerptados por A. Henriques Leal — *Apontamentos* citados, t. II, ps. 165, consta referencia ao facto: "Faltando chuvas e havendo muita seca, fizeram preces e procissão nocturna indo nella um auctor com a cabeça de uma das Onze mil virgens, e logo se tornou o céu, e começou a chover". Representaram os padres por essa occasião um mysterio ou auto das Onze mil virgens: "o publico chorava (dizem os *Annaes*), e não se pôde significar quanto começámos a ser procurados e concorridos depois desta solemnidade".

A irmandade das Onze mil virgens dispensou o bispo d. Antonio de Barreiros favores valiosos e prometeu dar perpetuamente a cêra para o altar.

XI — Refere-se Cardim á quinta do Tanque, que actualmente é conhecida por quinta dos Lazares, situada no arrebalde de Brotas, a uma legua da cidade da Bahia. Ali viveu o padre Antonio Vieira os ultimos annos de sua vida.

XII — O collegio da Bahia foi o segundo estabelecido no Brasil, sendo o primeiro o de S. Paulo de Piratininga. O anno de sua fundação foi o de 1556, quando o padre Manuel da Nobrega voltou do Sul, tendo desistido de ir ao rio da Prata. Por provisão de 7 de Novembro de 1564, el-rei d. Sebastião dotou o collegio para sessenta irmãos. "Como a cidade da Bahia teve grandes augmentos nos engenhos de assucar e fazendas, e muito trato de portuguezes, e como é o assento dos governadores e bispos (estreve Anchieta — *Informações* citadas, p. 23), assim tambem cresceu muito, porque todos os irmãos que eram mandados de Portugal vinham a elle (collegio) e proseguiu seu estudo muito de proposito, abrindo-se escolas para todos os de

fôra. Nella ha de ordinario escola de ler, escrever e algarismos, duas classes de humanidades, leram-se já dois cursos de artes, em que se fizeram alguns mestres de casa e de fóra e agora (1584) se acaba terceiro. Ha lição ordinaria de casos de consciencia, e ás vezes, duas de theologia, donde sahiram já alguns maucobos prégadores, de que o bispo se aproveita para a sua sé, e alguns curas para as freguezias. A este collegio estiveram subordinadas todas as casas das capitánias, até que houve outros collegios, e agora não são mais a elle subordinadas que as dos Ilhéos e Porto Seguro”.

A dotação real era de tres mil ducados de renda annual, “que seus officiaes pagam muy mal, pelo que o collegio está envidado” — lastima Anchieta. *ibi*, ps. 36. A cal de ostra, como chama Cardim, era a extrahida dos *sambaquis*: no *Clima do Brasil*, cap. XVIII, quando trata das ostras, allude a esses montes de cascas, de um só dos quaes se “fêz parte do collegio da Bahia, os paços do governador, e outros muitos edificios, e ainda não he esgotado”. — Veja Gabriel Soares — *Tratado Descriptivo do Brasil em 1587* (Rio de Janeiro, 1851, ps. 355|356.

XIII — A aldêa do Espirito Santo era uma das tres povoações de indios christãos que o collegio da Bahia por esse tempo tinha a seu cargo. Uma carta do padre Ruy Pereira aos da Companhia em Portugal, datada de 11 de Setembro de 1560, que publicou Acuña — *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia*, t. III (Bahia, 1836), ps. 235 253, refere-se á igreja do *Sancti Spiritus*, que distava da Bahra até seis leguas pouco mais ou menos. Haveria dois annos que andavam padres nessa povoação, em que se ajuntaram sete aldêas com mil almas christãs. Segundo Anchieta — *Informações* citadas, ps. 38, accorde com Cardim, a aldêa ficava a sete leguas da Bahia; das outras duas, Santo Antonio distava oito e S. João quatorze leguas daquella cidade. As tres deviam ter 2.500 pessoas, e dois ou quatro padres residiam em cada uma. Em G. Soares — *Tratado descriptivo* citado, ps. 50, ha noticias dessas aldêas. Uma relação anonyma, mas de procedencia jesuítica, tal vez da autoria do padre Luis da Fonseca, intitulada *Trabalhos dos primeiros Jesuitas no Brasil*, publicada na *Revista do Insti-*

tuto Historico, t. 57, parte I (1894, ps. 213|249), informa sufficientemente sobre esse assumpto.

A aldêa do Espirito Santo é hoje Abrantes.

XIV — *Tapyara*, *tapyára* ou *tapejára*, é vocabulo tupi composto de *ape* caminho, que recebe *t* generico ou absoluto, e *yára*, do verbo *yár* tomar: o que toma, senhor, dono, sabedor do caminho. guia var. *yara*: ussira e xessira. n. *Diccionario Portuguez e Brasiliano* (Lisbõa, 1795).

XV — O homem rico, que agasalhou o visitador e sua comitiva, é possível fosse Sebastião Luis, que tinha na região uma fazenda. — Gabriel Soares — *Treatado do Brazil*, citada, 51.

XVI — *Cumani* é vocabulo tupi e significa menino. Em Anchieta — *Arte de Grammatica*, reimpressão de Platzmann (Leipzig, 1876), ils. 9 v., vem *cumani* menino; mas no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, citada, está *carami* rapaz.

XVII — *Auhungá*, melhor *auhinga*, é vocabulo tupi, que significa alma do mal: *ai* mal, *ang* alma, isto é, diabo, demõ, demonio. No *Diccionario Portuguez e Brasiliano* tem a unica accepção de fantasma. Coni. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba *auhang*.

XVIII — *Murubixaba*, chefe da tribu. principal. No *Tesoro* de Montoya vem *mburubichá*, que se compõe de "pó continens, y *tubichá* grande, el que contiene en si grandeza. Principe, Señor". — Coni. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba *morubixaba*.

XIX — *Ereipe* é dicção tupi, que assim se decompõe: *eré* tu, *jír*, do verbo *ain*, vieste e *pe*, particula interrogativa: tu vieste? Era a fórma de saulação commum aos povos da fam'ia Tupi, o *s'wahá* a raça, na comparação apropriada de Varnhagen — Coni. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba.

XX — Ver nota XIII. Nesse passo a informação de Cardim não combina com a de Anchieta, que faz distar a aldêa de S. João quatorze leguas da Bahia.

XXI — O irmão Francisco Dias foi um dos que vieram na lèva do padre Gregorio Serrão, em 1578. Falta-nos noticias a seu respeito.

XXII — Os engenhos *copiões* são aquelles cuja rôda se móve com agua, que cãe de cima nos cubos mais altos; *rasteiros*, tambem chamados *meio-copiões*, quando a rôda toma a agua pelo meio, abaixo do eixo: *trapiches* são os de almanjarras, de tracção animal.

XXIII — *Guianirés*, são os Aymorés, que Anchieta, nas *Informações*, chama *Guianures*. — Conf. Baptista Cactano — *Índios do Brasil*, verba.

XXIV — Segundo Anchieta — *Informações* citadas, ps. 4, as terras do Camamu, doadas por Men de Sá ao collegio da Bahia, eram doze leguas em quadra com oito aguas para engenhos de assucar. Gabriel Soares — *Tratado descriptivo* citado, ps. 34, diz que os padres da Companhia possuíam ali terra com dez leguas de costa "por lhe fazer de'la doação Men de Sá".

XXV — A capitania de Ilhéos pertenceu primeiro a Jorge de Figueiredo Corrêa e Alarcão, por carta de doação de el-rei d. João III, de 26 de Julho de 1534. Jorge de Figueiredo, escrivão da fazenda real, não querendo deixar este cargo delegou poderes ao espanhol Francisco Romero para estabelecer a colonia. Romero, de facto, fundou a villa de S. Jorge, que administrou militarmente, repellindo os primeiros assaltos dos indios; mas, ignorante da legislação do reino, taes arbitrariedades commetteu no governo civil, que os colonos o forçaram a ir á presença do donatario. Esse o mandou repór, com o que concorreu para a rapida decadencia da capitania, que chegou a ser por aquelles tempos uma das que mais rendiam.

Jorge de Figueiredo havia passado a capitania a seu filho segundo Jeronymo de Alarcão Figueiredo, por desistencia do mais velho que era Ruy de Figueiredo; aquelle a passou a Lucas Giraldes, por escriptura de venda de 10 de Novembro de

1560, confirmada por carta real de 6 de Junho do anno seguinte. Desse donatario diz frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, citada, ps. 100, "que nella metten grande cabedal, com o que veio a ter oito engenhos ainda que os feitores (como costumam fazer no Brasil) lhe davam em conta a despesa por receita, mandando-lhe mui pouco ou nem um assucar. Pelo que elle escreveu a um florentino chamado Thomaz que lhe pagava com cartas de muita eloquencia: Thomazo, qu'ere que te diga, manda la asucre, deixa la parol'e, e assignou-se sem escrever mais letra". Fallecendo Lucas Giraldes, veio a capitania ter ás mãos de seu filho Francisco Giraldes, confirmado por carta de 10 de Agosto de 1566.

Francisco Giraldes foi nomeado para succeder Manuel Telles Barreto no governo geral do Brasil, em 9 de Março de 1588. Vindo assumir suas funcções, a não em que viajara andou á matroça durante quarenta dias da Maldeira para a costa da Guiné, sem conseguir transpôr a linha, arribando afinal para as Antilhas sem tocar no continente. Depois de um anno e meio de navegação, voltou a Lisboa, em fins de Setembro de 1589. O contratempo arreieceu o animo do governador, que ao cab: desistiu do cargo.

Ainda neste passo o que diz Cardim concorda com o que se lê em Auchieta — *Informações* citadas, ps. 39, com a differença de conterem estas mais minucias.

XXVI — O administrador, a que Cardim se refere, é Bartholomeu Simões Pereira, que chegou ao Brasil nos ultimos dias de 1577, com o governador Lourenço da Veiga. O papa Gregorio XIII, pelo breve *Novi Orbis*, de 19 de Julho de 1576, desmembrou do bispado do Brasil o territorio do Rio de Janeiro e capitancias vizinhas, para nelle crear uma prelasia com jurisdicção ordinaria e independente, *ad instar* das de Ormuz, Moçambique, Sofala e Malaca. No breve se declarou expressamente que a nomeação do administrador competia a el-rei e devia caber á pessoa examinada e approvada pelo tribunal da mesa de Consciencia e Ordens. Por carta de 11 de Maio de 1577 d. Sebastião nomeou Bartholomeu Simões Pereira, clérigo do habito de S. Pedro, bacharel formado, distincto por virtudes e letras,

com o ordenado annual de 200\$000, além de 40\$000 de mercê ordinária.

Empossado de sua prelacia, em data que não foi possível determinar, o administrador em Setembro de 1583 estava de visita à capitania de Porto Seguro, como se vê do texto, annos depois passou a viver na capitania do Espirito Santo, malquisto do povo do Rio de Janeiro, isso depois de 1 de Julho de 1591, porque nessa data assignou a provisão que inhibia ao vigario da matriz de S. Sebastião de intrometer-se nas eleições de provedor e mesarios da Misericórdia, e naquelle mesmo anno approvava, no Espirito Santo, a escriptura de doação da capella de N. S. da Penha, feita pela viuva do donatario d. Luiza Grinalda, com intervenção e consentimento das camaras de Villa Velha e Victoria. A razão da malquerença não está elucidada. Segundo Pizarco — *Memoirs Historicos do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1820), t. ps. 36, — “o seu heroismo no empenho de reformar os sentimentos viciosos dos habitantes da Provincia, de intrui-los nos deveres da Religião Catholica, e de plantar em corações pouco doces a obediencia aos preceitos do Evangelho, da Igreja”, — seria mal recompensado, pelo que o administrador, “farto de procedimentos assás ingratos, sacudiu o pó dos sapatos” e foi viver no Espirito Santo.

Balthazar da Silva Lisboa — *Apostamentos para a Historia Ecclesiastica do Rio de Janeiro* (Ms. do Instituto Historico), attribue a indisposição dos habitantes do Rio de Janeiro contra o administrador a outro motivo, como fosse occupar-se elle de mais das cousas externas da jurisdicção civil, tomando conta das testamen-tarias, que até por direito das concordatas, em Portugal, só tomavam os prelados as dos nizes de suas alternativas; procedendo por censuras ecclesiasticas contra os que se negavam a receber as suas constituições, que lhe aumentavam os réditos, e a reconhecer a sua autoridade, que não era a de Jesus Christo, mas de seu particular interesse.

Bartholomeu Simões Pereira viveu no Espirito Santo alem de Junho de 1597. Nesse mez esteve presente ao enterro de Anelieta, na casa de Sant'Iago, que a Companhia tinha ali, e prégou nos funeraes; foi quem primeiro o chamou “apostolo do Brasil”. — Simão de Vasconcellos — *Vida do Veneravel Padre Joseph de Au-*

chieta (Lisbôa, 1672), ps. 351: Pero Rodrigues -- *Vida do Padre José de Anchieta, in Anuacs da Bibliotheca Nacional, vol XXIX (1907), ps. 224.*

Segundo Pizarro (*loc. cit.*), o administrador acabou com suspeitas de envenenado.

XXVII — A ermida de N. S. da Ajuda foi fundada na capital do Porto-Seguro pelo padre Francisco Pires, que chegou ao Brasil em 1550 e morreu no collegio da Bahia, em Janeiro de 1586. Uma carta de Francisco Pires para os irmãos de Portugal, sem data, mas provavelmente de fins de Junho de 1551 a Janeiro de 1552, porque se refere á estada de Nobrega em Pernambuco, que embarcou aquelle periodo de tempo — foi ultimamente impressa ou reimpressa por Braz do Amaral — *Memorias Historicas Politicas da Bahia*, citada, ps. 364-366.

XXVIII — Vicente Rodrigues chegou ao Brasil em 29 de Março de 1549, na primeira leva de jesuitas conduzida pelo padre Manuel da Nobrega; ainda não tinha todas as ordens sacras, que depois recebeu aqui. Na obra de catechese o padre Vicente Rodrigues correu toda a costa; falleceu no Rio de Janeiro, em 9 de Junho de 1598, com quarenta e nove annos de Brasil. Nobrega — *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro, 1896), ps. 48, chama-o de Vicente Rijo, que era o sobrenome de seu irmão, o padre Jorge Rijo, ministro do collegio de Coimbra durante cincoenta annos. Foi esse ministro que educou Anchieta. Jorge Rijo falleceu naquelle collegio em 15 de Julho de 1614, com oitenta e sete annos de idade e sessenta e sete de roupa. Com *Antologia Lusitana*, t. IV, ps. 171, letra *I*.

XXIX -- Ao caso milagroso da fonte que brotou sub o altar, refere se Bathazar Telles — *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal* (Lisbôa, 1645), parte 1.^a, ps. 467-468. Com mais pormenores está em Simão de Vasconcellos — *Chronica da Companhia de Jesus no Estado d' Brasil* (2.^a edição, Rio de Janeiro, 1864), ps. 137-139. Vasconcellos invoca o testemunho do padre Orlandino, que tambem se occupa da maravilha. Gabriel Soares — *Tratado descriptivo* citado, ps. 63, escreve a respeito: "De

Porto Seguro á villa de S.º Amaro é uma legua, onde está um pico mui alto em que está uma hermita de N. S. da Ajuda, que faz muitos milagres". Frei Vicente Salvador — *História do Brasil* citada, refere: "Edificou (Pero do Campo Tourinho) mais a villa de Santa Cruz e outra de Santo Amaro, onde está uma hermita de Nossa Senhora da Ajuda, em um monte mui alto, e no meio d'elle, ao caminho por que se sóbe, uma fonte de agua milagrosa, assim nos effeitos que Deus obra por meio d'ella, dando saúde aos enfermos que a bebem, como na origem que subitamente a deu o Senhor alli pela oração de um religioso da Companhia, segundo me disse, como testemunha de vista e bem qualificada, um neto do dito Pero do Campo Tourinho e do seu proprio nome, meu condiscipulo no estudo das artes e theologia, e depois deão da Sé desta Bahia." — Ver ainda Anchieta — *Informações* citadas, ps. 73; Jabotão — *Novo Orbe Brasileiro* (Rio de Janeiro, 1858), vol. I, ps. 81, e Pero Rodrigues — *Vida do Padre José d'Anchieta* citada, ps. 193. Na *História dos Collegios do Brasil*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XIX (1897), ps. 104, ha referencias ao facto. Uma lista dos milagres causados pela fonte de Porto Seguro encontra-se em *Algumas cousas mais notaveis do Brasil*, impressas no *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1904, e reproduzidas na *Revista do Instituto Historico*, tomo XCIV. — Ali apparece o nome do irmão Manuel Tristão, enfermeiro do collegio da Bahia, a quem Paredes pretende attribuir a autoria dos escriptos de Carlini.

XXX — Refere-se ao padre Joseph de Anchieta, que foi o sexto provincial do Brasil, e o era ao tempo da visitação do padre Christovão de Govêa.

XXXI — A aldêa de Santo André mandou fundar o provincial Luiz da Grã em Novembro de 1561, a trinta leguas da Bahia, e já estava povoada em 1562. Ver *Trabalhos dos primeiros Jesuitas no Brasil*, citado, ps. 219.

XXXII — Dia do Aajo (e não 1.º dia do anno, como leu Varnhagen) deve ser o dia 29 de Setembro, de S. Miguel Archânjo.

XXXIII — Da capitania de Porto Seguro o primitivo donatário foi Pero do Campo Tourinho, que em 1535 assentou a primeira villa no litoral vizinho ao sitio em que Cabral fizera plantar a cruz. Esse donatário teve no Brasil a existencia attribulada que se conhece. Em Porto Seguro, a 24 de Novembro de 1546, foi preso, logo submettido a longo processo e afinal remettido acorrendo ao Tribunal da Inquisição de Lisboa, por crime de heresia e blasphemia, — escreve Capistrano de Abreu, nos *Prolegomenos* citados, ps. 81. Para o facto encontrou o mestre explicação no que denunciou o sexagenario Gaspar Dias Barbosa á mesa do Santo Officio na Balua, embora com seus dizeres não concordem em todos os pontos do processo ainda existente, de que têm sido divulgados alguns excerpços: “na capitania de Porto Seguro André do Campo e Gaspar Ferrandês, escrivão, e uns frades da ordem de S. Francisco e outras pessoas que lhe não lembram, ordenaram autos e tiraram testemunhas e prenderam a Pero do Campo, capitão e governador da dita capitania, pae do dito André do Campo, e o enviaram preso ao reino por parte da Santa Inquisição, dizendo que era hereje e depois ouviu dizer que fóra aquillo inventado para o dito André do Campo ficar em logar do pae, como ficou”. — *Primeira visitação ás partes do Brasil* (S. Paulo, 1922), ps. 2. — Antes disso, em Lisboa, a 13 de Setembro de 1543, João Barbosa Paes denunciára Pero do Campo por se dizer Papa e rei e fazer trabalhar aos domingos. Levado para o reino, como ficou dito, ainda em 1550 respondia a interrogatoria. Do que se conhece desse processo, uma coisa resalta ao primeiro exame, era Pero do Campo homem de lingua solta e mordacidade exagerada. Vivia ainda, provavelmente em Lisboa, em 1554, porque, a 19 de Novembro, com sua mulher d. Inez Fernandes Pinta renunciava em favor de seu filho Fernando do Campo os direitos da donataria, — conforme a Varnhagen annotou Capistrano de Abreu — *Historia Geral*, 3.^a edição (Rio de Janeiro, 1906), t. I e unico publicado, ps. 255. Fallecendo Fernando do Campo sem filhos, legou a capitania á sua irmã J. Leonor do Campo, casada com Gregorio da Pesqueira, a qual obteve confirmação por alvará de 20 de Maio de 1556. Outro alvará, de 16 de Junho de 1559, concedeu-lhe licença para vendê-la ao duque de Aveiro, venda concluída em 10 de Agosto

daquelle anno e confirmada a 6 de Fevereiro do seguinte, pelo preço de 100\$000 de juro á razão de 12\$500 o milheiro, 600\$000 em linheiro de contado e dois moios de trigo em cada anno, enquanto visesse d. Leonor. O duque de Aveiro, d. João de Lencastre, falleceu em 22 de Agosto de 1571, passando a capitania a seu filho e successor d. Pedro Diniz, que era o donatário ao tempo em que estrevia Cardim. Ao texto ajusta-se o que disse Anchieta — *Informações citadas*, ps. 39^o40.

XXXIV — O padre Ignacio de Tolosa chegou ao Brasil em 21 de Abril (9 kal. maio) de 1572. Veio como provincial, que foi o quinto, em substituição ao padre Ignacio de Azevedo, trucidado com muitos companheiros, em 15 de Julho de 1570, por piratas huguenotes commandados por Jacques de Sorez. Tolosa era espartol, natural de Medina Coeli; entrou para a Companhia em Portugal, e como era doutor em Theologia, professou essa materia em Coimbra. Exerceu o provincialato de 1572 a 1577, sendo substituído por Anchieta. Era reitor do collegio do Rio de Janeiro ao tempo da visitação do padre Christovão de Gouvêa. Falleceu em 24 de Maio de 1611, no collegio da Bahia. — Conf. *Agologio Lusitano* t. III, ps. 390, letra N, e 398.

XXXV — O padre Quirício Caxa veio para o Brasil em 1563. Era espartol. Foi reitor do collegio da Bahia durante os dois annos em que o padre Gregorio Serrão esteve como procurador da provincia em Roma e Portugal. De sua autoria ha uma carta escripta da Bahia, em 13 de Julho de 1567, ao padre dr. Dingo Mirão, provincial em Portugal, e impressa nos *Annos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXVII (1905), ps. 259^o265, relatando um combate entre francezes e portuguezes, commandados estes por Estacio de Sá. Em carta do padre Fernão Cardim ao geral Claudio Aquaviva, de 8 de Maio de 1606, diz aquelle que, quando foi eleito na congregação provincial para ir tratar em Roma cousas de importancia para bem da provincia do Brasil, entre outros papeis que levou foi na da *Vida* do padre Joseph de Anchieta, escripta pelo padre Quirício Caxa, segundo as informações muito certas que o padre Pero Rodrigues, sendo provincial, lhe deu por escripto de padres da Companhia que com o Thaumalurgo

tratarem. Do destino dessa *Lista* não se sabe. Outras cartas suas estão publicadas; inéditas devem também existir algumas.

Ainda vivia na Bahia ao tempo em que Heitor Furtado de Mendonça lá esteve como visitador da Inquisição: em Agosto de 1591 advertia ao dr. Ambrosio Peixoto de Carvalho, desembargador e provedor-mór dos defuntos e ausentes, de certa heresia proferida em sua presença, que este se apressou em confessar á mesa do Santo Offício — *Primeira visitação* citada, ps. 54. — Em Janeiro do anno seguinte, devia ter ouvido em confissão os peccados escabrosos de Marcos Barroso, passando recibo para a mesa ver. — *Ibi.*, ps. 153.

XXXVI — Luis da Fonseca nasceu em Alcalade, villa do Alentejo, em 1550; entrou para a Companhia em 1569 e nesse mesmo anno foi enviado para o Brasil, aqui recebendo as quatro ordens, conforme narra Cardim no texto. Foi vice-reitor do collegio da Bahia durante o impedimento por ausencia e enfermidade do padre Gregorio Serrão, e reitor quando este não pôde mais fazer seu officio. Em 1589 era socio ou secretario do provincial e em 1591 ou principios de 1592, reunida a congregação da provincia para a eleição do procurador que devia ser mandado a Roma, a escolha nelle recaiu. Sabe-se que desempenhou bem sua missão. Presume-se de sua autoria a memoria anonyma sobre os *Trabalhos dos primeiros Jesuitas no Brasil*, citado. Uma sua carta, escripta por commissão do provincial Ignacio de Tolosa, datada da Bahia em 17 de Dezembro de 1577 e dirigida ao geral Everardo Mercuriano, primeiro divulgada através da traducção franceza das *Letres du Japon, Peru et Brasil* (Paris, 1578), ps. 73|79 é documento unico sobre a expedição do dr. Antonio de Salema a Cabo-Frio, em que desbaratou os tamojos alli fortificados. Uma versão italiana dessa mesma carta publicou o meritorio barão de Studart nos *Documentos para a Historia do Brasil*, vol. II, ps. 17|73. Da traducção franceza utilizou-se o dr. Capistrano de Abreu para reconstituir magistralmente a narração daquella tragica jornada, em artigo publicado na *Gazeta de Noticias*, de 6 de Novembro de 1882, sob o titulo de *Gravetos da Historia Patria*, transcripto ent hõa hora por Macedo Soares, em nota á segunda edição do *Regimento das Corporações Municipaes*, de Cortines Laxe (Rio de Janeiro, 1885),

ps. 81-85 e na *História Geral* de Varnhagen, tom. 1, ps. 477-478, da 4.^a edição.

XXXVII — O padre Antonio Gomes devia ter vindo ao Brasil antes de 1583, porque em fins desse anno em principios do seguinte voltava como procurador para tratar em Roma e Portugal. Falta depoimentos a seu respeito. Na *Synopsis* de Franco, referente a 1609, occorre um homonymo, que não deve ser o proprio, porque não vem qualificado como padre.

XXXVIII — Gabriel Soares — *Tratado descriptivo* citado, ps. 132, escreve: "... e vai correndo esta liebreira (Pirajá) do mar da Bahia com esta formosura até Nossa Senhora da Escada, que é uma formosa igreja dos padres da Companhia, que a tem, muito bem concertada; onde ás vezes vão convalescer alguns padres de suas enfermidades, por ser o logar para isso; a qual igreja está uma legua do Rio de Pirajá e duas da cidade."

XXXIX — Vicente Gonçalves chegou no Brasil em 1578, na grande turma do padre Gregorio Serrão; na Bahia recebeu as quatro ordens. Nada mais sobre elle se consegue apurar.

XL — O sacerdote, em cuja casa foi agasalhado na noite de 3 para 4 de Janeiro de 1584 o visitador com a sua comitiva, parece ter sido o padre Gonçalo de Oliveira, que depois entrou para a Companhia. A ella posteriormente fez reclamação por motivo de certas doações de seus bens, e foi despedido. Uma carta de Anchieta, sem data, mas de 1590, é informação unilateral sobre o caso. — *Annuaire da Bibliotheca Nacional*, vol. XIX (1897), ps. 65,67 — (A sugestão feita nesta nota foi confirmada pela autoridade sem par de Sarafim Leite, no artigo *Por commissão de Manuel da Nóbrega...* — publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio, de 4 de Dezembro de 1934, onde se colhem completas noticias sobre o padre Gonçalo de Oliveira).

XLI — *Abaré-guaçu* é vocabulo tupi que significa padre grande, bispo. O nome *Abaré* compõe-se de *abú* homem, *ré* diferente, diverso, como era o padre dos outros homens, no conceito do indio.

Em Luiz Figueira — *Grammatica Braslica* (Lisbôa, 1687), ps. 6, vem *Abaré guaçu agoatá*, o padre grande passêa. — *Pay*, que se encontra tambem no texto, é outro synonymo de padre: no *Diccionario Portuguez Brasilano* citado, o padre da Companhia era *pay-abuaa*; o de Santo Antonio *pay-tucúva*, etc. *Pay-guaçu* é o mesmo que *abaré-guaçu*. — Conf. Baptista Caetano — *Judicis do Bras'l*, verba *abaré*.

XLII — Era de uso tomarem os indios que se baptisavam nomes de personalidades importantes. Com o de Martin Afonso de Sousa dois passaram á historia: Araryböia e Tibyriçá; Men de Sá chamou se esse de que Cardim faz menção; Vasco Fernandes, Antonio de Sa'ema e Salvador Corrêa foram outros do Rio de Janeiro. Muitos foram os que adoptaram os nomes dos portuguezes que os levaram á pia baptisinal.

XLIII — A confissão da gente da terra, que não sabia fazer a lingua dos padres, foi objecto de duvida, que o padre Manoel da Nobrega, em carta da Bahia, depois de 15 de Agosto de 1552, ao padre-mestre Simão, submetteu á disputa no Collegio de Coimbra, pedindo o parecer dos principaes letrados da Universidade. No dizer de Nobrega, "parece cousa nova, e não usada em a Christandade, posto que *Caiet. in summam*, 11.^a *condit.*, e os que allega *Nou. c. frates n. 85, de penit. dest. 5.^a* digam que pôde, posto que não seja obrigado". — Nobrega — *Cartas do Bras'l* citadas, ps. 140. A duvida foi solvida pela affirmativa, porque Cardim confessava por interprete. Esse devia prestar o juramento de sigillo sacramental:

XLIV — A phrase tupi — *xé rair tupã loçô de hironomo*, traduzida no texto por — filho, Deus vá contigo, — pode ser assim analysada:

- xé*, pronome paciente: me, mim, de mim, meu, minha;
- rair*, *rayra*, por *tayra*, filho, mudado o *t* em *r* na composição;
- tupã* por *Tupã*, Deus;
- loçô*, do verbo *açô* ir, subjuntivo presente;
- de* por *nde*, pronome paciente: te, ti, de ti, etc.
- hironomo*, por *yronomp*, junto com.

Do que, escripta correctamente, de accordo com Anchieta e Figueira, resulta a phrase: — *x̄rayra, Tupã taçô nde yrunamo*, que se traduz literalmente: meu filho, Deus vá junto contigo.

XLV — Cabaça cheia de pedrinha é o *maracá*.

XLVI — *Oca*, nome tupi, de *oy* cobrir, tapar, resguardar: o que cobre, tapa, ou resguarda, a casa, a habitação commum, que Léry. Hans Staden e outros descrevem mais ou menos nos mesmos termos. — Coni. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba *ocas*.

XLVII — Neste passo, como nos *Indios do Brasil*, no capitulo que trata — *Do costume que têm de agasalhar os hospedes*, refere-se Cardim á saudação lacrimosa dos indios. Era costume muito generalizado entre os aborigenes do Novo Mundo, em algumas partes cerimonia rigorosa e indispensavel. Pero Lopes de Sousa foi talvez o primeiro europeu que o observou e delle nos deixou noticias mais ou menos circumstanciada, em seu *Diario da Navegação*. Elle e seus companheiros, durante quasi dois mezes de reconhecimentos effectuados no estuario do rio da Prata, tiveram frequentes contactos com os *Charrúas* ou seus consanguineos, os *Minuanos* ou *Yaros*: ao desembarcarem nas immedições do cabo de Santa Maria, foram os portuguezes recebidos com prantos pelos naturaes, como se houvessem querido despedir-se delles. Os do rio dos Begoais, informa o *Diario*, eram muito tristes e choravam durante a maior parte do tempo, ao passo que os do rio S. João não o eram tanto como seus parceiros do cabo de Santa Maria.

Léry, Thevet, Gandavo, Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos e outros, assignalam esse costume entre os Tupis do litoral brasileiro. A descripção de Léry é acompanhada de curiosa gravura que reproduz a saudação lacrimosa. As informações de Cardim não são menos interessantes do que as dos seus contemporaneos. Entre os estudos modernos da Ethnologia comparada sobre o assumpto, veja-se:

— Georg Friederici — *Der Tränenruss der Indianer* — "Globus", Bd. XXXIX, num. 2, Braunschweig 1906. — Rodolfo R.

Schuller — *El origen de los Charcos* — "Anales de la Universidad de Chile", tomo CXVIII, Santiago, 1906

— Alfredo de Carvalho — *A sondação lacrimosa dos Indios* — "Revista do Instituto Arqueológico e Geographico Pernambucano", vol. XI, Recife, 1906

NLVIII — *Tyfoya* em *típ ia* tem varios significados: *tyffoy* para Hans Staden era uma especie de saia aberta em cima e em baixo, que as mulheres vestiam; *tyfoy* para Arbeville era "Pesciarpe en laquelle les femmes portent leurs enians au col"; saia, vestido, cousa pendente, rede de cobrir, ou simplesmente rede, são outros significados que se encontram nos autores. Quanto á origem da palavra querem alguns que seja ella africana, usada pelas tribus de Angola; note-se, entretanto, que Hans Staden, sem o menor conhecimento de cousas da Africa, usou no Brasil *Tyffoy*, como escreveu. Para Baptista Caetano é tupi-guarani: *tupó*, *tupú* ou *tupó*, significa literalmente o que pende das coxas.

NLIX — Parece referir-se a Garcia d'Avila o que se lê no texto, combinando-se com o que dizem Anchieta — *Infernações* citadas, ps. 17, e Gabriel Soares — *Tratado d'criptivo*, ps. 43. Era Garcia d'Avila dos mais ricos habitantes da Bahia naquele tempo, possuidor de muitos curraes de gado em toda a costa do rio Real até além de Tatuapára, com grandes edificios de casas de vivenda, capellas e ermidas. Veio para o Brasil em 1549 como criado do governador geral Thomé de Sousa, e foi o fundador da casa da Torre. A esse, quando não era mais governador, em carta da Bahia, de 5 de Julho de 1553, queixava-se o padre Manuel da Nobrega — *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), ps. 161: "Agora entram os queixumes que eu tenho de Garcia d'Avila: é elle um homem com quem eu mais me alegrava e consolaiva nesta terra, porque achava nelle um rasto do espirito e bondade de V. Mercê de que eu sempre muito me contentei, e como o ter cá me alegrava, parecendo-me estar ainda Thomé de Sousa nesta terra Tinha elle uns Indios perto de sua fazenda. Quando o governador os ajuntava, pediu-me lhe alcançasse do Governador que lh'os deixasse, promettendo elle de os meninos irem cada dia á escola de S. Paulo, que estava meia legua d'elle, e os mais iriam aos do-

mingos e festas á missa e prégação. Concederam-lhe; mas elle teve mais cuidado de o cumprir, sendo de um admoestado, antes deixava viver e morrer a todos como Genticos; e tinha ali um homem que lhe dava pouco por elle nam os escrâtos, e muito menos o Genticos irem á missa. Pelo que fui forçado de minha consciencia a pedir que os ajunctassem com os outros em S. Paulo, e posto que ainda lh'os não tiraram, contudo elle muito se escandalizou de mim, assim que, nem a elle, nem a outro nenhum já tenho nem quero mais que Deus Nosso Senhor e a razão e justiça. se a eu tiver."

Em 28 de Julho de 1591 era o vereador mais velho da Camara da Bahia, e nessa qualidade prestava juramento publico da fé na forma do regimento que trouxera o visitador do Santo Officio Heitor Furtado de Mendonça. *P. 1.ª da Visitação citada, ps. 14-15.* Gracia d'Alja. *Velho, a'ca. 1.ª em 23 de Maio de 1699 e foi sepultado na Sé da Bahia.* — J. S. Otton — *Catálogo genealógico, in Revista do Instituto Histórico*, t. 52, parte I (1889), ps. 87.

L — *Payaguá* — Ver a nota XLI

LI — Os ninhos a que se refere o texto são os do japú, avia familia dos Interdo's (*Ostracys interdo's*, Pall.). O dr. Emilio A. Goelli — *As aves do Brasil* (Rio de Janeiro, 1894), ps. 278-9, assim os descreve: "Todo brasileiro que já viu alguma coisa de sua patria pôde ter observado os ninhos do japú. O local preferido tem um que de romantico, gigante vegetal em alto descollado, veterano entoucecido que domina a margem de um rio, sempre, porém, logar de difficil accesso; a altura do ninho é vertiginosa na maior a dos casos, e o ninho feito de preferencia em painceiras e-piñentas e arvôres congeneres, de madeira podre e lisa, que difficulta muito trepar. Ali em cima, nos galhos extremos, penduram ao vento os ninhos longos, em forma de bolsa, ás vezes muitos delles reunidos. O material empregado é principalmente barba de velho (*Tillandsia usneoides*), conhecida Bromeliacea cinzenta, que é tecida solida e artisticamente, e apesar d'isso continúa a crescer ali e ate f'ora. A entrada fica em cima: costuma ser protegida por uma tampa solta. Na bolsa quasi impossivel de rasgar, descasçam sobre uma camada de folhas seccas dois ovos esbranquiçados, com marmorização avermelhada-roxo-desbotada; a

primeira postura cãe nos mezes de Agosto e Setembro, em Novembro a segunda." O material do ninho do japú foi ha tempos objecto de uma interessante polemica scientifica entre os drs. Hermann von Ihering e Jacques Huber: ver *Boletim do Museu Gpeldi*, vol. III (1900)2) e IV (1904)6).

LII — O numero de engenhos do Recoucao combina com o que dá Gabriel Soares: trinta e seis, dos quaes vinte e um que moiam com agua, e quinze que moiam com bois. Ao tempo em que Gandavo compunha seu *Tratado da Terra do Brasil* eram apenas dezoito, "e alguns se fazem novamente".

LIII — O padre Mamel de Castro não figura na *Synopsis* de Franco; um *Crasto*, que allí vera como portuguez, sem declaração do primeiro nome, aportou ao Brasil em 1559 e era ainda irmão. Manuel de Castro, em fins de 1573, foi mandado com Pantaleão Gonçalves da Bahia para Pernambuco, e fez por mar jornada tormentosa, em que gastou quarenta dias; em Pernambuco escapou de morrer afogado, atravessando um rio a nado; na casa que allí existia, veio em Agosto de 1575 o irmão Gabriel Gonçalves ler a classe de latim em seu lugar. — Ver a *Historia de la Fundacion del Collegio de la Companhia de Pernambuco*, publicada na *Collecção de manuscritos inéditos do Bibliotheca Publica do Porto*, vol. VI (Porto, 1923), ps. 19 e 44. — A *Historia de la Fundacion del Collegio de la Companhia* (aliás *capitania*) de Pernambuco, teve nova edição correcta e anotada nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XLIX.

LIV — *Abatê* significa homem verdadeiro, homem de bem, de *abá* homem, e *etê* verdadeiro, legítimo, bom, de bem. E' translata a accepção do texto. — Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba.

LV — *Teig-upaba* ou *teyupába*, é dicção tupi, que no *Diccionario Portuguez e Brasiliano* tem o equivalente de cabana, derivado de *teyy* do povo, da gentilha, *upáô* sitio, conforme Baptista Caetano. No lexico francez penetrou o *ojoupa*, a que Rochefort — *Histoire Naturelle, et Morale des Antilles de l'Amérique*, (Rot-

terdam, 1658), ps. 522, attribue origem caraiba, significando "un appenty, un couvert, ou un auvent", e que corresponde perfeitamente ao *tejuábo* tupi, graphado *aioupane* por Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux. *Ajoupa* consigna Littré em seu *Dictionnaire*, sem indicar procedencia, mais cita duas passagens da novella *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre. Nessas passagens ocorre o termo *aioupa*.

LV1 — O padre Luis da Grã veio para o Brasil com o segundo governador geral d. Duarte da Costa, que partiu de Lisboa em 8 de Maio de 1553 e chegou à Bahia em 13 de Julho. Na mesma leva ou socorro, como chamam os chronicistas, vieram os padres Braz Lourenço e Ambrosio Pires, e os irmãos João Gonçalves, Antonio Blasques, Gregorio Serrão e Joseph de Anchieta. Na cidade do Salvador encontraram apenas o padre Salvador Pires, vindo em 1550, que falleceu dias depois, a 15 de Agosto, e o irmão Vicente Rodrigues, vindo em 1549, de quem já tratámos em outra nota. Nesse anno de 1553 foi de S. Vicente o padre Leonardo Nunes buscar reforço e levou Vicente Rodrigues, Gregorio Serrão e Joseph de Anchieta. Acabava o Brasil de ser creado provincia á parte e o padre Manuel da Nobrega nomeado seu provincial.

Luis da Grã tinha sido reitor do collegio de Coimbra, mas foi no Brasil que culminou a sua carreira sacerdotal. — Em 15 de Maio de 1555 chegou a S. Vicente; por algum tempo ali se demorou, lendo lições de casos para os irmãos da Companhia. Em Dezembro de 1559 recebeu patente de provincial para servir de parceria com Manuel da Nobrega, e exerceu o cargo até 1570. Do governador Men de Sá conseguiu fosse mudado para S. Vicente o collegio de Piratininga, "porque havia já lá moços de fóra que podiam estudar, dos quaes se ajuntaram uns poucos que estudaram", — escreveu Anchieta — *Informações* citadas, ps. 22. A mudança effectuou-se em fins de 1560, quando Luis da Grã já havia deixado S. Vicente, em demanda da Bahia, aonde chegou a 29 de Agosto daquelle anno em companhia de Men de Sá; em Outubro começava a visitar as aldeas de índios e fundava a de Santo Antonio. Sua obra de catechese tornou-se verdadeiramente notavel: em onze aldeas, em 1562, estavam reunidos para

mais de 5.000 índios. Por algum tempo foi reitor do collegio da Bahia e com o mesmo encargo passou para o de Pernambuco. Ali falleceu a 5 de Maio de 1613, com sessenta annos de Brazil. — *Consi. Agiologio Lusitano*, t. III, ps. 77, letra F.

LVII — Era o bispo d. Antonio de Barreiros e ouvidor geral o licenciado Martin I. de S. , o 'famoso genero' da conquista da Paralyba. O bispo achava-se em Pernambuco desde 20 de Março de 1584; fôra na armada de Diogo Flores de Valdez, que saíra da Bahia no primeiro dia daquelle mez. Por esse tempo, entre Julho e Outubro, falleceu d. Brites de Albuquerque, viuva do velho Duarte Coelho; fizeram-se pompasas exequias no collegio de Olinda e proferiu a oração fúnebre d. Antonio de Barreiros. Esse prelado, em 1597, tomou parte no governo da capitania de Pernambuco com Duarte de Sá, o mais velho do Senado da Camara de Olinda, no impedimento do governador Manuel Mascarenhas Honrem, que, commandando uma expedição militar, seguira para o Rio Grande do Norte.

Cardim deixou de referir um facto passado durante sua estada em Pernambuco, do qual, pelo escandaloso que levantou, teve com certeza conhecimento. Achava-se ali Pedro Sarmiento de Gambôa, a fazer provisões para levar para a estreito de Magalhães, que ia governar. Francisco Castejon, a quem competia fornecer-las, aviava-se tão devagar que o ouvidor geral Martin Carvalho, provedor-mór, estando presente d. Antonio de Barreiros, houve entre as duas autoridades aprehensiva discussão a proposito da demôra, a qual ia degenerando em luta armada, porque, saindo para a rua Nova de Olinda, acudiu muita gente em armas de uma e outra parte. Segundo frei Vicente do Salvador, foi o ouvidor geral quem apaziguou os animos exaltados; mas, conforme Sarmiento, foi graças á sua intervenção que a briga se aplacou. — Ver frei Vicente do Salvador, — *Hist. do Brasil*, liv. IV, cap. V; Pedro Sarmiento de Gambôa — *Sumaria relación*, in *Colección de Documentos inéditos del Archivo de Indias*, de d. Luis Torres de Mendoza, tomo V, ps. 403.

LVIII — Governou a capitania de 1580 a 1592, como locatente do donatario, o licenciado Simão Rodrigues Cardoso.

LIX — Olinda da Nova Lusitania foi a denominação dada pelo primeiro donatário Duarte Coelho Pereira.

LX — Sobre o principal Mitaguaya, Mitagaya ou Mitagay, como se encontra o nome em outros escriptos, escasseiam depoimentos historicos; mas de seu filho Gregorio, entregue aos padres da Companhia ainda menino, como se vê do texto, fazem as chronicas honrosa memoria. Gregorio Mitagaya acompanhou o padre Luiz Figueroa de Pernambuco ao Maranhão e ajudou-o na construcção da igreja do collegio de S. Luis; entrou com outros principaes na conspiração de 30 de Setembro de 1644, dos padres Lopo do Couto e Benedicto Amodei, da qual resultou a revolta contra o dominio hollandez no Maranhão e o restabelecimento dos portuguezes nessa parte do Brasil.

André de Barros — *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira* (Lisbôa, 1746), ps. 98, tratando desse facto, confunde os nomes dos principaes Mitagaya e Joacaba, fazendo dos dois uma só personagem. A Sebastião Joacaba refere-se Berredo — *Annaes Historicos do Estado do Maranhão* (Lisbôa, 1749), ps. 65 e 392. Desse Sebastião falla Claude d'Abbeville — *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan* (Paris, 1614) fls. 107 v., 113 v. e 143. Casaram-no os capuchinhos francezes com uma filha de Japi-açu, principal da ilha do Maranhão, o *Japy-massari* que domina as relações escriptas por Evreux e Abbeville. A respeito de Mitagaya veja-se tambem o que escreveu o padre José de Moraes, na *Historia da Companhia de Jesus na vice-provincia do Maranhão e Pará*, publicada por Candido Mendes de Almeida — *Memorias para a Historia do extincto Estado do Maranhão* (Rio de Janeiro, 1868), t. I, ps. 136|138.

LXI — O padre Leonardo Arminio, italiano, chegou ao Brasil em 1575. Na Bahia assignou com o bispo d. Antonio de Barreiros, o visitador Heitor Furtado de Mendocça, o padre Fernão Cardini, e outros, as determinações assentadas na mesa do Santo Officio em fins de Julho e principios de Agosto de 1593. — *Primeira Visitação* citada, ps. 46.

LXII — O padre Pero de Toledo, espanhol, chegou ao Brasil em 1576. Foi vice-reitor e reitor durante sete annos do col-

legio do Rio de Janeiro, succedendo ao padre Braz Lourenço, que por sua vez occupou o logar do padre Manue da Nobrega. Em 1614 era provincial e por sua ordem acompanharam a expedição ao Maranhão os padres Manuel Gomes e Diogo Nunes.

LXIII — O numero de engenhos de Pernambuco, dado por Cardim, combina com o que assignala Anchieta — *Informações* citadas, ps. 33: "Tem 66 engenhos de assucar, e cada um é uma grande povoação e para serviço delles e das mais fazendas terá até 10.000 escravos de Guiné e Angola e de Indios da terra até 2.000".

LXIV — O collegio de Pernambuco foi creado em 1576, quando o padre Gregorio Serrão fez veir em Portugal a importancia daquella capitania. Para sua sustentação el-rei d' Sebastião doou-o com mil cruzados annualmente. Uma carta de Christovão de Barros, provedor-mór da fazenda, ao rei, datada de Oliuda, 18 de Novembro de 1578, que o dr. Capistrano de Abreu publicou em nota a Anchieta — *Informações* citadas, ps. 33|34, pondera o seguinte: "Acho que devo advertir a Vossa Alteza de alguns inconvenientes que não fazem bem a vossa fazenda, pelo que quiz avisar do que me pareceu mais acomodado a vosso serviço, entre os quaes entendi que uma provisão que Vossa Alteza passou aos Padres da Companhia deste collegio de Oliuda foi sem a informação que no caso se requeria, porque lhe dota Vossa Alteza mil cruzados cada anno, os quaes lhe serão pagos em assucar, assim como valeu por massa os annos passados que teve muito menos preço. Mas a razão que tenho para entender que estes mil cruzados não sejam pagos em assucar e que, arbitrados a como valeu em massa para ns haverem de cobrar nos engenhos, conforme á Provisão, é detrimento notavel da vossa fazenda, porque seguindo a informação que disto tomei perde Vossa Alteza em cada anno mais de tres mil cruzados, porque não haverá pessoa que queira arrendar com esta condição dos Padres; por onde, si a tenção de Vossa Alteza é dotar aos Padres mil cruzados que pelo respeito desta ordem fiquem mais avantajados visto os gastos o careza da terra, entendia eu que Vossa Alteza

is devia melhorar em mais dinheiro, sendo servido e não pela maneira que tanto custa”.

Os jesuítas padres Manuel da Nobrega e Antonio Pires, entraram pela primeira vez em Pernambuco em 1551, entre 27 e 28 de Julho. Antes da fundação do collegio, havia a Companhia estabelecido alli uma residência, para a qual tiveram os padres a ermida de Nossa Senhora da Graça situada no alto de um monte, onde depois se edificou o collegio. Dirigiu a casa em principios o padre Antonio Pires e em seguida o padre Gonçalo de Oliveira. Do collegio o primeiro reitor foi o padre Agustin del Castillo, espanhol, que morreu nesse cargo; o segundo foi o padre Luis da Grã. A já citada *Historia de la Fundacion del collegio de la Companhia de Pernambuco, hecha en el año de 1576*, só agora publicada, é documento interessante sobre o assumpto.

LXV — Não foi possível apurar qual fosse esse padre, a que se refere Cardim. De 1581 a 1586 foi governador do Paraguay o licenciado Juan Torres de Vera; precedeu-o, de 1574 a 1581, Juan Ortiz de Zarate, e succedeu-o, de 1586 a 1592, Alonso de Vera y Aragon, sobrinho do primeiro. Destes só o ultimo exerceu suas funcções como governador effectivo, substituindo nesse caracter Domingo Martinez Irala; os outros, apesar da dilação de seus governos, foram provisórios ou interinos. Nos *Annales Litterarii* citados, allude-se á entrada para o collegio de Pernambuco, em 1584, de um moço, bom discursador e ingenho ardente: “ut omnia de eo sperari jam liceat”.

LXVI — A phrase tupi — *Pay, marápe, guarinime nande hepegarip* — vem livremente traduzida no texto. Decompondo-a e corrigindo-a, temos:

Pay, padre;

marápe, adverbio interrogativo: como;

guarinime, na guerra.

nande, tua, tuas;

peá, mão, mãos;

heçá, verbo *açá* ir: vaes;

ari, pospositiva: sobre, em cima, uma sobre a outra, desoccupadas, vazias.

Do que resulta a traducção literal:

— Padre, como na guerra vaes com tuas mãos vazias?

LXVII — O pai e Alvaro Lobo, a que se infere do texto, não veio ao Brasil, seu nome não consta da *Synopsis* de Francon.

LXVIII — O feitor Vasco Ferrandes Coutinho, pai do donatario do Espirito Santo, a que Cardim allude, vem descripto por João de Barros — *Decadas*, dec. II, liv. VI, cap. IV. — Balthazar da Silva Lisboa — *Anaes do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1834), t. 1, 333 e segs. compendiou Barros, no que respeita a Vasco Ferrandes.

LXIX — “Esta ermida (escreve Anchieta — *Informações* citadas ps. 17 18) edificou-a um castelhaño com ordens sacras chamado fr. Pedro, frade dos Capuchos, que cá veio com licença de seu Superior, homem de vida exemplar, o qual veio ao Brasil com zelo da salvação das almas e com elle andava pelas aldeas da Bahia em companhia dos Padres. Desejando de baptisar alguns desamparados e como não sabia letras nem a lingua, porque este seu zelo não fosse *non sine scientia*, baptisando alguns adultos sem o apparelho necessario, admoestado dos Padres, lhes pediu em escripto algum apparelho na lingua da terra para poder baptisar alguns que achasse sem remedio e os Padres não pudessem acudir e assim remediava muitos innocentes e alguns adultos. Com este mesmo zelo se foi á captania do Espirito Santo, onde fez o mesmo algum tempo, confessando-se com os Padres e commungando a miúdo, até que começou e acabou esta ermida com ajuda de devotos moradores, e ao pé della fez uma casinha pequenina á honra de S. Francisco, na qual morreu com nostras de muita santidade”.

Frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, liv. II, cap. IV, escreveu: “Nesta ermida esteve antigamente por ermitão um frade leigo da nossa ordem, asturiano, chamado frei Pedro, de uma sancta vida, como se confirmou em sua morte, a qual conheceu alguns dias antes, e se andou despedindo das pessoas devo-

tas, dizendo que, feita a festa de Nossa Senhora havia de morrer. E assim succedeu e o accharam morto de geolhos e com as mãos levantadas como quando orava, e na tresladação de seus ossos desta egreja para o nosso convento fez muitos milagres, e poucos enfermos os trouxa com devoção que não sahem logo, principalmente de febres como tudo e esta do instrumento de testemunhas que está no archivo do convento". O servo de Deus frei Pedro de Polanco, da d. Rua Serco, perto de Salamanca, na Espanha, era leigo por profissão. Devia ter passado ao Brasil em 1558. Foi elle trazido ao Brasil na capellania de S. Francisco em 2 de Maio de 1570, e dado o convento a sua alpendre da ermida que fundára. — *Jornal de Notícias*, citado, vol. II, ps. 44. — *Agulha de Lactimo*, vols. I, ps. 465 e 469, e III, ps. 28 e 30. — O processo de canonização de Frei Pedro, foi iniciado em 1604, mas não teve conclusão. — *Pena por Pena* é forma canônica, que se lê em Pacheco Pereira — *Esmeraldo de situ orbis*, liv. I, cap. 16. Zurara — *Chronica de Guiné*, ps. 330, etc.

LXX — A casa do Espírito Santo estava subordinada ao collegio do Rio de Janeiro, para o qual contribuia com a renda de quinhentas cruzados. Nella residiam de ordinario oito, cinco padres e tres irmãos. — *Anchieta* — *Informações* citadas, ps. 40/41, trata mais largamente desse ponto do que Cardim.

LXXI — Governava o Rio de Janeiro pela segunda vez, Salvador Corrêa de Sá, capitão-mór e governador.

LXXII — Ararybúa, depois do baptismo Martim Affonso de Sousa, nome que tomou do donatario de S. Vicente, seu padrinho. Era o principal dos indios Teiriminós, alliados dos Portuguezes, contra os Tamoyes e Francezes, na conquista do Rio de Janeiro. Era remunerado dos grandes serviços que prestou, premiou-o d. Sebastião com a mercê do habito de cavalleiro da ordem de Christo e o posto de capitão-mór de sua aldeia, com o padrão de 12\$000. Desse principal refere sr. Vicente do Salvador — *História do Brasil*, liv. III, cap. XXIII, que não visitar o governador dr. Antonio de Salena, ao sentar-se na cadeira que lhe era offerecida, cavalgou uma perna sobre a outra, segundo seu costume; o governador fez

lhe saber pela interprete que não era aquella hõn cortezia, quando fallava com um governador, que representava a pessoa de el-rei. Ao que o indio respondeu de repente, não sem colera e arrogancia: — Si tu souberas quão cançadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a el-rei, não extrahírias dar-lhes agora este pequeno descanso; mas, já que me achas pouco cortezão, eu me vou para minha aldeia, onde não curamos desses pontos, e não tornarei mais á tua corte." Porém, nunca (conclue frei Vicente) deixou de se achar com os seus em todas as occasiões que o occupavam.

Januario da Cunha Barbosa, na *Biographia* que publicou de Ararybóia — *Revista do Instituto Historico*, t. 4 (1842), ps. 209. diz que esse esforçado indio morreu desastrosamente afogado junto da ilha de Mocaiguê: mas com isso não se conforma a noticia do padre Pero Rodrigues — *Vida do padre José de Anchieta*, in *Annuaire da Bibliotheca Nacional*, vol. XXIX, (1907), ps. 218 quando affirma que o indio, na hora da morte, chamando por S. Sebastião, de que era muito devoto, dizia: "Irmão capitam, assy como na vida sempre me ajudastes a vencer os inimigos vesíveis, assy agora na morte que tenho mayor necessidade, e estou em mayor perigo, ajudame a vencer os irvesíveis". E depois de receber os Sacramentos, e o da Santa União, chamou seus parentes, fez seu testamento, e com elles repartiu seus bens. "E desta maneira (conclue o jesuita) deu sua alma a Deus com muita coosolação e edificação dos presentes." A data de sua morte nem Januario nem Pero Rodrigues declara.

Nos chronistas o nome *Ararybóia*, *Ararigbóia*, ou melhor *Arayigbóia*, vem como significando cobra-feroz; mas, decompondo-se o vocabulo tupi, achá-se *oraib* tempo máu, tempestade, tormenta, e *bói* cobra; cobra do máu tempo ou da tempestade, que assim chamavam os indios uma serpente aquatica, esverdeada e de cabeça escura, cujo grunhir para elles prenunciava máu tempo.

LXXIII — De referencia a *abaeté*, veja nota LIV. -- *Mocórora* vem de *mbozorá* amigo, estimado, presado, querido. Em Léry *moussacat*: "c'est un pere de famille qui est bon, et donne à repaistre aux passans, tant estrangers qu'autres". — No *Diccionario Portugues e Brasiliario* está *moacóra* com a significação de fidalgo. Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, mesma verba.

LXXIV — A carta de sesmaria de 16 de Março de 1568, dada por Men de Sá, attribuiu a Ararybóia a posse de uma legua de terra ao longo da mar e duas para o sertão, uas terras que possuíam Antonio de Marins e sua mulher, que ás mesmas renunciaram em favor daquelle principal. Ali se formou com ajuda dos jesuitas a aldêa de S. Lourenço de índios christãos, aldêa que se estendeu da montanha desse nome por todo o logar chamado Praia Grande, até nos arcaes de Icarahy e augmentou de maneira que em 1578 já não havia terras para serem dadas aos índios Vasco Fernandes, Antonio de Salema, Salvador Corrêa, Antonio França e Fernão Alvares, que as solicitavam. Em 24 de Janeiro de 1583 foi confirmada uma sesmaria de quatro leguas de terra aos índios de S. Lourenço, de Macacú à serra dos Orgãos, por intervenção dos padres, para attender ás reclamações dos índios supra nomeados. As cartas das sesmarias, como a escriptura de renuncia que fizeram Antonio de Marins e sua mulher d. Isabel Velha a favor de Martim Afonso Ararybóia, e outros documentos a respeito, publicou Joaquim Norberto — *Memorias sobre as aldêas dos Índios na Província do Rio de Janeiro*, in *Revista do Instituto Historico*, t. XVII (1854). — Antonio de Marins, ou de Mariz, era o dr. Antonio de Mariz Coutinho, que foi provedor da fazenda real do Rio de Janeiro, e de quem fez José de Alencar uma das principaes personagens do immortál *Guarani*.

LXXV — A aldêa de S. Barnabé foi primeira estabelecida no Cabuçú; depois, verificada a impropriedade do logar, foi transferida para as vizinhanças do rio Macacú. A data de sua fundação deve orçar por 1578, que é a da sesmaria concedida pelo governador Salvador Corrêa. Em 1583 foram os índios de Cabuçú, durante algum tempo, doutrinados por Anchieta, de volta das celebradas pescarias de Maricá. — Cardini diz que as duas aldêas de S. Lourenço e S. Barnabé teriam tres mil índios; quasi tres mil — avalia Anchieta — *Informações citadas*, ps. 43.

LXXVI — O pau que tinge de amarello deve ser a tatajóba, arvore da familia das Urticaceas (*Macleura affinis*, Miq.), a que se referem G. Soares e Frei Vicente do Salvador. Da casca dessa arvore se extráe materia corante amarella.

LXXVII — Na Lagoa Rodrigo de Freitas e Fluminense a ilha que fica á entrada da barra do Rio de Janeiro, onde primeiro pretendem Villegaignon estabelecer um posto de observação e defesa, Salvador Correa, sob ameaça de raios atirados de Francisco Alibard e do Tamayo, que poz em Março de 1534 que se fizesse uma fortaleza. Desse tempo diz-se que por certo engenheiro espanhol da armada de D.º Flores de Valdez que ficára no porto, e que o aconselhou a construir, e a vez que se accretava difficuldades na condução dos materiais, que estavam nas praezas adjacentes, segundo os tempos, e que não se podia mandar o governador a trazer — *Historia do Rio de Janeiro Geral*, t. I, p.º 242 (2.ª edição) e *Historia do Rio de Janeiro, I.ª e II.ª publicações de Brasília*, t. I, p.º 105 (1.ª edição) e t. II, p.º 105 (1885), p.º 105.

LXXVIII — Era o primeiro Castello de S. Januario, e depois se chamou simplesmente porto de Castello, e foi a terra do collegio do Brasil, e fundou-o o padre Manuel da Nóbrega, em 1507, que d'elle foi tambem o primeiro reitor. El-rei lhe deu terra de terra para cincoenta, com a renda annual de dois mil e quinhentos ruzados. Segundo Anchieta — *Interea quae citantur* — *Relação do ordinario nesse vinte e quatro dez partes de S. Januario* — “Do collegio do Rio de Janeiro (dissera antes de mais) p.º 24) foi o primeiro (reitor) o padre Manuel da Nóbrega, e chegou a fundamentis e nelle acabou a vida, depois de deixar toda a pacificação e sujeita e pacífica, e em os Indios Tamoyos sujeitos e pacíficos e tudo sujeito a El-rei, sendo elle o que mais fez na pacificação d'elle, porque com o seu conselho, fervor e ajuda se começou, e continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro.”

Na reitoria do collegio a Nóbrega substituiu o padre Braz Lourenço.

LXXIX — *Buriqúoca* ou *Beritico* nome do canal entre a ilha de Santo Amaro e o continente. Os autores antigos, Hens Staden, Gandavo, Gabriel Soares, Pero Rodrigues, Simão de Vasconcellas, Laet, frei Vicente do Salvador e Frei Gabriel de Melles, dão differentes graphias para esse toponym: *Buriquoca* ou *Buriquoa*, *Brítiga*, *Beritíoga*, *Bratíoga*, *Bartíoga*, *Pratíoga*, *Buri-*

quioga, etc., são fórmulas que se encontram em seus escriptos. Cardim e depois d'elle frey Gaspar arriscaram etymologia para o nome: cóva de bogios, explicou o primeiro, e casa dos macacos *Luriquis*, deduziu o segundo. Esses etymos, entretanto, não podem ser aceitos, porque não se conformam com a caracteristica do local. Para Theodoro Sampaio, evidente é que o nome actual Bertioqa ou Bártioqa, é corruptella do tupi, não sendo difficil a sua restauração, uma vez conhecida a lei, segundo a qual em todas as linguas os vocabulos evoluem e se alteram. *Bertioqa* é, de facto, alteração de *Birati-oca*, ou melhor de *Pirati-oca*, que quer dizer — paradeiro do *pirati* ou *parati*, do peixe branco, ou tainha. A mudança de *p* em *b* é frequente no tupi, como em outras linguas, por serem articulações labiaes succedaneas. Que o local é piscoso, e no mez de Agosto a tainha costuma deixar o mar e ir desovar nos esteiros e lagunares daquelle canal, affirmou Hans Staden e verificou o capitão Richard F. Burton, em 1865. — Veja a erudta dissertação de Theodoro Sampaio, em nota á edição brasileira de Hans Staden (S. Paulo, 1900). (O sabio Dr. Arthur Neiva, em um de seus artigos da brillante serie de *Assumptos Brasileiros*, publicada no *Jornal do Commercio*, do Rio, brevemente reduzida a livro, apresentou novo etymo para o toponymio: de *hiryri* ou *laripri* (diptero hematophago da familia Psychodidae, genero *Flebotomus*, de Rondani), e *oca* ou *ôga*, casa, morada, pousio. — Pelas razões, que lucidamente expoz, devem ser canceladas todas as combinações que têm sido trazidas á discussão para explicar esse vocabulo).

LXXX — O padre Pedro Soares chegou ao Brasil com o padre Gregorio Serrão, em 1578, quando este voltava de sua commissão em Roma e Portugal, como já se disse mais de uma vez. Era o superior da casa de Santos por occasião da visita do padre Christovão de Gouvêa.

LXXXI — *Parani-piacaba* tem correcta etymologia no texto: lugar donde se vê o mar. De facto, *parani-apiacaba* é no tupi vista do mar, donde se vê o mar, miramar.

LXXXII — *Tijoco*, do tupi *ty-yuc*, liquido podre, lama, brejo.

LXXXIII — *Peçaba* vem correctamente explicado no texto: lugar onde se desembarca. Do tupi *apé* caminho, e *açaba* travessia, saída: onde o caminho corta, ou sítio, o porto. — A rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, chamou-se outr'ora praia da *Peçaba*, onde os jesuitas levantaram o guindaste que transportava para cima do morro de S. Januário os materiais para a construção do collegio e os productos da lavoura de seus engenhos e fazendas; ao local se deu o nome de travessa do Guindaste. — *Peçanguero*, ou porto velho, é a denominação de uma localidade em S. Paulo, vizinha de Cubatão.

LXXXIV — A aldeia de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição, de índios Guayanazes, fundada, segundo a tradição, por Anchieta, é hoje o districto da paz de Pinheiros, a pouco mais de oito kilometros da cidade de S. Paulo; a outra, dahi distante duas leguas, deve ser a actual cidade de Santo Amaro.

LXXXV — "A casa de S. Paulo de Piratininga (escreveu Anchieta — *Informações* citadas, ps. 22), como foi principio de conversão, assim tambem o foi dos Collegios do Brasil". Em Janeiro de 1554 os padres passaram a Piratininga; mas em fins de 1560, como já se disse, foi o collegio transferido para S. Vicente. Com as informações de Cardim concordam as de Anchieta (*ibidem*, ps. 45), em termos quasi identicos.

LXXXVI — O forte foi mandado construir por Diogo Flores de Valdez logo depois do assalto dado ás vilas de Santos e S. Vicente pelos corsarios inglezes Cavendish e Feuton, pelos annos de 1580 a 1584. Ao tempo em que o visitou o padre Christovão de Gouvêa devia começar-se a construcção, que levou de 1584 a 1590.

LXXXVII — Com a descripção de Cardim concorda a de Anchieta — *Informações* citadas, ps. 44: "E' situada (a capitania de S. Vicente) em uma ilha que terá seis milhas em largo e nove em circunito; antigamente era porto de mar e nelle entrou Martim Afonso de Sousa a primeira vez com sua frota, mas depois com a corrente das aguas e terra do monte se tem fechado o canal, nem podem chegar as embarcações por essa dos

baixos e arrecifes; terá 50 fogos de Portuguezes com seu vigário, e por estarem as terras gastas e não ter porto se vai despovoando pouco a pouco."

Martim Affonso de Sousa, de volta do Sul, entrou no porto de S. Vicente na segunda feira, 21 de Janeiro de 1532, como se vê do *Diario da Navegação*, de Pero Lopes de Sousa.

LXXXVIII — Anchieta — *Informações* citadas, ps. 44, diz: "Em S. Vicente temos casa, mas ha licença do padre Everardo, de bõa memoria, para mudar-se para a villa de Santos, que está, como tenho dito, seis millhas de S. Vicente, e agora o padre visitador Christovão de Gouvêa a poz em execução a pedido dos moradores, para o que logo deram o sitio e a cadeia publica em uma parte de bem prospecto junto ao mar, e já se começa o edificio, para o qual dão suas esmolas e ajudas, com grande desejo de ter alli os nossos".

José Jacintho Ribeiro — *Chronologia Paulista*, vol. I (S. Paulo, 1899), ps. 320, affirma que em 17 de Março de 1585 os officiaes da Camara de Santos, de accôrdo com o padre Christovão de Gouvêa, resolveram a mudança da casa de S. Vicente para alli. Ribeiro transcreve a escriptura lavrada em notas do tabellião Francisco Nunes, em 26 do mesmo mez e anno, assignada pelo capitão-mór Jeronymo Leitão, vereador Diogo Rodrigues e Simão Machado, juiz ordinario João Franco e procurador do conselho Alonso Polaes, concedendo favores aos padres. Anteriormente existiu em Santos uma pequena casa fundada por Anchieta, mas logo abandonada. Na escriptura ha referencia a esse facto.

LXXXIX — Sobre a tormentosa viagem do Rio de Janeiro á Bahia, em que iam Anchieta, Christovão de Gouvêa e outros padres, ver as referencias de Pero Rodrigues — *Vida do Padre José Anchieta*, citada, ps. 259 e 276|277.

XC — O padre Lourenço Cardim era irmão mais moço do autor destas cartas. Delle diz Sebastião de Abreu — *Vida e Virtudes do admiravel Padre João Cardim, da Companhia de Jesus*, etc. (Evora, 1659), ps. 8: "... o qual acabados os estu-

dos e ordenado sacerdote, com o mesmo espirito de seu irmão o P. Fernam Cardim, passou para a mesma provincia do Brasil. E como na viagem os herejes corsarios acomettessem o navio, Lourenço Cardim, cheio de fervoroso espirito, com um Crucifixo nas mãos animava os que pelejavam contra os inimigos da nossa santa Fé, consolando es que são feridos, e confessando os que morrião, até que passado com uma bala, abraçado com o santo Crucifixo, entre os abraços de seu Senhor, lhe entregou ditosamente a alma".

O facto devia ter-se passado entre 30 e 31 de Janeiro de 1585.

XCI — O padre Marçal Belliarte, com patente de provincial para substituir Archieta desde começos de 1587, só chegou á Bahia em 20 de Janeiro do anno seguinte, quando tomou posse do cargo. Desde 7 de Maio do primeiro daquelles annos esteve em Pernambuco. Em 1591 prégou por occasião da missa da domingo oitava *post Pentecostem*, que foi a 28 de Julho, na qual se publicaram os editos da fé e da graça, bem como a provisão real que trouxe Heitor Furtado de Mendonça, visitador do Santo Officio — *Primeira Visitação* citada, ps. 12.

No cargo de provincial foi substituido pelo padre Pero Rodrigues.

XCII — O padre Francisco Soares chegou ao Brasil em 1587; dois annos antes havia sido tomado pelos piratas francezes que mataram o padre Lourenço Cardim.

RODOLFO GARCIA

APPENSO

(D' "O Journal", de 27 de Janeiro de 1925)

Em 27 de Janeiro de 1625 falleceu na aldeia do Espirito Santo, hoje Abrantes, o padre Fernão Cardim, reitor do collegio bahiano da Companhia de Jesus. Morreu entre o fragor das armas. A 8 de Maio antecedente entrara na bahia de Todos os Santos nma poderosa armada da Companhia Neerlandeza das Indias Occidentaes, a 9 tomava alguns fortes e iniciou o desembarque, a 10 o panico entregou-lhe deserta a metropole do Brasil. Fugiram quantos puderam. Cardim e seus subditos foram arrastados na torrente.

Uma cidade representava factor somenos na organisação coeva. Hhabitavam-na governador e bispo com seus famulos, militares, officiaes de fazenda, justiça, mecanicos, mercadores. Casas fechadas a maior parte do anno possuiam os abastados, para maior commodidade nas festas ecclesiasticas e outras occasiões.

A vida verdadeira e vigorosa estava fóra de muros, nos luxuosos engenhos de assucar, nos sitios modestos, nos curraes de gado vaccum. Por todos ciles escaxouu

a população espavorida. A confusão era inevitável e foi enorme, mas havia espaço, alimento, carilade, o equilíbrio restabeleceu-se. Recursos faltavam para grandes movimentos bellicos; os pequenos não tardaram. A guerra transformou-se em guerrilhas, as guerrilhas em combates singulares. Dois commandantes inimigos succumbiram em tocaias. Enquanto não vinham soccorros de outras capitánias ou de além-mar, o programma limitava-se a tolher ao inimigo qualquer avanço para o interior. Foi cumprido.

Os dias do Espirito Santo correram amargurados para o velho reitor. "Nesta desgraça da Bahia. — escreve Antonio Vieira, seu pupillo, que já na adolescencia promettia os grandes destinos que lhe reservava o futuro — era reitor e por isso quebravam nelle todas as ondas da adversidade, mas como rocha viva sempre se conservou em paz e esteve muito firme e conforme com a vontade de Deus".

Deviam ter-lhe suavizado os ultimos momentos os triumphos exiguos, mas constantes, dos compatriotas, os auxilios vindos das capitánias, o nucleo forte deste logo preparado por Mathias de Albuquerque, as grandes armadas reunidas além-mar, a que não poderia resistir nem resistiu o poder batavo.

Quando morrea, Fernão Cardim passara quasi meio seculo em terras brasileiras, interrompido apenas por uma viagem, como procurador de provincia, a Roma, e alguns mezes ou annos de prisão na Inglaterra. Filho de Gaspar Clemente e de sua mulher Iñez Cardim, nasceu em Vianna de Alvito (não do Minho, como escapou na terceira edição de "Varnhagen") em anno pouco certo. Sabe-se que entrou no noviciado da Companhia a 9 de

Fevereiro de 1566, e sua família deu mais de um religioso.

Antes de 1582, consta, foi ministra em Évora, e nomeado mais tarde para acompanhar Christovão de Gouvêa na visitação á provincia do Brasil. Ambos os cargos impunham sérias responsabilidades. Ao ministro incumbia a ordem, a economia interna. As afamadas riquezas dos Jesuitas, tão proclamadas, tão cubiçadas, tão procuradas e afinal tantalisantes, explicam-se pela obra dos ministros, e ministros lres incomparáveis. Por outro lado, com a plenitude de poderes delegados ao Visitador, representante directo do Geral, seu companheiro devia possuir muitos requisitos de lucidez e methodo para resumir e condensar os resultados da visitação.

Partiram do Tejo o Visitador e seu companheiro em 5 de Março de 1583. O Visitador trazia calorosas recommendações para todas as autoridades da colonia, emanadas do novo rei, Philippe II de Espanha, successor do cardinal D. Henrique. Na mesma náu, *Chagas S. Francisco*, embarcou Manuel Telles Barreto, primeiro governador geral do Brasil nomeado sob dominio espanhol.

Chegado em 9 de Maio á capital do paiz, o Visitador começou sem demora a sua missão complexa, e para orientar-se fez uma rapida excursão ás aldeias geridas pelos padres da Companhia.

Em Agosto resolveu sair para Pernambuco. Resolução pouco acertada. Na Bahia as aguas do mar e correntes aéreas cursam do S. para o N. desde Abril a Julho; de Agosto a Março aguas e ventos de N.E. e E.N.E. puxam para o S. Os navios ordinarios sujeitavam-se a este regimen e da conformidade saiam os proventos do frete e viagens. O barco do Visitador, per-

tecente á Companhia de Jesus, não se levava por intuitos opportunistas.

Que a razão estava com os primeiros, Christovão de Gouvêa houve de reconhecer. Partindo em Agosto, aportaram em Camamó, em Ilhéos, em Porto Seguro. Não se perden tempo com as arribadas; em todos estes logares havia Jesuitas, havia aldeamentos a visitar; com elles o Visitador se occupou até Outubro, quando desistiu de continuar e preferiu attender a casos mais importantes na capital. Escarmentado com as nunções, o Visitador ficou na Bahia até que chegassem. Foi novamente e com mais vagar ás aldeias, esteve em todos ou quasi todos os trinta e seis engenhos do reconcavo. O golfo admiravel divide-se em esteiros sem conta, quasi todos navegaveis. Numa embarcação do collegio fizeram-se as excursões que tomaram dois mezes.

Em fins de Junho de 84 o Visitador partiu para Pernambuco. Cardim bem poderia referir alguns successos então passados sob seus olhos: a morte de d. Beatriz de Albuquerque, mulher de Duarte Coelho, a quem foi renuir-se, depois de meio seculo de viuvez; a arribada de Sarmiento de Gamboa; os expedientes de Dingo Flores Valdez, para disfarçar o fiasco do estreito de Magalhães, a passagem de Gabriel Soares ao reino, donde levou a certeza de minas estupendas, por cuja revelação a exemplo de Cortez e Pizarro, pretendeu e lhe foi prometido o titulo de marquez das Minas, e deixou seu Roteiro tão valioso como ellas, os esforços para a conquista da Parahyba, os attritos entre Martin Leitão e Martin Carvalho, a prisão deste e sua remessa para Lisboa sob accusações da alçada do Santo Officio. De tudo isto só sabemos alguma coisa graças a um fragmento de An-

chieta e a um summario narrativo escrito por ordem de Christovão de Gouvêa, cuja autoria Varuhagen reclama para o padre Jeronymo Machado, chronica de leitura aspera, mas indispensavel a quem quizer formar idéa do que seriam as guerras do sertão contra os Indios. O Instituto Historico imprimiu esse summario das aruitadas da Parahyba em 1873.

A visitação de Pernambuco apenas consumiu tres mezes. Ponde fazer-se tão depressa porque o collegio de Olinda datava de poucos annos, de 1576. Seu reitor, Luis da Grã, viera para o Brasil em 1553, trazendo consigo o joven Joseph de Anchieta, foi collateral de Nobrega e seu successor no provincialato.

Em Outubro de 84 o Visitador e seu companheiro saíram de Pernambuco e depois de breve demora na Bahia, em parte por motivos de saude, seguiram para o sul. Em sua companhia foi o provincial Joseph de Anchieta. Este facto desmente os que lhe attribuem a fundação da Misericordia do Rio para soccorrer as tripulações de Diogo Flores Valdez. Da Misericordia fluminense fala Cardim como coisa simples e subentendida. Havia casas de misericordia em todas as capitancias. Não é crível esperasse tanto tempo a cidade de S. Sebastião, capitania d'el-rei, não de senhorio, para possuir a sua.

A visitação estendeu-se para o sul até Tanhagen, ponto extremo da colonização neste rumo, como Tamaracá no rumo opposto.

Assistiram em Piratininga, a 25 de Janeiro de 1585, ao trigésimo anniversario da fundação da humilde casa, germen da villa de S. Paulo. Esteve presente Anchieta, talvez o ultimo sobrevivente do acto que determinou a

historia paulista e tanto influiu sobre a do Brasil. Em 26 de Março de 85, a pedido da população santista, a casa de S. Vicente, fundada por Leonardo Nunes, foi mudada para Santos: Azevedo Marques traz impressa a escriptura da transferencia. Em Abril estavam no Rio, onde encontraram ainda dois veteranos das guerras que precederam a fundação da cidade de São Sebastião: Salvador Corrêa, primo de Estacio de Sá e mais feliz que este, Martin Afonso Araryheia, commendador de Christo, *abaeté e miquara, scilicet* grande cavalleiro e valente, transferido do Rio-Comprido para o morro de S. Lourenço, na outra banda. Ordens de além-mar abreviaram a estada no Rio e ida para a Bahia. A 16 de Outubro de 1585 estava finda a visitação e Cardim ultimava a primeira e maior parte de sua narrativa.

A volta do Visitador ao reino dilatou-se por varias incumbencias que lhe vieram de Roma, e pela captura por corsarios do navio a que se confiou. Por Setembro de 1589 desembarcou em Santander e viajando por Burgos e Valladolid alcançou terra portugueza.

Cardim ficou no Brasil. Durante algum tempo exerceu a reitoria do Rio. Anchieta, acostumado a viver debaixo da obediencia, antes de ir para a capitania do Espírito Santo, onde falleceu, preferiu fazer-lhe companhia. Talvez a instancias do reitor, escreveu os apontamentos sobre a primitiva historia da Companhia, de cuja perda ou extravio não podem consolar os excerptos contidos nos livros de Simão de Vasconcelos e Artouio Franco. Delles houve no collegio de Coimbra uma cópia feita pelo punho de Cardim: seu paradeiro é desconhecido.

O momento era unico para o feitiço dos *Apontamentos*. Dos companheiros de Nóbrega vindos em 1549 res-

tava ainda Vicente Rodrigues; das levas seguintes havia mais de um sobrevivente. A todos conhecera Anchieta, ou á chegada, ou nas visitas obrigatórias do provincialato — nem para outro fim a Companhia possuía embarcação própria. Pelos fragmentos conservados revela-se Anchieta psychologo penetrante, feliz no modo de narrar os factos e desatar os factores.

Da reitoria de Cardim no Rio pouco se sabe. Seu nome apparece a proposito da fazenda de Santa Cruz, que os epigonos dos jesuitas só deixaram subsistir e conservar no miseravel estado actual porque nada se perde na natureza.

Em 1598 Fernão Cardim, eleito procurador da provincia do Brasil, partiu para o velho mundo. Seu antigo chefe Christovão de Gouvêa foi encontrar provincial de Portugal. Em Roma imperava irreductivel Claudio Aquaviva, o mesmo que o despachara para estas bandas no começo de seu generalato tormentoso.

Em 1601 partiu novamente para o Brasil como companheiro do novo Visitador, o terceiro desde o estabelecimento da Companhia, João de Madureira. O navio em que vinham foi tomado á vista de Portugal. Madureira morreu logo. Cardim seguiu prisioneiro para a Inglaterra. Conseguiu depois fugir em condições mui vagamente contecidas. Como premio de seus trabalhos Aquaviva nomeou-o provincial do Brasil.

De seu provincialato (1604 a 1609) faltam quaesquer annas; talvez estejam sepultadas em algum dos archivos que, para maior segurança, a Companhia guarda em varios pontos do continente europeu e resurjam agora com o tricentenário. As grandes linhas do que fez delectream-se na *Relação annual* de Fernão Guerreiro,

reimpressa parcialmente no segundo volume das *Memorias do Maranhão*, de Candido Mendes de Almeida.

Dois factos o singularizam: a missão de Francisco Pinto e Luiz Figueira em busca do Maranhão, a de João Lobato e Jeronymo Rodrigues aos Carijós e Patos, nas pegadas de Pero Corrêa e João de Sousa, proto-martyres da Companhia. Nesta notabiliza-se depois João de Almeida.

A primeira resultava da difficuldade de navegação regular entre Pernambuco e a costa Leste-Oeste. A conquista da Parahyba e do Rio-Grande do Norte tornou-se possível depois que o inimigo, francez ou indigena, foi atacado por terra. Neste sentido fez uma tentativa Pero Coellao de Sousa que suas imprudencias, depois de chegar sem tropeços a Ibiapaba, *mallograram*. Não foram mais felizes o "Amariara", o scuhor da chuva, Francisco Pinto e seu joven companheiro, autor da segunda grammatica da lingua geral e de importantissima narrativa da missão, impressa pelo Barão de Studart.

Alexandre de Moura, o conquistador do Maranhão o incorporador da Amazonia, para onde já acudiram flamengos, francezes e inglezes, predecessor de lord Cochrane na campanha da Independencia, foi o primeiro que, partindo de Pernambuco por mar, na mesma embarcação voltou a Pernambuco. A metropole comprehendeu que não havia fiar na constancia de lances de fortuna taes, e o Maranhão com as terras confinantes foi constituido governo independente, que só com a península communicava.

Sobre a ultima phase da vida de Fernão Cardim, decorrida entre o termo do provincialato e a morte, reina grande obscuridade. Antonio Vieira diz que morreu de

75 annos, 60 vividos na Companhia e, omittindo os serviços como ministro, etc., passaram de vinte os que foi reitor e provincial.

*

Fernão Cardim nada destinou ao prelo, e ficaria bem sorprendido si soubesse que no proprio anno de 1625, quando já se despedia ou despedira deste val de lagrimas, uns informes apontados pouco depois de sua chegada a esta terra corriam ou iam correr mundo, trajados á ingleza. De facto Francis Cook, de Dartmouth, um dos corsarios de 1601, tomara-lhe um manuscripto, vendera-o por 20 xellins a um mestre Hacket, que o fez traduzir. A traducção, em geral fiel, saiu no 4.º volume da "*Pilgrimages*" de Purchas, correspondente ao 16.º da reimpressão moderna sob o titulo: "*A Treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there*". O tratado é citado por holandezes, entre os quaes Laet; parece até que foi introduzido integralmente em outros idiomas.

A importancia do *Treatise* de Purchas saltou aos olhos quando foram com elle comparados dois manuscritos existentes na bibliotheca de Evora, ambos referidos no precioso Catalogo de Cunha Rivara.

Intitula-se um: *Do Clima e Terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assi na terra como na mar.*

Intitula-se o outro: *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias.*

Do cotejo de Purchas apurou-se logo que se tratava não de duas obras diversas, mas de capitulos da mesma obra. que estava sendo escrita em 1584. Não é nada

banal existir em Évora no idioma original cópia do manuscrito extorquido pelo corsario de Dartmouth.

Quem seria o autor?

Em 1847 Varnhagen deu á luz uma *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica...* pelo padre Fernão Cardim.

Pela primeira vez o nome de Cardim, conhecido só aos leitores de Fernão Guerreiro, Antonio Franco ou André de Barros, appareceu como o de autor. Varnhagen pretendia dar edição annotada da narrativa, mas exigencias da carreira diplomatica chamaram-no improvisadamente de Lisboa: nem ao menos pôde offerecer texto correcto, culpa delle, ou da cópia de que se serviu, ou dos revisores em quem descansou.

Comparado o *Treatise* de Purchas e a *Narrativa* de Varnhagen, impoz-se a conclusão de que é o mesmo o autor de ambos. A identidade de forma e fundo apparece a cada instante; o *Treatise* foi escripto em 1584 e Cardim estava no Brasil desde Maio de 1583; o manuscrito do *Treatise* foi tomado por um pirata inglez em 1601 a um jesuita que aprisionaram; neste mesmo anno de 1601, Fernão Cardim foi aprisionado e levado para a Inglaterra.

A' vista disto não se hesitou em publicar os dois tratados com o nome de Fernão Cardim. O primeiro saiu em 1881 a expensas de Ferreira de Araujo, o fundador da *Gazeta de Noticias*, com preciosas notas de Baptista Cactavo, o grande mestre da lingua geral; o segundo imprimiu-o em 1885 a *Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio de Janeiro*.

Comparando os escriptos nota-se que os primeiros datados de 84 só em parte podiam fundar-se em obser-

vações próprias; o autor recorreu a informações escriptas ou verbaes dos confrades. A *Narrativa*, datada, quanto á primeira parte, de 16 de Outubro de 1586 apresenta-se mais solida, mais directa e mais classificada.

Fernão Cardini nada tem de extraordinario, mas recommenda-se á sympathia e ao estudo por mais de um aspecto.

Era temperamento vibratil, em que as sensações batiam fortes, seguidas, dando ás vezes um estylo por assim dizer offegante. “O padre visitador, informa, foi sangrado tres vezes enxaropado e purgado, provido de todas as gallinhas, alcaparras, perrexil, chicoreas e alfafes verdes e cousas doces e outros mimos necessarios, que parecia estarmos em o collegio de Coimbra”. De Joseph de Anchieta, o provincial prestigioso e com fama de thaumaturgo, escreve: “o padre vinha de trás, a pé, com as abas na cinta, descalço, bem cansado; é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma columna grande desta provincia e tem feito grande christandade e conservado um grande exemplo; de ordinario anda a pé, nem ha retirada-o de andar sendo muito enfermo. Enfin sua vida é “verè apostolica”.

Para elle a natureza existia, uma natureza vivida e palpitante. Seduziam-no as aguas dos rios, a variedade das flores, a frescura dos bosques, o canto das aves. “Era para vêr neste caminho a multidão, variedade das flores, das arvores, umas amarellas, outras vermelhas, outras roxas, com outras muitas varias côres misturadas, que era cousa para louvar o Creador. Vi neste caminho uma arvore carregada de ninhos de passarinhos, pendentos de seus fios do comprimento de uma vara de medir

ou mais, que ficavam todos no ar com as boccas para baixo: tudo isto fazem os passaros para não ficar frustrado seu trabalho; usam daquella industria que lhes ensinou o que os criou, por se não fiarem das cobras que lhes comem os ovos e os filhos”.

Não lhe é estranho o encanto da paisagem.

“Tem uns dias formosissimos (o Rio) tão apraziveis e salutiferos que parece estão os corpos bebendo vida. Tudo são serranias e rochedos espantosos. Desta serra descem muitos rios caudaes que de quatro e sete leguas se vê alvejar por entre matos que se vão ás nuvens. . .

“A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o supremo pintor e architecto do mundo Deus Nosso Senhor e assim é cousa formosissima e a mais aprazivel que ha em todo o Brasil; é tão capaz que terá vinte leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas, de grandes arvoredos, que não impedem as vistas umas ás outras, que é o que lhe dá graça”.

O amor á natureza devia enchma-lo aos Indios. Não conheceu os que, em estado de liberdade, quaes os deffrontaram os primeiros descobridores, em pura idade de fogo e pedra, permaneciam agora em brenhas alongadas. Os indios avistados já contavam trinta annos de catechese systematica, iniciada no governo de D. Duarte da Costa pelo inesquecível e tão ingratamente esquecido Manuel da Nobrega. Os jesuitas observadores, intelligentes e praticos tinham concentrado seus esforços em fazer de varias tabas um só aldeamento, regido por uma especie de meirinho nomeado pelo governador, com a vara

de officio, que os enfunava de vaidade, com meios de se fazer obedecer, podendo pôr gente no tronco; em extinguir a antropophagia, a polygynia e a bebedice de vinhos de fructas em que os indios eram insignes. O mais só caberia ao tempo.

Asocas, com a confusão e multiplicidade de casas contiguas ou antes continuas, existiam ainda intactas. Conservavam-se as danças caracteristicas; como os vestuarios não chegavam para todos, andavam mulheres nuas (cousa para nós mui nova, diz sem biocos o viajante). No Rio agradou-lhe particularmente uma dança de cuanmis: "o mais velho seria de oito annos, todos nusinhos, pintados de certas cores apraziveis, com seus cascaveis nos pés e braços, pernas, cinta e cabeças, com varias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes: parece que se os viram nesse reino, que andaram os dias atrás d'elles".

Sua benevolencia estende-se aos estudantes e ás comicas recepções estrambolicas, com discursos em linguas diversas, epigrammas, etc.

A' gente da terra tudo servia de pretexto para festas: pairava uma atmosphera de kermesse, de *pageant*, de irreal.

Numa aldeia da capitania do Espirito Santo meninos e mulheres, com suas palmas nas mãos e outros ramalhetes de flores, representavam ao vivo o recebimento do dia de Ramos — e isto em Novembro. Pelo mesmo tempo, uma confraria dos Reis, por não ser ainda o tempo consagrado, quiz exhibir ao padre Visitador suas magnificencias. "Vieram um domingo com seus alardes á portugueza e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados com

outros principaes e confrades da dita confraria. Fizeram no terreiro da nova egreja seus caracoés, abrindo e fechando com graça, e os vestidos não carregavam a muitos porque os não tinham”.

No Rio, depois da festa das canoas, lembrança das guerras de Estacio de Sá, emquanto se representava um dialogo do martyrio de São Sebastião, com còros, varias figuras mui ricamente vestidas, foi asseado um moço atado a um pão: “causou este espectáculo muitas lagrimas de devoção e a alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o martyrio do Santo”.

Estas amostras de aspectos diversos de Cardim poderiam interpretar-se como *symptomas* de superficialidade. Não são. A cada instante apparecem reflexões pertinentes. Mas o padre sentia como um estheta; não finalizava, não moralizava: embebia-se no espectáculo, além do bem e do mal. É talvez unico o passo edificante relativo aos engenhos da Bahia. “Os encargos de consciencia são muitos; os peccados que se commettem nelles não têm conta; quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; bem cheio de peccados vai esse doce por que tanto fazem; grande é a paciencia de Deus que tanto soffre”.

Talvez no seu tempo de ministro, obrigado a curar dos estomagos alheios, pegasse um pouco de gastronomia. A palavra iguaria volta com insistencia. “No Collegio da Bahia nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser relaxada e os mantimentos fracos”.

Na visita aos engenhos do reconcavo feita em Janeiro e Fevereiro de 84, golpea-o a fatura dos banque-

tes, a facilidade com que eram servidos hospedes impre-vistos.

Na Bahia a questão de açougue, tratada em tantas actas da Camara de S. Paulo, não existia. As aguas prodigiosas eram inexauriveis; os senhores de engenhos tinham sempre todo o genero de pescados e mariscos de toda a sorte "por terem deputados certos escravos pescadores para isso e de tudo tinham a casa tão cheia que na fartura pareciam uns condes". Nos engenhos mais afastados do mar existia toda a variedade de carnes, galinhas, perús, patos, leitões, cabritos. Por Gabriel Soares sabemos que a gente de tratamento só comia farinha de mandioca fresca, feita no dia. O mesmo autor dá uma lista, forçosamente incompleta, das conservas e doces, transplantados uns de além-mar, aprendidos outros na terra. Dir-se-ia um paiz de Cocagne.

Tudo isto são manifestações de um facto unico — a phase economica chamada "oikos" pelos especialistas, em que productor e consumidor identificam-se. Naturalmente os casos não apparecem na sociedade bahiana com a singeleza a que os reduz a sciencia experimental, mas o exame attento revela sua estrutura genuina.

Para melhor conhece-lo é indispensavel o estudo do velho jesuita, finado ha trezentos annos, no fragor das armas e angustias da invasão.

Forma airoso entre os mais dignos jesuitas que vão de 1550 a 1700: Manoel da Nobrega, Luiz de Grã, Joseph de Anchieta, Antonio Vieira, Alexandre de Gusnão, Andreoni, etc.

ESTAB. GRAFICO PHOENIX
Rua Scuyero, 152 - São Paulo

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Vianna: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição (aumentada).
- 8 — Oliveira Vianna: *Populações Meridionais do Brasil* — 4.ª edição.
- 9 — Nery Rodrigues: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Proustamente ilustrado — 2.ª edição.
- 22 — E. B. Queiroz-Pinto: *Estudos de Antropologia Brasileira*.
- 27 — Alfredo Ellis Júnior: *Populações Paulistas*.
- 57 — Alfredo Ellis Júnior: *Os Primeiros Yranicos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 79 — Craveiro Costa: *O Visconde de Sinimbuá* — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1899.
- 81 — Lemos Brito: *A Orlada Sotaina do Primeiro Império* — Frel Caneca — Edição ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: *Cotegipe e seu Tempo* — Ed. ilustrada.
- 88 — Helio Lobos: *Um Varão da República* — Fernando Lobos.
- 114 — Carlos Süstekind de Mendonça: *Século Romero — Sua Formação Intelectual* — 1871-1873 — Com uma introdução de H. Gracina — Ed. ilustrada.
- 126 — S. J. Maranhão: *O Precursor do Abolicionismo* — Luiz Gama — Ed. ilustrada.
- 139 — Pedro Calmon: *O Rei Filósofo — Vida de D. Pedro II* — 2.ª Edição ilustrada.
- 151 — Heitor Lyra: *História de Dom Pedro II* — 1891, Vol. 1.º, "Ascensão ao Trono" — Ed. ilustrada.
- 153 — Heitor Lyra: *História de Dom Pedro II* — 1891, 2.º volume: "Fastígio": 1875-1880 — Ed. ilustrada.
- 135 — Alberto Pioretti Jac. Nina: *Dias Carneiro (O Conservador)* — Ed. ilustrada.
- 136 — Carlos Pentes: *Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1875*.
- 140 — Hermes Lima: *Tobias Barreto — A Apria e o Hexame* — Ed. ilustrada.
- 143 — Bruno de Almeida Magalhães: *O Visconde de Abaeté* — Ed. ilustrada.
- 144 — V. Garcia Filho: *Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro* — Ed. ilustrada.
- 151 — Mérico Mattos: *Machado de Assis (O Homem e a Obra, Os personagens explicam o autor)*, Ed. ilustrada.
- 157 — Otavio Tarquinio de Souza: *Evaristo da Veiga* — 1.º vol. da série "Homens da Regência". Edição ilustrada.
- 158 — Jose Bonifácio de Andrada e Silva: *O Patriarca da Independência* — Dezembro 1811 a Novembro 1821.

ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA

- 24 — Aníbal Costa: *Introdução à Arqueologia Brasileira* — Ed. ilustrada.
- 132 — Aníbal Mattos: *Pré-história Brasileira — Vários Estudos* — Ed. ilustrada.
- 145 — Aníbal Mattos: *Peter Wilhelm Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira* — Ed. ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — Parahy Calgeras: *O Marquês de Barbacena* — 2.ª edição.
- 11 — Luis da Câmara Cascudo: *O Conde d'Eu* — Vol. ilustrado.
- 107 — Luis da Câmara Cascudo: *O Marquês de Olinda e seu tempo (1791-1870)* — Edição ilustrada.
- 18 — Visconde de Taunay: *Pedro II* — 2.ª edição.
- 20 — Alberto de Faria Mauá com tres ilustrações fóra da 1874).
- 54 — Augusto Gentijo de Carvalho: *Colôgeras*.
- 65 — João Docnas Filho: *Silva Jardim*.
- 73 — Lúcia Miguel Pereira: *Machado de Assis — Estudo Crítico-Biográfico*. — edição ilustrada.

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. Hoehne: *Botânica e Agricultura no Brasil no século XVI* — (Pesquisas e contribuições).
 77 — C. de Melo-Leitão: *Zoologia do Brasil* — Edição ilustrada.
 99 — C. de Melo-Leitão: *A Biologia no Brasil*.

CARTAS

- 17 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Ed. ilustrada.
 38 — Rui Barbosa: *Mocidade e Exílio* (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
 61 — Conde d'Eu: *Viagem Militar no Rio Grande do Sul* (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
 109 — Georges Rarders: *D. Pedro II e o Conde de Goblenau* (Correspondência inédita).
 142 — Francisco Verácio Filho: *Eufédias da Cunha e seus Amigos* — Ed. ilustrada.

DIREITO

- 110 — Nina Rodrigues: *As regras humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.
 165 — Nina Rodrigues: *O Alenado no Direito Civil Brasileiro* — 3.ª edição.

ECONOMIA

- 90 — Alfredo Ellis Júnior: *Evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Edição ilustrada.
 100 e 100 A — Roberto Simonsen: *História Econômica do Brasil* — Ed. ilustrada em 2 tomos.
 152 — J. F. Norman: *Evolução Econômica do Brasil* — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
 155 — Lemos Brito: *Pontos de Partida Para a História Econômica do Brasil*.
 160 — Luiz Amaral: *História Geral da Agricultura Brasileira* — No triplice aspecto Político-Social e Feminico: 1.º volume.
 162 — Bernardino José de Souza: *O Povoamento na História Nacional* — Ed. Ilustrada — com um Capítulo de Arthur Neiva e Parecer de Oliveira Vianna.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 56 — Primitivo Moacir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º volume — 1823-1853.
 67 — Primitivo Moacir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Referências do ensino — 1854-1868.
 121 — Primitivo Moacir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1869-1899.
 147 — Primitivo Moacir: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º volume — Das Amazonas às Alagoas.
 147-A — Primitivo Moacir: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1833-1853. 2.º volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.
 95 — Fernando de Azevedo: *A Educação Pública em São Paulo* — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1925).

ENSAIOS

- 1 — Batista Pereira: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição.
 6 — Batista Pereira: *Valtos e episódios do Brasil* — 2.ª edição.
 26 — Alberto Rangel: *Rumas e Perspectivas*.
 41 — José Maria Belo: *A inteligência do Brasil* — 3.ª edição.
 43 — A. Sabáia Lima: *Alberto Torres e sua obra*.
 36 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefácio e nota de Gasão Penaleva.
 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: *Cunhalto da Civilização Brasileira*.
 82 — C. de Melo-Leitão: *O Brasil Visto Pelos Ingleses*.
 105 — A. C. Tavares Bastos: *A Província* — 2.ª edição.
 151 — A. C. Tavares Bastos: *Os Meles do Presente e as Esperanças do Futuro* — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
 116 — Agostinho Augusto de Miranda: *Estudos Piaulenses* — Edição ilustrada.
 150 — Roy Nash: *A Conquista do Brasil* — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

- 39 — E. Roquete-Pinto: Rondônia — 3.^a edição (aumentada e ilustrada)
- 44 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas — 1.^o T.º na)
- 112 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.^o T.ºmo (organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro).
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com Parte original Tupi-Guarani.
- 60 — Emílio Rivasseau: A vida dos índios Guajcurús — Edição ilustrada.
- 75 — Alonzo A. de Freitas: Vocabulário Nheungatú (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fora do texto).
- 92 — Almirante Antônio Alves Câmara: Enxertos Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 1.^a edição ilustrada.
- 105 — Herbert Daddus: Enxertos de Etnologia Brasileira — Prefácio de Alonzo de E. Taunay — Edição ilustrada.
- 159 — Angélica Costa: Migrações e Cultura Indígena — Enxertos de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.
- 154 — Carlos Fr. Phil. Von Martins: Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (184). Tradução Prefácio e notas de Pirajá de Silva.
- 163 — Major Lima Figueiredo: Índios do Brasil — Prefácio do General Rondon Ed. ilustrada.

FILOLOGIA

- 25 — Mário Maroquin A. Ungua do Nordeste.
- 46 — Renato Mendonça: A influência africana no português do Brasil — Ed. ilustrada.
- 164 — Bernardino José de Souza: Dicionário da Terra e da Gente do Brasil — 4.^a edição de "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".

FOLCLORE

- 57 — Fláudio Rodrigues Vale: Elementos do Folclore musical Brasileiro.
- 103 — Sousa Carneiro: Milos Africanos no Brasil — Edição ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. ilustrada, 2.^a edição.
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 35 — A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil — Ed. ilustrada — 2.^a edição.
- 38 — A. J. de Sampaio: Biogeografia da América.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
- 63 — Raimundo Moraes: Na Planície Amazônica — 4.^a edição.
- 81 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição ilustrada.
- 86 — Aurélio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Edição ilustrada.
- 91 — Ordo e M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional. O São Francisco — Edição ilustrada.
- 97 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição ilustrada.
- 154 — Augusto Lima: Amazônia — A Terra e o Homem — (Introdução à Antropogeografia).
- 156 — A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.^a edição.
- 158 — Gustavo Dadd: Descrição dos Rios Paranaíba e Gurupi — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. ilustrada.

GEOLOGIA

- 132 — S. F. de Abreu: A riqueza mineral do Brasil.
- 134 — Paulo Calógeras: Geologia Econômica do Brasil — (As minas do Brasil e sua legislação) — T.ºmo 3.^o. Distribuição geográfica das depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djahia Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 3.^a edição (ilustrada).
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da História do Brasil — 2.ª edição.
- 14 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.^a edição.
- 40 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 1.^o T.ºmo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição. Ilustrada (com 13 gravuras).
- 53 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 2.^o T.ºmo — Espírito da Sociedade Imperial. Ed. ilustrada.
- 173 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 3.^o T.ºmo: A Época Republicana.

- 176 — Pedro Celso: História do Brasil — 1.ª Teoria. As Origens. 1900-1906.
- 15 — Perdão Calógeras: Da República à queda de Rozas — (obra de série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Perdão Calógeras: Formação Histórica do Brasil — 2.ª edição (com 3 mapas e 1 foto em texto).
- 25 — Ernesto de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 76 — Avelar E. de Jesus: O Bandeirismo Paulista e o Recôncavo Meridional — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Pernambuco Povoadores do Brasil — (1.ª edição). 2.ª edição.
- 175 — J. F. de Almeida Prado: Pernambuco e os Capitães do Norte do Brasil — 1.ª edição. Edição ilustrada.
- 47 — Manoel Joaquim O Brasil — (obra de um autor) explicativa de Carlos Manoel.
- 48 — Urbano Viana: Bandeiras e sertões e as fazendas.
- 49 — Gustavo Barroso: História Militar do Brasil — Ed. ilustrada de 1908 com gravuras e mapas.
- 73 — Gustavo Barroso: História e credo do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento à abolição de Pedro I" — Edição ilustrada. 2.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sertões e Mucambos — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 69 — Prado Maia: Através da História Naval Brasileira.
- 59 — Coronel A. Leira: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 93 — Serafim Leite: Páginas da História do Brasil.
- 94 — Sefimão de Vasconcelos: O Fico — Minas e os Minérios da Independência — Edição ilustrada.
- 168 — Padre Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões escolhidos por Pedro Cabral.
- 111 — Washington Luiz: Capitães de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descritivo do Brasil em 1578 — Documentos de Francisco de Adolpho V. Nibgen — 2.ª edição.
- 121 — Hermann Wätjen: O Domínio Colonial Holandês no Brasil — Uma Capela da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Velloso Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos, diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padreiro e a Igreja Brasileira.

- 127 — Ernesto Freyre: As Guerras nas Povoadoras (Subsídios para sua história) — Vol. I. D. Ring e Jorge Velloso e a "Rev. do Nordeste" — (Publicação do Anuário de História do Brasil) — Edição de José de Mello. O Governo Provisório e a Revolução de 1937 — (Vol. 1.º, 1937, pp. 2-10).
- 128 — Sérgio Buarque: O Condado dos Arcos e a Revolução de 1917 — Edição ilustrada.
- 131 — Avelar E. de Jesus: Homens e Fatos do meu tempo.
- 134 — Alvaro de Azevedo: Da determinação a malícia. 1922-1915 — 2.ª edição.
- 136 — Walter Sauter: A Revolução Farroupilha (História da Revolução de 1835-1842). Edição ilustrada.
- 139 — Carlos Sauter: História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1851 — Trad. de Avelar E. de Jesus. (Publicação de Sérgio Buarque).
- 148 — Pedro Ernesto Caldeira: Tratados do Brasil e Gente do Brasil — (obra de um autor) História. Contatos. (Publicação de Vitoria R. de Sá). 2.ª edição.
- 151 — Nelson Werneck de Faria: Panorama do Segundo Império.
- 171 — Basílio de Mello: Estudos da História do Brasil.
- 174 — Basílio de Mello: O Café — No História. e no Foleto e nos Belas Artes.

MEDICINA E HIGIENE

- 50 — Jesus de Castro: O problema da alimentação no Brasil — (Publicação de Pedro Escudé). 2.ª edição.
- 91 — Otávio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 127 — Adolpho Teixeira: Clima e Saúde — (obra de um autor) e climatográfica da civilização brasileira.

POLÍTICA

- 3 — Alvaro de Azevedo: As idéias de Alberto Torres (crítica e análise remissiva). 2.ª edição.
- 7 — Ruy Barbosa: Diretores da Rui Barbosa — (segundo textos escolhidos). 2.ª edição.
- 11 — Ruy Barbosa: Pelo Brasil Maior.
- 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro. 2.ª edição.
- 17 — Alberto Torres: A Organização Nacional. 2.ª edição.
- 24 — Perdão Calógeras: Problemas de Administração. 2.ª edição.

- 67 — *Panda Calógeras: Problemas de Governo* — 2.^a edição.
- 74 — *Panda Calógeras: Estudos Históricos e Políticos* — (Res Nostra...) — 2.^a edição.
- 81 — *Azevedo Amaral: O Brasil na crise atual.*
- 93 — *Mário Travassos: Projeção Continental do Brasil* — *Problemas de Panda Calógeras* — Edição ilustrada.
- 94 — *Hildebrando Azevedo: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.*
- 111 — *Hildebrando Azevedo: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai* — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.
- 81 — *Orlando M. Carneiro: Problemas Fundamentais do Município* — Edição ilustrada.
- 94 — *Osório de Rezende: A Política que Convém ao Brasil*
- 115 — *A. C. Tavares Bastos: Cartas do Solitário* — 2.^a edição.
- 122 — *Fernando Siqueira e Meireles: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relação entre a História e os Estados Unidos da América*
- 141 — *Oliverio Viana: O Itaquano da Constituição* — 2.^a edição aumentada.
- 169 — *Mello Leão: O Pan-Americanismo e o Brasil.*
- 172 — *Vestor Duarte: A Ordem Privada e a Organização Política Nacional* (Collecção Sociologia Política Brasileira)

VIAGENS

- 75 — *Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás* — 2.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 76 — *Augusto de Saint-Hilaire: Segunda viagem ao interior do Brasil* — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Meadeiros.
- 120 — *Idem — Augusto de Saint-Hilaire: Viagens pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas-Gerais* — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 127 — *Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1821* — Tradução de Luciano de Azevedo Paes — Edição ilustrada.
- 129 — *Alonso E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial* (sec. XVI-XVIII) — 2.^a edição.
- 84 — *General F. L. de Melchior: Viagens no Araguaia* — 2.^a edição.
- 133 — *Idem: Melchior: Visitantes do Primeiro Império* — Ed. Ilustrada. — 19 figuras.
- 134 — *Azevedo Azevedo: Viagens: O Rio São Francisco* — Edição ilustrada.
- 95 — *Leiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1855-1858* — Trad. de Edgard Savassi de Mendonça — Edição ilustrada.
- 137 — *Giuseppe Cruls: A Amazônia que eu vi* — *Objetos* — *Tumac-Huacac* — Pref. de Le Boquetto Pinto — Ilustrada — 2.^a edição.
- 138 — *Von Spix e Von Martius: Através da Baía — Excertos de "Itaie in Brasilian"* — Tradução e notas de Pirajá da Silveira e Paulo Wolf.
- 123 — *Majoor Frederico Ronden: Na Rondônia Ocidental* — Edição ilustrada.
- 141 — *Silveira Neto: Do Itaipá aos Saltos do Iguaçu* — Edição ilustrada.
- 136 — *Alfredo Russel Wallace: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* — em 2 tomos — Tradução de Orlando Torres e Pref. de Basílio Maranhães.
- 161 — *Rexente Rubim: Reservas de Brasilidade* — Ed. Ilustrada.

ADVERTENCIA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronologica de publicação.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua d. S. Guimarães, 118/140 - São Paulo.